

No limiar do paraíso

Barbara Cartland

Coleção Barbara Cartland Edição Extra de Férias nº 22

Título original: JOURNEY TO PARADISE

Copyright: © Barbara Cartland 1974

Tradução: J. Braun

Copyright para a língua portuguesa: 1990

EDITORIA NOVA CULTURAL LTDA.

Av. Brigadeiro Faria Lima, 2000 — 3º andar

CEP 01452 — São Paulo — SP — Brasil

Caixa Postal 2372

Esta obra foi composta na Editora Nova Cultural Ltda.

Impressão e Acabamento: Círculo do Livro S. A.



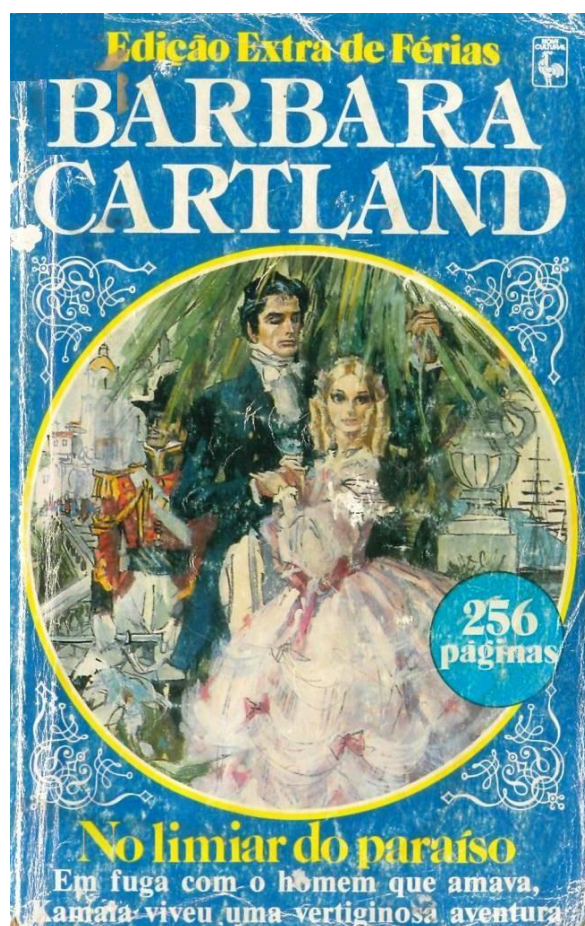
***Este livro faz parte de um projeto sem fins lucrativos, de fãs para fãs.
Sua distribuição é livre e sua comercialização estritamente proibida.
Cultura: um bem universal.***

Digitalização:



Revisão: Crysty





*Em fuga com o homem que amava,
Kamala viveu uma vertiginosa aventura.*

Kamala, imobilizada sobre a cama do luxuoso camarote, rezava para que a presença dela e de Conrad só fosse descoberta depois que o veleiro partisse. Lançou um olhar ao companheiro, também amarrado e amordaçado, e viu que da mesma forma ele aguardava, ansioso que o plano de sair clandestinamente da Inglaterra desse certo. Que modo mais ousado tinham escolhido!, refletiu ela. O capitão de Aphrodite acreditaria quando mentissem que haviam sido assaltados e atirados ali por bandidos sem escrúpulos? Mas era a única esperança de escapar de seu tio, que a queria casada com um homem odioso. A única esperança de poder viver para sempre com Conrad, o verdadeiro dono de seu coração...

NOTA DA AUTORA

A ferrenha disciplina, por vezes tão cruel, que caracterizou pais e tutores do século XIX é um fato histórico. Meu avô, por exemplo, obrigava as quatro filhas a ler em voz alta, durante o café da manhã, as cartas que recebiam.

Outro fato que a História registra é a descoberta da vacina contra a varíola, apresentada ao mundo pelo dr. Jenner num livro publicado em 1789. A Bavária tornou a vacinação obrigatória em 1807, a Dinamarca em 1810 e a Suécia em 1814. Na Grã-Bretanha isso só aconteceu em 1853.

Certa vez, no México, presentearam-me com o mais fascinante e detalhado diário que já li. Narrava a visita àquele país de Fanny de Caldeion de La Barca, ocorrida em 1839. Portanto, todas as descrições existentes na história que segue provêm de uma testemunha ocular autêntica.

Com o fim do monopólio da Companhia das Índias Orientais em 1833, os proprietários de navios trataram de agilizar o comércio com embarcações mais rápidas e dotadas de maior capacidade de carga.

Dessa forma, os primeiros veleiros foram construídos nos EUA naquele mesmo ano, e por volta de 1840 já eram produzidos em larga escala nos dois lados do Atlântico.

CAPÍTULO I

1839

Kamala, sentada à mesa do café, viu com apreensão Marcus Pleyton, seu tutor e tio, entrar e acomodar-se à cabeceira da mesa, como todas as manhãs.

— Ora, ora, vejo que recebeu uma carta, Kamala!

O evidente sarcasmo daquela voz pareceu cair como uma bomba sobre a mesa, fazendo Kamala estremecer.

— Sim... tio Marcus.

Vira a carta tão logo entrara na sala. O mordomo a deixara em frente a sua xícara, seguindo ordens do dono da casa. Pelo mesmo motivo, Kamala não a abriria senão depois de terminado o café. Esse era mais um dos artifícios utilizados por seu tio para manter-se informado sobre tudo.

Na verdade, pouca coisa escapava a seus olhos argutos. Por isso aquele sorriso de satisfação a adornar-lhe o rosto ao notar que toda a cor desaparecera do rosto de Kamala.

— E será que podemos saber quem é o seu correspondente?

— Eu também não sei, acabo de me sentar aqui e...

— Você não estava esperando por essa carta?

— Não... tio Marcus.

— Então deve estar curiosa... Sendo assim, permito que a abra agora, e a leia em voz alta para todos nós!

Nervosa, Kamala olhou em direção à cabeceira da mesa como que para certificar-se de que tal absurdo fora dito a sério.

Marcus Pleyton era um homem alto, de rosto avermelhado e constrangedor. Regia a vida de todos que o rodeavam com mãos de ferro. Tratava-se na verdade de um tirano que poucos tinham coragem de desafiar.

— Não imagino quem poderia se dar ao trabalho de mandar uma carta para Kamala — observou Sophie, com sua costumeira petulância.

Seria difícil encontrar duas pessoas mais diferentes que Sophie e Kamala, quanto mais imaginar a existência de qualquer grau de parentesco entre ambas.

Kamala era pequena, de traços delicados, uma figura encantadora.

Tinha os olhos grandes, de um azul tão escuro quanto o mar tempestuoso, ainda mais belos naquele rosto fino. O sangue irlandês lhe legara cílios escuros para acentuar a fragilidade da pele, e os cabelos eram da cor dos primeiros raios dourados que a aurora planta no céu pela manhã.

Dona de movimentos graciosos, a impressão que se tinha ao vê-la era de uma flor oscilando ao vento.

Por sua vez, Sophie era uma moça grandalhona e comum. Cabelos castanhos e sem brilho, a pele com um eterno aspecto doentio, o corpo roliço de quem estava habituada a devorar grandes quantidades diárias de bombons.

Embora o pai fosse um homem bastante esperto, a Sophie faltava inteligência, e nada fazia para esconder esse fato.

Sua característica mais marcante, no entanto, além da extrema arrogância, era a inveja que sentia de tudo e de todos com quem convivia.

Assim sendo, o simples fato de sua prima ter recebido uma carta, e ela não, bastava para fazer brotar em seu peito o mais tenebroso ciúme.

Kamala tinha certeza absoluta de que, se o tio lhe tivesse poupado toda aquela cena, Sophie não teria sido complacente.

— Não faço idéia de quem possa ter me escrito — Kamala insistiu, olhando espantada para o envelope a sua frente como se contivesse uma perigosa armadilha.

— Então não nos faça perder tempo tentando adivinhar quem poderia ser e abra logo essa carta — ordenou Marcus Pleyton, ainda sorridente.

Seu olhar duro nem por um instante se desviou do rosto de Kamala, como se não quisesse perder um lance sequer daquele triste espetáculo, enquanto ela estendia a mão trêmula em direção ao envelope.

Abriu-o afinal. A letra lhe era desconhecida, mas, ao conferir a assinatura, Kamala chegou mesmo a prender a respiração. Afinal, encontrara-se com o autor daquela carta uma única vez.

— Bem — disse o tio —, pode nos dizer agora quem foi que lhe escreveu?

— Foi... o sr. Philip Radfield — ela replicou, titubeante.

— Por que Philip haveria de lhe escrever? — Sophie imediatamente perguntou, aos gritos, do outro lado da mesa. — Ele veio aqui visitar a mim! Deve haver algum engano.

— Sim, deve ser isso mesmo — Kamala concordou mais que depressa, passando a carta para a prima.

Porém Marcus Pleyton interveio e exigiu:

— Deixe-me ver o envelope.

Kamala obedeceu. Com a testa franzida, seu tio examinou o objeto de toda aquela confusão até afinal dar seu veredicto:

— Aqui diz “srta. Kamala Lindsey”, não há dúvida. — E, devolvendo o envelope à sobrinha, repetiu: — Vamos então ouvir o que esse rapaz tem a lhe dizer.

Com dedos trêmulos ela segurou a carta e começou a ler, em voz tão baixa que mal se conseguia ouvi-la:

— “Cara srta. Lindsey...”

— Não estou ouvindo nada! — reclamaram, unânimes, tio e prima.

Com um grande esforço, Kamala começou de novo:

“Cara srta. Lindsey,

Foi para mim um enorme prazer conhecê-la no último domingo. Para ser sincero, não consigo pensar em outra coisa desde então. Por isso decidi tomar a liberdade de lhe escrever, suplicando que concorde em encontrar-se comigo mais uma vez. Poderíamos fazê-lo no parque ou em qualquer outro local de sua preferência, desde que fiquemos a sós e que ninguém nos importune. Por favor, não recuse esse meu pedido, pois o que tenho a lhe dizer com certeza muito a interessará. Permita-me repetir que experimentei um prazer profundo e duradouro ao conhecê-la. Ficarei esperando ansioso por sua resposta.

Do seu mais sincero admirador, Philip Radfield”

Terminada a leitura, tão hesitante e entremeada de pausas que parecia sufocar, Kamala deixou cair a carta sobre a mesa. Seus olhos, porém, continuaram presos a ela, como se esperasse vê-la desvanecer-se em pleno ar.

— Por que Philip lhe escreveu para dizer essas coisas? — Sophie voltou a esbravejar. — Ele era meu amigo, até que você o tirasse de mim. Por que não pede para se encontrar comigo?

E de um salto se pôs em pé, correu ao redor da cadeira da mãe e arrancou a carta das mãos de Kamala.

Seus olhos lançavam chispas de ódio enquanto rapidamente confirmavam o que ela acabara de ouvir. Logo voltava a gritar:

— Você fez de propósito, conseguiu seduzi-lo naquele dia e agora colhe o fruto de sua artimanha. Ah, como eu a odeio, Kamala! Está me ouvindo? Eu odeio você!

E, dando vazão a sua fúria, Sophie atirou a carta sobre a mesa e desferiu um tapa no rosto da prima.

Kamala nada pôde fazer senão afundar ainda mais na cadeira, enquanto sua pele branca se tingia de rubro onde os dedos de Sophie a haviam atingido.

— Já chega! — Marcus Pleyton afinal interferiu. — Sente-se, Sophie. Tenho algo a lhes dizer, e creio que esse é o momento mais oportuno para fazê-lo.

— Não é justo, papai, não é justo! — Sophie gritou. — Kamala acaba sempre roubando todos os meus amigos e namorados. Parece que consegue enfeitiçá-los. Deve usar magia negra para atraí-los.

— De uma vez por todas, Sophie, sente-se!

Atirando a cabeça para trás e apertando muito os lábios, Sophie obedeceu, não sem antes dirigir um olhar de ódio e despeito para a prima.

— Dê-me essa carta, Kamala — Marcus Pleyton pediu. — Cuidarei pessoalmente de mandar a seu jovem e desavergonhado admirador uma resposta de que ele não se esquecerá tão cedo.

Agindo como quem sabia que de nada adiantaria argumentar, Kamala apanhou a carta de onde Sophie a atirara, guardou-a dentro do envelope e, levantando-se, entregou-a ao tio.

— Sinto muito, tio Marcus — murmurou.

— Sente-se e ouça o que tenho a dizer — Marcus Pleyton limitou-se a responder.

Kamala voltou a seu lugar, lançando um rápido olhar para a tia na outra extremidade da mesa.

Nem durante a encenação de Sophie, nem mesmo na intervenção do marido, ela saíra de sua passividade e mutismo, permanecendo como mera espectadora.

Impossível imaginar o que ia por sua cabeça diante de tudo o que acontecia.

— Estive pensando no seu futuro, minha filha — Marcus Pleyton começou —, e acabei traçando alguns planos que, tenho certeza, irão de encontro a suas expectativas.

— Meu futuro, papai? — Sophie perguntou, surpresa.

— Foi o que eu disse. Você já tem vinte anos de idade, está na hora de se casar.

— Casar! — Sophie exclamou. — Mas... com quem? Duvido que alguém tenha pedido minha mão. Que homem seria capaz de fazê-lo, com Kamala enfeitiçando a todos que aparecem aqui em casa?

“Não é culpa minha”, Kamala pensou, bastante magoada.

Como fazê-los entender que, se possível, evitava até mesmo falar com os amigos de Sophie?

Sabia porém que os sentimentos da prima a esse respeito eram bem diferentes. Sophie ansiava por ser cortejada pelos homens, fossem eles quem fossem, para lustrar seu já tão superdesenvolvido ego.

Mas quem iria olhar para a filha de Marcus Pleyton, tão sem graça e antipática, por mais rica que fosse, quando sua prima estava por perto?

Kamala não era orgulhosa. Na verdade, tinha poucas oportunidades de pensar em si mesma. Mas nem por isso deixava de perceber que sua beleza chamava a atenção onde quer que estivesse.

Desde criança as pessoas viviam elogiando sua formosura, comparando-a com a mãe, uma mulher também belíssima.

Era difícil imaginar que a esposa de Marcus Pleyton fosse irmã da mãe de Kamala. Mesmo levando-se em conta os dez anos a mais que tinha, jamais se poderia supor que Alice Pleyton fora atraente na juventude.

Com os cabelos prematuramente embranquecidos e um rosto magro, pálido e enrugado, possuía agora uma aparência inexpressiva. Sua personalidade apática não exercia a menor influência naquele lar.

“Mamãe era tão diferente!”, Kamala concluiu.

Trazia fresca na memória a figura da mãe, uma mulher adorável a encher de riso e alegria sua infância, indiferente ao fato de viver em uma casa pequena e ter uma vida tão modesta. Para ela apenas a beleza da vida e do amor mereciam atenção.

Ah, como tinham sido felizes juntas! Tanto que os três anos passados na casa do tio ainda lhe pareciam um pesadelo do qual em breve despertaria para voltar para junto dos pais que tanto a adoravam.

— Como eu já disse — Marcus Pleyton prosseguia naquela sua voz áspera e desagradável —, estive traçando planos para o seu casamento, Sophie, e nesta manhã fiquei sabendo que estão prestes a se materializar.

— Que planos são esses? Vamos, conte-me, papai! Parece tão excitante!

— E realmente o é. Sophie, minha filha, você irá se casar com o marquês de Truro.

— Um marquês! — Sophie até perdeu o fôlego, mas com algum esforço conseguiu balbuciar: — Papai, como conseguiu encontrar alguém assim tão importante para mim? Tem certeza de que ele pedirá minha mão?

— Na verdade já o fez — esclareceu o pai. — Tudo foi arranjado pelo curador dele, de quem sou amigo pessoal.

— Mas ele ainda nem me conhece — disse Sophie. — E eu também

nunca o vi, papai!

— Vocês se conhecerão logo — Marcus Pleyton replicou. — O marquês em breve virá passar alguns dias conosco e deverá aproveitar a oportunidade para fazer um pedido formal de sua mão. Naturalmente eu concordarei, em prol do seu bem-estar. Depois então o noivado poderá ser oficialmente anunciado.

Sophie mal cabia em si de tão contente.

— E como ele é? O marquês é bonito, papai? Quantos anos tem?

— Todas essas perguntas serão respondidas no seu devido tempo — Marcus respondeu, achando graça na ansiedade da filha. — Mas creio que você não irá se decepcionar. Enquanto isso, quero que ajude sua mãe nos preparativos para recebermos seu noivo. Temos de impressioná-lo bem. Quero que ele perceba as vantagens de se aliar a mim desposando minha única filha.

Sophie ficou em silêncio por um momento, até afinal comentar:

— Por acaso isso quer dizer que o marquês não está muito bem de vida, papai?

Marcus riu da pergunta.

— Sophie, querida, às vezes você tem lampejos de inteligência que só podem ser herança minha. Sim, exatamente! O marquês é pobre e você é uma rica herdeira. Que união poderia ser mais vantajosa, para ambas as partes, que a de vocês?

— Eu vou me tornar uma marquesa! — Sophie exclamou, compreendendo bem o que o pai quisera dizer.

Mas de repente ela ficou séria de novo e, olhando na direção da prima, que até aquele momento se limitara a ouvir calada as novidades, esbravejou:

— Eu não quero Kamala por perto quando o meu noivo chegar. Ela vai tentar tirá-lo de mim como fez com os outros rapazes que vieram me ver. Mande-a embora, papai, o senhor não pode deixar que ela me prejudique outra vez!

— Não se preocupe com isso, Sophie — Marcus respondeu. — Também pensei no futuro de sua prima.

Subitamente Kamala sentiu o pânico voltar.

— O senhor vai mandá-la embora? — Sophie perguntou, impaciente.

— Não, Kamala continuará vivendo conosco, mas não por muito tempo — foi a resposta que Marcus deu. — Afinal, ela também irá se casar!

Kamala ergueu a cabeça com um sobressalto e voltou-se para o tio, os olhos arregalados e assustadiços como os da corça que, encurralada, via se

aproximar o caçador.

— Sei o quanto deve estar surpresa, Kamala — ele prosseguiu. — Mas creio que essa rebeldia e necessidade de se contrapor a tudo o que faz parte do seu caráter serão mais bem controladas por um marido que por mim. Assim sendo, tratei de providenciar um noivo para você também.

Kamala sentia que era preciso protestar antes que aquela história fosse longe demais, mas sua garganta recusava-se a emitir um ruído sequer.

— Eu lhe asseguro, embora você talvez não concorde comigo, que só quero o melhor para você. Para dizer a verdade, eu a considero uma jovem de muita sorte.

Marcus fez uma pausa, propositalmente convidando a sobrinha a expressar-se, coisa que ele sabia ser impossível naquele momento. Muito pálida, realçando ainda mais a marca que o tapa de Sophie lhe deixara, ela esperava.

— Sendo assim, é com grande prazer que lhe informo que o general Warrington pediu sua mão em casamento.

— G-general Warrington? — Kamala a muito custo gaguejou, a voz trêmula com o esforço. — Mas ele é um velho!

— Ora, vamos, não exagere. O general não tem sessenta anos de idade. Além do mais, é viúvo, saberá usar dessa experiência para lhe transmitir um pouco de tranqüilidade e sensatez de que tanto precisa.

Marcus zombava dela, Kamala bem o sabia, e era exatamente isso que a impedia de esconder o brilho de ódio em seus olhos quando mais uma vez tentou argumentar:

— O senhor há de entender, tio Marcus, que nem sequer posso considerar a possibilidade de me casar com o general Warrington.

O silêncio que se seguiu só fez crescer a tensão à volta da mesa. Novamente sério, Marcus Pleyton lhe perguntou:

— Está tentando dizer que pretende recusar o pedido?

— O fato é que não consigo me imaginar casada com um homem assim tão velho. Além disso, eu... não gosto do general Warrington.

— Será que estou ouvindo bem, ou meus ouvidos resolveram me pregar uma peça? — ele vociferou. — Quer dizer que uma menina insignificante como você, uma pobretona vivendo da caridade alheia, quer se dar ao luxo de recusar um senhor distinto como o general? Um homem de posses, gozando de elevada posição social, que seria aceito alegremente por pelo menos metade das mulheres deste condado?

— Se é assim, ele que peça a mão de alguma delas! — Kamala

replicou, incapaz de se conter por mais tempo. — Eu sinto muito, mas não tenho vontade de me casar com o general.

— O que você quer ou deixa de querer absolutamente não me interessa! — Marcus Pleyton retrucou de imediato. — Na qualidade de seu curador, posso casá-la com quem eu bem entender. Considero o general um excelente partido para você, e irão se casar, porque é assim que estou determinando!

— Tio Marcus, por favor, não me obrigue a fazer uma coisa dessas! — Kamala implorou. — O general é um homem horrível. Dizem até que sua mulher morreu de tanto apanhar!

— Bobagem! — exclamou o tio. — Você andou dando ouvidos às conversas dos criados. Aquela mulher sempre foi muito frágil, e além disso não lhe pôde dar o filho tão desejado. O general quer um herdeiro, e tem certeza de que você poderá ajudá-lo nesse sentido.

Kamala apertava com força os dedos, tentando se controlar.

Conhecia pessoalmente o general das diversas ocasiões em que o haviam convidado para almoçar ou jantar. Lembrava-se ainda bastante bem da última vez em que isso acontecera.

O general ocupara o lugar a seu lado à mesa e mostrara-se especialmente atencioso com ela.

— Você tem um nome bastante incomum, srta. Lindsey — observara.

— Meu pai o escolheu — Kamala explicara, ainda que a contragosto, pois teria preferido manter-se calada, — Era um grande apreciador da literatura indiana. Kamala significa “flor de lótus”.

— Verdade? Saiba que gosto muito dessa flor. É tão doce e suave... ao toque — dissera o general, muito pausadamente.

Pega de surpresa, Kamala voltara-se de repente para ele, mas arrependera-se logo em seguida, tal era a expressão que encontrara nos olhos do general.

Havia um sorriso maldoso naqueles lábios finos, fazendo-a pensar, como tantas outras vezes, que o general era um velho indecente. Havia algo de perverso acerca dele que a fazia acreditar que as histórias que se contavam a respeito de sua brutalidade não eram exageradas.

Pensando em tudo isso, Kamala estremeceu de pavor e, por difícil que fosse opor-se ao tio, obrigou-se assim mesmo a dizer, firmemente:

— Eu sinto muito se o fiz zangar-se comigo, tio Marcus, mas não me casarei com o general Warrington... Não o faria nem se ele fosse o último homem sobre a face da Terra!

Ouvindo isso, Marcus Pleyton bateu com o punho fechado na mesa com tanta força que pratos e copos tilintaram.

— Então você ousa me desafiar! — ele esbravejou. — Pois fique sabendo que não estou mais disposto a tolerar sua impertinência. Você fará exatamente o que eu mandar. Hoje mesmo mandarei mensagem ao general aconselhando-o a realizar esse casamento o mais rápido possível.

— Não, tio Marcus! — Kamala levantou-se. — Não me casarei com esse homem... nem que me arrastem até o altar! Papai jamais me obrigaria a casar com alguém a quem não amo.

— Acontece que seu pai está morto — Marcus Pleyton retrucou. — Ele a deixou aos meus cuidados, tenho a obrigação de pensar no seu futuro. Pessoas geniosas e voluntariosas precisam de um pulso firme que as domine. Você é rebelde e tem idéias independentes demais para uma mulher. Por tudo isso considero o general Warrington uma excelente escolha da minha parte. Ele saberá lhe ensinar o que é a vida.

— Eu não vou me casar com esse homem!

— Muito bem, já que insiste, serei complacente e lhe darei algum tempo para pensar. — Marcus se levantou e tirou o relógio de ouro do bolso do colete. — Tenho de ir para Londres cuidar dos interesses de Sophie, mas estarei de volta por volta das seis. Exatamente às seis e meia, Kamala, você me encontrará no escritório. Até lá, espero que já tenha mudado de idéia. Caso contrário, serei obrigado a convencê-la de uma forma que, tenho certeza, você achará bastante dolorosa.

Sem se despedir de ninguém, ele se retirou. Sophie, porém, saiu correndo atrás do pai, ansiosa por saber mais detalhes a respeito do noivo.

Kamala, por sua vez, o rosto muito pálido, resolveu apelar para a tia:

— Por favor, tia Alice, me ajude! Não posso me casar com o general!

— Eu sinto muito, minha filha — foi a resposta da tia, naquela sua voz inexpressiva —, mas não há nada que eu possa fazer.

— Mas ao menos fale com ele, explique os meus motivos.

— Seu tio sempre consegue o que quer, sempre... de uma forma ou de outra — replicou a sra. Pleyton.

— Mas, titia... — Kamala insistia, desesperada — a senhora é irmã de minha mãe. Sabe o quanto ela foi feliz com papai, e isso porque se amavam! Mamãe sempre conversava comigo a esse respeito e dizia para que eu escolhesse alguém que me amasse e respeitasse, a quem eu tivesse alegria em dedicar toda a minha vida. Jamais admitiria que me obrigassem a casar com um velho... ainda mais com a reputação de crueldade que ele tem.

— Eu já disse que sinto muito, Kamala — repetiu a sra. Pleyton, e pela primeira vez havia um tom de simpatia em sua voz. — Mas você não tem dinheiro. Se continuar insistindo e seu tio se recusar a mantê-la, o que fará?

— Talvez eu consiga um emprego — Kamala replicou. — Posso muito bem trabalhar como governanta ou professora.

— Você é jovem demais, só tem dezoito anos. Quem a empregaria com essa idade, ainda mais sem ter referências?

— Mas a senhora acha que tio Marcus se recusaria a me ajudar nesse sentido?

— Ele não gosta de ser contrariado, Kamala, e você sabe muito bem disso. Esta noite, quando for ao escritório, concorde em se casar com o general, ou apanhará outra vez!

Kamala não tinha dúvidas de que isso aconteceria. Há tempos seu corpo conhecia a violência do braço de Marcus Pleyton quando se deixava tomar pelo ódio. O que mais doía, no entanto, não era a agressão física, mas sim o prazer com que ele a aplicava.

Seu tio nunca gostara dela, esse era um fato com que Kamala aprendera a conviver desde o primeiro dia em que pusera os pés naquela casa. Com certeza o mesmo motivo o levava a escolher alguém tão desagradável e cruel para marido dela.

— Tia Alice, como posso me livrar desse tormento? — Kamala tornou a suplicar, quase chorando.

— Não pode, minha querida — foi a resposta da tia. — Há muito aprendi que é inútil se opor a Marcus. Ele sempre vence, Kamala. Sempre.

Nunca Alice Pleyton falara daquela forma. Alguma coisa em sua voz denunciava um profundo ressentimento, sufocado nos vários anos de convivência com um homem que não tinha o menor carinho por ela. Com um misto de horror e nojo, Kamala descobriu que a apatia característica daquela mulher nada mais era que o resultado de anos de submissão aos caprichos do marido.

Talvez também a tia tivesse sido alegre e feliz um dia.

Quem sabe, se o destino lhe tivesse reservado um homem que a amasse de verdade, em seu rosto ainda houvesse lugar para um sorriso.

— Tia Alice... — Kamala recomeçou, impulsivamente, estendendo as mãos em sua direção.

Mas a sra. Pleyton já se levantara e ia deixando a sala do café, repetindo mais uma vez, em tom desinteressado:

— Não há outra alternativa senão obedecer, minha cara.

Lentamente Kamala dobrou o guardanapo, colocou-o sobre a mesa e subiu para o quarto. Por mais que tentasse, não conseguia se imaginar casada com o general.

O fantasma dessa proposta pairava sobre sua cabeça, pesava-lhe nos ombros, como que a ameaçar-lhe a própria vida.

O relógio sobre a lareira avisava que restavam apenas nove horas para tomar uma decisão definitiva.

Sabia muito bem o que aconteceria se insistisse na recusa.

Desde que fora para aquela casa, seu tio optara por discipliná-la de forma bastante dura. Kamala, para quem o termo “punição corporal” nada mais representava que palavras impressas em livros, vira-se de repente às voltas com um homem que não pensava duas vezes para impingir-lhe os piores castigos, apenas porque a considerava mal-educada e arrogante.

O pai de Kamala sempre a encorajara a expressar suas opiniões, a discutirem juntos os assuntos de importância nacional, a ler os jornais e a tornar-se bem informada a respeito dos principais acontecimentos correntes. A leitura dos clássicos ingleses e franceses era também por ele admirada e incentivada.

Marcus Pleyton, no entanto, para total surpresa de Kamala, já de início proclamara que considerava tais hábitos provocativos e nada femininos. Assim, restringira-lhe as leituras, principalmente de jornais e periódicos.

A cada comentário que julgasse impertinente, a cada observação que considerasse pouco afeita a uma mulher, ele a punia. Por qualquer bobagem, Kamala recebia as surras mais atrozes.

Não tardou a distinguir o prazer que ele sentia em humilhá-la. Mais ainda se fosse em público, expondo-a ao ridículo na frente de estranhos.

Os requintes de perversidade pareciam infundáveis. Kamala era obrigada a apanhar o chicote, ajoelhar-se na frente do tio e pedir-lhe que a corrigisse. Terminada a punição, tinha de agradecer pela lição recebida e beijar o chicote.

De início se debatia como um animal enjaulado. Mas de nada adiantava, pois Marcus Pleyton era mais forte e sempre conseguia subjugá-la.

Fora, portanto, obrigada a mudar de tática, optando por um comportamento mais sutil: mostrar-se quieta e submissa na frente dele. Era quase uma satisfação saber que assim agindo não dava motivos para mais surras, roubando-lhe um dos maiores prazeres.

Porém o sofrimento de Kamala não acabava aí. Muitas vezes era mais fácil lidar com o tio que com Sophie. A cada dia mais e mais incomodada com

as nítidas diferenças físicas entre ambas, Sophie descarregava sobre ela todas as suas frustrações.

“Meu Deus, o que faço agora?”, Kamala se perguntava, andando em círculos pelo quarto.

Incrível imaginar que em pleno ano de 1839 um parente ou tutor ainda tivesse poderes para forçar uma mulher a casar-se contra a vontade. Legalmente, Kamala bem o sabia, Marcus Pleyton tinha todo o direito de dispor de sua vida da forma como bem entendesse.

Desesperada, Kamala voltou a esconder o rosto no travesseiro.

— Oh, papai... mamãe... — soluçou em voz alta — por que me deixaram aqui sozinha... nas mãos desse monstro?

Toda sua felicidade chegara ao fim no dia em que soubera que o navio que trazia seus pais de volta das férias na Itália afundara na baía de Biscay.

Estavam tão entusiasmados ao partir para aquela viagem!

— Será nossa primeira lua-de-mel em dezesseis anos! — o pai de Kamala dissera. — Você tem de nos perdoar por não levá-la conosco, minha querida, mas é importante que mamãe e eu passemos algum tempo a sós. Será como se voltássemos à nossa juventude.

Um dos livros de seu pai fora aceito por uma editora que inclusive lhe pagara um adiantamento de cerca de cem libras, tornando possível a realização daquele antigo sonho.

— Acho uma extravagância — dissera a sra. Lindsey quando o marido sugeriu a viagem pela primeira vez.

— Mas é claro que é! — Kamala ouvira o pai concordar. — E o que é a vida senão uma sucessão de deliciosas extravagâncias? Não é o dinheiro que importa, meu amor, mas a felicidade, a alegria e, acima de tudo, o nosso amor!

Assim dizendo, ele erguera a esposa nos braços e a beijara até deixá-la sem fôlego. Continuavam perdidamente apaixonados um pelo outro.

— Tem certeza de que devemos... — ela ameaçara perguntar.

— Meu bem, sempre foi um dos meus maiores desejos visitar a Itália ao seu lado — ele replicara. — Nada nem ninguém me impedirá de fazê-lo dessa vez!

Sua mãe acabara concordando, porém não se esquecera de tranquilizar Kamala.

— Não me repreenda por viajar com o papai — ela dissera. — Um mês passa rápido, e providenciaremos uma governanta para lhe fazer companhia. Você ficará bem até voltarmos.

— Sim, claro, mamãe — Kamala respondera. — Eu sei o quanto vocês merecem essas férias.

— Realmente! — concordara seu pai, beijando-a na testa.

Haviam sido anos e anos de luta. Com pouco dinheiro, não podiam contratar uma professora para Kamala. Fora seu próprio pai quem lhe ensinara as primeiras letras.

Ele ainda encontrava tempo para dedicar-se a eternas pesquisas literárias e ao cuidado de crianças doentes. Era impressionante o carinho com que se dedicava a essa última ocupação.

O médico local era um senhor bastante idoso, quase que sem forças para dar continuidade ao ofício.

Era portanto, com prazer que deixava Andrey Lindsey cuidar de uma perna quebrada, pôr bandagem em um braço fraturado, até mesmo prescrever as ervas que considerava tão eficazes quanto os mais ortodoxos remédios.

Olhando para o passado, Kamala percebia que a vida dos pais fora sempre variada e repleta de afazeres, mas acima de tudo eles foram felizes.

Viajavam quilômetros em um trole caindo aos pedaços, único veículo que as parcas economias de seu pai permitiam comprar, visitando fazendas onde um menino caíra de um barranco ou uma criança tossia demais e o médico não conseguira acertar no diagnóstico.

Kamala aprendera muito com o pai nessa época. Tudo ele lhe explicava: quais as ervas e plantas mais eficazes que substituíam com vantagens certos remédios manipulados em laboratório, como organizava os cadernos onde anotava todas as fórmulas que descobria, tendo sempre como provar a veracidade do que dizia ou a correção do que estava prescrevendo.

Na opinião de Kamala, a presença de seu pai, mais que os remédios, era a principal responsável pelo pronto restabelecimento de grande parte dos enfermos.

Era impressionante ver crianças ardendo em febre melhorarem mal ouviam sua voz alegre e reconfortante soando casa adentro.

— Seu pai tem mágica nos dedos — uma senhora lhe confidenciara certa vez. — Bastou tocar minha perna e a dor foi logo embora. Esse tipo de coisa não se aprende, ora bolas! Só pode ter sido um presente de Deus.

Por difíceis que fossem os tempos, por mais negro que se mostrasse o futuro, seus pais irradiavam felicidade e Kamala se deixava alegremente contagiar.

Por fim os dois morreram juntos, como certamente o teriam desejado.

O único imprevisto talvez fosse deixar a filha tão adorada sozinha em um mundo hostil.

Kamala lembrava-se ainda da dor e surpresa que sentira ao se dar conta de que nunca mais os veria, e que daquele momento em diante seu lar seria a casa dos tios, um castelo majestoso, sombrio, principalmente diante das circunstâncias.

Não tinha outros parentes a quem recorrer.

Quando tio Marcus a fora buscar, aproveitara para examinar a casa. Diante do pouco-caso que ele fizera dos tapetes esfarrapados, do jardim onde cresciam as mais variadas espécies de plantas em completa desordem, das goteiras e das rachaduras nas paredes, Kamala concluía que sua felicidade ficara definitivamente para trás.

Marcus Pleyton não titubeara em falar mal de Andrey, censurando bastante o fato da mãe de Kamala tê-lo escolhido. Aliás, sentia o mais profundo desprezo por pessoas que não tivessem muito dinheiro. Uma família de intelectuais, desinteressados em fazer fortuna, como era o caso, significava para Marcus um completo absurdo.

Os valores de Kamala eram bem outros e ela não demorou a descobrir que faltava a Marcus Pleyton tudo o que possuía seu pai: cavalheirismo, brilho na forma de conversar e expor idéias, amor à vida e à natureza. Seu pai fora um homem de bom gosto, humanidade e compaixão, ao contrário do tio.

Más com certeza o que mais incomodava tio Marcus era o fato de Andrey Lindsey ser bem-nascido. Só assim se explicava tantos maus-tratos infligidos à família. Era a maneira dele de querer provar superioridade física e mental sobre os demais.

— Que brilhante pai você teve, tanto que morreu sem um único centavo no bolso!

— Como considerar inteligente um homem que não foi capaz de sequer manter esposa e filha com um mínimo de dignidade?

— Sangue azul não enche barriga!

Escárnios desse tipo eram despejados sobre Kamala dia após dia.

Experiências amargas como essas ensinaram-lhe a não responder, nem para defender o pai, pois era exatamente isso o que seu tio queria.

A enorme fortuna de Marcus Pleyton provinha do comércio. O castelo em que vivia fora adquirido há pouco tempo, comprado de uma família tradicional que ali vivera durante gerações até tornar-se impossível arcar com a enorme despesa que representava.

Ele abarrotara a nova residência com tudo de mais caro e luxuoso que

puddera encontrar, mesmo em prejuízo do bom gosto.

Kamala sempre imaginava como devia ter sido lindo aquele castelo com seus muros e histórias ancestrais, antes de ser invadido por aquela profusão de tapetes e carpetes modernos, cortinas de seda e mobília clara brilhando de nova.

De tempos em tempos subia ao sótão onde quadros e mobílias deixados pelos antigos proprietários haviam sido armazenados. Lá estavam retratos de antepassados, tão antigos que o tempo os tornara irreconhecíveis, a ponto de não serem considerados valiosos o bastante para que fossem levados.

Os homens tinham rostos finos e aristocráticos, com traços distintos, muito diferentes do rosto rude e avermelhado de Marcus Pleyton. As mulheres pareciam doces e gentis, lembrando sempre a Kamala sua mãe.

Também no sótão havia cortinas de veludo, ainda imponentes apesar de desbotadas, com lindos puxadores que um dia deviam ter sido acariciados por mãos adoráveis. Na grande maioria, as cadeiras tinham os assentos quebrados. Mesmo assim, a elegância e delicadeza que as caracterizavam diferiam bastante dos sofás e poltronas pesados e excessivamente ornamentados que agora ocupavam os salões, adquiridos apenas por serem os mais caros.

— O que diabo você vê de tão interessante naquela sujeira toda do sótão? — Sophie lhe perguntara certa vez.

— A história das pessoas que viveram neste castelo — Kamala respondera, mas sua prima não conseguira entender.

Agora, deitada na cama, ela olhava para os dosséis de latão da cama e o horrível tapete florido do quarto, mais uma vez concluindo que o dinheiro não era tudo na vida, como queria seu tio.

“Mais um motivo para não me casar sem amor”, Kamala pensou.

Ao mesmo tempo, veio-lhe à mente a dor do chicote. Se persistisse na teimosia, com toda certeza sofreria as conseqüências.

Cedo ou tarde seria obrigada a ceder. Jamais Marcus Pleyton se daria por vencido depois de ter sido tão bravamente desafiado.

Subitamente, Kamala tomou uma decisão:

“Tenho de ir embora daqui o quanto antes. Não posso ficar esperando para apanhar até ceder. Não vou me casar com o general, de jeito nenhum”.

Mas para onde ir?

Era preciso encontrar uma forma de desaparecer por completo. Quando descobrissem que se fora, com certeza moveriam céus e terras para

encontrá-la. Nesse caso, seu destino certamente seria igual ao do cavaleiro que fugira depois de acidentalmente aleijar um dos animais.

Marcus mandara caçar o rapaz e o trouxera de volta. O pobre então fora açoitado de tal forma e com tamanha brutalidade que ficou impossibilitado de se levantar da cama por mais de quinze dias.

“Vai acontecer a mesma coisa comigo!”, Kamala pensou apavorada. “Tenho certeza de que não terei forças para suportá-lo!”

Nesse momento bateram à porta, sobressaltando-a.

— Quem é? — Kamala perguntou, apreensiva, com a sensação de que seus pensamentos já eram do conhecimento de todos no castelo.

A porta se abriu. Era apenas uma das empregadas.

— A senhora pediu para avisar que ela e a srta. Sophie foram à cidade fazer compras e não voltarão para o almoço.

— Está bem, Lucy, muito obrigada.

Kamala levantou-se depois que a moça saiu e caminhou até a janela. Ali estava sua grande oportunidade. Se realmente queria partir, teria de fazê-lo naquele momento, ou nunca mais!

Será que encontraria um lugar onde não a localizassem?

— Eu poderia ir para a França — pensou em voz alta. — Ou talvez fosse melhor um convento onde me internar. Ao menos ficaria livre de ansiedades e do assédio dos homens.

Mas seu espírito jovem e resoluto rebelava-se contra essa idéia.

— Com certeza há na França pessoas querendo aprender inglês.

Antes de mais nada, porém, era preciso chegar lá, e isso custaria dinheiro.

Nesse instante, como se descobrisse a peça que faltava para compor todo um quebra-cabeça, Kamala se lembrou dos únicos objetos de valor que possuía: o anel de noivado da mãe e um broche que pertencera a sua avó, no formato de uma estrela incrustada com diamantes.

Infelizmente não os tinha em seu poder. Marcus Pleyton fizera questão de guardá-los no cofre.

— Não está certo que uma jovem como você ande por aí ostentando suas jóias — alegara.

Sophie usava pérolas e possuía diversos broches. Kamala sabia que a decisão do tio explicava-se única e exclusivamente como mais uma desculpa para lhe negar um agrado.

Os diamantes deviam valer pelo menos uma centena de libras. Sem mais delongas, para impedir que o medo do desconhecido sobrepujasse seu

desespero, Kamala sentou-se à escrivaninha e começou uma carta. Quando acabou de escrever, releu-a para certificar-se de que não esquecera nada.

“Caro tio Marcus,

Realmente não posso me casar com o general Warrington e sei que papai não haveria de querer que eu o fizesse. Por isso estou indo embora, para um local onde o senhor não conseguirá me encontrar.

Quero agradecer por ter me hospedado desde a morte dos meus pais, mas sei que há muito tempo tornei-me pessoa indesejável em sua casa.

Estão em seu poder um anel e um broche que me pertencem. Creio que valem pelo menos cem libras. Sendo assim, levo comigo vinte e cinco libras em dinheiro e o cavalo Rollo pelo qual o senhor pagou setenta libras há uma semana. As cinco libras restantes pagarão pela sela e os arreios; não quero levar comigo a idéia de que fico a lhe dever alguma coisa.

Por favor, perdoe-me qualquer preocupação ou aborrecimento que eu possa estar causando com essa decisão, mas asseguro-lhe que não me casarei com homem algum a quem não ame.

Apesar de tudo, continuo sendo sua humilde, ainda que desobediente, sobrinha

Kamala”

Lida a carta uma segunda vez, Kamala colocou-a dentro de um envelope sobre o qual escreveu o nome do tio. Pretendia deixá-lo sobre a escrivaninha do escritório.

Com um pouco de sorte, levariam algum tempo para que o descobrissem, dando-lhe oportunidade de afastar-se ainda mais do castelo.

Rapidamente trocou de roupa. Por um momento, custou-lhe decidir o que vestiria. Afinal, resolveu-se pelo traje de montaria sobre um vestido de seda bem fino e diversas roupas íntimas.

Em seguida, colocou o máximo possível de roupas dentro de um cesta, incluindo uma camisola, escova e pente para os cabelos e a blusa que costumava usar com o traje de montaria.

Cobriu então a cesta com um xale leve de lã e, passando a alça pelo braço, deixou o quarto.

Dirigiu-se à sala de estar da tia. Era fim de mês, o dinheiro do salário das criadas já estava trancado na gaveta da escrivaninha.

Sabia onde era guardada a chave: tia Alice costumava abri-la em sua presença. Mesmo assim, ao retirá-la do esconderijo, um súbito sentimento de culpa a assaltou. De certa forma, estava agindo como uma ladra.

“Só estou levando o que me é de direito”, disse então para si mesma. “O anel e o broche sem dúvida nenhuma atingirão mais de cem libras na venda, e, passada a raiva inicial, tio Marcus há de sentir-se aliviado por estar livre de mim.”

Assim convencida, Kamala abriu a gaveta e apanhou exatas vinte e cinco libras, que guardou na bolsinha de dinheiro. Em seguida trancou a gaveta outra vez e devolveu a chave ao devido lugar.

Tomando da cesta, Kamala desceu para os estábulos.

— Pode fazer o favor de selar Rollo para mim? — pediu ao chefe dos cavaleiros.

— Claro, senhorita — ele respondeu. — Vai passear? Se quiser, peço a um dos meninos que a acompanhe.

— Não é preciso, obrigada. Quero ficar um pouco a sós, e de qualquer forma não pretendo ir longe.

O chefe dos cavaleiros deu uma olhada na cesta e pensou, como era intenção dela, que Kamala ia visitar algum doente na vila.

Era comum vê-la saindo para suas incursões de caridade, quando então cuidava de uma pessoa mais idosa ou de um dos empregados do castelo que tivesse adoecido. Ao contrário de Sophie, incapaz de se incomodar com esse tipo de coisa.

— Muito bem, senhorita, como preferir — disse o cavaleiro. — Mas seja cuidadosa. Rollo é um cavalo novo, bastante travesso, e nos últimos dias não saiu nem uma vez. Deve estar ansioso para correr um pouco.

Assim que trouxeram o animal para o pátio, Kamala percebeu que fizera uma boa escolha.

Rollo era um cavalo grande e bastante desenvolvido. Forte, parecia cheio de vontade, batendo a pata no chão para dar mostras de sua independência, remexendo-se enquanto a ajudavam a montar, impaciente em sair a galope.

Enquanto cruzavam o campo, Kamala o deixou correr, soltando-lhe as rédeas. Junto aos portões principais, porém, ela o fez parar e desmontou.

— Sob um dos enormes carvalhos do parque estendeu o xale, nele enrolou todos os pertences que trouxera dentro da cesta e amarrou as extremidades com pedaços de fitas.

Depois de prender o embrulho à sela, Kamala atirou a cesta para dentro de um arbusto e montou outra vez.

Longe do parque e da vila, Kamala tomou o rumo sul. Passando por caniços e bosques, desviando de árvores e troncos caídos, seguia evitando as

estradas com seu trânsito, suas nuvens de poeira e, principalmente, a possibilidade de passar por algum conhecido.

Quase três horas seguidas cavalgou sem descansar, até surgir uma pequena estalagem na beira da estrada. Era preciso dar água para Rollo e deixá-lo tomar um pouco de fôlego.

Kamala aproveitou para comer alguma coisa. Toda aquela discussão durante o café da manhã a impedira de se alimentar, e agora estava faminta.

Só havia pão e queijo na estalagem, que no entanto lhe pareceram deliciosos. O dono do lugar conseguiu convencê-la a beber uma pequena taça de vinho caseiro de maçã, e logo um bonito rubor subia ao rosto de Kamala.

Toda a refeição não lhe custou mais que alguns *pence*. Pouco depois ela partia outra vez, mantendo-se ainda distante da estrada.

Duas horas se passaram até Kamala perceber que esfriava. Era outono, mas o calor dos últimos dias a fizera esquecer o ar fresco que soprava depois do pôr-do-sol.

Lamentou não ter se lembrado de trazer um casaco, mas de qualquer forma teria sido mais difícil explicá-lo ao cavaleiro e impossível escondê-lo na cesta.

Kamala agora seguia devagar por um bonito campo. Mais à frente erguia-se um denso arvoredor. Pensava em descansar mais um pouco naquele lugar quando de repente ouviu o toque da cometa de um caçador e viu sair correndo dentre as árvores uma assustada raposa.

O animal atravessou correndo o campo, o corpo pequeno e vermelho destacando-se contra o verde da grama. A suavidade de seus movimentos encantou imediatamente Kamala.

Mal a raposa passara por debaixo de uma cerca de arame farpado mais à frente, saíam do bosque os cães de caça, com os focinhos juntos ao chão, as línguas resfolegantes estiradas para fora, os rabos bem eretos. Corriam como loucos atrás de sua presa, agora a meio campo de vantagem, tão tranqüila que até arriscava uns saltos mais ousados em meio à fuga.

Atrás dos cães surgiu um caçador solitário. Soprava com todo o vigor a cometa, mas ninguém o seguia. Seus companheiros deviam estar longe demais talvez até para ouvir o som do instrumento.

— Parece que você perdeu uma grande chance de atirar — disse uma voz grave às costas de Kamala.

Ela voltou-se surpresa. Tão entretida estivera em observar a raposa que nem notara a aproximação de um belo garanhão negro e seu cavaleiro.

Achavam-se agora lado a lado. Kamala olhava fixo para um rosto

zombeteiro, mas muito bonito, e um par de olhos que a apreciavam criticamente.

— Não estou participando da caçada, senhor — ela apressou-se a explicar, com uma dignidade que esperava servir de reprovação ao fato de aquele estranho ter lhe dirigido a palavra sem apresentar-se primeiro.

— Nem eu tampouco — ele replicou, aparentemente sem entendê-la. — Embora, como acabo de dizer, seja uma pena perder tão gloriosa oportunidade.

Kamala olhou na direção da raposa, que já desaparecera a distância, os cães ainda bastante atrasados.

De repente toda a excitação da caçada tomou conta de seu corpo. Afinal, como dissera o estranho, ali estava uma oportunidade que raras vezes se apresentava às pessoas, especialmente no caso de Kamala.

Marcus nunca lhe permitia participar de caçadas, a menos que fosse organizada por algum vizinho. Caso contrário, era obrigada a contentar-se com cavalgadas pelo parque do castelo.

Mas agora seu tio já não tinha a menor importância e Kamala podia fazer o que bem entendia. Sentia-se livre e isso muito a emocionava.

Se quisesse seguir os cães, poderia fazê-lo!

Foi como se Rollo adivinhasse aquele pensamento. Em perfeita sintonia com sua amazona, de um salto ele se pôs a galope, atravessando o campo em desabalada carreira, tendo o estranho a segui-lo de perto.

“Vamos ter de correr para alcançá-los”, Kamala pensou.

O som dos cascos dos cavalos, o vento a lhe fustigar o rosto, o latido dos cães, tudo contribuía para aumentar a deliciosa sensação de liberdade que experimentava.

Pelo canto dos olhos, Kamala notou que o homem que agora corria a seu lado era alto, de ombros largos e fortes, e sorria.

Em pouquíssimo tempo chegaram ao fim do campo. Uma cerca baixa o delimitava, e Rollo não teve dificuldade em passar por cima dela. O campo seguinte era menor. Kamala viu o caçador, do qual se aproximavam cada vez mais, saltar sobre um portão na outra extremidade.

Os cães já estavam fora do alcance da vista, mas os latidos ainda eram audíveis.

Rollo seguia o cavalo do caçador. Ao chegar ao portão, ele se preparou e saltou magnificamente. Seus cascos tocaram o solo do outro lado com firmeza e decisão. Kamala afagou-lhe o pescoço para parabenizá-lo.

Já se atiravam à frente outra vez quando alguma coisa a obrigou a

olhar para trás.

O estranho fizera o garanhão negro repetir o mesmo salto, mas ou calculara mal a altura do portão, ou seu animal estava cansado demais para consegui-lo. Seus cascos bateram na parte superior do portão e ele se desequilibrou, rolando para o lado ao tocar no chão.

Kamala viu quando o estranho foi atirado para longe da sela.

Com dificuldade conseguiu fazer Rollo estacar e voltar para junto do portão. Ao chegar ali, o garanhão já se punha em pé.

Seu cavaleiro, porém, continuava caído, sem chapéu, sem se mexer sobre o solo enlameado.

CAPÍTULO II

O estranho abriu os olhos e, sem conseguir fixá-los em lugar nenhum, perguntou, hesitante:

— O-onde estou?

Uma nuvem dourada pairava sobre sua cabeça e o fez pensar no sol. Uma voz muito doce respondeu:

— Está tudo bem agora, procure dormir mais um pouco.

Deram-lhe algo para beber. Notou que seus lábios tremiam enquanto sorvia aquele líquido sem imaginar o que poderia ser. Em seguida deixou-se novamente tragar por um profundo estado de inconsciência...

Na vez seguinte que despertou percebeu que anoitecera. O quarto imerso em sombras se deixava iluminar pelo fogo baixo bruxuleando na lareira, além de dois candelabros que a encimavam.

Devia ter se mexido, pois ouviu passos se aproximando enquanto se formava na parede uma sombra cada vez maior e difusa de mulher.

Sem saber por quê, veio-lhe à mente a imagem de dois enormes olhos muito azuis.

— A raposa... — murmurou — nós conseguimos... apanhá-la?

— Não, ela escapou — a mesma voz doce replicou.

Mais uma vez deram-lhe de beber. As perguntas exigiam um esforço grande demais, até manter os olhos abertos era difícil...

O estranho só recuperou por completo a consciência quando ouviu duas pessoas conversando:

— Sim, ele está bem melhor esta manhã, sra. Hayward, obrigada.

— Vou trazer algo para comer, senhorita. Deseja alguma coisa em especial?

— O presunto temperado que a senhora me serviu ontem estava delicioso. Deve haver algum segredo para torná-lo assim tão saboroso.

— Ora, vamos, não exagere, senhorita.

— Se há exagero possível diante de sua extrema gentileza, sra. Hayward.

— Pois fique sabendo que para mim é um prazer recebê-los em minha casa. Não é sempre que temos a oportunidade de hospedar gente importante

neste lugar tão isolado.

— Foi realmente muita sorte encontrarmos essa fazenda, considerando-se, como a senhora mesma diz, estarmos tão longe de outras propriedades e vilas.

— Temos nossas vantagens e desvantagens com isso — disse a sra. Hayward. — Por exemplo, nunca vou saber o que significa ter vizinhos fofoqueiros!

— O que sem dúvida nenhuma é uma grande vantagem!

E elas riram da brincadeira.

— Vou trazer seu almoço também — continuou a boa senhora, afinal. — E não deixe de dormir um pouco esta noite. Fred, quando voltar, cuidará do nosso paciente.

— Agradeço sua bondade, mas não será necessário. Essa noite foi bastante tranqüila, e já dormi um pouco em frente à lareira esta tarde.

— Faça como preferir, mas não deixe de me chamar se precisar de alguma coisa — avisou a sra. Hayward, fechando a porta atrás de si.

Deitado na cama, o estranho só via o teto. De repente a moça da voz melodiosa surgiu a seu lado, os olhos grandes e azuis, os cabelos ainda mais dourados à luz pálida do sol poente infiltrando-se pela pequena janela envidraçada.

— O que... aconteceu comigo? — ele perguntou.

— Você deslocou a clavícula — Kamala respondeu. — Além de sofrer alguns arranhões menos graves.

— Sim, agora me lembro... Foi muita estupidez arriscar aquele salto depois de tantas horas de viagem. Meu cavalo estava exausto demais para isso.

— Não se preocupe, o pior já passou — Kamala procurou tranqüilizá-lo. — Seu animal mancava um pouco depois do acidente, mas eu o fiz caminhar pelo pátio esta manhã e acho que não há nada de errado com ele.

O estranho tentou levantar a cabeça para olhar melhor a sua volta, mas imediatamente recuou, gemendo de dor.

— Cuidado! — Kamala exclamou mais que depressa. — Deixe-me ajudá-lo.

Passando o braço pelas costas dele, conseguiu erguê-lo o suficiente para, com a mão livre, arranjar os travesseiros de forma a permitir que se sentasse.

Agora que podia vê-la mais de perto, o estranho tornou a perguntar:

— Onde estou, e quem é você? Sinto-me confuso, não consigo

entender nada.

— Você esteve inconsciente por mais de quarenta e oito horas — Kamala explicou, com toda a paciência. — Foi preciso a ajuda de vários homens para trazê-lo até aqui, passando-o por sobre o portão, você é muito alto e pesado.

Ela sorria enquanto falava.

— Imagino que isto seja uma fazenda — o estranho tentou adivinhar depois de alguns instantes.

— A mais próxima em um raio de quilômetros — Kamala respondeu. — Não gosto nem de pensar no que poderia ter lhe acontecido se o acidente acontecesse mais longe daqui.

— Mas de qualquer forma você já poderia ter partido — lembrou o estranho. — Ainda não sei por que resolveu ficar tomando conta de mim. Kamala sorriu para ele.

— Eu não poderia deixá-lo aos cuidados apenas da sra. Hayward. Ela já tem idade e cinco homens sob sua dependência. Além do mais, alguém tinha de pôr sua clavícula no lugar.

— E você... o fez? — Havia um claro tom de incredulidade naquelas palavras.

— Não havia mais ninguém habilitado para tanto — Kamala explicou. — O médico mora a cinco quilômetros daqui e me disseram com muita franqueza que ele não atende à noite. Parece que costuma beber mal o sol se põe até altas horas da madrugada, tornando-se um inútil até a manhã do dia seguinte.

— Então você tratou de executar o serviço — concluiu o estranho, ainda não convencido de que aquela fora a melhor saída. — E tem certeza de que não corro risco algum por causa disso?

— Não se preocupe, papai me ensinou a fazê-lo certa vez.

— Ele é médico?

— Não exatamente... mas adorava cuidar de crianças carentes. Admito que fiquei um pouco nervosa, nunca precisei endireitar a clavícula de um homem adulto antes.

Era a pura verdade. Ficara bastante ansiosa, com medo de cometer algum erro e piorar ainda mais a situação, já bastante delicada.

Assistira àquele tipo de operação por diversas vezes. Uma vez ela própria colocara no lugar a clavícula de um menino, seguindo as instruções do pai, que, com um dedo infeccionado, não podia usar as mãos.

O estranho porém era um homem grande e forte, dificultando em

muito seu trabalho e apavorando-a ainda mais.

Conforme determinara a sra. Hayward, o fazendeiro e seus dois filhos mais velhos o haviam carregado escada acima até um quarto de teto baixo, com uma cama feita de carvalho, que explicaram ser o melhor que tinham para oferecer.

— Minha sogra costumava dormir aqui — explicara a sra. Hayward. — Depois que ela morreu não consegui me imaginar usando essa cama, de forma que acabamos reservando todo o quarto para as visitas ilustres.

Apesar da mobília simples, o quarto era bastante confortável. Principalmente porque, como Kamala notara de imediato, tudo estava excepcionalmente limpo.

Enquanto punham o cavaleiro inconsciente sobre a cama, Kamala correrá até a cozinha à procura da sra. Hayward e lhe pedira panos para fazer curativos.

Encontraram um lençol velho e rasgaram-no em tiras. Em seguida ela voltara ao quarto para descobrir que o fazendeiro e seus filhos haviam tirado a camisa do doente.

Por um momento sentira-se confusa e bastante embaraçada.

Nunca em sua vida tinha visto um homem despido até a cintura. O estranho possuía um corpo forte e musculoso. Impossível imaginar qualquer semelhança com as crianças de que cuidara auxiliando o pai.

Experimentou tocá-lo e sentiu a pele fria e rija sob seus dedos. Apavorada, achou que lhe faltariam forças para resolver aquele problema de clavícula.

Nesse instante porém teve a impressão de ouvir a voz do pai dizendo-lhe como agir.

O cavaleiro inconsciente não devia ser visto como um homem comum, mas sim como um paciente qualquer, alguém que sofria, necessitando de compaixão e, principalmente, de suas habilidades.

Assim recolocara no lugar sua clavícula e em seguida imobilizara com bandagens ombro e braço.

A sra. Hayward emprestara um pijama do marido, bastante gasto porém muito limpo, e seus filhos cuidaram de trocá-lo.

— Seu marido vai ficar bem mais confortável agora, madame — dissera a sra. Hayward, quando terminava de cobri-lo.

— Não é meu marido — Kamala replicou, imediatamente percebendo que tal idéia envolveria um sem-número de complicações. — Ele... é meu irmão.

Nem sabia ao certo por que mentira. Talvez o instinto de preservação a tivesse obrigado a agir dessa forma, para poupar-lhe explicações.

Como dizer a pessoas tão generosas porém bastante simplórias que o único contato que tivera com aquele homem ali deitado fora meia dúzia de palavras trocadas antes que se atirassem à perseguição de uma raposa?

Jamais entenderiam aquela história. Aliás, provavelmente ficariam chocados em ver uma moça solteira velando com tanto cuidado o leito de um homem com quem não tinha nenhum grau de parentesco.

— Oh, sim, irmão! — exclamara a sra. Hayward. — Isso explica por que vocês não usam alianças.

Apesar da idade, a sra. Hayward não deixava de prestar atenção a todos os detalhes, Kamala concluiu.

— Sendo assim, vai preferir que lhe dê um outro quarto, senhorita — continuou a velha senhora.

— Sim, por favor.

Já era noite e, tivesse ou não um paciente para olhar, o medo da escuridão a fez prorrogar a viagem para a manhã seguinte.

O estranho delirou e se debateu a noite toda. Kamala sabia que, se não estivesse por perto para acalmá-lo e impedir que se machucasse ainda mais, a clavícula poderia ter se deslocado outra vez e todo o trabalho e sofrimento daquele dia teriam sido vãos.

Assim sendo, tornara-se impossível pensar em partir no dia seguinte ou no outro. Teria de cuidar para que seu paciente se restabelecesse o mais depressa possível.

Uma coisa era certa: Marcus Pleyton não a procuraria em uma fazenda tão distante e isolada. Principalmente porque ela tomaria todas as precauções para não levantar suspeitas.

— Posso saber como se chama, senhorita? — a sra. Hayward perguntara.

— Claro que sim — respondera. — Meu nome é Lind...

Por uma fração de segundo, hesitou. Seria uma estupidez dar o nome verdadeiro, pois afinal seu tio poderia mandar um mensageiro fazendo perguntas a seu respeito naquelas redondezas.

— ...Lindham — completara.

Tão logo o estranho recobrasse a consciência, teria de explicar seu papel naquela encenação. E o simples fato de pensar nisso a deixava nervosa.

Havia algo nos olhos negros daquele homem que a incomodava demais. Talvez por serem muito penetrantes, como os de alguém pouco afeito

a acreditar em subterfúgios e histórias mal contadas.

Agora que estava prestes a lhe explicar o que planejava e permitir que soubesse um pouco de sua vida, o estranho perguntou:

— Tem alguém aqui que possa ir buscar as sacolas presas à sela do meu cavalo? Quer dizer, se é que você já não cuidou desse detalhe, não é?

— Está tudo aqui — Kamala respondeu, secamente. Com um sorriso nos olhos, o estranho levou a mão ao queixo.

— Quero fazer a barba. Acho que também estou precisando me lavar.

— Você já foi banhado.

— Fui? Kamala enrubesceu.

— Eu... lavei seu rosto e braços — explicou. — E, é claro, graças às bandagens, não há muito mais... a ser feito.

— Começo a acreditar que estou sonhando — comentou o estranho. — Na primeira vez em que recobrei a consciência, tive a impressão de estar no céu, onde um anjo cuidava de mim. Agora sei que não foi apenas um sonho.

— Espero que sua clavícula se fixe corretamente — Kamala comentou para mudar de assunto, envergonhada com o elogio inesperado.

— Eu já a desloquei outras vezes — replicou o estranho, como se não desse importância ao fato —, e duvido que o marujo responsável em fazer o serviço... com grande brutalidade, diga-se de passagem, fosse mais hábil que você.

— Quer dizer que você é um homem do mar! — Kamala exclamou. — Bem como imaginei!

— Por que chegou a tal conclusão?

— Suas tatuagens... — ela explicou, um tanto tímida. O estranho sorriu.

— Tinha me esquecido delas.

— Papai certa vez me contou que a tatuagem é uma forma de arte na Índia e na China, e que foi trazida à Europa por marinheiros. Você já esteve no Oriente?

— Nos dois países que você mencionou — ele respon¹deu. — Mas a tatuagem do meu braço foi feita em Bornéu.

Kamala foi até o móvel onde ficava a bacia para banho e tirou de sua gaveta um estojo de couro contendo apetrechos para barbear.

— Aqui está — disse ela, voltando para o lado da cama. — Vou buscar um pouco de água quente. Acha que pode se virar só com uma mão?

— Creio que sim — respondeu o estranho. — Se tiver alguém que segure o espelho para mim.

— Eu farei isso.

— Não posso exigir que me assista o tempo todo — disse ele, em tom quase rude. — Deve haver mais alguém neste lugar.

— No momento só a sra. Hayward está em casa, preparando a refeição para quando os homens voltarem do campo. Prefiro não pedir nada a ela, que já tem feito tanto e com tão boa vontade.

Deixando o estojo sobre a cama ao lado dele, Kamala prosseguiu:

— Fred, o mais novo dos filhos, deve passar por aqui à tarde. Poderá lhe pedir o que quiser então.

— Sinto-me ainda um tanto atordoado — reclamou o estranho, olhando para ela. — Mas creio que você deve ter encontrado uma boa explicação para ficar cuidando de mim, em vez de seguir seu caminho depois de me trazer são e salvo para esta fazenda.

— Acho que por ora você já falou bastante — Kamala replicou. — Vamos deixar as explicações para depois que tiver dormido mais um pouco, está bem?

Enquanto conversaram, por diversas vezes Kamala percebera as pálpebras de seu paciente fechando-se mais vagarosamente. Mesmo aquela rápida conversa fora demais para ele.

Não era apenas a fadiga natural que devia ser considerada. Seu pai sempre fizera questão de frisar como era importante para uma pessoa com a clavícula deslocada repousar o máximo possível, de forma a dar ao osso a oportunidade de calcificar.

Fora, portanto, com alegria que descobrira um pouco de láudano guardado no armário da cozinha.

— O médico me deu um pouco alguns anos atrás — explicara a sra. Hayward. — Por causa de um prego enferrujado, meu marido teve de amputar um dedo do pé. Ele já estava entrando em agonia quando o doutor disse: “Faça-o beber o máximo de rum que seu estômago aceitar, sra. Hayward, e misture duas colheres de chá desse remédio na bebida”.

Kamala achara graça da forma simples como fora narrado aquele drama, mas preferira não interromper.

— Eu o mantive desacordado enquanto o médico operava e por mais duas noites. Ele não teria ficado quieto de outra forma. Não com a dor que estava sentindo.

— Deve ter sido horrível para a senhora — Kamala comentara, ao mesmo tempo imaginando que seu pai poderia ter salvado aquele dedo.

O láudano restante fora suficiente para aplacar as dores do estranho

até que diminuíssem de intensidade e não fosse mais necessário utilizá-lo.

Assim que o viu adormecer, Kamala desceu até a cozinha, onde se deparou com a sra. Hayward atarefada com o preparo do jantar.

— Meu irmão está bem melhor — comentou com a boa senhora. — Conversamos bastante agora à tarde, mas achei melhor deixar que descansasse um pouco mais.

— Fico contente em saber. Quando despertar outra vez, já terei terminado o presunto que você pediu.

— A senhora está sendo muito bondosa conosco — Kamala agradeceu, meio sem jeito.

— Bobagem. Sempre fui da opinião de que um bom prato, gostoso e nutritivo, faz mais efeito que o melhor remédio do mundo!

Kamala riu, mas deu razão a sua anfitriã.

Dessa forma, ao despertar o estranho já tinha a seu lado um prato fumegante que lhe foi servido às colheradas.

— Estava começando a me sentir faminto — disse ele, antes de mastigar mais um bocado de presunto. — Aliás, devo-lhe desculpas por ter adormecido no meio da nossa conversa.

— Não se preocupe com isso, seu organismo apenas reagiu ao láudano que fui obrigada a lhe dar para acalmá-lo — Kamala confessou. — Você é grande demais para que eu conseguisse controlá-lo sozinha.

— Cheguei a ser muito rude? — ele quis saber, mais que depressa.

— Não comigo, mas consigo próprio.

— Eu disse alguma coisa?

— Somente frases ininteligíveis, a maioria delas sobre dinheiro. Parecia bastante preocupado.

— Dinheiro é sempre um assunto preocupante, não acha?

— Para ser sincera, acho — Kamala respondeu, depois de uma pausa.

Pensava na luta de seus pais contra a miséria e no fato de ter sido forçada a roubar vinte e cinco libras do tio para reconquistar sua liberdade.

Ainda sentia vergonha quando pensava no assunto, embora a todo momento se lembrasse de que não roubara nada. De qualquer forma, era um alívio saber que poderia pagar a amabilidade da sra. Hayward condignamente.

O estranho devia trazer algum dinheiro consigo. Por discreta que tentasse ser, fora impossível não notar uma gorda carteira em seu casaco de montaria, quando lhe esvaziara os bolsos para escová-lo da lama que se grudara na queda.

Naquele instante sentira aumentar a curiosidade em saber quem seria ele e para onde estava indo quando o destino cruzara seus caminhos.

Nas sacolas presas à sela levava roupa de cama, o estojo com as lâminas de barbear, uma escova para os cabelos e um grosso casaco de frio.

As roupas que usava eram bem talhadas, suas botas bem-feitas, porém nada indicava grande riqueza, nem mesmo o belo cavalo negro que montava.

Kamala serviu um último bocado a seu paciente e levantou-se do lado da cama onde estivera sentada.

— Mais tarde posso lhe trazer outro prato, se tiver fome — avisou.

— Provavelmente isso vai acontecer, mas antes quero me barbear. Não gosto que me veja desse jeito.

— Vou providenciar a água quente.

Kamala já segurava a maçaneta da porta quando se voltou e, munindo-se de toda a coragem que tinha, anunciou:

— A propósito, apenas para o caso de alguém mencionar o fato, eu disse à sra. Hayward que... somos irmãos!

Mesmo a distância viu as sobrancelhas dele se arquearem, porém, sem hesitação, acrescentou:

— Nosso sobrenome é... Lindham.

E esgueirou-se para fora do quarto antes que ele tivesse tempo de retrucar.

Quando voltou, percebeu que o estranho erguera ainda mais os travesseiros. Kamala colocou à frente dele uma bacia e uma jarra esmaltada cheia de água quente, um pedaço de sabão e uma toalha, sem que trocassem uma palavra sequer.

— Tenho um espelho no quarto, aqui ao lado — explicou, caminhando em direção à porta novamente. — Vou buscá-lo.

Isso feito, Kamala sentou-se na beirada da cama e segurou o espelho de forma que o estranho pudesse se enxergar.

Finalmente, olhando para seu próprio reflexo, ele sorriu e exclamou:

— Realmente, estou parecendo um perfeito vagabundo! Foi muita ousadia sua apresentar uma pessoa com a minha aparência como seu irmão!

— Por favor, perdoe-me essa atitude impensada — Kamala começou, nervosa —, mas a princípio acharam que éramos... marido e mulher e... bem, não tive como explicar que na verdade somos... perfeitos estranhos... Então achei melhor deixar para fazê-lo quando eu puder... partir.

— Por falar nisso — aproveitou o estranho, enquanto passava sabão pelo queixo —, lembro-me de lhe ter perguntado uma vez por que não foi

embora depois que me trouxeram para cá, mas não obtive resposta.

— Simplesmente porque... não podia deixá-lo nas condições em que se encontrava.

— O acidente que sofri foi por culpa única e exclusiva de minha própria tolice — ele insistiu.

— Eu sei, mas aprendi com papai a jamais abandonar alguém que está sofrendo quando posso ajudar de alguma forma. Por isso resolvi ficar e cuidar de você.

O estranho nada mais comentou até que tivesse terminado de se barbear. Só então, enxugando o queixo quadrado com a toalha, pediu:

— Se está mesmo determinada a cuidar de mim, permite que lhe peça para pegar minha escova de cabelos?

Apesar do tom de zombaria, Kamala levantou-se e, retirando a bacia e a jarra de sobre a cama, levou-as até a cômoda sem dizer palavra. Em seguida limpou a lâmina de barbear e devolveu-a ao estojo. Só então apanhou a escova de cabelos e voltou para junto da cama, retomando seu posto atrás do espelho.

Com o sombreado escuro da barba feita a emoldurar-lhe o rosto, pela primeira vez Kamala notava que ele era um homem extremamente bonito.

Tinha o nariz reto, os lábios firmes levemente retorcidos nos cantos a lhe emprestar um ar cínico, os olhos negros muito profundos sobre o rosto queimado de sol.

Adormecido, o estranho lhe parecera mais jovem. Desperto, a sensação que transmitia era de alguém autoritário e exigente.

Depois de rapidamente escovar os cabelos negros e espessos, e enquanto Kamala devolveia a escova à cômoda, ele cruzou os braços sobre o peito e disse:

— Muito bem, srta. Lindham. Gostaria que me falasse um pouco a seu respeito. Quem é você, e para onde está indo? Acho que tenho o direito de saber, não?

— C-claro... eu vou explicar — Kamala respondeu, titubeante.

Para ganhar tempo e organizar melhor os pensamentos, ela puxou uma pesada cadeira para junto da cama, sentou-se e, os dedos irrequietos entrelaçando-se a toda hora, começou:

— Meu nome é Lind... ham. Kamala Lind...

— Kamala? — o estranho a interrompeu. — Significa "flor de lótus", não?

— Como sabe disso?

— Não esqueça que já estive na Índia. Mas sem dúvida o nome é diferente para uma inglesa.

— Meu pai foi um profundo apaixonado por sânscrito, pelos vedas e pelas religiões orientais. O que ele mais queria na vida era visitar a Índia.

— Um dos mais belos países que conheço — disse o estranho. — Tanto quanto o seu nome... e você.

Por um momento Kamala fitou-o como se não tivesse entendido, mas não foi capaz de sustentar-lhe o olhar. Seus cílios negros desceram sobre a pele alva do rosto que num instante se tingia de rubro.

— Quantos anos você tem? — o estranho quis saber.

— Dezoito.

— Por que viaja sozinha?

— Estava a caminho de Southampton — disse Kamala. — Quero ir para... a França.

Assim dizendo, ela levantou novamente o olhar, mas, ao ver a expressão nos olhos dele, mais que depressa acrescentou:

— Vou passar uma temporada... na casa de tia.

— Seus pais permitem que você viaje desacompanhada? — ele insistiu.

— Meus pais estão mortos.

— E a pessoa que é responsável por você?

— Não há perigo — ela explicou. — Pelo que ouvi dizer, existem balsas partindo de Southampton com destino a Le Havre todos os dias.

— Realmente — replicou o estranho —, mas não devia viajar sem uma dama de companhia ou um parente qualquer. Há um longo caminho a percorrer até Southampton.

— Ora, são apenas alguns dias, e Rollo... o meu cavalo... é bem forte.

— Ainda assim não é coisa para uma moça desacompanhada fazer — retrucou o estranho, irritado até. — Especialmente com a sua aparência!

— O que tem minha aparência a ver com isso? — Kamala perguntou, inocente.

— Oh, muita coisa! — ele respondeu, preferindo não entrar em maiores detalhes. — Mas agora que tal me dizer a verdade?

— Verdade? — Kamala retrucou.

— Ou pelo menos uma história mais plausível que explique o motivo de você estar sozinha. Não posso acreditar que alguém, em seu juízo perfeito, tenha autorizado um tamanho absurdo! Se é que essa autorização chegou a ser solicitada!

Kamala ficava cada vez mais confusa.

Sem perceber que o fazia, curvara-se para a frente e, com as mãos estendidas, trançava nervosamente o babado da coberta da cama.

— Vamos, estou esperando — incitou-a o estranho ante a demora de uma resposta.

Afinal ela fitou-o bem dentro dos olhos. Não conseguia entender o motivo de tanto interesse. Fizera uma gentileza cuidando de seu restabelecimento, o que não lhe dava o direito de questioná-la daquela forma, nem de ser tão severo em seu julgamento.

Mas de repente o silêncio tornou-se insuportável, e ela não encontrou forças para inventar outra história. Assim sendo, desviando outra vez o olhar para o chão, Kamala confessou:

— Eu fugi de casa.

— Foi o que imaginei — disse ele, mais calmo agora.

— Algum motivo em especial?

— Meu tutor.

— Não acha que pode ter sido uma tolice, uma atitude precipitada?

— Eu tinha de sair de lá... você não entende. Nem sei por que lhe digo essas coisas, o assunto não é da sua conta.

Kamala pôs-se em pé enquanto falava e caminhou até a lareira, de costas para seu interlocutor.

— Não concordo com essa opinião — declarou ele.

— Você teve a oportunidade de ir embora enquanto estive inconsciente, mas não o fez. Depois disse que sou seu irmão para pessoas que só nos ajudaram. Tudo isso quer dizer que estou envolvido moral e talvez até legalmente em toda essa história.

— Tudo o que eu quero... é chegar a Southampton.

— Quem sabe eu possa ajudá-la? Mas para isso é preciso que conheça o motivo que a fez fugir de seu tutor, abandonando o lar ou seja lá onde for que você vivia.

Outra vez se fez silêncio, mas, como que compelida a responder mesmo contra a vontade, Kamala desabafou:

— Moro com meu tio desde que papai e mamãe morreram em um naufrágio. Foram três longos e insuportáveis anos, e agora ele quer que eu me case... com o homem que escolheu para meu... marido.

— Imagino que seja uma situação bastante desagradável — tentou ponderar o estranho —, mas, certamente, se você não deseja desposar o homem em questão, poderia ter convencido seu tio a enxergar a razão dessa recusa, em vez de tomar uma atitude tão drástica.

— Não havia a menor possibilidade de fazê-lo enxergar... não ao meu tio.

— Por que não?

— Ele não pediu meu consentimento... Simplesmente comunicou-me que teria de me casar... ainda por cima com um homem que amedronta demais!

— Por que você tem medo dele? — o estranho parecia cada vez mais intrigado.

— Porque é um velho... tem quase sessenta anos... Dizem que é muito cruel... mais até que meu tio. Muitos acreditam que sua primeira esposa morreu por ter sido espancada à exaustão.

— E por que seu tio haveria de promover sua união com tal brutamontes?

— Para se livrar de mim. Minha prima está prestes a se casar com um nobre e tem medo de que, estando eu por perto, ele se interesse mais por mim que...

A voz de Kamala foi sumindo, deixando incompletos frase e pensamento.

Esquecera-se até do homem deitado na cama a suas costas. Em sua mente só havia lugar para a cena do café da manhã em que Sophie, repetidas vezes, dissera “Eu te odeio! Eu te odeio!”, batendo-lhe então no rosto com toda a força.

— O que você está me dizendo — o estranho interrompeu tão más lembranças — é que sua prima tem ciúme de você, a ponto de perder por completo a confiança em si mesma.

— De que adianta falar sobre isso agora? — Kamala perguntou. — Foi difícil, mas finalmente consegui deixar todas as pessoas que me odeiam para trás. Só o que quero agora é esquecê-las e começar uma vida nova...

— Na minha opinião você deveria voltar — o estranho tentou mais uma vez. — A essa altura já deram por sua falta e com certeza estão prontos a ouvir sua versão dos fatos. Não é possível esperar que uma moça de dezoito anos aceite passivamente o casamento com um velho de sessenta!

— Pois meu tio não só espera como também insistirá em levar adiante essa idéia até as últimas conseqüências, se preciso for! — Kamala exclamou, desesperada. — Fugi para preservar tanto minha liberdade quanto o meu corpo. Se tivesse ficado, eu apanharia até concordar com o tal casamento!

— Não é possível! — exclamou o estranho, finalmente percebendo a gravidade de toda aquela situação.

— Pode imaginar o que significa ser chicoteada até não se conseguir nem raciocinar direito? — ela perguntou. — Até que a dor seja tanta que o faça concordar com qualquer coisa... apenas para que cesse o sofrimento? Pois foi disso que fugi! Fugi para nunca mais voltar...

A emoção fora demais para Kamala e ela irrompeu em um choro convulsivo e doído. As últimas palavras, carregadas de um verdadeiro pavor, ainda ecoavam pelo quarto.

Aos poucos o silêncio voltou, até que o estranho pediu, em voz muito suave e afável: — Venha cá.

Tão acostumada estava a obedecer que Kamala de pronto voltou-se e chegou perto da cama. Não se sentou, porém, os olhos vermelhos ainda rasos d'água, os lábios trêmulos com a intensidade de tantos sentimentos.

Ele estendeu-lhe a mão. Kamala experimentou um conforto até então inimaginado quando tocou os dedos dele e sentiu a força e o calor que emanavam.

— Olhe para mim — ele pediu, a voz muito profunda —, olhe bem dentro dos meus olhos, Kamala.

Mais uma vez ela obedeceu e se deparou com um par de olhos negros capazes de penetrar todo seu ser até vislumbrar-lhe o mais profundo recanto do coração.

— Posso acreditar em tudo o que você acaba de me contar?

— P-pode — ela soluçou.

— Seu tio lhe bateu realmente? — Era nítida a incredulidade na voz dele. — Existe ser humano no mundo capaz de ferir criatura tão doce e frágil... como você?

— Eu vivia apanhando. Todos me odiavam naquela casa.

— Sendo assim, creio que fez muito bem em tê-los deixado. Apenas acho que não deveria viajar sozinha para a França. Se me permitir acompanhá-la, terei prazer em conduzi-la até a casa de sua tia.

Por um rápido instante Kamala hesitou, mas afinal respondeu, desviando outra vez o olhar, a voz não mais que um sussurro:

— Se puder me levar até Southampton já lhe serei eternamente grata. Temo que estejam no meu encalço e me obriguem a voltar.

— Nada disso acontecerá, fique tranqüila — prometeu o estranho. — Na medida do possível, procure esquecer esse passado tão terrível e acreditar que o futuro será melhor.

— Oh, mas é exatamente o que penso! — Kamala exclamou, sentindo que a esperança voltava a brotar-lhe no peito. — Como é bom ser livre! Tudo

parece tão diferente! Mesmo cuidar de você tem sido um prazer. Hoje experimento uma felicidade que não conhecia desde que meus pais morreram.

— Como foi que isso aconteceu?

— Eles voltavam da Itália, onde foram passar a segunda lua-de-mel, quando o navio afundou. Papai havia recebido um bom adiantamento por um livro que escreveu, o que permitiu realizar esse antigo sonho. Estavam tão felizes... É para mim motivo de consolo lembrar o quanto se amavam e que partiram como sempre quiseram estar, juntos...

— Depois disso você foi morar com seu tio?

Kamala estremeceu ao pensar no que significaram aqueles três anos. Foi como se uma nuvem escura voltasse a pairar sobre seu rosto.

— Desculpe, não pense mais nisso — o estranho corrigiu ao perceber o erro que cometera. — Tenho certeza de que vai gostar muito da França. É um país maravilhoso, quase tanto quanto a Itália.

— Você já esteve lá?

— Estive em vários lugares do mundo — foi a vaga resposta que ele lhe deu. — Mas creio que no momento é melhor tentarmos resolver nossos problemas mais imediatos. Para a sra. Hayward você é uma Lindham, o que significa que também tenho um novo sobrenome, certo?

— Sinto muito, mas você não estava em condições de me responder quando lhe perguntei quem era — Kamala explicou, permitindo, afinal, que um sorriso tímido lhe alegrasse o rosto.

— Meu nome é Conrad Veryan... ou melhor, era, pois agora serei Conrad Lindham.

— Gosto do seu nome — Kamala comentou. — Conrad... combina com você.

— Como o seu, pequena lótus.

Kamala enrubesceu ante o tom carinhoso daquelas palavras, mas não teve tempo de responder, pois naquele instante a sra. Hayward abriu a porta e entrou carregando uma bandeja.

— Resolvi trazer algo mais substancioso para o nosso paciente — disse ela. — Sei como é o apetite dos jovens, tenho quatro deles aqui em casa que comem feito leões.

— Tem toda razão, sra. Hayward — Conrad replicou. — Quero aproveitar a oportunidade e agradecer-lhe a generosa acolhida que me deu em sua casa, desde que aqui cheguei, desfalecido. Minha... irmã esteve me falando de sua grande bondade.

— Faço tudo por prazer, senhor. Mas confesso que a princípio fiquei bastante preocupada com seu estado de saúde.

— Não sei o que me levou a arriscar um salto impossível com o cavalo tão cansado.

A sra. Hayward colocou a bandeja na frente dele e tirou a tampa de um prato abarrotado de ovos, carne e batatas assadas.

— Não é refeição digna de um cavalheiro — ela desculpou-se, sorridente —, mas creio que não a achará desagradável ao paladar.

— Estou certo de que não — Conrad respondeu. — De minha parte, prometo fazer justiça a esse magnífico prato.

— Estive pensando, senhor — a sra. Hayward sugeriu —, se não gostaria de uma taça de sidra ou talvez uma caneca de cerveja. Meu marido guarda um pequeno barril de cada uma dessas bebidas em casa, para as ocasiões especiais.

— A cerveja seria excelente.

— Vou buscá-la — Kamala ofereceu-se. — Assim não terá de subir a escada de novo, sra. Hayward. Suas pernas devem estar doendo, depois de tanto tempo em pé na cozinha.

— Isso lá é verdade, senhorita, mas não quero incomodá-la.

— Nós estamos lhe causando incômodo muito maior que esse.

Kamala seguiu a esposa do fazendeiro escada abaixo. Quando voltou com a cerveja, Conrad terminava de saborear o último naco de carne do prato.

— Estou me sentindo bem mais forte depois dessa refeição — disse ele. — Creio que poderemos partir amanhã mesmo.

— Acho melhor esperar mais dois ou três dias, se possível — Kamala retrucou.

— Às vezes você me trata como criança!

— Muito bem então, faça como quiser. Mas ainda acho que será extremamente desconfortável cavalgar depois de tanto tempo deitado.

Afinal Conrad concordou em fazer um teste pela manhã bem cedo, antes de se prontarem para partir.

A noite deitava seu manto negro sobre os campos, trazendo consigo um vento frio que se divertia batendo as janelas. Kamala levantou-se e puxou a cortina, sentando-se em frente à lareira depois de alimentá-la com mais lenha.

Recostado nos travesseiros, Conrad viu as labaredas subirem e iluminarem o rosto meigo de Kamala.

“Como ela é adorável!”, pensou.

Tanto que era impossível imaginá-la atravessando sozinha o país para fugir da brutalidade do tio.

Será que tudo não passara de uma bem encenada mentira? Não, a expressão daqueles olhos, infantis em sua ingenuidade, descartava por completo tal possibilidade.

Acobertado pela penumbra do quarto, Conrad resolveu dar voz a um pensamento que de repente lhe ocorreu.

— Cedo ou tarde você terá de se casar. Kamala olhou-o ansiosa outra vez.

— Por que está dizendo isso? — perguntou.

— Porque uma mulher atraente como você precisa de alguém que a proteja.

— Nunca me casarei com quem quer seja... a menos que esteja apaixonada.

— Estranho, pois a maioria das mulheres se casa por motivos tão diversos quanto sensação de segurança, conforto, posição social...

— Sei que tudo isso é importante — ela replicou, sinceramente —, mas por outro lado o casamento envolve uma união... tão íntima com outra pessoa... Homem e mulher passam a fazer parte de um mesmo ser! Não poderia me casar a menos que ame demais... e ele a mim.

— Tem certeza?

— A mais absoluta certeza. Minha prima está prestes a se unir a um homem que nunca viu, apenas por um título de nobreza. Não passa de uma transação comercial: ela entra com o dinheiro, ele, com a posição social. Que grosseira imitação de uma sociedade que só o amor pode realizar a contento!

— E, no entanto, no Oriente os casamentos são todos arranjados sem que os noivos se conheçam antes da cerimônia — contou Conrad Vervan.

— E por acaso são felizes?

— A seu modo, sim — ele respondeu. — A mulher sente-se agradecida por ter quem a proteja e lhe dê um nome. Por sua vez o homem quer herdeiros e uma casa sempre limpa.

— Infelizmente na Inglaterra acontece algo muito parecido — Kamala retrucou. — Pais e tutores escolhem aquele que lhes parece mais apropriado e forçam a moça a acompanhá-lo até o altar, querendo ou não. Mas papai sempre dizia que considerava esse um costume bárbaro. E prometia jamais adotá-lo. Caberia a mim decidir se me casaria ou não, e com aquele que meu coração elegeisse para marido.

— Mas... se permanecer solteira, você corre o risco de ser obrigada a trabalhar como criada na casa de alguém mais abastado.

— Prefiro isso a tornar-me escrava de um velho de sessenta anos que só vê em mim a possibilidade de ter herdeiros.

Kamala falava lembrando-se do brilho nos olhos do general ao lhe dizer que a flor de lótus era suave ao toque.

— Sei que tenho muito que aprender sobre casamento — continuou. — Mamãe dizia que ao seu devido tempo me explicaria tudo o que está envolvido no relacionamento entre um homem e uma mulher. Mesmo assim, continuo acreditando firmemente que, se a esposa não ama o marido, qualquer coisa que ele lhe faça há de ser assustadora e de certa forma... obscena!

Sua voz estava trêmula quando afinal Kamala se calou. Depois de alguns segundos, encantado com a firmeza de caráter que ela demonstrava, Conrad exclamou:

— Você tem toda razão, Kamala! Nunca se case com ninguém que não a ame, e por quem você não sinta a mais avassaladora paixão!

CAPÍTULO III

Acabaram adiando a partida para Southampton por mais alguns dias.

Na manhã seguinte, Conrad insistira em fazer um teste e montar, porém meia hora de galope pelos campos da fazenda, rosto lívido e mãos trêmulas convenceram-no a desistir da idéia.

— Eu bem que avisei! — disse Kamala, sarcástica.

— Você fala como a babá que tive aos seis anos de idade — Conrad reclamou. — Claro que ela sempre estava certa, mas nem por isso me poupava do seu “Não foi por falta de aviso!”

Kamala achou graça na comparação, mas nada comentou a respeito.

— É preciso tempo para que os ossos se restabeleçam — disse então. — Além do mais, você ficou dias deitado, é normal que o corpo reclame do esforço físico.

Sabia ler-lhe nos olhos a dor que sentia, por isso insistiu em desfazer as bandagens à procura de um possível dano mais grave que o passeio poderia ter provocado.

Para alívio de ambos nada acontecera e Conrad ainda teve o privilégio de sentir as mãos da amiga massageando-lhe os ombros outra vez.

— Você tem dedos de fada — brincou. — A dor vai embora assim que eles tocam em minha clavícula.

— Gostaria que fosse verdade! — Kamala retrucou, sorrindo. — As pessoas diziam o mesmo de papai. Aliás, os pacientes dele mal o viam e já começavam a melhorar.

— Pois você tem o mesmo poder.

— Prefiro crer apenas que Deus tem me atendido — ela corrigiu. — Quando cuido de algum doente, seja com massagens ou remédios que papai me ensinou a preparar, peço ao poder divino que aja por intermédio de mim.

— Você é a pessoa mais encantadora que já conheci — Conrad declarou, sinceramente, depois de uma breve pausa.

Kamala só parou de massageá-lo quando ele adormeceu.

Horas mais tarde Conrad despertou e viu que era noite. Kamala dormitava sentada em frente ao fogo.

Durante longos minutos ele se permitiu contemplar aquele belo

quadro. Até que em dado momento uma acha incandescente se soltou e fez cair a lenha, acordando-a. Kamala acomodou-se melhor na poltrona e ia puxar a coberta sobre o colo quando deparou com Conrad a observá-la.

— Sente-se melhor? — perguntou.

— Realmente você tem dedos de fada. Mas não quero abusar de suas habilidades. Prefiro me curvar às evidências e esperar mais três dias para seguirmos viagem rumo a Southampton.

— Sente-se entediado? — Kamala lembrou-se de perguntar.

— Apesar da tranquilidade toda desta fazenda, raras vezes me senti tão... intrigado.

— Com o quê?

Mas Conrad preferiu não responder, comentando apenas:

— Você é uma pessoa muito especial, Kamala.

— Em que sentido?

— Ora... nunca conheci ninguém como você!

— Ainda bem que não me toma por mais uma de suas amiguinhas...

— ela brincou. — Deve haver uma em cada porto!

— Fossem como você, talvez eu não tivesse voltado para casa...

Kamala olhou-o, sem entender ao certo as implicações de tais palavras, proferidas em tom seco, quase cínico, deixando-a confusa.

Às vezes tinha a sensação de que Conrad se obrigava a ser rude, a demonstrar uma indiferença que na verdade não sentia, como se deliberadamente estabelecesse uma distância segura entre ambos.

— Gostaria de ouvir mais detalhes a respeito da França — Kamala sugeriu, agora que o sono se fora e ante a necessidade de mudar de assunto.

— Não a conheço tão bem quanto a Itália — Conrad respondeu. — Mas Paris certamente a encantará.

— Como assim?

— Em primeiro lugar pela beleza da cidade, algo que lhe é próprio e inigualável. Além disso, o povo é muito gentil e prestativo e sabe viver melhor que em qualquer outro lugar do mundo.

— Pensei que tudo isso se tivesse perdido com a Revolução — Kamala observou.

— As revoluções destronam reis, mas não conseguem alterar o caráter essencial de um povo.

— Realmente, creio que essa é uma verdade que a história do homem provou inúmeras vezes.

Tais comentários só faziam com que ele admirasse ainda mais a

inteligência de Kamala e o conhecimento que demonstrava dos costumes e características de diversas nações.

— Onde aprendeu tanta coisa? — ele lhe perguntara certa vez, quando discutiam sobre o Oriente e Kamala revelara uma compreensão bastante apropriada do budismo.

— Papai costumava dizer que, se não podemos viajar com o corpo, não existem restrições para a mente.

— Você deve ter lido um bocado.

— Sempre que tenho chance eu o faço — Kamala respondera, evitando entrar em detalhes a esse respeito.

Com amargura no coração pensou em todos os livros que Marcus Pleyton lhe negara argumentando que se lhe sobrava tempo que costurasse.

Adivinhando um certo ressentimento em sua voz, Conrad comentou:

— Agora que está livre de seu tio poderá ler sempre que tiver vontade. Será que essa sua parente da França possui uma boa biblioteca?

Kamala voltou-se, fingindo vigiar o fogo.

— Eu... não faço idéia.

— Pelo menos não a impedirá de ler, certo?

— Espero que não.

— Você parece insegura. Faz muito tempo que não se vêem?

— S-sim.

Conrad ficou apreensivo outra vez. Afinal, perguntou:

— E se não for feliz com ela, o que fará?

— Tenho certeza de que tudo dará certo assim que eu chegar à França — Kamala preferiu responder.

Sua vontade era de admitir que não tinha ninguém a quem recorrer naquele país, mas Conrad já ficara muito chocado quando soubera que viajava sozinha. Se descobrisse a verdade, poderia insistir em levá-la de volta para seu tio, apesar dos pesares.

Não, Conrad não poderia saber de nada. Teriam de se despedir em Southampton, e ele partiria certo de que alguém a esperava do outro lado do canal da Mancha.

Kamala não se sentia bem tendo de sustentar aquela mentira. Afinal, Conrad se mostrara tão seu amigo, tão compreensivo.

Parecia não se cansar de lisonjeá-la, chamando-a de adorável e encantadora, mas de uma forma que não a amedrontava. Ao contrário, só conseguia deixá-la satisfeita.

“Sou uma mulher de sorte!”, Kamala dizia para si mesma todas as

noites ao deitar.

Apesar de toda sua inocência, sabia que, desacompanhada, poderia ter se deparado com situações bastante difíceis e desagradáveis.

Da forma como acontecera, ninguém seria capaz de respeitá-la mais e lhe ser mais gentil que Conrad Veryan.

Poucos homens agiriam com tamanha cortesia. Kamala pensava no general Warrington. Podia bem imaginar como ele teria se comportado em semelhante situação.

Por pouco que conhecesse a vida, sabia que para muitos a mulher não passava de um objeto para diversão, um esporte, um animal a ser caçado como uma raposa.

Conrad era diferente. Ninguém podia negar-lhe a masculinidade, porém sabia tratar uma mulher.

“Ele é maravilhoso”, concluiu mais uma vez.

No dia em que finalmente Conrad resolveu que já estava bom o bastante para seguir viagem rumo sul, fazia frio e ventava muito, nuvens cinzentas cobriam o céu, prometendo chuva à terra.

Enquanto ele selava os cavalos, Kamala saiu para o pátio carregando o xale enrolado, contendo todos os seus pertences. Novamente usava o traje de montaria sobre uma fina blusa de musselina.

— Onde está seu casaco? — Conrad perguntou. Encabulada, ela respondeu:

— Tudo o que tenho está aqui. Não podia trazer mais bagagem ou levantaria suspeitas.

— Vamos cuidar desse assunto na primeira vila que atravessarmos — Conrad afirmou, o rosto sério.

— Não se preocupe comigo, eu estarei bem.

Kamala pensava no gasto extra que um bom casaco representaria, principalmente depois que se desfizera de grande parte de suas libras dando-as em retribuição à calorosa acolhida da sra. Hayward. Discutira o assunto com Conrad na noite anterior.

— Deixe que eu pago o que for devido — ele dissera.

— Não é preciso, tenho dinheiro suficiente para fazê-lo.

— Mas você só ficou aqui por minha causa — ele protestara. — Não fosse assim, já teria chegado a Southampton.

— De qualquer forma — ela insistira —, não posso permitir que um estranho pague por minha comida e hospedagem.

— Você não precisa ser tão formal, até porque é bom não esquecer

que, por quase uma semana, nós fomos irmão e irmã. E exatamente por esse motivo a sra. Hayward pode ficar desconfiada se pagarmos em separado.

— Então eu lhe darei o que devo e você paga a ela pelos dois — ela decidira, depois de pensar por alguns instantes.

— Por que faz tanta questão de me humilhar? — Conrad perguntara.

— Não é sempre o cavalheiro que paga pela dama?

Kamala o observara por um momento, até que dissera:

— Quando chegar a Southampton, o que pretende fazer?

— Terei de procurar trabalho em algum navio.

— Porque precisa ganhar dinheiro, não é isso?

— Para ser sincero, urgentemente!

— Confesso que já suspeitava disso — dissera Kamala. — Assim sendo, esqueça esse orgulho bobo e permita que eu pague tudo.

Ele rira antes de perguntar:

— Não minta para mim, Kamala: você tem dinheiro para chegar à França?

— Levo comigo vinte e cinco libras. Em Southampton não precisarei mais de Rollo. Creio que conseguirei um bom dinheiro por ele.

— Bem, pelo menos não está tão desamparada como pensei — dissera Conrad, mais aliviado.

Assim sendo, Kamala separara três libras, que estendera a Conrad.

— Não podemos dar menos que isso... Acha que será o bastante?

— Ela já ficaria encantada se recebesse metade disso pelo tempo que ficamos aqui — Conrad replicara, e não estava enganado.

A sra. Hayward ficara surpresa em receber uma quantia tão generosa. Assim, ao partirem, levavam consigo as bênçãos da boa senhora.

— Você vai precisar de um casaco não só para a viagem — Conrad dizia enquanto o vento ruidoso açoitava os cabelos loiros de Kamala —, mas também para atravessar o canal. O frio costuma ser muito intenso naquele trecho. Acha que é uma boa marinheira?

— Nunca estive em alto-mar — Kamala respondeu —, mas espero que não enjoje. Alguma vez você passou mal em um navio?

— Se o barco joga demais, às vezes me sinto nauseado, principalmente depois de longos períodos em terra firme. Mas; em geral, quando há tempestade, a gente fica ocupado demais para isso. São velas que precisam ser abaixadas e mais um milhão de afazeres urgentes, de forma que não sobra tempo para pensar em mais nada.

— Talvez seja mesmo esta a melhor resposta a todos os nossos males

— Kamala refletiu. — Não pensar no assunto. É por isso que as crianças se recuperam tão rápido.

Mas, como tinham pressa de encontrar alguma cidade o quanto antes, tornou-se difícil entabular conversa.

Afinal chegaram a um vilarejo. Mais que depressa se dirigiram a uma loja de moda para senhoras, onde Conrad insistiu em comprar um pesado casaco de lã, com capuz para proteger a cabeça.

Embora desapontada, pois o único casaco que ele julgara adequado era preto, Kamala concordou em levá-lo. Teria preferido comprar um azul ou mesmo vermelho, cores que trariam alegria àqueles dias sombrios de inverno.

— Estou parecendo uma personagem da inquisição espanhola — brincou, montando outra vez no lombo de Rollo para seguir viagem.

O que ela não sabia era que aquela cor só fazia realçar sua beleza, deixando mais vivos sua pele muito branca e aquele belíssimo par de olhos azuis.

— As torturas que você infligiria sobre suas vítimas seriam ainda piores — Conrad observou, secamente, mas ela não entendeu.

Cavalgaram durante horas, até Kamala se dar conta de que seu companheiro estava esgotado, o rosto contraído de dor. A tarde já ia a meio, por isso insistiu em que parassem em uma pequena estalagem na beira da estrada.

— Você é pesado demais para que eu consiga erguê-lo do chão, se cair da sela — brincou. — Além do mais, também estou exausta. Os últimos dias não me permitiram fazer muito exercício.

— A senhorita é quem manda, enfermeira — Conrad retrucou, sorrindo. — Aliás, prefiro uma cama dura a uma língua ferina!

Kamala riu, achando graça na observação, mas nem por isso deixou de retrucar:

— A última palavra tem de ser sempre sua. Pensei que também essa fosse uma prerrogativa das mulheres.

A estalagem não oferecia o mesmo conforto da fazenda, mas ao menos era limpa e aquecida. E, além de contar com dois quartos disponíveis, os animais teriam um bom estábulo onde passar a noite.

— Dessa vez vamos usar o meu nome — disse Conrad firmemente, antes que entrassem na estalagem.

— Como quiser — Kamala concordou.

— Pelo menos vou me sentir mais à vontade. Não foi fácil lembrar a toda hora que meu sobrenome era Lindham.

Tal observação a fez pensar no que ele diria se descobrisse que Lindham era um sobrenome completamente falso.

“Quantos subterfúgios!”, pensou, suspirando. “Gostaria que pudéssemos ser mais sinceros.”

Conrad tirou as selas dos cavalos e cuidou para que fossem bem alimentados. Só quando retornou para a saleta e o estalajadeiro avisou que o jantar seria servido dentro de poucos minutos Kamala percebeu realmente o quanto ele se cansara.

— Sente-se um pouco, Conrad — convidou, indicando uma poltrona e puxando um banquinho para que descansasse os pés. — Você já fez demais por hoje.

— Sinto vergonha da minha fraqueza — ele replicou.

— Não esqueça que sofreu um acidente sério há poucos dias, seu ombro ainda deve doer muito. Quando subirmos para o quarto, eu lhe farei um pouco de massagem.

O jantar foi servido. Era simples e nada saboroso, mas bastou para alimentá-los até o dia seguinte. Logo depois Conrad ordenou que fossem acesas as lareiras nos dois quartos e insistiu para que Kamala ocupasse o maior deles.

— Já fui mimado demais por você, não posso bancar o inválido o tempo todo.

Kamala sorriu.

— Não me parece que foi tão mal assim ser mimado. Vamos — convidou ao chegarem a seu quarto. — Entre e sente-se naquela cadeira mais baixa.

Por um momento teve a impressão de que Conrad pretendia recusar, mas por fim ele obedeceu.

— Ah, como é bom... — Conrad não se cansava de repetir enquanto tinha os ombros massageados.

Mal sabia ele que ao mesmo tempo Kamala pedia a Deus que o fizesse restabelecer-se o mais depressa possível.

Não pensava em si mesma, apenas queria vê-lo forte e saudável, feliz, enfim.

Foi portanto com surpresa que subitamente sentiu as mãos de Conrad sobre as suas e o ouviu dizer:

— Será que já agradei por tudo o que você tem feito em meu favor?

— Mais de uma vez — ela respondeu. — Como está se sentindo?

— Muito bem... a dor foi embora. Eu disse que você tem dedos de

fada.

— Então é melhor ir para a cama. Quanto antes nos deitarmos, mais cedo poderemos partir. Amanhã será um longo dia.

Em resposta, Conrad tirou as mãos de Kamala de sobre seus ombros e, virando-se para trás, beijou-as ternamente.

Por um momento ela ficou tão aturdida que não soube como reagir. Um forte rubor subiu-lhe às faces ante o contato daqueles lábios quentes, firmes e decididos contra sua pele.

Afinal ele a deixou ir e, pondo-se em pé, despediu-se com uma voz doce que até então não revelara:

— Boa noite, Kamala. Durma bem.

— Eu o farei, principalmente depois de um dia tão cansativo. Boa noite.

Ainda intimidada por causa daquele beijo, ela baixou os olhos, preferindo não encará-lo. Mas, ao chegar à porta, Conrad voltou-se e disse:

— Gostaria de saber agradecer-lhe como convém, porém frases simples não bastam para isso, e sou um mau poeta.

Tais palavras deixaram-na ainda mais encabulada e não saíram mais de sua cabeça, mesmo deitada, aguardando a vinda do sono.

O que ele quisera dizer com “sou um mau poeta”? Fora só mais uma de suas brincadeiras, ou significava que a poesia era a única linguagem que se aplicava a ela?

No fundo Kamala gostaria que Conrad a visse como uma ninfa na beira do lago, surgindo em meio à névoa matutina ou dançando sob a lua cheia.

Mas com um suspiro fez desvanecer-se todo esse bonito quadro: a vida real era bem mais prática e comum. Passeios à roda de lagos implicavam botas a serem limpas e escovadas. Um exercício de dança trazia consigo a necessidade de lavar e passar roupas.

“Sou um mau poeta!”

Talvez encontrasse as rimas certas se a visse com um bonito vestido de noite, flores presas nos cabelos... Como gostaria de ter à mão um traje assim!

O melhor agora era dormir. Com certeza Conrad fizera apenas uma alusão a seu hábito de leitura. Que motivos teria para usar tal expressão?

O dia seguinte amanheceu nublado. O frio era intenso quando partiram e, antes do meio-dia, percorridos menos de quinze quilômetros, a chuva os alcançou e logo se transformava em granizo.

Conrad estava bem agasalhado com seu traje de montaria e Kamala

sentia-se grata por ele ter insistido em que comprasse o casaco preto.

Ainda assim, a chuva os deixaria encharcados a menos que parassem. Felizmente aproximavam-se de uma estalagem e para lá se dirigiram.

A esposa do estalajadeiro os convenceu a aproveitar a oportunidade e almoçar. Logo lhes servia ovos e pernil, muito mais saborosos que o queijo com picles característico da maior parte das pousadas. Para acompanhar, Conrad pediu sidra caseira, insistindo em que Kamala bebesse um pouco.

Quando partiram, a chuva já parará e a lauta refeição os aquecia.

Infelizmente essa gostosa sensação não durou muito. Um vento úmido começou a soprar fustigando-lhes o rosto, tão forte que chegava a retardar os cavalos, por corajosos que fossem para enfrentar aquele mau tempo.

Duas horas mais de viagem deram a Kamala a sensação de estar completamente congelada. Recomeçava a chover e, embora mal se pudesse enxergar a estrada, os grandes arvoredos de lado a lado indicavam que qualquer fazenda, casa ou vilarejo estava bastante longe.

— Maldição! — Conrad exclamou em dado momento. — Não podemos continuar desse jeito. Temos de encontrar um abrigo o quanto antes.

— Deve haver... alguma estalagem mais à frente — Kamala tentou animá-lo, a voz muito trêmula, embora duvidasse do que estava dizendo.

— Há cerca de oito quilômetros procuro uma aldeia e não vejo nada, nem mesmo chalés espalhados pelo campo.

A força do vento era impressionante. Kamala estava gelada demais para falar ou sugerir que se abrigassem dentro do bosque mesmo. As últimas forças que tinha reservava para o esforço de manter-se em cima do cavalo.

Nesse momento Conrad curvou-se para o lado e, segurando as rédeas de Rollo, virou-o bruscamente para a direita.

— Estou vendo alguma coisa ali na frente — gritou. — É melhor arriscarmos indo até lá do que continuarmos nessa tempestade.

Aos poucos aquele vulto distante se avolumou até transformar-se em um celeiro em ruínas. Mesmo assim Conrad entrou, fazendo girar a porta sobre dobradiças que gemiam tetricamente. Ao menos teriam um teto para protegê-los e aos animais:

Para sua surpresa, no entanto, descobriu que ali dentro havia uma grande quantidade de feno.

— Já é melhor do que nada — resmungou, provocando ecos lúgubres nas vigas carcomidas pelo tempo.

Uma abertura na parede do fundo o convidou a entrar. Kamala

desmontou com dificuldade e ficou esperando. Pouco depois, ouviu seus gritos:

— Venha ver! Que sorte tivemos!

A passos trôpegos, as pernas recusando-se a obedecê-la, Kamala o seguiu.

Do outro lado da parede ficava uma pequenina cabana, de um único cômodo. Suas janelas tinham sido fechadas com tábuas e a porta externa estava trancada. Mas a principal atração que oferecia naquele momento era uma lareira de pedra, toda suja de cinzas, porém ainda com alguns pedaços de lenha seca depositados a sua frente. Talvez algum outro viajante, ou mesmo um mendigo, a tivesse utilizado há pouco tempo.

— Vou acender o fogo para nós — Conrad anunciou. — Está com frio?

— Con... gelando... — Kamala esforçou-se para dizer entre os dentes que batiam sem parar.

Sentia tanto frio que até o casaco úmido era bem-vindo. As mãos pareciam não lhe pertencer.

Ela voltou ao celeiro para recostar-se um pouco sobre o feno. O frio a entorpecera demais para pensar no que precisava ser providenciado.

Mais tranquilos, os animais comiam a forragem na outra extremidade do celeiro.

Kamala fechou os olhos e só voltou a abri-los quando sentiu a aproximação de alguém.

— Venha comigo. — Era Conrad chamando-a. — O fogo já está aceso, logo a cabana vai ficar toda aquecida.

Vendo, porém, que Kamala mal se mexia, ele a tomou nos braços e a carregou para o interior da cabana. Não se esquecera de forrar a frente da lareira com feno, e ali a depositou.

— Precisamos tomar cuidado para o feno não se incendiar — advertiu —, ou vamos nos ver em encrencas realmente sérias. Não pela cabana, que nem deve ter um proprietário, mas sim porque ficaríamos sem um teto para esta noite.

— Por favor, não... — Kamala murmurou. — Sou incapaz de ir mais além.

— Não se preocupe com isso — Conrad replicou. — Às vezes acho que só penso em minha capacidade, não na sua.

— Eu... estou bem.

Percebendo que realmente seu cansaço era grande demais, Conrad retirou-lhe as luvas molhadas. Preocupado com seu bem-estar, apalpou

também o casaco que ela usava.

— É melhor tirá-lo — disse então. — Está muito molhado.

Prestando mais atenção, viu que a barra da saia parecia encharcada.

— Tire também a saia. Podemos deixá-los perto da lareira para que sequem mais depressa.

E, assim dizendo, Conrad começou a puxar-lhe o casaco de sobre os ombros. De repente percebeu que Kamala não tirava os olhos dele, aparentemente chocada.

— Não posso tirar a saia — disse ela afinal. — Pelo menos... não na sua frente.

— Ora, Kamala... Lembre-se, somos irmãos — Conrad brincou. — Não está usando roupa de baixo?

Como não obtivesse resposta, ele continuou:

— Será assim tão repreensível que eu lhe peça para tirar a saia antes que se esfrie ou apanhe uma pneumonia? Aliás, deixei que me visse parcialmente desnudo, que me lavasse e massageasse meus ombros.

— Não sei por que, mas parece... diferente — ela respondeu, a voz muito baixa.

— Está bem, prometo que não olho — Conrad prometeu, sorrindo, como se falasse com uma criança. — Vou aproveitar para trazer mais feno. Quando tiver se despido, sugiro que se deite e o utilize para se cobrir.

Ele já ia saindo quando Kamala, muito timidamente, perguntou:

— Acha mesmo que estou sendo... infantil demais?

— Tudo o que sei é que no momento sou responsável por você, não posso deixar que adoeca! Não sou um enfermeiro tão habilidoso quanto você, mas prometo dar o melhor de mim.

Depois que ele saiu Kamala rapidamente tirou a saia de montaria. Só estava molhada dos joelhos para baixo, mas dava razão a Conrad: se continuasse com ela a noite inteira, sem dúvida adoeceria, principalmente depois de passar tanto frio na estrada.

Ao menos as botas se prendiam bem nos tornozelos e ainda mantinham secos seus pés.

Ela deixou a saia molhada no chão, sentou-se e puxou um pouco do feno sobre as pernas cobertas pela roupa íntima.

— Já posso entrar? — Conrad perguntou do celeiro, os braços cheios de mais feno.

— Sim — ela respondeu. — Você... está rindo de mim?

— Eu seria incapaz de algo tão indelicado — disse ele enquanto

acomodava o feno no chão ao lado dela.

— Deve estar me achando... uma tola.

— Um dia prometo lhe dizer tudo o que realmente penso a seu respeito — Conrad respondeu. — Mas não agora. Estamos gelados e famintos demais para isso.

Só então ela se deu conta do estômago vazio.

— Devia ter providenciado algo para comer na última vez em que paramos — ele continuou. — Para ser sincero, imaginei que seria mais fácil encontrar outra estalagem.

Impaciente, Conrad pôs-se a inspecionar a cabana mais uma vez. Pouco depois desaparecia na abertura que dava para o celeiro.

Kamala o ouviu remexendo aqui e ali, até que de repente passos apressados trouxeram-no de volta à cabana.

— Você pode não acreditar — ele anunciou —, mas acabo de encontrar algumas batatas! Vamos assá-las no fogo, ao menos servirão para abrandar nossa fome.

— Este sempre foi um dos meus pratos prediletos, desde criança — Kamala comentou, mais animada agora que o feno começava a aquecê-la.

Algumas batatas estavam estragadas e foram atiradas para um canto. Mesmo assim, comeram até se fartarem, achando-as deliciosas.

— Um pouco de conhaque nos aqueceria ainda mais — Conrad observou, acomodando-se ao lado de Kamala. — Todo marinheiro carrega uma garrafa consigo para o mar, mas em terra firme...

— Se fizermos uma lista de tudo o que deveríamos ter trazido, encheríamos um livro — ela replicou. — A cada dia descubro uma dezena de objetos básicos que deixei de incluir entre meus pertences quando fugi.

— Como o quê, por exemplo?

— Lenços, um cachecol de lã, meias mais grossas! Oh, há centenas de itens. Mas, como mamãe costumava dizer, “o que não tem remédio remediado está”!

Conrad riu e levantou-se para reanimar o fogo.

— O melhor é enxergar o lado bom de tudo o que está nos acontecendo. Se essa lenha não estivesse aqui, eu teria de sair para apanhar gravetos. E, com a chuva que caiu, dificilmente encontraria algum que pudesse ser usado. Só espero que tenhamos o suficiente para a noite toda.

Conrad olhava para a madeira como quem duvidasse do que falava, até que de repente levantou-se e saiu para o celeiro. Voltou trazendo um pedaço de uma grande viga de carvalho que um dia ajudara a sustentar o

teto.

— Foi uma das primeiras coisas que me chamaram a atenção quando chegamos — explicou. — O fogo a consumirá lentamente e nos manterá aquecidos enquanto dormimos.

— Parece que o frio está aumentando.

Kamala estremeceu toda enquanto assim dizia. Conrad estendeu a mão para o casaco, mas ainda estava úmido demais. Mais uma vez voltou ao celeiro para apanhar feno, empilhando-o em volta dela de forma a cobri-la quase que por completo.

— Não é a colcha mais bonita que você já viu — ele brincou —, mas servirá bem ao propósito a que se destina.

— Estou certa de que sim — ela respondeu, corajosa.

O vento soprava cada vez mais forte. Ao mesmo tempo que se sentia grata por aquele lugar, Kamala tinha medo de que o teto ruísse sobre eles.

Mas a pequena cabana resistira a inúmeras tempestades, e mesmo quando a chuva voltou, entrando aos borbotões no celeiro, o lugar onde haviam se acomodado permaneceu seco a noite toda.

— Dê-me suas mãos — Conrad pediu, vendo-a estremecer.

Verificou então que todo o calor que tiveram segurando as batatas quentes desaparecera.

— Vamos ter de ficar bem juntos um do outro — disse ele. — Certa vez em alto-mar, na região do Ártico, percebemos que a única forma de não congelarmos era dormindo o mais próximo uns dos outros. O calor do corpo é mais eficaz que qualquer fogueira ou cobertor.

Colocando em prática o que acabara de dizer, Conrad passou o braço ao redor de Kamala e puxou-a para perto, ordenando:

— Deite-se e ponha o braço esquerdo dentro da blusa. Kamala fez como ele dizia.

— Agora dê-me sua mão direita.

Bastante surpresa, Kamala viu Conrad enfiá-la dentro do casaco dele, contra sua camisa. Puxando-a mais, fez com que ela apoiasse a cabeça sobre seu ombro e, com a mão livre, cobriu a ambos com feno.

Kamala ficou tensa, tão embaraçada se sentia. Era estranho, assustador mesmo, ficar mais perto de um homem do que jamais estivera.

Sentia o palpitar do coração de Conrad sob os dedos, o ombro forte sustentando-lhe o rosto, o braço dele pesando-lhe confortavelmente sobre o corpo.

— Procure relaxar — ele pediu, a voz muito suave e reconfortante. —

De nada adiantará ficar chocada por estarmos assim tão próximos. É a única forma de evitar que você amanheça coberta com uma camada de gelo, dura como uma pedra!

A provocação surtiu efeito. Kamala riu e se descontraiu um pouco, dando-se conta de que, embora surpresa, na verdade não estava, chocada.

— Assim é bem melhor! — disse ele. — Começava a achar que estava deitado ao lado de uma vassoura!

— Estou aqui imaginando... o que certas pessoas diriam se nos vissem agora.

— Com certeza uma porção de coisas desagradáveis. Mas é pouco provável que alguém nos descubra neste lugar. Na minha opinião o problema é outro. Você acha que está fazendo algo errado tentando evitar transformar-se em um imenso bloco de gelo?

— Claro que não, mas... — Kamala parecia hesitar, mas por fim criou coragem e expressou seu pensamento: — Se eu fosse realmente sua irmã, você ficaria aborrecido em saber que dormi assim... tão perto de um homem?

Conrad pensou por alguns instantes antes de responder:

— Em circunstâncias semelhantes, tudo dependeria do homem... e da mulher.

— O que poderia fazer uma mulher de errado? — Kamala quis saber, visivelmente surpresa.

— Nada que eu possa lhe dizer no momento. Ela deixou escapar um suspiro.

— Eu sou bastante ignorante, não sou?

Antes de ouvir uma resposta, sentiu que os braços dele a apertavam involuntariamente.

— Vamos, Kamala — disse ele então —, durma. Com certeza o dia de amanhã nos reservará alguma outra aventura.

Tais palavras conseguiram excitar a imaginação de Kamala.

Realmente viviam uma aventura, tão empolgante e inesperada que dela se lembraria pelo resto de sua vida.

A mão contra o peito do amigo aos poucos ia se aquecendo. Era agradável a sensação de segurança que a proximidade dele transmitia, como se todos seus temores, tanto do passado quanto do futuro, tivessem sido definitivamente eliminados.

Com um suspiro e sem percebê-lo, Kamala aconchegou-se um pouco mais contra ele. As pálpebras pesadas de sono cerraram-lhe os olhos e ela adormeceu.

Labaredas de fogo desenhavam estranhas formas nas paredes rústicas da cabana, enquanto lá fora uivava lúgubre o vento. Alheio a tudo isso, Conrad Veryan continuou acordado por muito tempo.

CAPÍTULO IV

Na manhã seguinte, Kamala viu que estava sozinha. A princípio não conseguiu identificar onde se encontrava, até que as vigas rústicas sobre sua cabeça e a cinza fumegante na lareira lembraram-na.

Para onde Conrad teria ido?

Por um momento experimentou uma sensação de pânico: e se ele a tivesse deixado? Porém, no mesmo instante, ouviu um assobio alegre vindo do celeiro, seguido do relinchar dos animais.

Kamala levantou, limpou-se do feno espalhado por todo seu corpo e vestiu a saia que cuidadosamente fora deixada a seu lado.

“Conrad deve tê-la colocado aqui”, pensou, e enrubesceu ao lembrar-se de que dormira nos braços dele naquela noite, usando apenas roupa íntima.

Rapidamente vestiu-se e arrumou os cabelos da melhor forma possível. Em seguida entrou no celeiro, no momento em que Conrad abria as portas externas. Os cavalos já haviam sido selados e pareciam bem-dispostos.

— Bom dia! — Conrad a cumprimentou. — Posso saber se a senhorita dormiu bem?

— Extraordinariamente bem, senhor — Kamala respondeu. — Nunca me deitei em cama mais confortável, e o serviço de sua estalagem é também muito eficiente.

— Lamento informar, no entanto, que será impossível servir-lhe um bom café da manhã. Sugiro assim que tratemos de reparar essa omissão o mais depressa possível.

— Concorde plenamente, pois estou faminta.

E Kamala riu, voltando para apanhar o casaco, que colocou sobre os ombros.

O dia estava lindo. A chuva da noite anterior lavara as estradas e perfumara o ar com cheiro de terra e mato. O céu tingira-se de um azul brilhante e soava mais alegre o canto dos passarinhos.

Partiram em boa marcha, os animais resfolegando e saltitando lépidos em saudação à natureza. Meia hora de viagem os conduziu a uma estalagem toda de madeira na entrada de uma pitoresca aldeia.

— Poderíamos ter chegado até aqui na noite passada — Conrad observou.

— Não valia a pena arriscar — Kamala replicou. — De qualquer forma, não nos cabe reclamar. Pessoalmente posso dizer que passei uma noite muito confortável.

— Eu... também.

Conrad olhava fixo para ela enquanto falava, e, embora não houvesse nada de especial em suas palavras, a expressão de seus olhos conseguiu intimidá-la.

Com certeza ele pensava na proximidade de seus corpos durante a noite. Kamala nunca estivera nos braços de um homem antes, mas Conrad não a fizera sentir medo.

Aliás, não poderia ter sido mais gentil, principalmente naquelas circunstâncias.

— Preciso agradecer-lhe — disse ela, dando vazão a um impulso.

— Por quê? — ele perguntou, acrescentando em seguida, de forma a dar a entender que compreendera: — Não há nada a agradecer. Você foi muito sensata... e corajosa.

Na estalagem aproveitaram para tomar um gostoso banho, e Conrad, para barbear-se. Um apetitoso café da manhã os esperava quando terminaram, e afinal seguiram viagem rumo à costa.

Os cavalos não se cansaram tanto naquele dia. Anoitecia quando pararam outra vez. Podiam poupar-se e aos animais agora, pois o dia seguinte os levaria a Southampton.

Kamala se recolheu naquela noite ao quarto que lhe fora reservado sentindo-se profundamente deprimida. Dentro de pouco tempo teria de separar-se de Conrad, e nunca mais se veriam.

Fora uma reconfortante novidade para ela ter um homem a seu lado, deixá-lo tomar as decisões, sentir-se segura com sua presença.

Além do mais, nunca em sua vida conhecera tamanho companheirismo. Conversavam, discutiam até chegar a um denominador comum sobre assuntos em que Kamala jamais esperara ver um homem interessado.

Conrad era instruído e educado, o que também muito a surpreendera. Acostumara-se a pensar em marinheiros como homens rudes, dedicados exclusivamente a conquistas físicas e amorosas.

Ele não só visitara países estrangeiros como também conhecera bastante sobre seus povos e os regimes políticos que os governavam. Dessa

forma se familiarizara com suas ambições e dificuldades.

— Para o povo em geral os problemas são comuns em todos os países do mundo — comentara certa vez. — Têm de encontrar trabalho, conseguir alimentos... sobreviver, enfim.

— E para os mais ricos?

— Esses passam o tempo em prazeres que só o dinheiro pode proporcionar, rodeados de conforto e concubinas!

Havia amargura em sua voz.

— Então é preciso ser rico para aproveitar a vida? — Kamala indagara.

Conrad não respondera de imediato. Afinal, em um tom muito diferente, respondera:

— Esta sua pergunta é muito pertinente, por esse motivo não merece uma resposta leviana. Não, Kamala, o dinheiro é incapaz de proporcionar os prazeres reais da vida, mas só os superficiais!

E prosseguira, depois de uma breve pausa:

— Sempre haverá o brilho do sol, a beleza da lua e, claro, o dom sublime do amor, para aqueles que sabem erguer os olhos do luxo e da cobiça.

Calara-se então. Embora ansiasse por saber se ele já encontrara o verdadeiro amor, Kamala achara melhor não perguntar, com medo de parecer inoportuna.

Lembrando-se agora de que aquela gostosa convivência chegava ao fim, os olhos de Kamala encheram-se de lágrimas.

“Será que algum dia tornarei a vê-lo?”, pensava, ao mesmo tempo duvidando dessa possibilidade.

Percebera que, embora conversassem sobre tantas coisas, Conrad pouco revelara de si mesmo.

Sabia que era marinheiro e, tão logo a visse sã e salva dentro da balsa para a França, trataria de encontrar um navio que o levasse à procura de novos horizontes.

Um impulso a fazia pensar em pedir-lhe para levá-la consigo. Mas se o fizesse estaria revelando que não tinha destino certo. Conrad poderia insistir em devolvê-la a Marcus Pleyton, e seria esse o seu fim.

Afinal, que outra solução poderia dar ao caso de uma jovem a vagar sozinha por um mundo tão hostil? Apesar de tudo, ela continuava sendo uma estranha a quem Conrad ajudara. Ele a conduzia até Southampton apenas porque também ia para lá. Era uma forma de retribuir-lhe os dias que ela perdera cuidando de seu restabelecimento.

Conrad se recuperara por completo do acidente. Apenas o ombro ainda lhe doía um pouco, o que era natural, considerando-se a gravidade da queda que sofrera.

Pensando em tudo isso, Kamala dormiu tarde naquela noite. No dia seguinte, os poucos quilômetros que os separavam de Southampton foram percorridos em silêncio, quebrado por Conrad apenas quando chegavam ao porto:

— Conheço uma pequena estalagem muito limpa e respeitável, onde me hospedei certa vez.

Ficava próxima do cais. Enquanto cavalgavam em sua direção, Kamala contemplava o mar, cinzento à luz mortiça daquele dia enevado. Um arrepio de medo a fez estremecer: na manhã seguinte estaria singrando aquelas águas, deixando definitivamente para trás um mundo que lhe era familiar.

“O que será que encontrarei pela frente?”, ela se perguntava. “Que problemas, que dificuldades? Saberei vencê-los... sozinha?”

Seu único consolo era o dinheiro que lhe restara. Mesmo se Conrad não conseguisse as setenta libras que pediriam por Rollo, qualquer que fosse a quantia obtida viria somar-se ao que ela já tinha, suficiente para mantê-la por vários meses, até que conseguisse um emprego.

“Vou percorrer todas as escolas de Le Havre perguntando se precisam de professora”, decidia.

Fluente no francês, falava, lia e escrevia com desenvoltura essa língua. Tudo graças ao pai, que sempre fizera questão de torná-la versada ao menos em uma língua estrangeira.

— Você está tão séria hoje — disse Conrad mais tarde, entrando na pequena sala de estar da estalagem Drake's Drum, onde a encontrou sentada, vigiando o fogo.

— Estava esperando você — Kamala respondeu.

— Já me informei a respeito da venda dos cavalos — ele continuou. — O estalajadeiro conhece um comerciante que nos dará um preço justo. Um menino foi chamá-lo para que venha conversar comigo assim que possível.

— E a balsa? — Kamala quis saber, esforçando-se ao máximo para que a voz não lhe falhasse.

— Ela atravessa o canal diariamente ao meio-dia, a menos que o tempo esteja muito ruim. Por isso, só ao amanhecer saberemos se você poderá embarcar.

— Pode-se ver o mar desta janela — Kamala sussurrou, voltando-se para trás.

Conrad sentou-se do outro lado da lareira.

— Tem certeza de que estará bem? — perguntou, percebendo que havia algo de errado com ela.

— S-sim.

— Sua tia sabe de sua chegada?

— Não.

— Então como pode ter certeza de que estará em casa, ou que mora no mesmo lugar? Você disse que não a vê há muitos anos, não foi?

— Meu... pai recebia muitas cartas dela — Kamala retrucou, sem encará-lo, com medo de que seus olhos denunciassem a mentira.

— Seus pais se afogaram em 1836. Portanto, essas cartas têm no mínimo três anos.

— É... verdade.

— Não acha que está confiando demais na sorte indo até Le Havre sem ter absoluta certeza de que sua tia ainda vive lá?

— Oh, vai dar tudo certo...

Conrad parecia prestes a dizer mais alguma coisa, mas de repente mudou de idéia. Um gesto rapidamente contido dava a entender que pretendia estender as mãos em direção a Kamala. Porém, em vez disso, de um salto pôs-se em pé.

— Vou dar uma volta pelo cais para ver quais navios estão atracados no momento. Não devo me demorar.

E saiu da sala sem dar tempo a uma resposta.

Depois de algum tempo Kamala subiu para o quarto e mudou de roupa, trocando o traje de montaria pelo único vestido que levava consigo.

Olhando-se no espelho, desejou ter algo diferente para usar naquela última noite. Algo que fosse realmente belo. Um vestido de tule azul cheio de saias e o decote baixo a revelar pescoço e ombros tão alvos.

Conrad nunca a vira assim. Iria admirá-la, achá-la bela ou, talvez... encantadora?

Certa ocasião usara um vestido azul que realçava bastante sua beleza. Pertencera a sua mãe e fora reformado para que pudesse aproveitá-lo.

Descera para jantar com ele, feliz porque a fazia lembrar-se dos dias alegres vividos em seu verdadeiro lar, onde o riso e a harmonia imperavam. As várias saias e as mangas bufantes, enfeitadas com delicadas fitas brancas e rosa, faziam-na sentir-se ainda mais romântica, princesa em um conto de fadas.

— Por que se vestiu desse jeito? Mais parece um cavalo de circo!

A voz rude do tio dismantelara os castelos que construía no ar.

— Este é um dos vestidos que mamãe me deixou, tio Marcus!

— Oh, mas é claro! Combina bem com a frivolidade que lhe era característica!

— Como ous... — Kamala começou, porém mordeu o lábio para não ir além.

Sabia que seu tio insultava a memória da pessoa a quem mais amara na vida apenas para provocá-la.

— Ia dizer alguma coisa, Kamala?

— N-não... tio Marcus!

Só o silêncio era capaz de privá-lo de uma desculpa para surrá-la por sua impertinência.

— Então vá se trocar imediatamente! Darei ordens para que queimem esse vestido. A lata de lixo é o melhor lugar para ele!

Por um momento Kamala o encarou, lançando chispas de ódio pelos olhos. Porém Marcus sustentou-lhe o olhar, um sorriso cruel retorcendo-lhe os lábios, até que ela lhe deu as costas e subiu.

Ele a odiava porque era bela, e sabia que, conquanto aparentasse subserviência, dentro de Kamala existia um orgulho e uma rebeldia que jamais conseguiria subverter.

Conrad era muito diferente, em todos os sentidos.

Por isso queria tanto que a visse bela. Depois de um longo tempo tentando arrumar os cabelos, continuava não se dando por satisfeita.

Gostaria muito de ser lembrada depois que cada um seguisse seu destino. Mas seria isso possível, agora que Conrad partia para uma nova aventura, certamente muito mais emocionante que a sua?

Com certeza encontraria um navio que o empregasse. Um navio de partida para a Índia, China ou África do Sul. Mas de que adiantaria saber qual seu paradeiro quando já não pudesse mais acompanhá-lo?

Tinha a nítida sensação de que nunca mais seria tão feliz como naqueles últimos dias. Pelo menos, jamais viveria outro momento como aquela noite em que ele a mantivera junto a seus braços para dissipar-lhe o frio.

Assim pensando, Kamala lentamente desceu. Esperava encontrar Conrad lá embaixo, pronto para a refeição, porém mais uma vez decepcionou-se ao chegar à saleta vazia.

Uma imensa solidão invadiu-a enquanto de novo se acomodava em frente ao fogo.

No mesmo instante seu coração sobressaltou-se ao ouvir soar aquela voz tão querida no corredor.

Conrad entrou na saleta esfregando as mãos para aquecê-las.

— Está fazendo um frio terrível lá fora — disse ele. — Não me surpreenderá nada se tivermos uma nevasca esta noite.

— Encontrou um navio para trabalhar? A voz dela soou estranha e hesitante.

— Encontrei diversos — ele respondeu. — Mas não se preocupe, Kamala. Tenho um vasto leque de opções a minha escolha. Quanto a você, as balsas não costumam partir cheias nesta época do ano, de forma que não terá dificuldade para embarcar.

Sua voz parecia dura e indiferente. Sentou-se na cadeira oposta a ela e abriu um jornal que carregava debaixo do braço.

— O *Times*! — Kamala exclamou. — Há algo de interessante acontecendo pelo mundo? Sinto como se tivesse me ausentado há anos da civilização.

Era com sinceridade que dizia isso. Afinal, as aventuras dos últimos dias tinham destruído qualquer noção de tempo que pudesse ter.

Alheios à existência de vilas e cidades, o contato que tiveram com outros seres humanos restringira-se a estalajadeiros, com quem pouco falavam para não levantar suspeitas. Kamala fugira de casa e talvez estivesse sendo procurada.

— Não, nada de novo — Conrad respondeu. — Apenas os mexericos de sempre: elogios ao príncipe Albert de Saxe-Coburg e Gotha e retratos da rainha... Não há nada que todos os povos do mundo gostem mais que saber da intimidade da realeza.

— Eu gostaria de ver a rainha de perto — Kamala comentou, sonhadora. — Ela é tão jovem e bonita! Espero que o príncipe Albert seja bom para ela.

— Estou certo de que será — Conrad replicou. — Ele me parece um bom sujeito, apesar da ascendência germânica.

— Você não gosta dos alemães?

— Acho-os afetados e formais em excesso quando são aristocratas e exageradamente agressivos quando simples cidadãos.

— Então é melhor evitar os navios alemães.

— Fique tranqüila com relação a isso... Esse erro não pretendo cometer.

— Conte-me quais os navios que encontrou no porto.

Conrad porém nada respondeu e ela o encarou surpresa. Parecia não tê-la ouvido, atento à leitura de algum artigo do jornal.

Sendo o último dia que passariam juntos, Kamala aborreceu-se por ele dedicar maior atenção a um pedaço de papel que a ela.

— Eu perguntei... — começou.

Mas de repente ele dobrou o jornal ao meio e o estendeu em sua direção, apontando para um artigo no meio da página.

— Talvez você possa me explicar melhor essa notícia — disse então, em um tom de voz desconhecido para Kamala.

Ela apanhou o jornal e viu a manchete. De repente, foi como se o chão fugisse de sob seus pés. Apavorada, rapidamente leu o que o jornal dizia:

Sobrinha de Rico Fazendeiro Desaparecida “O sr. Marcus Pleyton, proprietário do castelo de Bray, no condado de Berkshire, pede para qualquer pessoa que saiba do paradeiro de sua sobrinha, srta. Kamala Lindsey, que entre em contato com ele imediatamente. Noiva do general Warrington, a moça foi vista pela última vez cavalgando um cavalo chamado Rollo em direção à vila de Little Bay.

Aos dezoito anos de idade, cabelos louros e lindos olhos azuis, a srta. Lindsey reside no castelo desde a morte de seus pais, sr. e sra. Andrey Lindsey, ocorrida no ano de 1836, quando foram tragados pelo mar.

O sr. Pleyton, profundamente perturbado com o desaparecimento da sobrinha, teme que se trate de um seqüestro ou algo parecido. Oferece ainda a recompensa de cem libras por qualquer informação que o conduza à descoberta dela, seja lá onde for.”

Quando acabou de ler o último parágrafo, de um salto Kamala pôs-se em pé.

— Ele quer me encontrar! — gritou. — Chegou ao extremo de oferecer uma recompensa por minha captura! Meu Deus, e se alguém lhe disser onde estou... serei arrastada de volta ao castelo! Tenho de partir para a França ainda esta noite!

Sua agitação era tamanha que a fazia dizer coisas sem sentido.

— Mas pode ser que a balsa esteja sendo vigiada. Conrad, você tem de conseguir uma outra embarcação que me leve ao outro lado do canal! Um bote, uma jangada, qualquer coisa! Uma vez na França saberei me esconder... É um país tão grande... Só não posso deixar que me alcance... Não posso!

Assim dizendo, Kamala atirou ao chão o jornal e jogou-se nos braços de Conrad, que, surpreso, levantara-se também. Tremendo freneticamente, ela começou a chorar, desesperada.

— Salve-me... por favor, salve-me! — implorava. — Não deixe que me levem...

Conrad apertou-a forte em seus braços. Quando finalmente o choro tornou-se menos convulsivo, ele fez Kamala voltar à cadeira em que estivera sentada momentos antes.

— Está tudo bem agora — procurou tranquilizá-la. — Ninguém a encontrará neste lugar, fique certa disso.

— Não, você não conhece Marcus Pleyton... ele sempre ganha todas! É impossível escapar de suas garras!

Segurando-lhe as mãos, Conrad puxou uma cadeira mais para perto e sentou-se. Em seguida, a voz ainda muito suave, disse:

— Acho que agora você já pode me contar a verdade. Seu nome é Lindsey e não tem tia nenhuma na França. Acertei?

Ainda trêmula, Kamala respirava com dificuldade entre um soluço e outro.

— S-sim.

— Por que não me disse tudo antes?

— Por medo... Eu não queria ser um fardo para você...

— Sabia que eu não a deixaria ir para a França sozinha. — Conrad estava sério enquanto falava.

— Sim... sabia.

Ele soltou-lhe as mãos e recostou-se na cadeira. Kamala fitou-o com olhos aterrorizados.

— Você vai me ajudar... ou vai me devolver ao tio Marcus?

— Não posso obrigá-la a fazer algo que não quer — Conrad respondeu —, mas, por outro lado, é preciso que sejamos sensatos com relação a tudo isso.

— Tudo o que sei é: se eu ficar na Inglaterra, cedo ou tarde serei descoberta. Afinal, são cem libras que estão em jogo!

— Mesmo assim, você não pode ir para a França sozinha, Kamala! — Conrad exclamou, impaciente. — Será que não entende? Você é pouco mais que uma criança, e muito bonita também. O que acha que vai lhe acontecer?

— Posso arranjar um emprego — Kamala insistiu. — Vou percorrer todas as escolas de Le Havre me oferecendo como professora de inglês. Posso dar aulas particulares também. Ou mesmo ser governanta de crianças.

— E acha que alguém irá contratá-la sem referências que comprovem experiência e idoneidade?

Kamala não respondeu.

— Então... o que posso fazer? — perguntou afinal. — Prefiro morrer de fome em um país estrangeiro... a voltar para meu tio e ser obrigada a casar com o general Warrington!

Fez-se silêncio novamente. Momentos depois Conrad empurrou a cadeira para trás ao se levantar e atravessou a sala.

Vendo-o tão perturbado, ainda que hesitante, Kamala disse:

— Nada disso é problema seu, Conrad. Esqueça-se de mim! Não se preocupe, encontrarei uma saída. Deus há de me abrir uma porta.

— Será que Deus conseguirá protegê-la do assédio de homens maus que dificilmente a deixarão em paz? — ele perguntou, cético.

— Creio que sim... Além do mais, com as roupas que tenho, nem sequer notarão minha presença.

Um sorriso amargo desenhou-se nos lábios de Conrad ante tal resposta.

— Você é jovem e inocente demais! — concluiu. — Não faz idéia do mundo que existe lá fora, nem dos problemas que poderá enfrentar. Tenho de fazer alguma coisa, mas só Deus sabe o quê!

— Conrad — Kamala tentou argumentar novamente —, você nem me conhece direito, não tem qualquer obrigação para comigo. Vá e viva sua própria vida! Faça o que pretendia fazer antes que nossos caminhos se cruzassem.

— Acha mesmo que é possível? — ele perguntou.

Havia algo nessa pergunta e na expressão daqueles olhos que a deixou incomodada. Porém, antes que tivesse tempo de responder, ele continuou:

— Até agora preferi não lhe contar nada a meu respeito, mas creio que chegou o momento de fazê-lo. Sou o mais novo dos três irmãos. Minha mãe vive em Cornwall.

— Mas é claro! — Kamala o interrompeu. — Não foi à toa que achei familiar seu sobrenome: Cornish... Está intimamente ligado à história daquela região, certo?

— Isso mesmo. Porém sangue azul e feitos heróicos não são promessas de um polpudo rendimento no fim do mês! Assim sendo, abandonei os estudos aos dezoito anos de idade para me aventurar como marinheiro e, dessa forma, conseguir algum dinheiro.

— O que fazia em terra firme quando nos encontramos? — Kamala sentiu curiosidade em saber.

— De tempos em tempos visito minha mãe, que está muito enferma. Até a morte de papai, meus irmãos se incumbiam de cuidar dos dois, de

forma que eu podia passar períodos mais longos em alto-mar.

Ele fez uma pausa como que para lembrar a exata seqüência dos acontecimentos.

— Na última vez em que estive na Índia juntei uma quantidade de dinheiro bastante razoável: eram mais de mil libras. Pretendia dar a maior parte para meus pais e desperdiçar o que sobrasse em festas e divertimentos.

Fez-se um breve silêncio antes que prosseguisse:

— Não posso dizer que não vivi intensamente tudo o que o mundo me ofereceu. Sou um aventureiro, e gosto dessa vida. Nunca pensei em guardar dinheiro para a velhice, nem me importava saber de onde viria o próximo centavo. No mar sempre há muito o que fazer, por isso não me faltava trabalho.

Conrad caminhou até a porta e voltou-se novamente antes de continuar:

— Há três semanas, porém, ao voltar para casa, descobri que minha vida mudaria drasticamente. Meus dois irmãos resolveram seguir meu exemplo e se engajaram em um navio, mas morreram afogados tentando salvar a vida de alguns marinheiros cuja embarcação se destruiu ao bater nas rochas!

— Que horror! — Kamala exclamou.

— O pior de tudo foi descobrir que mamãe tinha piorado e estava muito fraca. Além disso, depois do enterro dos meus irmãos, nada mais foi feito na casa nem na propriedade. Os criados não haviam sido pagos, a terra deixou de ser cultivada e as dívidas da família aumentaram muito.

Conrad respirou fundo, pois era difícil lembrar tamanho pesadelo.

— Felizmente eu tinha dinheiro para os salários e as dívidas mais urgentes. Mas tenho de conseguir muito mais, em um breve espaço de tempo. A vida de minha mãe está por um fio. Só o cuidado constante de um médico e uma enfermeira poderá salvá-la.

Kamala respirou fundo.

— Foi por isso que resolveu vir a Southampton, à procura de um navio?

— Sim... esse é o motivo.

— Mas como vai conseguir o suficiente para sustentar sua mãe, os empregados e uma propriedade tão grande? — Kamala quis saber.

— Existem formas de se fazer dinheiro rápido no mar — ele respondeu. — Quando desci ao porto foi para procurar uma delas.

— E encontrou?

— Sim. Há um veleiro ancorado aqui pertencente a um homem chamado Van Wyck. Ele tem dupla nacionalidade, alemã e inglesa. É extremamente astuto e rico. Seu dinheiro provém dos carregamentos que faz entre diversos países do mundo, a maioria deles de cargas sem permissão para serem exportadas ou importadas.

— Trata-se então de um contrabandista? — Kamala perguntou.

— Mais ou menos. De qualquer forma, descobri que Van Wyck está de partida para o México.

— Que tipo de carregamento leva para lá?

— Talvez viaje vazio, porém deve voltar trazendo muito ouro e prata — Conrad respondeu. — Desde 1821, quando declarou sua independência, o México proibiu o livre comércio com o exterior de ambos os metais. Apenas o governo pode fazê-lo, mas duvido que o carregamento de Van Wyck traga um selo federal estampado por cima!

— E você vai acompanhá-lo? — Kamala perguntou, sabendo de antemão a resposta.

— Ainda não conversei com ele, mas são poucos os homens que têm a minha experiência em assuntos tão delicados.

— Estou certa de que Van Wyck vai querer tê-lo a bordo — Kamala disse, em voz baixa.

Por um momento Conrad limitou-se a fitá-la com ar consternado.

— Mas o que faço com você? — perguntou afinal.

— Esqueça-se de mim.

— E se lhe disser que é impossível?

Seus olhares se cruzaram e não conseguiram desviá-los. Kamala descobriu que mesmo respirar era difícil. Seus lábios se abriram e fecharam logo em seguida. Por um momento mágico e tresloucado teve a impressão de que não conseguiria se conter e se atiraria aos braços de Conrad.

Então ele caminhou até a janela, quebrando o encanto. Puxando a cortina para o lado, Conrad ergueu o caixilho como se precisasse com urgência de ar fresco. Imediatamente o frio entrou na saleta, trazendo junto o cheiro de maresia.

— Maldição! — exclamou de repente, ainda olhando para fora. — Malditas sejam todas as mulheres!

Kamala teve a nítida sensação de que tais palavras esbofeteavam-lhe o rosto. Queria fugir da sala, sabia que era preciso protestar, porém a voz não lhe saía da garganta.

Depois de algum tempo, quando a temperatura da sala já caíra

bastante, Conrad fechou a janela, batendo-a com força.

Kamala não desviou os olhos das chamas na lareira. Sabia que ele estava zangado e não pretendia irritá-lo ainda mais. Uma lágrima escorreu por sua face, porém preferiu não enxugá-la para não lhe atrair a atenção.

Conrad porém nada dizia, postado ao lado dela, tão grande e imponente que a fazia sentir-se menor e mais insignificante.

Uma outra lágrima seguiu a primeira, e dessa vez não o fez incólume, pois Conrad logo pediu:

— Pelo amor de Deus, não chore! Se há uma coisa que não suporto é ver uma mulher desfazendo-se em lágrimas.

— Eu... não estou chorando — Kamala murmurou, esforçando-se para não soluçar.

Conrad não respondeu, limitando-se a atirar um lenço em seu regaço.

Escondendo-o entre os dedos, Kamala aproveitou o pouco que lhe restava de autocontrole e pôs-se em pé.

— Eu... sinto muito — disse, e saiu correndo da sala. Já no quarto, teve de lutar muito contra o impulso de atirar-se sobre a cama e irromper em prantos.

Em vez disso, lavou o rosto com água fria, pensando: “Estou cansada e com fome, por isso me descontrolei desse jeito. Vou me deitar um pouco e descerei em seguida para o jantar. Não posso desperdiçar nossa última noite juntos aborrecendo-o”.

Tal pensamento agiu como um punhal que lhe penetrasse o coração, mas assim mesmo obrigou-se a deitar, ainda que não dormisse. Ao menos daria tempo para que Conrad se acalmasse.

Kamala desceu e encontrou o estalajadeiro prestes a servir a mesa que ocupariam, poupando seu retorno de qualquer estardalhaço.

Embora Conrad não fizesse nenhum comentário a respeito, Kamala teve a impressão de que se sentia envergonhado pela explosão daquela tarde.

Conversaram sobre trivialidades, assuntos que não tinham a menor importância para duas pessoas cujos destinos precisavam ser decididos nas próximas horas.

O estalajadeiro e sua filha os observavam. Ela era jovem e a todo instante lançava olhares furtivos para Conrad, que no entanto mal lhe notava a existência.

“Conrad tem o mesmo dom de papai”, Kamala concluiu. “Além de muito imponente, logo à primeira vista se percebe tratar-se de alguém importante.”

Nada tinha a ver com dinheiro ou roupas caras e bem talhadas, tendo por fundo um cenário luxuoso. Marcus Pleyton tinha tudo isso em abundância e no entanto continuava sendo um homem comum, incapaz de atrair olhares da multidão.

“As mulheres sempre serão atraídas por Conrad”, concluiu ela.

Afinal terminaram o jantar. Voltaram então para a saleta, onde podiam conversar a sós, sem risco de serem ouvidos.

— Estamos ambos cansados esta noite — Conrad observou. — Sugiro que deixemos nossos problemas para amanhã de manhã.

Kamala queria dizer que não conseguiria dormir quando todo seu futuro estava em jogo, mas teve medo de aborrecê-lo outra vez.

— Sim... claro — respondeu. — Talvez as soluções estejam em nossos sonhos!

— Raramente eles me são úteis — Conrad replicou com azedume.

Contra a vontade, Kamala se levantou pronta para subir. Teria preferido conversar mais um pouco, porém achava que iria contrariá-lo se fizesse tal sugestão.

A última noite que passariam próximos um do outro seria de mágoa, o pensamento de que Conrad não levaria boas lembranças suas a torturá-la.

— Boa noite, Kamala.

A voz dele parecia áspera, sem a cordial gentileza com que já se habituara.

— Boa noite.

Ela hesitava ainda. Queria dizer mais uma vez o quanto sentia estar sendo um tão grande embaraço, mas antes que tivesse tempo de fazê-lo entrou o estalajadeiro e anunciou:

— Acaba de chegar o comerciante de cavalos, senhor. Está a sua espera nos estábulos.

— Obrigado por me avisar, já estou indo — Conrad respondeu, dirigindo-se para a porta e desaparecendo corredor afora.

Abandonada, Kamala subiu para o quarto.

Olhando para a cama estreita, o tapete gasto, a mobília barata e toda arranhada, estremeceu.

Conrad dissera que certa vez se hospedara naquela mesma estalagem. Com certeza porque não tivera condições de pagar um lugar melhor. Afinal, tinha a mãe e famílias de empregados sob sua responsabilidade.

Pensando nisso, Kamala tomou uma resolução, já que não via outra alternativa para o impasse que se criara entre os dois.

Trocou a roupa que usava pelo traje de montaria. Era mais quente que o vestido e muito volumoso para ser carregado.

Colocou todos os poucos pertences e o vestido que acabara de tirar dentro do xale, amarrando-lhe as pontas em seguida. Sentando-se então na cama ao lado da trouxa, esperou.

Quase uma hora mais tarde ouviu Conrad subir. Percebeu quando aqueles passos tão familiares estacaram em frente de sua porta e prendeu a respiração, ansiosa ante a remota possibilidade de vê-lo entrar.

Mas ele devia tê-la julgado adormecida, ou talvez pensasse que era bobagem prolongar a discussão, pois segundos depois Conrad seguia para seu próprio quarto.

— Adeus — Kamala murmurou. — Que Deus o ajude e olhe por você.

O choro fechou-lhe a garganta mais uma vez e Kamala procurou pensar em algo mais prático. Assim sendo, vestiu o casaco e apanhou a trouxa de sobre a cama.

Seria melhor ir embora na ponta dos pés o quanto antes. Se deixasse para mais tarde, poderia ter dificuldade em encontrar acomodações para a noite.

Vagamente lembrou-se de ter ouvido que as estalagens recusavam a presença de mulheres desacompanhadas em suas dependências e experimentou um súbito medo de sair sozinha às ruas de Southampton.

E se encontrasse bêbados pelo caminho, se algum homem lhe dirigisse a palavra? Não fazia idéia de onde encontraria um local respeitável para se alojar.

Mas, por fim, munindo-se de toda a coragem de que ainda dispunha, disse para si mesma: “Tenho de aprender a cuidar de mim mesma!”

Escolhera ser independente, não podia agora agarrar-se a um homem que não a queria.

— Por favor, meu Deus... me ajude!

Ia acender a luz para examinar-se pela última vez no espelho quando bateram à porta. Tamanho foi o susto que a deixou paralisada no meio do quarto.

Bateram outra vez, mas, como ela não respondesse, Conrad entrou. A claridade do corredor denunciou a cama vazia e mais que depressa ele acendeu a luz.

O coração de Kamala teve um sobressalto e ela empalideceu, enquanto Conrad examinava sua triste figura, em pé no meio do quarto, o casaco preto cobrindo-lhe a roupa, a trouxa pendurada no braço.

— Algo me disse que você poderia estar fazendo uma bobagem dessas — disse ele afinal. — Aonde diabo pensa que vai?

Sua pergunta pareceu ecoar por todo o cômodo até cair no silêncio novamente. Kamala, por sua vez, só tinha olhos para a ferocidade na expressão do rosto dele, no ódio que via ali estampado.

— Aonde você estava indo? — Conrad tornou a perguntar.

— Eu... vou embora — ela conseguiu balbuciar.

— Isso é óbvio!

— Não pretendo incomodá-lo por mais tempo.

— Ah, você pensava isso de mim? Kamala, como pode ser tão tola?

De repente aquela voz grossa tornou-se gentil outra vez, fazendo brotar lágrimas no lindo par de olhos azuis que ele encarava até que, envergonhada, Kamala virou o rosto para o lado.

— Deixe-me ir... Não quero ser mais um fardo sobre seus ombros. Você já tem tanto com que se preocupar... Afinal, sei que não tenho... a menor importância em sua vida!

— Acha mesmo que eu seria louco a ponto de permitir uma coisa dessas? — Conrad insistiu.

Sua voz suave a fez erguer os olhos e, instintivamente, aproximar-se dele.

Os braços de Conrad cercaram-na e Kamala escondeu o rosto contra seu peito forte.

— Eu sinto muito... Só queria fazer... o que me parecia ser o mais correto.

— Eu decidirei sobre isso.

Kamala sentia-se como um barco que chegasse ao porto depois de tempestuosa viagem. Como era bom saber que podia entregar-se nas mãos da pessoa em quem mais confiava na vida! Estava a salvo afinal, exatamente quando se julgava sozinha e desamparada.

Conrad afastou-a, firme porém com grande delicadeza, e, tirando o casaco de sobre seus ombros, pediu:

— Não vamos mais permitir que impulsos de sacrifício inúteis como esse se intrometam entre nós.

— E-está bem — Kamala concordou, um tanto envergonhada.

— Posso confiar ou serei obrigado a levar este casaco e o resto dos seus pertences para meu quarto? Você não resistiria muito tempo sem eles no frio que faz lá fora.

— Eu não vou fugir mais... prometo.

— Tem certeza?

— Dou-lhe minha palavra de honra.

— Está bem, eu aceito — disse ele, sorrindo. — Agora deite-se e durma. Os atos heróicos são invariavelmente fatigantes!

Um sorriso frágil chegou a brincar-lhe nos lábios, porém logo voltava ao rosto de Kamala a expressão triste e preocupada.

— De qualquer forma, se amanhã a balsa não sair, temos de perguntar ao estalajadeiro se poderia continuar aqui sozinha. Caso contrário... o sr. Van Wyck partirá sem você.

— Haverá outros navios — Conrad disse, como se não desse importância ao fato.

— Se ao menos eu pudesse acompanhá-lo... — Kamala finalmente revelou seu maior desejo. — Talvez precisem de uma camareira no navio, ou quem sabe... não percebam a presença de uma passageira clandestina.

Conrad olhou para aquele rostinho angelical, os enormes olhos azuis brilhando mais, tal sua ansiedade.

— Acha mesmo que alguém a tomaria por uma reles camareira? — perguntou, sorrindo.

Então de repente a expressão de seu rosto se alterou e ele calou-se.

— Tive uma idéia — explicou afinal, ainda que lentamente. — Talvez não passe de uma grande loucura... mas podemos tentar!

CAPÍTULO V

“Vencemos! Apesar de todos os perigos... nós vencemos!”

Deitada em plena escuridão, Kamala repetia para si própria, vezes sem conta, as mesmas palavras, sentindo que o veleiro começava a deslizar sobre as águas.

Do convés vinha o barulho de homens correndo para todo lado, das velas açoiadas pelo vento, do suave bater das ondas contra o casco.

Estavam a caminho afinal! Seguiam velozes para longe do porto, dentro em breve chegariam a mar aberto.

Kamala sentiu todos seus músculos relaxarem, só então se dando conta da tensão que vivera nas últimas horas, enquanto pacientemente esperavam.

— Se nos descobrirem antes de atingirmos o alto-mar — dissera Conrad —, estaremos perdidos.

Mas tinham conseguido. Obstáculos que pareciam intransponíveis foram vencidos! A fantástica estratégia de Conrad dera certo. A sorte estava lançada!

Ele, que fizera questão de explicar cada detalhe do plano para Kamala, com certeza também se alegrava por aquela grande vitória.

Mas o fato era que tinha muito mais a ganhar que ele. Conrad teria partido naquele veleiro de uma forma ou de outra.

Quando soube, do plano que ele elaborara, Kamala julgou-o enlouquecido.

Mas aos poucos uma doce excitação tomou conta de seu ser. Acima de tudo, porém, Conrad permaneceria a seu lado, e isso era tudo o que importava.

Podia ainda ouvir-lhe a voz sussurrada:

— Acha mesmo que eu seria capaz de deixá-la? Depois disso todo seu medo e depressão se foram. Não era mais preciso temer o futuro, Conrad não a abandonaria, não a deixaria entregue à solidão, obrigada a enfrentar um mundo hostil e assustador sem seu braço forte a lhe servir de arrimo.

Enquanto se lembrava de tudo isso, soaram gritos no convés e um súbito estrondo ecoou, como o de um tiro de canhão. Todo o veleiro

estremeceu e o som das ondas açoitando o casco e o tombadilho da embarcação se intensificou. Rapidamente ganhavam velocidade.

Havia algo de fascinante em imaginar o belo veleiro branco com seus três grandes mastros singrando o mar azul enquanto os primeiros raios de sol tingiam o horizonte.

“Esta é a maior aventura de que já participei”, Kamala pensava.

Ansiava por falar a Conrad e saber se estava tão entusiasmado quanto ela.

Era estranho sabê-lo deitado no chão, fortemente amarrado pelas cordas que ela própria passara ao redor de suas mãos e pés, e com um lenço a amordaçá-lo.

Conrad se amordaçara primeiro. Tinham ensaiado na estalagem exatamente como fariam para se amarrarem antes que os descobrissem na cabine do barco.

— Temos de ser convincentes — Conrad não se cansara de repetir. — Nem por um instante sequer podem duvidar de nossa história. Van Wyck é um homem muito esperto. Se desconfiar que tudo não passa de uma encenação para levá-la a bordo... prefiro nem pensar nas conseqüências!

— O que ele poderia fazer? — Kamala perguntou, temerosa.

— Não vamos nem discutir o assunto — Conrad retrucou. — Mas fique atenta, Kamala. Não podemos nos dar ao luxo de cometer um erro sequer, por menor que seja, que levante suspeitas.

— Pode deixar, serei cuidadosa... muito cuidadosa — ela prometeu.

Aliás, teria prometido qualquer coisa, tal a felicidade que sentia por continuar ao lado dele. Mesmo assim, a encenação combinada para a noite seguinte lhe parecera por demais irreal.

Era uma charada, *uma performance* teatral na qual representariam os papéis principais. Porém, mais que um bom resultado de bilheteria, estavam em jogo suas vidas e um futuro que nem o mais mirabolante dos sonhos poderia imaginar qual seria.

Conrad sentara-se na cama de Kamala na estalagem e, enquanto explicava o que fariam, as peças foram se encaixando como em um quebra-cabeça.

— Mais uma vez seremos irmão e irmã — ele começara. — Pessoas de um certo nível. Descemos até o cais para matar uma antiga curiosidade sua. Você estará usando um vestido de noite, e isso é tudo o que poderá levar.

Ela olhou-o espantada e Conrad repetiu:

— Isso mesmo, só poderemos contar com o que estivermos usando na

ocasião, e nada mais. Jóias, dinheiro e tudo o que tivermos de valor serão roubados pelos ladrões.

— Que ladrões são esses? — ela perguntou, aturdida.

— Não pude nos defender pois eram quatro contra um — Conrad continuou. — Além de levarem nossos pertences, ainda nos deixaram desacordados, quando então devem ter amarrado nossas mãos, amordaçado nossas bocas para que não gritássemos e nos atirado para o fundo desse navio, de forma que ninguém nos libertasse tão cedo.

Demorou um pouco para que Kamala compreendesse tudo o que aquele plano implicava, mas, quando finalmente se deu conta de que, se tudo desse certo, chegaria ao México ao lado de Conrad, seu rosto radiante traiu-lhe a alegria.

— Pode ser que eu esteja fazendo tudo errado — Conrad concluiu, olhando-a bem dentro dos olhos. — Mas não consigo pensar em outra alternativa.

— O que me importa é que estaremos juntos — Kamala declarou, sincera.

Nesse instante, porém, aproveitando o silêncio que se fizera, ela perguntou, a voz muito baixa:

— Tem certeza... de que quer me levar com você? Não seria melhor para você... me deixar aqui?

— Acho que já provamos um para o outro que isso não é possível — ele respondeu, secamente.

Afinal, Kamala não conseguiria descobrir se Conrad estava contente por isso, ou se apenas ela impusera sua presença sobre ele.

Agora, com os pés amarrados e as mãos presas às costas por uma corda que ela própria passara ao redor das pernas e quadris, Kamala sentia-se feliz a ponto de chorar de alegria.

“Nós estamos juntos! Juntos em uma nova aventura”, pensou. “Aconteça o que acontecer, não permitirei que Conrad se arrependa por isso.”

Logo pela manhã ele a levava à mais elegante rua de Southampton para comprar um vestido de noite. Insistira em escolher pessoalmente, e Kamala descobriu deliciada que ele tinha um excelente gosto.

Foi por um bonito vestido de tafetá branco enfeitado com rendas que ele finalmente se decidiu. Disse que, de todos da loja, aquele era o que lhe realçava mais a beleza. Comprou também para ela um casaco de veludo preto enfeitado com pele branca para noite.

O capuz do casaco emoldurava-lhe o rosto, fazendo com que Kamala ficasse ainda mais parecida com um anjo que o Céu por engano deixara vir à Terra, como naquele momento em que ele recobrou a consciência, na fazenda da sra. Hayward.

Da loja de trajes femininos dirigiram-se para outra, onde encontrariam roupas apropriadas para um perfeito cavalheiro.

Em momento algum Conrad parecera mais belo a Kamala que trajando o fraque escuro, uma gravata larga e alta sobre a camisa branca bordada, as pontas do colarinho realçando seu queixo quadrado.

Tais compras abriram um rombo considerável nas economias de Kamala, há pouco tempo engordadas com a venda de Rollo. Sobrara no entanto um boa quantia, que ela confiou a Conrad.

— Quer depositar em um banco? — ele sugeriu.

— Não, mande-o para sua mãe, junto com o dinheiro que ainda tem — ela respondeu.

Conrad hesitou por um momento, como se constrangido por aceitar dinheiro de uma mulher.

— Entenda como um empréstimo — Kamala apressou-se a emendar.

— Quando voltarmos será um homem rico, poderá devolvê-lo. De qualquer forma, ninguém irá se beneficiar, a não ser o banqueiro, se o depositarmos. E você sabe melhor do que eu que poderá ser útil para sua mãe.

— Tem certeza de que quer fazer isso? — Conrad ainda perguntou.

— Absoluta — foi a resposta que ouviu. — Seria tolice de sua parte não reconhecer o bom senso no que estou lhe dizendo.

— Sendo assim, Kamala, muito obrigado. Farei como você quer.

E, dando vazão a um impulso, tomou a mão dela e beijou-a demoradamente.

Muito emocionada ao sentir aqueles lábios másculos roçando-lhe a pele, Kamala reconheceu no gesto a expressão de um carinho que julgava não mais existir.

Aos poucos Conrad voltava aos modos de antes, ainda que se mantivesse um pouco distante, como que determinado a evitar que o relacionamento entre eles não se construísse mais sobre base tão íntima.

Mas já não a perturbava tanto o tom de indiferença em sua voz. Ele permitira que o acompanhasse, e isso era tudo o que importava!

Depois de poucas horas de sono, Kamala de um salto sentara-se na cama, receosa de que Conrad pudesse ter mudado de idéia.

E se ele já tivesse deixado a estalagem? Poderia ter descido para um

passeio pelo porto, encontrado um navio de partida para uma aventura ainda mais emocionante e subido a bordo, decidindo que não valia a pena comprometer seu futuro por uma pessoa a quem mal conhecia.

Afinal, já pagara com juro o favor que devia por Kamala ter cuidado de seu pleno restabelecimento depois do acidente.

Torturava-se dessa maneira enquanto rapidamente se vestia no momento em que ouviu os passos pesados do estalajadeiro subindo as escadas. Pouco depois ele batia na porta do quarto de Conrad, de onde soou aquela voz tão familiar:

— Entre!

Kamala soubera então o quanto fora infantil. Mesmo assim precisava descer antes de Conrad. Não queria dar chance ao azar!

Com o transcorrer do dia, porém, ele mostrou-se mais sério que de costume.

— O importante é não esquecer os detalhes — Conrad mais de uma vez lembrara. — Sou seu irmão mais velho e me ausentei de casa por longos anos. Como você não conhece Cornwall, não se deixe envolver em discussões muito longas a respeito do condado. Sempre é possível que algum marujo a bordo conheça bem a região.

Depois de um momento, acrescentou:

— Melhor ainda: você vivia com nossos parentes porque papai não queria vê-la educada em uma parte tão esquecida da Inglaterra.

— Fique tranquilo — Kamala respondeu —, não me esquecerei de nada do que está me dizendo.

— Muito bem. Só mais uma coisa: de agora em diante seu sobrenome é Veryan — ele disse, com um sorriso tímido nos lábios.

— Não vai mudar meu primeiro nome? — Kamala quis saber.

— Não, ele combina com você.

Voltaram à estalagem depois de comprar também as cordas com que seriam amarrados. Atento a todos os detalhes, Conrad cuidou de providenciar cordas usadas e com aparência de gastas.

— Os ladrões não seriam tão precavidos a ponto de andarem com cordas novas para uma eventualidade dessas — ele brincou. — O mais provável é que as roubassem no próprio cais.

Conrad comprou ainda dois lenços de algodão cru, tais como aqueles que marinheiros e estivadores usavam em volta do pescoço.

— Seria melhor se estivessem sujos — admitiu —, mas creio que nas atuais circunstâncias temos de blefar um pouco também. Vamos molhá-los e

deixar que sequem naturalmente. Ficarão com aspecto de usados.

— Para que servirão? — Kamala perguntou.

— Como mordanças. Você usará um, e eu, o outro.

— Mordanças?

O tom de Kamala era de total incredulidade.

— Se não estivesse amordaçada, não iria gritar por socorro? Neste caso alguém a ouviria antes que o barco deixasse o porto.

Não demorou para descobrir o quanto ele estivera certo. Pouco antes de o veleiro partir um homem desceu e entrou em uma das cabines da popa.

Kamala ouvira seus passos se aproximando e teve a impressão de que o coração ia parar de bater, tal era seu pavor. Mal conseguia respirar.

E se ele entrasse na cabine, descobrindo-a deitada na cama e Conrad no chão? Haveria tempo para que os libertasse. Seriam devolvidos a terra firme, e tudo não teria passado de uma inútil aventura.

Fora Conrad quem escolhera a cabine em que ficariam.

— Agora é tudo uma questão de tempo — dissera, enquanto desciam para o porto. — Claro que um pouco de sorte também é bom.

— Tenho certeza de que isso não nos faltará — Kamala retrucara. — Foi a sorte que trouxe o barco do sr. Van Wyck a este porto e que me fez conhecer um. homem tão inteligente como você!

— Não provoque o destino cantando vitória antes do tempo — Conrad advertira, sorrindo.

Desceram todo o cais depois do jantar. Haviam pago ao estalajadeiro com dinheiro reservado especificamente para esse fim, dizendo que iam a uma festa em casa de amigos e lá se hospedariam.

A história da festa pareceu convencer o bom homem, que achou natural vê-los de trajes para noite e ainda concordou em guardar a bagagem que supostamente mandariam buscar dentro de um dia ou dois.

— Não se preocupe, senhor — dissera —, as malas estarão seguras aqui comigo.

Embora cheio das mais variadas embarcações, não encontraram ninguém no porto até chegarem ao *Aphrodite*, o veleiro de Van Wyck.

Com as luzes acesas e seus mastros altos e elegantes sobressaindo contra a escuridão da noite, Kamala achou-o muito bonito. Junto com a brisa salgada do mar e o grito distante das gaivotas, formava um cenário em perfeita harmonia com a excitação que experimentava.

— Vamos subir já? — perguntou, em um sussurro, ao chegarem em frente do veleiro.

Conrad puxou-a para as sombras do atracadouro antes de responder:

— Descobri que Van Wyck desceu a terra firme para jantar. É provável que demore bastante.

— O que me diz dos marinheiros? — Kamala insistiu.

— Se os conheço bem, hão de aproveitar até os últimos minutos de folga. Mas devem ter ficado alguns de guarda no veleiro.

— E será que não nos verão entrar?

— Não, se formos rápidos e bastante astutos. Protegidos pelas sombras, esperaram, ouvidos atentos ao menor ruído.

Apesar do perigo iminente, Conrad parecia calmo e seguro de si, os olhos brilhando muito, refletindo as luzes do veleiro.

De repente, sem desviar os olhos, ordenou:

— Vamos esperar aqui. Quando der o sinal, siga-me o mais rápido que puder, mas sem fazer barulho!

— O que vai fazer? — Kamala perguntou, cada vez mais assustada.

Com os olhos mais acostumados à escuridão, via agora os dois homens sentados sobre o convés do veleiro.

“Devem ser os guardas que Conrad mencionou”, concluiu.

Seria impossível atravessarem a prancha estreita e descer até as cabines sem serem notados.

Estava prestes a chamar-lhe a atenção para a impossibilidade de tal projeto quando Conrad fez sinal para que se calasse.

No mesmo instante ouviram um estrondo ensurdecador, como se alguém soltasse fogos de artifício no porto. Logo surgiu, boiando à deriva sobre as águas, um pequeno escaler todo iluminado pelos fogos. Atravessava lentamente escunas e demais embarcações ali ancoradas. Quando se aproximou do cais, podiam-se ver panos e palha seca espalhados sobre o tombadilho, que rapidamente se incendiaram. O curioso, porém, era que parecia não ter ninguém a bordo.

De todos os navios próximos àquele local surgiram homens correndo para ver o que acontecia. Alguns gritavam, outros praguejavam, todos preocupados em evitar que o escaler abalroasse algum outro navio e também o incendiasse.

Mais que depressa, Conrad pegou Kamala pela mão e puxou-a. Com uma velocidade incrível atravessaram a prancha do veleiro e penetraram nas profundezas de suas cabines.

Pelo canto dos olhos Kamala viu os marinheiros incumbidos da guarda inclinados para a frente, sobre a amurada, entretidos em apreciar a

grande confusão que se armara, certos porém de que não corriam risco.

Pelas escotilhas entrava alguma luz, suficiente para guiar os dois intrusos até as cabines da popa. Conrad abriu a primeira porta. Havia luz acesa no interior e Kamala conseguiu ver roupas masculinas espalhadas por todo lado. Obviamente, a cabine estava ocupada.

Conrad abriu outra porta. Ali também havia um casaco masculino sobre o encosto de uma cadeira, um pincel de barba e outros apetrechos de toalete sobre uma cômoda alta.

Uma terceira porta foi aberta. Essa cabine estava às escuras. Conrad puxou Kamala para dentro, mas deixou a porta aberta de forma que ela pôde ver os contornos de uma cama, uma cadeira e outras peças de mobília.

Luxuosamente decorada, a cabine tinha um tapete grosso estendido no chão e uma cama extremamente confortável.

— Estamos a bordo, afinal — disse ele, a voz firme e tranqüila, depois de fechar a porta da cabine.

— Os fogos de artifício... aquilo foi idéia sua?

— Bastante dispendiosa, mas funcionou!

Assim dizendo, Conrad lhe estendeu um dos lenços de algodão, enquanto Kamala concluía que provavelmente fora aquele o destino do dinheiro que lhe entregara.

— Não se assuste — Conrad tranqüilizou-a. — Apenas reze para que dê tudo certo.

— Eu o farei — Kamala prometeu, num murmúrio. Embora não lhe pudesse ver o rosto, seu corpo estremeceu ante a proximidade um do outro.

Em seguida Conrad passou o lenço sobre a boca e virou-se para que Kamala o amarrasse firmemente na nuca.

— Está doendo? — ela perguntou.

Ele fez que não com um gesto de cabeça, estendendo o segundo lenço sobre os lábios de Kamala e amarrando-o sob seus cabelos, evitando apertar forte demais.

Foi preciso conter o impulso de abraçá-lo, de puxá-lo para junto de si, de forma a entregar-se a seus braços fortes como da outra vez naquela cabana. Mas Conrad já terminara e agora passava a corda ao redor das próprias pernas.

Isso feito, estendeu a ponta da corda para Kamala, que a enrodilhou em todo seu corpo até chegar aos pulsos. Conrad lhe ensinara na estalagem como fazer alguns nós complicados para manter bem juntas as duas mãos.

Em seguida Kamala circundou-lhe os ombros e amarrou a corda a suas

costas. Finda a operação, Conrad deixou-se cair sobre o tapete como se tivesse sido atirado ali.

Obedecendo a um gesto de cabeça que ele lhe dirigiu, Kamala começou a se preparar. Andando às apalpadelas ao redor da cama, deitou-se afinal e passou a outra corda por suas pernas, aproveitando um nó corrediço previamente preparado por Conrad para se amarrar inteira.

Afinal, depois de ter executado bastante bem aquele trabalho que lhe parecera tão difícil, tudo o que podia fazer era acomodar-se sobre a cama e esperar.

“Acho que este será o maior sacrifício que o plano exige!”, Kamala pensou.

Esperar, quando a qualquer momento podiam ser descobertos! E, caso isso acontecesse, dificilmente encontrariam outra alternativa para viajarem juntos.

Conrad lhe pedira para rezar. Tentou fazê-lo, mas descobriu que era impossível concentrar-se em qualquer coisa estando ele deitado a seu lado, em posição que lhe parecia extremamente desconfortável, talvez com a corda a machucá-lo.

Chegou a considerar a possibilidade de desvencilhar-se e soltá-lo também. Mas sabia que se o fizesse Conrad se aborreceria. Insistira diversas vezes em que não poderiam fazer um gesto sequer que levantasse suspeitas. No momento, só lhe restava mesmo esperar e rezar...

“Por favor, meu bom Deus, não permita que nos descubram cedo demais! Leve-nos em segurança... e juntos... ao México. E ajude Conrad a ganhar todo o dinheiro de que precisa para manter sua mãe doente e todos aqueles que dele dependem... por favor, meu Deus!”

Aos poucos, tudo o que haviam vivido desde o momento em que se atiraram à perseguição daquela raposa voltou-lhe à mente. Como fora estranho e excitante tudo o que acontecera! E Conrad mudara profundamente o rumo de sua vida.

“Eu Te agradeço, Senhor, por Conrad”, disse ela em seu coração. “Obrigada... muito obrigada.”

Uma hora se passou antes que os marinheiros voltassem a bordo. Deviam ser em grande número e estavam todos muito alegres. Um deles até cantarolava canções obscenas.

Felizmente ocupavam os alojamentos na proa. Não havia motivo para temer que entrassem nas cabines dos capitães.

O verdadeiro medo da descoberta veio horas mais tarde, quando

alguém entrou na cabine vizinha. Pouco depois outra cabine foi aberta e, quando seus ocupantes saíram, encontraram-se no corredor e puseram-se a conversar.

Falavam em inglês e Kamala ouviu-os comentar o quanto tinham se divertido, mas que a noite prometia muito trabalho com o vento forte que soprava.

Deviam ter descido apenas para vestir roupas mais apropriadas, ela concluiu, pois logo subiam outra vez.

Só então lhe ocorreu a possibilidade de o *Aphrodite* não zarpar aquela noite. Com certeza havia documentos que precisavam estar em ordem para serem liberados, ou Van Wyck poderia mudar de idéia, ou... tanta coisa podia acontecer!

Mas seus temores eram infundados. Há tempos sentira o veleiro mover-se, e àquela altura já deviam estar chegando ao alto-mar! Não se ouvia barulho de trovoadas ou chuva, apenas o longo e sibilante uivo do vento.

A noite maldormida e as tensões daquele dia foram demais para Kamala. Por isso, sem imaginar que tal coisa fosse possível, adormeceu.

A cama confortável, as cordas que não lhe feriam a pele, tudo isso contribuiu para um sono sem sonhos.

Ao despertar, assustada, descobriu que a luz cinzenta de uma nebulosa manhã infiltrava-se pelas escotilhas.

Tanto quanto lhe permitiam as amarras, Kamala respirou fundo e voltou-se para ver como estava Conrad.

Deitado na mesma posição desconfortável sobre o tapete, mesmo assim seus olhos lhe sorriram ao vê-la já desperta.

Nesse exato momento, porém, ouviram que alguém abria a porta de uma das cabines. Um pequeno aceno de cabeça de Conrad bastou para que ela soubesse o que devia fazer.

— Socorro! — gritou então, através da mordaça. — Socorro!

Para ajudá-la, Conrad batia os pés, mesmo amarrados, no chão.

— Socorro! — Kamala gritou outra vez. — Socorro! Percebeu que o homem, agora no corredor, estacara, com certeza para ouvir melhor. Conrad bateu os pés de novo e Kamala tentou gritar mais alto, contra a mordaça feita de lenço de algodão.

De repente a porta se abriu. Um homem alto e forte postou-se na entrada. Imediatamente Kamala adivinhou tratar-se de Van Wyck.

Seus cabelos loiros, sob a ação do sol, haviam se transformado em cobre, contrastando ainda mais com os fios brancos das têmporas. A pele

estava bastante marcada e gasta pelo bronzeado excessivo.

Ele a olhava completamente atônito até que afinal, aproximando-se da cama, desatou a mordaça de Kamala

— Quem é você? — perguntou. — O que faz aqui?

Era nítido o sotaque estrangeiro em sua voz. Enquanto perguntava, pôs-se a desatar a corda nos pulsos de Kamala.

— Eu... não consigo me lembrar ao certo do que aconteceu, mas... Oh, meu irmão! Será que ele está bem?

Van Wyck olhou na mesma direção que ela e mais que depressa ajoelhou-se para também livrar Conrad da mordaça. Em seguida, começou a tirar os complicados nós com que Kamala o atara.

— Obrigado — Conrad agradeceu, arfando. — Onde estamos?

— A bordo do meu barco — replicou Van Wyck —, o veleiro *Aphrodite*.

— O *Aphrodite*? Mas não é possível! — Conrad exclamou.

— Por que a surpresa? — Van Wyck quis saber.

Conrad conseguiu sentar-se na cama apoiando-se nas duas mãos. Em seguida levou-as à cabeça e apalpou cuidadosamente o couro cabeludo, como se lhe doesse muito um determinado lugar.

— Estou tentando me lembrar de tudo o que aconteceu — disse então.

— Sim, claro, alguém me bateu na cabeça. Imediatamente revistou os bolsos do casaco.

— Meu relógio! Meu alfinete de gravata! Foram-se! Presumo que minha carteira de dinheiro teve o mesmo destino. Maldição! Havia uma quantia razoável dentro dela!

— Levaram... o meu colar — Kamala disse da cama. — E o bracelete que pertenceu... a mamãe.

— Mas por que os trouxeram a bordo? — Van Wyck indagou outra vez, embasbacado.

— Não faço idéia — disse Conrad, assustado. — Talvez para que ninguém nos visse atirados ao chão, e pudessem fugir sossegados.

— É provável — Van Wyck concordou. — Lembro-me de ter lido recentemente que foi preso um ladrão tentando se desfazer de um relógio de ouro com uma coroa incrustada na caixa.

— Não estou em situação sequer de aspirar a uma coroa — Conrad replicou —, mas meu relógio tinha gravado o brasão de minha família.

Sorrindo, acrescentou:

— Bem, ao menos sejamos gratos por nossos assaltantes não nos terem

atirado ao mar!

Kamala não conseguiu conter um gemido de medo.

— Se tivessem feito isso... a essa altura já estaríamos... mortos!

Como se só então notasse que sua pretensa irmã estava tão abalada, Conrad perguntou:

— Tem certeza de que está bem, minha cara?

— S-sim... acho que sim — ela gaguejou. — Devo ter desmaiado quando o vi lutando com aqueles homens horríveis... Não me lembro de nada até que despertei em cima desta cama... amordaçada!

Kamala fez uma pausa e respirou fundo, antes de exclamar:

— Sua cabeça! Oh, Conrad, eles o machucaram? Eu... vi um dos homens... bater em você com um porrete!

Conrad tocou na cabeça novamente, experimentando-a.

— Não creio que tenham provocado um ferimento, mas está bastante dolorido o local em que me acertaram.

— Fiquei tão assustada! — Kamala confessou.

— Deve ter sido horrível! — Van Wyck disse, procurando ser simpático.

— Também tive medo quando descobri onde estávamos... Tive medo de não sermos descobertos... nunca.

— Foi muita sorte eu a ter ouvido — Van Wyck replicou. — Esta cabine não está sendo usada no momento.

Acabara de libertar Conrad, que se levantou com dificuldade, esfregando os pulsos para restabelecer a circulação.

— Quem quer que fossem os ladrões, sabiam dar um nó de marinheiro — observou Van Wyck. — Você jamais teria conseguido se desvencilhar sozinho.

— Já tinha imaginado isso — Conrad replicou. — Sou-lhe muito grato pela ajuda, senhor. Imagino que seu nome seja Van Wyck, certo?

O proprietário do veleiro sorriu.

— Presumo que já tenha ouvido falar do *Aphrodite*.

— E do senhor também — Conrad respondeu. — Sua reputação é grande por estas paragens.

— Posso saber o seu nome?

— Sou Conrad Veryan... Sir Conrad Veryan — ele respondeu, para surpresa de Kamala. — E esta é minha irmã.

Van Wyck curvou-se com exagerada cortesia na frente de Kamala.

— Sinto-me honrado, srta. Veryan.

— Mas o que faremos agora? — Kamala perguntou, em tom de desespero. — Como voltaremos para terra firme?

— A essa pergunta posso responder com grande facilidade — replicou Van Wyck. — Isso não será possível no momento! Há muito saímos da baía de Southampton rumo ao alto-mar. E, mesmo se quisesse voltar, o vento me impediria, a menos que arriscássemos inclusive nossas vidas em uma operação extremamente perigosa.

— Então o que faremos?

— Receio que não têm outra alternativa senão tornarem-se meus hóspedes.

Kamala olhou para Conrad como que à espera de uma confirmação.

— Como homem do mar sei que o sr. Van Wyck fala a verdade — Conrad comentou. — Não há nada que possamos fazer quanto ao nosso infortúnio senão aceitar sua amável hospitalidade.

— O senhor é um homem do mar? — perguntou Van Wyck, surpreso.

— Na verdade, sou. Até bastante recentemente fui capitão do *Norma*.

— Do *Normal* — Van Wyck exclamou. — Devo dizer que esse fato aumenta minha alegria em tê-lo hospedado em meu veleiro. Até em Amsterdã contam-se histórias sobre as aventuras mirabolantes que viveu escapando dos piratas!

— Sinto-me honrado em sabê-lo — disse Conrad, modestamente.

— Você afundou um barco deles, arruinou o outro e ainda conseguiu escapar ileso! — Van Wyck comentou, sorridente, esquecendo-se de qualquer formalidade.

— Tínhamos a vantagem de contar com um navio bem mais veloz.

— Foi uma proeza notável — Van Wyck insistiu. — Quero que me conte todos os detalhes mais tarde.

— Será um prazer — Conrad respondeu, sorridente. — Tempo é que não nos há de faltar para isso!

— Realmente! Mas creio que não se sentirá entediado estando de volta ao mar.

— Claro que não, embora essa aventura não estivesse nos meus planos mais imediatos. Na verdade esperava comprar meu próprio navio no próximo ano. Quando voltei da Índia, descobri que papai havia falecido e me outorgado a responsabilidade de administrar nossa herança.

— Se aceita um conselho, compre um veleiro — disse Van Wyck.

— Certamente me sentiria orgulhoso de possuir uma embarcação tão excelente quanto o *Aphrodite* — Conrad observou, com sinceridade.

— Faço questão de mostrá-lo a você. Mas creio que nosso problema mais imediato é servir-lhes um bom café da manhã e providenciarmos algumas roupas para que possam se trocar.

Olhando para Conrad, Van Wyck acrescentou:

— Somos mais ou menos do mesmo tamanho, mas não sei o que fazer quanto a sua irmã.

Kamala olhou para seu belo vestido de seda e rendas.

— Creio que este meu traje seja realmente pouco apropriado para uma viagem pelo mar — disse então.

— Está muito bonita assim — observou Van Wyck —, mas esse seu casaco é fino demais para o frio que enfrentaremos quando atingirmos as correntes do golfo.

Percebendo que o desespero voltava a anuviar o rosto de Kamala, ele apressou-se a acrescentar:

— Não se perturbe tanto assim com o problema. Spider saberá encontrar alguma coisa apropriada. A habilidade dele não tem fim para esse tipo de coisa.

— Quem é Spider? — Conrad quis saber.

— Meu valete — Van Wyck explicou. — Não poderia ter um nome mais apropriado, pois é muito habilidoso com a agulha. Sabe o que quer dizer Spider, não?

— “Aranha”, não é?

— Isso mesmo.

Van Wyck foi até a porta e, erguendo o tom de voz, chamou:

— Spider! Spider, venha até aqui!

Ouviu-se o som de alguém correndo e um homem pequenino, de meia-idade e calvo, surgiu à porta.

— Chamou-me, senhor?

— Sim, Spider. Esta dama e este cavalheiro foram assaltados e atirados dentro do nosso barco. Sinto-me encantado por tê-los a bordo, mas ao mesmo tempo não posso ficar tranquilo sabendo que nada têm senão a roupa que trazem no corpo.

— Isso não será problema, senhor — Spider replicou, com segurança.

— Muito bem, então. Agora deixe-me ver — disse Van Wyck, voltando-se novamente para seus hóspedes. — A srta. Veryan poderá ficar com esta cabine, que é a maior das duas disponíveis, e sir Conrad ocupará a seguinte.

— Mais uma vez insisto em dizer o quanto lamentamos impor nossa

presença em seu veleiro dessa forma — Conrad observou.

— Pois lhe asseguro que isso não é absolutamente necessário — Van Wyck respondeu, olhando para Kamala enquanto falava.

Foram tomar o café no salão do veleiro, mobiliado com um luxo que Conrad jamais encontrara no mar. Ali os esperava um homem pouco mais velho que Spider, a quem Van Wyck apresentou como o sr. Adalid Quintero, explicando mais uma vez a presença dos dois estranhos no barco.

— O sr. Quintero é um velho amigo meu — continuou. — Conhece o México como ninguém, além de ser um grande estudioso de metais e pedras preciosas.

Voltando-se então para Conrad, observou:

— Imagino que faça alguma idéia do motivo que me leva a empreender tão longa viagem.

— Pelo que sei, o *Aphrodite* costuma transportar cargas bastante valiosas — Conrad respondeu. — E, já que conta com a presença de um especialista a bordo, eu arriscaria dizer que se trata de um grande carregamento de ouro.

— Absolutamente correta sua suposição! — Van Wyck afirmou, sorrindo. — O ouro é realmente o metal que mais me fascina. Mas o sr. Quintero me deu uma outra sugestão, a qual prontamente acolhi.

— Realmente? E qual é ela? — Conrad indagou.

— Acho que podemos revelar nosso segredo a esses hóspedes — Van Wyck comentou com Quintero, falando em espanhol. — Afinal, não têm como descer a terra firme para nos denunciar, nem podem revelar nossas intenções a ninguém que já não as conheça!

Van Wyck e o espanhol riram a valer da brincadeira, como se não fossem entendidos pelos dois irmãos.

— O que pretendemos trazer do México — disse Van Wyck, inclinando-se sobre a mesa do café — é um carregamento que certamente interessaria muito à srta. Veryan.

— Por quê? — Kamala perguntou, incrédula. — Não posso imaginar o que seja.

— Trata-se de algo que todas as mulheres anseiam ter em grandes quantidades — disse Van Wyck, fazendo suspense. — O que uma dama como você haveria de desejar mais que qualquer outra coisa no mundo?

Kamala refletiu sobre a pergunta por alguns instantes. O que realmente queria era encontrar o amor. Mas era pouco provável que Van Wyck se desse ao trabalho de transportá-lo em seu veleiro!

— Algo que a tornaria deslumbrante — Van Wyck tentou ajudar naquele jogo de adivinhação —, embora não precise de nada para aumentar sua já estonteante beleza.

Kamala teve a incômoda impressão de que Van Wyck começava a dirigir-lhe a palavra em tom familiar demais, o que certamente não lhe permitira nem o desejava. Assim sendo, voltou-se para Conrad em busca de auxílio.

— Você também não consegue adivinhar o que é? — Kamala perguntou. — Sempre se saiu melhor que eu nessas brincadeiras.

— Pode ser — Conrad replicou —, mas ainda sinto a cabeça doendo terrivelmente, de forma que tenho uma boa desculpa para não me mostrar alerta como de costume.

— Teve sorte por não sofrer um ferimento mais grave — Van Wyck intrometeu-se. — Esses bandidos costumam bater sem dó nem piedade.

— Só sinto não ter a oportunidade de prendê-los e entregá-los à polícia — disse Conrad, em tom exasperado. — Sei que foi imprudência minha levar Kamala para ver os barcos, mas ela estava tão ansiosa em fazê-lo, uma vez que deixaria Southampton logo pela manhã. Cedi aos seus rogos e agora pagamos por isso.

— Mas não de forma por demais dolorosa, espero eu — interveio Van Wyck, sorrindo.

— No que diz respeito a sua hospitalidade, claro que não — Conrad replicou. — Somos mais que gratos à sorte que nos trouxe ao seu veleiro. Mas, por favor, queira revelar-nos esse misterioso segredo.

— Está bem. Quintero e eu esperamos trazer na volta à Europa, em grande quantidade, muitos diamantes!

— Diamantes! — Kamala exclamou. — Extraordinário!

— Achei que pensaria assim — retrucou Van Wyck.

— Diga-lhes, Quintero, o que me contou a esse respeito.

— A verdade é que existe uma quantidade quase inacreditável dessas pedras no México — respondeu o espanhol. — Ficariam atônitos em ver como se enfeitam as damas desse país, tal a quantidade que possuem. Usam-nas em volta do pescoço, nas orelhas, nos pulsos... Nenhum mexicano, exceto um perfeito *lépero*, ousaria pedir a mão de uma moça sem lhe oferecer um par de brincos ou um colar de pérolas incrustado de diamantes!

— Que fascinante! — Kamala exclamou. — Mas o que é um *lépero*¹.

— Vadio, em espanhol! — respondeu Quintero, sorrindo. — Para ser sincero, essas pedras são tão abundantes que mesmo as crianças as usam.

Existe também o costume de que toda viúva rica, para morrer em paz, deve deixar seu maior diamante ou pérola para a igreja.

— E as pérolas também são valiosas? — Conrad perguntou.

— A maioria tem a forma de pêra — ele respondeu —, mas algumas são redondas e, claro, tornam-se as mais procuradas. Um colar de pérolas realmente grandes e redondas vale algo em torno de duzentos mil dólares. Os aristocratas mexicanos e espanhóis que vivem naquele país vêem as pedras preciosas como necessidades comuns, tais como sapatos ou meias.

— Acho muito interessante isso tudo — disse Conrad. — Além do mais, jóias são coisas fáceis de serem transportadas.

— Exatamente — foi a vez de Van Wyck concordar.

— No México há rubis e esmeraldas também? — Kamala sentiu-se curiosa em saber.

— Por estranho que pareça — Quintero respondeu —, os mexicanos só usam os diamantes sozinhos ou no máximo com pérolas. As pedras coloridas são consideradas lixo, o que acho lamentável. Mas diamantes são sinal de prestígio e posição social.

Percebendo que Kamala estava interessada, prosseguiu:

— Toda a região de Texataxo pertenceu a um conde chamado Regia antes da revolução. Esse conde era um homem tão rico que no batizado do filho fez com que todos os convidados caminhassem de sua casa até a igreja pisando em lingotes de prata. Certa vez a condessa brigou com a rainha da Espanha e mandou-lhe, em sinal de reconciliação, um chinelo de cetim branco todo bordado com enormes diamantes.

— Só um? — Kamala perguntou.

— Mesmo assim duvido que Sua Majestade tenha jamais pretendido usá-lo! — Quintero retrucou.

— Pelo que vejo, existe a possibilidade de fazer bons negócios no México — Conrad observou, dirigindo-se a Van Wyck.

— Assim espero — ele replicou. — No momento os diamantes brasileiros são os mais valiosos da Europa, mas ninguém até o momento pensou em levar pedras mexicanas para lá. Essa omissão eu pretendo reparar.

— Espero que me permita ajudá-lo.

— Podemos conversar a respeito — respondeu Van Wyck. — Enquanto isso, repito que é um prazer tê-lo conosco, e tenho certeza de que esta viagem, de outra forma tão monótona, deixará de sê-lo agora que contamos com a presença de sua irmã a alegrar-nos com seu charme e beleza!

Kamala estava sentada ao lado dele à mesa. Van Wyck aproveitou-se

dessa vantagem e, enquanto falava, tomou-lhe a mão e beijou-a, em um gesto nada convencional.

O inesperado toque daqueles lábios sobre sua pele nua a fez estremecer.

Não sabia ao certo por quê, mas daquele momento em diante teve a certeza de que Van Wyck não era a pessoa gentil e agradável que fazia questão de parecer.

CAPÍTULO VI

A despeito do mar bravio, Kamala descobriu satisfeita que não ficara enjoada.

Ao contrário, experimentava uma estranha alegria ante o barulho das ondas, o ranger dos mastros, o cheiro do alcatrão, do cordame e da água do mar.

Era capaz de ficar horas observando os marinheiros içarem as velas e lavando o convés, ou apenas olhando em direção ao horizonte, imaginando que mundo novo a aguardava mais além.

Os dias lhe pareciam sempre cheios de novidades, desde o momento em que se levantava até a hora de se recolher.

Mesmo porque era tudo mais difícil que em terra firme.

O simples ato de vestir-se, por exemplo, custava-lhe muito mais tempo, com o barco jogando sem parar.

Quando subia para o convés, era preciso estar atenta para não ser varrida pelo mar, nem se molhar inteira com as ondas mais fortes que batiam contra o casco, levantando verdadeiros esguichos d'água.

Nos dois primeiros dias a bordo sentira um frio intenso. Por isso, evitara abandonar o aconchego do salão. O vento cortante soprando lá fora, às vezes acompanhado do granizo, dificilmente conseguiria fazê-la mudar de idéia.

Para sua surpresa, porém, na segunda noite Spider a procurou, trazendo-lhe um vestido novo.

— Onde conseguiu esse tecido? — Kamala perguntou, mal acreditando no que via.

Spider lhe apresentara um elegante vestido verde-escuro de seda, porém revestido com um forro grosso, tornando-o bastante apropriado para aqueles dias frios. Tinha botões de pérola, além de punhos e colarinho enfeitados com renda branca.

— Aproveitei uma colcha que nunca foi usada, senhorita — ele respondeu.

— Uma colcha! — Kamala repetiu, acrescentando em seguida, ansiosa: — Tem certeza de que o sr. Van Wyck não irá se importar?

— Absolutamente, senhorita — Spider replicou, confiante. — Pode estar certa de que ele nem sequer desconfiava da existência de uma colcha dessa cor a bordo.

Kamala achou graça no que acabara de ouvir.

— Sendo assim, sou-lhe imensamente grata pelo lindo vestido que fez para mim. Mas e essa renda, de onde saiu?

— Não é renda, senhorita. Trata-se de um mosquiteiro. O sr. Van Wyck costuma abastecer o veleiro com grandes rolos desse tecido. Em regiões tropicais eles são de extrema necessidade.

Cocando então a cabeça, pensativo, Spider continuou:

— Poderia lhe fazer um belo vestido com isso. Faz muito calor nos Açores, é bom que tenha algo mais fresco para usar já desde as correntes do golfo.

— Parece ótimo — Kamala respondeu, sorrindo. Porém ainda era cedo para preocupações com os dias quentes que enfrentariam. Antes disso, Spider transformou uma toalha de mesa em um bonito xale de lã, com franjas em toda a volta.

Como um mágico que não se cansava de tirar coelhos da cartola, ainda fez surgir diante dos olhos estupefatos de Kamala uma belíssima jaqueta de cetim preto, com mangas longas e quentes e botões que subiam da cintura até o pescoço.

— Esse é um tecido mais difícil de encontrar — Kamala comentou, curiosa. — Onde o conseguiu?

Com sua timidez característica, Spider respondeu:

— Sir Conrad não teria mesmo oportunidade de usar seu casaco de noite nesta viagem.

A pequena jaqueta não só era bonita como também caía-lhe como uma luva, realçando ainda mais seus cabelos loiros. Era exatamente o que precisava para usar com o vestido de seda verde.

Lembrava-se penalizada do quanto Conrad fora obrigado a pagar pelo casaco, que no entanto só usara na noite em que subiram ao *Aphrodite*.

Mas era inútil preocupar-se com esse tipo de coisa naquele momento. Só lhe restava esperar que pudesse usufruir de parte do tesouro que Van Wyck esperava encontrar no México.

Ele e Conrad passavam os dias juntos, trocando idéias sobre navegação, o porto ideal para atracarem quando chegassem ao destino, onde encontrariam alguém de confiança que lhes indicasse o caminho para as pérolas e os diamantes.

Por sorte não estavam completamente a sós para cuidar dessa questão.

— Falo um pouco de espanhol — dizia Van Wyck —, mas não o suficiente para negociações tão importantes. Estou contando com você, Adalid.

— Espero não decepcioná-lo — replicava o outro.

Essa conversa deu a Kamala uma idéia. Certo dia, tão logo Van Wyck e Conrad subiram para o convés, ela virou-se para o espanhol e disse:

— Gostaria de lhe pedir um grande favor, sr. Quintero.

— Pois não — ele respondeu. — Estou ao seu inteiro dispor.

Hesitante, Kamala a muito custo conseguiu revelar o que tinha em mente:

— Tenho a intenção de aproveitar ao máximo esta viagem. Falo bem o francês e conheço do italiano o suficiente para compreender as óperas, mas, exceto algumas poucas palavras, o espanhol é uma língua completamente estranha para mim.

— Terei o maior prazer em ensinar-lhe — retrucou Quintero, adivinhando o que ela queria. — A senhorita vai descobrir o quanto as línguas que mencionou facilitarão o seu aprendizado.

Kamala ficou encantada com a disposição de Quintero de ensiná-la, e imediatamente decidiu dar o máximo de si para não decepcioná-lo.

Assim, logo depois do café da manhã, sozinhos no salão, começavam as lições.

Em pouquíssimo tempo Quintero constatava entusiasmado o grande progresso da aluna. Kamala conseguia até mesmo ler trechos dos livros que ele levava consigo.

O México era tema constante de quase todas as aulas.

— Por favor, não me entenda mal — Kamala pediu —, mas não é verdade que os espanhóis foram extremamente cruéis quando conquistaram o país?

— Não é preciso ter medo de me ofender com essa pergunta — Quintero replicou. — Meu pai deixou a Espanha ainda moço. Suas idéias liberais viviam em conflito com a autoridade imposta pela Igreja. Estabeleceu-se então em Amsterdã, onde se casou. Minha mãe era holandesa. Por isso, sinto-me à vontade para responder a sua pergunta dizendo que sim, os espanhóis foram verdadeiros monstros!

— Mas certamente hoje o México já superou essa triste passagem de sua história.

— A brutalidade dos conquistadores e os abusos da Inquisição jamais

serão esquecidos — replicou Quintero. — A Igreja ainda é proprietária de grandes lotes de terras. Além do mais, muitos espanhóis continuam residindo no país.

Depois de uma pequena pausa, ele continuou:

— Os espanhóis nascidos na Europa, chamados *gachupines*, embora em pequena quantidade, formam a aristocracia mexicana. Há também os *creoles*, ou espanhóis nascidos na América, porém não gozam da mesma importância na sociedade local.

— E o resto da população? — Kamala indagou. — Espero que não se aborreça com tantas perguntas, mas estou muito curiosa em saber o máximo possível a respeito do México.

— Considero um privilégio estar aqui conversando com você sobre esse assunto. Admiro quem sente o desejo de ampliar seus horizontes, conhecendo um pouco da vida de outros povos. Mas, respondendo a sua pergunta: no México ainda também se pode encontrar negros, trazidos da África, e os *sambos*, fruto da miscigenação dessa raça com a indígena.

— Vou fazer o possível para me lembrar de tudo — disse Kamala.

— Não posso me esquecer ainda dos mulatos e dos mestiços — emendou Quintero. — Estes últimos são uma feliz mistura de índio com branco. Suas mulheres, principalmente, são muito belas.

— Estou cada vez mais ansiosa por chegar ao México — Kamala confidenciou-lhe, sinceramente.

— Tenho certeza de que sua expectativa não se frustrará. Esta é a terceira vez que visito o país. Morei dois anos no México, percorrendo-o à procura de minas de prata, de escavações de ouro, e aprendendo muito sobre seu povo.

— Os homens são mesmo uns felizardos! — Kamala observou, suspirando. — Podem correr o mundo quantas vezes quiserem, enquanto às mulheres cabe o papel de esperá-los, cerzindo meias e tecendo blusas, eternamente entediadas!

Pensava em Conrad enquanto falava, para quem aquela era só mais uma viagem, ao passo que para ela representava uma experiência emocionante, como jamais sonhara viver.

Com o correr dos dias concluiu que se tornara quase impossível falar-lhe.

Van Wyck fazia questão de que Conrad o assistisse no comando do veleiro, e à noite reuniam-se todos no salão.

Depois do jantar jogavam cartas. Kamala não demorou a aprender o

uístes e vários outros jogos de azar, de forma que ajudava a compor parceria com quem quer que fosse.

Conrad fizera questão de deixar bem claro, desde o início, que as condições em que se encontrava não lhe permitiam fazer apostas em dinheiro.

— Caso contrário estaria lhe devendo uma fortuna no final da viagem — brincara ele certa noite, dirigindo-se a Van Wyck, depois de uma rodada de má sorte. — Seria obrigado a me empregar como mergulhador à caça de pérolas para saldar minha dívida.

— Vou lhe mostrar uma forma muito mais fácil de fazer dinheiro — Van Wyck replicara.

Kamala vira um súbito brilho de interesse nos olhos de Conrad, porém o holandês não voltara a tocar no assunto.

Incomodada, via o interesse de Van Wyck por ela aumentar a cada dia.

Não eram apenas seus cumprimentos melosos e exagerados que a desagradavam. Na verdade, achava insuportáveis a forma como ele se aproveitava para tocá-la durante um balanço mais brusco do barco e a frequência com que lhe beijava a mão. Mesmo seus olhos, que, impertinentes, a todo instante a procuravam, eram irritantes.

Dessa forma, era obrigada a manter-se continuamente em guarda, pronta para qualquer investida mais direta que ele pudesse tentar.

Gostaria de discutir o assunto com Conrad, mas ele parecia resolvido a negar-lhe sua habitual cortesia para adotar a gentileza fácil de um irmão.

Era educado, demonstrava atenção para com seu bem-estar, mas ela nem um só instante conseguira pilhá-lo sem a irritante indiferença com que resolvera tratá-la.

Deitada na cama, Kamala pensava que nunca mais voltaria a conhecer a proximidade e o companheirismo a que se acostumara enquanto cavalgavam em direção a Southampton.

Tinha saudade daqueles braços fortes envolvendo-a para protegê-la do frio da cabana em ruínas, ou no quarto da estalagem, transmitindo-lhe a segurança de que Marcus Pleyton jamais a encontraria.

“Conrad só está representando, para o nosso bem”, ela tentava se convencer, repetindo a mesma coisa vezes sem conta. Mas nem assim apaziguava a dor que lhe ardia no peito.

Sentindo-se tão só e abandonada, fora um conforto descobrir que pelo fundo de seu armário entrava uma réstia de luz. Um exame mais acurado revelou tratar-se de uma passagem secreta e que aquela luz vinha da cabine

onde Conrad estava.

Divertiu-se por algum tempo tentando imaginar quem seriam os ocupantes daquelas duas cabines que um dia sentiram a necessidade de se comunicarem por ali e que motivo os levara a isso.

Teria sido por precaução, de forma a garantir a segurança do proprietário do veleiro? Ou teriam dois amantes, impossibilitados de revelar ao mundo o sentimento que nutriam um pelo outro, criado aquele artifício para se encontrarem?

Levada pela curiosidade, aproveitou um momento em que Spider a procurara para consultá-la quanto aos detalhes de um vestido que recebia os últimos retoques e comentou:

— Esta cabine é tão luxuosa! O sr. Van Wyck deve receber hóspedes importantíssimos no veleiro.

— Isso é muito raro acontecer — respondeu o valete. — Na maior parte das vezes estamos em viagens de negócios, por assim dizer, e o patrão não gosta de ter por perto pessoas que possam interferir em seus assuntos comerciais.

— Quer dizer que a cabine fica vazia? — Kamala perguntou, olhando a seu redor, parecendo espantada com tamanha extravagância.

— Para ser mais exato, senhorita, esta é a melhor cabine de que dispomos. O sr. Van Wyck a ocupava quando adquiriu o veleiro, mas depois de algum tempo descobriu que se sentia melhor dormindo a estibordo, e mudou-se para o outro lado do corredor.

Em seguida Spider voltou a falar do vestido, um assunto fascinante para ele. Tendo descoberto em Kamala uma ouvinte exemplar, confidenciou:

— Se a vida tivesse me dado uma oportunidade, teria montado o meu próprio negócio no ramo da confecção. Fui aprendiz de um alfaiate com apenas sete anos de idade. Tudo o que sei aprendi com ele, um habilidoso profissional, muito responsável e querido por sua freguesia.

Remexendo acanhado na barra do vestido que trouxera, ele prosseguiu:

— Sempre me dei melhor com as roupas para as damas. Considero o feitio de um vestido obra de uma inspiração, tão necessária para mim quanto para um compositor em relação a suas melodias.

“A seu modo, é realmente um artista”, Kamala pensou.

Era visível o prazer de Spider por tê-la como modelo para suas criações.

Com duas camisas de Van Wyck ele fez um vestido de seda para noite.

Kamala sentia com prazer o tecido macio roçar-lhe a pele, acariciando-a.

— Vai precisar de musselina quando chegarmos a regiões mais quentes, senhorita — Spider lembrou. — Não será difícil comprá-la nos Açores. Acho curioso, mas no México as moças usam muito esse tecido, porém sempre branco. Ficariam muito melhores em cores alegres, porém costumam desprezá-las, julgando-as nativas demais.

Outro grande feito de Spider foi confeccionar um par de chinelas para os pés delicados de Kamala. Para isso aproveitou um colete de camurça de Van Wyck, fazendo o solado de corda trançada. Eram tão confortáveis que Kamala não tinha mais vontade de calçar outra coisa quando não pretendia sair para o convés.

E assim passavam os dias. Quando o mar não estava agitado, todos se trocavam para o jantar. Às vezes, ao apreciar uma excelente refeição regada a vinhos deliciosos, Kamala tinha a sensação de que viajavam em um barco encantado, rumo à mais brilhante das estrelas do céu.

Durante um desses jantares chegou a dar voz a esse pensamento.

— Tenho a impressão de que não iremos atracar em um porto do México, mas sim na Lua ou em Marte, até.

— Vênus seria mais apropriado — Van Wyck não perdeu a oportunidade de dizer, observando o brilho de seus olhos.

— Talvez eu esteja sendo exageradamente romântica. De qualquer forma, por tudo o que o sr. Quintero me contou, tenho certeza de que encontrarei um paraíso no México.

— De fato, principalmente nesta época do ano — o sr. Quintero confirmou, sorridente.

— E quando chegarmos a esse paraíso, como você o chama — Van Wyck emendou —, quem irá representar os papéis de Adão e Eva?

Embora aturdida com tamanha petulância e mau gosto, Kamala retrucou:

— Acho que está confundindo o paraíso com o jardim do Éden.

— Pois para mim, fosse qual fosse o lugar, seria o céu estando ao seu lado — Van Wyck insistiu.

Kamala não sabia o que fazer. Queria olhar para Conrad, pedir-lhe ajuda com os olhos, mas isso poderia ser perigoso. Não fora ele próprio quem não se cansara de lhe recomendar o máximo de cuidado?

— Creio que a comparação do México com o paraíso é um tanto exagerada — Conrad retrucou, voltando ao assunto. — O sr. Quintero deve ter se esquecido de contar a minha irmã da pobreza abjeta que assola o país,

dos mendigos e dos índios que alguns insistem em tomar como escravos.

— Não se trata de esquecimento, eu lhe asseguro — foi Van Wyck quem respondeu. — Quintero apenas não quis aborrecer tão doce criatura como sua irmã com essas coisas. Faço questão de lhe mostrar pessoalmente as belezas do país. Ouvirá o canto de pássaros multicoloridos e verá diamantes enormes, cujo brilho certamente empalidecera diante de olhos tão lindos.

— Pois creio que podemos deixar esse assunto para quando efetivamente estivermos no México — disse Kamala, em tom que esperava soasse casual. — Enquanto isso, por que não jogamos mais uma partida de uíste?

Pretendia dessa forma desviar a atenção de Van Wyck, mas infelizmente não foi bem-sucedida.

— Quero encontrar um colar de pérolas que tenham o mesmo tom suave de sua pele — disse ele.

— Agradeço sua gentileza — Kamala retrucou, com frieza —, mas sabe que eu não poderia aceitar um presente desses.

— Mudará de idéia quando vir o que tenho em mente — ele replicou.

Nervosa, Kamala olhou para Conrad, esperando que ele tomasse alguma atitude. Para sua surpresa, no entanto, descobriu-o conversando animadamente com Quintero. Com certeza não ouvira as bobagens que Van Wyck lhe dizia.

— Seu irmão não me parece tão orgulhoso — o holandês continuou, seguindo a direção de seu olhar. — Ao contrário, é um homem bastante ambicioso. Quer inclusive tornar-se meu sócio.

— Sendo assim, espero que você seja generoso o bastante para lhe oferecer essa posição — ela respondeu.

Fez-se um incômodo silêncio. Insegura, Kamala voltou-se para fitá-lo, porém mais que depressa desviou o olhar, amedrontada.

Havia uma inconfundível expressão no rosto de Van Wyck. Percebendo o que acontecera, ele aproveitou para completar:

— Isso só depende de você.

— De... mim? — Kamala gaguejou. — Não creio... que tenha entendido... o que você quis dizer.

— Pois acho que entendeu muito bem — ele retrucou.

— Se realmente gosta tanto do seu irmão, haverá de querer ajudá-lo, não é?

Um arrepio percorreu-lhe a espinha. Até então ele se limitara a caçá-la com os olhos, como que à espreita de uma raposa. Afinal saltava a sua frente.

Apavorada, Kamala tinha de fugir da linha de tiro.

Para seu alívio, no entanto, nesse instante Conrad levantou-se.

— Vou passear um pouco pelo convés — anunciou.

— Não quer me acompanhar, Van Wyck?

— Sim, claro.

Os olhos dele brilhavam, enquanto um sorriso maldoso rasgava-lhe o rosto, em sinal de vitória por ter conseguido perturbá-la.

Quando saíram, deixando entrar uma lufada de vento frio, Kamala respirava com dificuldade. Temia, não por si própria, mas por Conrad.

Quintero aparentemente nada notara de estranho. Muito tranquilo, apanhou o livro que lia naquela mesma tarde e convidou-a:

— Vamos continuar?

Sua voz trouxe Kamala de volta do mundo de suas preocupações.

— S-sim... vamos — concordou, ainda um pouco ofegante.

— Melhor ainda — disse Quintero, como se de repente lhe ocorresse outra sugestão. — Vou ler para você um diálogo em espanhol. Preste bastante atenção na linguagem utilizada. Verá que os mexicanos gostam de termos mais rebuscados que os espanhóis, principalmente quando se dirigem a pessoas com quem não têm intimidade.

— A educação com que falam os espanhóis é proverbial — Kamala comentou.

— Pois acrescente a isso o tipo mexicano e terá algo como um bolo de casamento excessivamente enfeitado.

A comparação conseguiu arrancar-lhe um sorriso. Nesse instante a porta do salão se abriu com violência e Van Wyck entrou.

Ignorando seus hóspedes, dirigiu-se a um armário no fundo do salão, onde imediatamente pôs-se a mexer, à procura de alguma coisa.

— Houve um acidente — disse afinal, sem se voltar.

— O que foi? — Kamala imediatamente perguntou, exclamando em seguida: — Conrad! Aconteceu alguma coisa com ele?

Enquanto falava sentiu como se mãos de aço apertassem seu coração,

— Não, seu irmão está bem. Foi um dos marinheiros que quebrou o braço. É problema sem maiores conseqüências, mas tenho de providenciar uma tipóia.

Novamente Van Wyck saiu. Kamala recostou-se na cadeira, o rosto pálido pelo susto. Por um momento imaginara que Conrad tivesse caído no mar.

Conrad, a quem tanto amava!

Finalmente se revelava essa grande verdade. Amava-o, como só uma mulher sabia amar, desde o momento em que o vira deitado naquele chão lamacento, após saltar sobre o portão.

Afinal, o que significava amar alguém? Um desejo insaciável de estar com o ser amado, uma necessidade de a ele se entregar, saber que não existia vida sem ele?

Fosse qual fosse a resposta, ao menos era o que sentia em relação a Conrad, apesar de todo o tempo que demorara para percebê-lo.

Mas agora tudo se esclarecia! Como um relâmpago, essa consciência a tomara de assalto, operando uma profunda mudança em seu interior.

Sentia o coração recomeçando a bater normalmente, e a cor voltava a seu rosto.

Apaixonada! Não era mais uma menina temendo pela própria independência, com medo de enfrentar sozinha o desconhecido, mas uma mulher que lutava por seu amor, maior até que ela própria!

“Eu o amo! Eu o amo! Eu o amo!”, repetiu para si mesma vezes sem conta.

Não fazia a menor idéia se Conrad tinha consciência daquele amor, ou se tamanho segredo se guardasse também para ele.

“Eu o amo!”

O simples fato de pensar nisso a fazia respirar com dificuldade, ao mesmo tempo que emprestava um novo colorido ao mundo e a tudo o que os rodeava.

Então lembrou-se de que precisava ser cuidadosa.

— Não podemos dar um passo sequer em falso — Conrad dissera.

Revelar naquele momento que seus sentimentos para com ele estavam longe de ser fraternos certamente significaria uma completa catástrofe!

Era preciso evitar, a todo custo, que principalmente Van Wyck descobrisse alguma coisa.

“Vai ser difícil continuar a enganá-lo”, concluiu. “Muito difícil mesmo! A cada dia ele tenta se aproximar um pouco mais de mim. Chego a visualizar suas mãos ásperas vindo em minha direção... prontas para me puxar, mesmo contra a vontade!”

A idéia de que outro homem pudesse tocá-la a enojava. Era Conrad a quem amava, Conrad que a fazia estremecer com sua presença.

Como não percebera que aquilo era amor?

Que denso véu lhe cegara a visão a ponto de não enxergar, deitada no chão daquela cabana, que seus braços fortes não lhe transmitiam apenas

conforto e segurança, mas também a realização de um grande amor?

Conrad! Conrad! Todo seu ser gritava em altos brados o nome daquele a quem pertencia.

De repente, porém, ouviu uma voz distante e contínua, e percebeu que o sr. Quintero lia uma longa passagem do livro, da qual não ouvira uma palavra sequer.

Quando Conrad e Van Wyck voltaram, os cabelos revoltos por causa do vento, os rostos molhados do respingo das ondas, Kamala viu satisfeita sua oportunidade de desculpar-se e ir para a cama.

— O marinheiro está bem? — perguntou, levantando-se.

— Sim. O imediato foi muito hábil ao imobilizar-lhe o braço — Conrad respondeu. — Não fosse assim, eu já teria solicitado sua ajuda.

— Sua irmã sabe lidar com esse tipo de coisa? — Van Wyck perguntou, surpreso.

— Muito bem, por sinal. Recentemente colocou no lugar minha clavícula, que deslocou ao cair do cavalo, durante uma caçada. Kamala o fez melhor que qualquer médico.

— Se gosta do ofício — exclamou Quintero, impressionado —, vai ficar fascinada com a quantidade de ervas medicinais que podem ser encontradas no México, srta. Veryan.

— Se não me engano — disse Conrad —, todos os historiadores espanhóis mencionaram o surpreendente conhecimento que os mexicanos tinham de ervas, na época da colonização.

— É verdade — assentiu Quintero. — Mesmo hoje em dia ainda se vêem nos mercados de rua inúmeras infusões, ungüentos, emplastros etc.

— Confesso que esse é um assunto que muito me atrai — Kamala observou.

— Então a primeira coisa que farei quando chegarmos ao México será levá-la a um desses mercados — interpôs-se Van Wyck.

Fingindo não tê-lo ouvido, ela pediu, dirigindo-se a Quintero:

— Gostaria de saber um pouco mais a esse respeito amanhã. Seria emocionante descobrir no México algo desconhecido dos nossos estudiosos ingleses.

— Tenho um livro muito interessante sobre o assunto em algum lugar — ele respondeu. — Vou procurá-lo e nós o estudaremos juntos.

— Que isso seja uma promessa — Kamala brincou, sorridente. — Boa noite, sr. Quintero.

Pretendia despedir-se de Van Wyck apenas endereçando-lhe um aceno

de cabeça. Porém, com um gesto, ele lhe pediu a mão, que, embora relutante, Kamala lhe estendeu. Levando-a aos lábios, Van Wyck demorou a soltá-la, ao mesmo tempo procurando tornar expressivos seus olhos.

— Boa noite, linda dama — disse então. — Durma bem, e sonhe com tudo o que faremos nesse paraíso a nossa frente.

Kamala retirou a mão rapidamente.

— Boa noite, Conrad — despediu-se, a voz um pouco trêmula, retirando-se em seguida do salão.

Já na cabine Kamala demorou a se despir, preocupada com Van Wyck.

Se tivesse oportunidade, pediria a Conrad que procurasse outra embarcação para eles nos Açores. Mas sabia que, por mais apreensiva que estivesse, jamais deveria lhe pedir para abrir mão dos sonhos de riqueza.

O dia seguinte trouxe mau tempo para a região que atravessavam. O veleiro jogava e rangia muito. As velas tiveram de ser abaixadas, enquanto ondas enormes invadiam o tombadilho, arrastadas pelo vento impetuoso.

Conrad e Van Wyck passaram o tempo todo no convés, dando ordens aos marinheiros, ajudando no que fosse necessário para controlar a embarcação.

Além de preocupada com Conrad, Kamala sentia falta de ar dentro do salão todo fechado, e no fim da tarde estava exausta de tanto ser atirada para todos os lados com o movimento do barco.

À noite o vento amainou um pouco e o mar seguiu-lhe o exemplo. Mais algumas horas e Conrad desceu para a cabine, seguido pouco depois por Van Wyck. Kamala também se recolheu cedo, com dor de cabeça.

O céu amanheceu azul, trazendo a promessa de bom tempo novamente:

Spider foi até a cabine de Kamala logo cedo. Trazia o vestido que prometera, feito com o tecido papa mosquito.

— Oh, é lindo, Spider! Muito bonito mesmo! — Kamala exclamou, examinando a saia rodada e a cintura estreita, que realçariam suas formas de mulher.

As mangas bufantes emprestavam-lhe um encanto todo especial. Ninguém seria capaz de dizer que aquele tecido não era a mais fina renda.

— Posso dizer sem medo de errar que é o mais belo vestido que já vi na minha vida — elogiou afinal, sem o menor exagero.

— Fico contente de que tenha gostado, senhorita — Spider declarou, um sorriso encabulado denunciando seu orgulho. — Espere só até chegarmos a Santa Cruz de Grada, nos Açores. Vou lhe preparar um enxoval completo.

— Por favor, não deixe de anotar tudo o que tem gasto comigo — ela pediu. — Assim que meu irmão tiver conseguido algum dinheiro, tenho certeza de que fará questão de reembolsar o sr. Van Wyck.

— Não se preocupe com isso, senhorita — Spider respondeu. — Estamos acostumados às extravagâncias do patrão, no que diz respeito às damas.

Os olhos de Kamala se arregalaram. Percebendo que falara demais, Spider tossiu nervoso e, desculpando-se, saiu da cabine.

Era bom sentir que o veleiro singrava suave as águas, movido pela doce brisa que soprava. O sol brilhava alto no céu, enchendo o convés com seu calor, de forma que Kamala podia subir sem levar a jaqueta.

Colocando-se junto à amurada, por alguns minutos deixou-se ficar admirando o oceano, enquanto o vento brincava em seus cabelos, enrodilhando-os por sobre o rosto.

— Amanhã chegaremos aos Açores.

Kamala se assustou ao ouvir aquela voz a suas costas, e sentiu o coração disparar quando se voltou e deparou-se com Conrad. Estavam a sós naquela parte do convés.

— Preciso conversar com você — disse ela, mansamente.

— Impossível — foi a resposta que ele lhe deu, sem desviar os olhos da linha do horizonte. — Talvez quando estivermos no porto, não antes disso. Até lá, por favor, Kamala, tome muito cuidado...

Fingindo acompanhar o vôo de uma gaivota, Kamala fitou-o pelo canto dos olhos, seus traços másculos e belos recortados contra o céu azul.

“Eu te amo”, pensou, ao mesmo tempo imaginando o que ele diria se pudesse ler pensamentos.

Mas sabia que Conrad não a amava. Devia sentir uma certa afeição por ela, talvez fruto da gratidão por tê-lo ajudado depois do acidente, mas era só.

“Eu te amo! Eu te amo!”, seu coração repetia, enquanto Kamala deixava escapar um suspiro.

Até que Van Wyck chamou novamente Conrad, e aquele breve momento a sós chegou ao fim.

Depois de mudar de roupa para o jantar, Kamala pendurou o vestido que estivera usando no armário. No mesmo instante a pequena fresta na divisória entre as duas cabines chamou-lhe outra vez a atenção.

E se usasse aquela passagem para falar com Conrad logo mais à noite, quando todos já tivessem se recolhido? O que ele pensaria a respeito?

Kamala sentiu as faces arderem ante tal idéia. Na fazenda da sra.

Hayward passara a maior parte do tempo no quarto dele, e Conrad também entrara no quarto que ela ocupara na estalagem.

Porém haviam sido situações especiais, que ninguém poderia julgar erradas.

No entanto, agora que estavam de volta ao mundo das convenções sociais, Conrad poderia achar sua atitude petulante e mesmo indecente.

Talvez concluísse que Kamala o perseguia! Devia ter conhecido inúmeras mulheres desse tipo em suas viagens.

Com toda certeza havia uma boa explicação para a existência daquela comunicação. Principalmente levando-se em consideração que Van Wyck ocupara aquela cabine.

E se a passageira ao lado fosse uma mulher casada, cujo marido dormisse a sono solto enquanto ela atravessava a passagem para encontrar-se com seu anfitrião?

Eram inúmeras as possibilidades, e todas... bastante desagradáveis.

"Se Conrad quiser falar comigo, encontrará uma forma de fazê-lo!", Kamala concluiu, afinal.

Jogaram uíste novamente aquela noite. Van Wyck usava de todos os artifícios imagináveis para tocar a mão de Kamala, em especial quando um dos dois distribuía as cartas.

Chegara até a encostar-lhe o joelho por sob a mesa, mas Kamala virou a cadeira de lado, de modo a frustrar mais essa aproximação.

Porém os cumprimentos e elogios eram impossíveis de ser evitados. A toda hora ele lhe dizia o quanto era bela, encantadora, uma deusa aos pés de cujo altar adorava, uma mulher que não precisava sair em busca do paraíso, pois era o único lugar de onde podia ter vindo.

Tantos elogios sufocavam-na, como se um enorme vagalhão a estivesse tragando.

Terminado o jogo, Kamala preferiu evitar por mais tempo a presença de Van Wyck e se despediu. Novamente ele lhe beijou a mão, demorando-se ao fazê-lo. Dessa vez, porém, foi como se quisesse dizer alguma coisa com a pressão que lhe fez nos dedos.

Um suspiro de alívio escapou-lhe pelos lábios ao verse outra vez na segurança da cabine. Queria estar chegando ao México no dia seguinte, e não nos Açores. Com o tempo bom e o calor dos trópicos, Van Wyck teria pouco que fazer no convés, podendo dedicar mais tempo à tentativa de conquistá-la.

Depois que se despiu e pendurou o vestido no armário, Kamala vestiu

a fina camisola que Spider confeccionara. Ele descobrira que seu vestido de noite era forrado com *chiffon*, embora isso fosse desnecessário, apenas um capricho de quem o fizera.

Dessa forma, Spider cuidadosamente o retirara e preparara aquela camisola, muito bonita e confortável. Revelava o contorno dos seios pequenos e pontudos de Kamala, suas coxas e quadris bem torneados. Prendia-se pelos ombros, por alças enfeitadas com dois pequenos nós.

Olhando-se no espelho depois de vesti-la, Kamala se perguntava se Conrad a acharia bela se a visse daquela forma. Imediatamente sentiu o rosto afogueado, ante a indecência de tal pensamento.

Antes de deitar, lembrou que não trancara a porta e atravessou a cabine para fazê-lo. No entanto, descobriu espantada que a chave não estava na fechadura.

Sua primeira reação foi imaginá-la caída no chão, ou talvez guardada em alguma gaveta. Vasculhou a cabine inteira, porém, e não a encontrou.

A chave estivera ali todas as noites, e agora simplesmente desaparecera!

“Talvez Spider a tenha levado”, pensou.

Mas sabia que tal possibilidade era pouco provável. Que motivos teria o valete para isso?

Olhando a sua volta, Kamala resolveu pegar uma cadeira e encostá-la na porta, prendendo a maçaneta com o encosto. Dessa forma seria impossível que alguém conseguisse entrar, por mais que forçasse a porta.

“Sei que estou sendo ridícula”, raciocinou. “Ninguém fará uma coisa dessas, ou já teria tentado nas noites anteriores.”

Mesmo assim, resolveu deixar a cadeira onde estava, como uma precaução extra.

Em seguida retirou o pequeno castiçal do suporte na parede e colocou-o ao lado da cama. Agora que a viagem seguia tranqüila e o veleiro não jogava tanto, pretendia ler um pouco antes de dormir.

Deitada, Kamala abriu um dos livros que Quintero lhe emprestara. Era um romance muito agradável, além de ensinar-lhe bastante sobre os costumes e a língua dos mexicanos.

Chegou a virar duas páginas do livro, mas de repente percebeu que não compreendera uma palavra sequer do que lera. Pensava ainda em Conrad e na maneira que encontrariam para ficar a sós nos Açores.

Tinha tanto para lhe dizer e mais ainda que gostaria de escutar!

Quando ficassem a sós, será que ele deixaria de lado a indiferença que

demonstrava desde o momento em que embarcaram? Voltaria a ser o homem que ela amava e com quem fora extraordinariamente feliz, embora na época ainda não compreendesse a profundidade e a força dos próprios sentimentos?

Um ruído quase inaudível a fez sobressaltar-se nesse instante. Parecera-lhe algo diferente dos rangidos do barco ou do assobio do vento.

O instinto a fez olhar para a porta.

A luz da vela ao lado da cama iluminava bastante bem o resto da cabine, a ponto de permitir que visse a maçaneta girar, muito lentamente.

O coração de Kamala pôs-se a bater freneticamente. Por um momento ainda tentou acreditar que fosse Conrad vindo a seu encontro para falar-lhe, como tanto queria.

A maçaneta girou outra vez, porém o encosto da cadeira a impedia de dar a volta completa. De onde estava Kamala teve a impressão de que seu visitante noturno agora forçava a porta, impaciente por constatar que ela não cedia um milímetro sequer.

De repente Kamala se apavorou. Algo de muito estranho estava acontecendo. Conrad teria batido na porta, de leve que fosse, mas jamais tentaria forçá-la.

Encolhida na cama, tremia dos pés à cabeça. Tinha vontade de gritar, mas a voz não lhe saía da garganta.

Reunindo toda sua coragem, resolveu lançar mão da única forma que lhe pareceu viável para escapar. Esgueirando-se para fora da cama, com muito cuidado abriu a porta do armário, entrou e fechou-a atrás de si.

Por um momento viu-se na mais completa escuridão, mas logo em seguida conseguiu vislumbrar o tênue fio de luz brilhando no fundo do armário.

Às apalpadelas Kamala acabou encontrando uma brecha na divisória, onde colocou os dedos e puxou, com toda a força. Para sua surpresa, porém, o fundo do armário cedeu com facilidade e deslizou para o lado, correndo silenciosamente sobre trilhos invisíveis.

Uma das portas do outro armário estava aberta, e por ali entrava a claridade que a guiara. Ansiosa, Kamala empurrou a segunda porta e entrou na cabine que Conrad ocupava.

Ele estava sentado junto à mesa em mangas de camisa, estudando alguns mapas. O barulho do armário que se abria o fez voltar-se, aturdido. Quando viu quem estava ali, pôs-se em pé de um salto e exclamou:

— Kamala! O que aconteceu?

Levando os dedos aos lábios, tremendo muito e bastante assustada, ela conseguiu murmurar:

— Tem alguém... tentando arrombar a porta da minha cabine!

Conrad não demorou mais que um segundo para dizer:

— Espere aqui! Vou ver quem é.

Abrindo a porta da cabine, ele saiu, fechando-a atrás de si. Ofegante, Kamala mal podia respirar enquanto prestava atenção em tudo o que acontecia do lado de fora.

— Oh, aí está você, Van Wyck! — ouviu Conrad dizer. — Queria mesmo encontrá-lo. Kamala procurou-me há pouco reclamando de estranhos barulhos em sua cabine. Suspeito que sejam ratos — acrescentou, dando ênfase à última palavra, como se pretendesse imprimir-lhe um segundo sentido.

— Ratos! — Van Wyck repetiu. — Mas nesse caso é preciso tomar alguma providência.

— Concordo plenamente — disse Conrad, em tom de zombaria. — Sabe como são as mulheres. Encaram com tranqüilidade um terremoto, mas ficam histéricas diante de um camundongo.

— Mas não quero que nada de mau aconteça a sua irmã — Van Wyck insistiu. — Farei com que dêem uma busca na cabine pela manhã. Tem certeza de que poderá acalmar-lhe os temores por esta noite?

— Espero que sim — Conrad respondeu.

— Então eu a deixo sob seus ternos cuidados — Van Wyck declarou, apressado em afastar-se dali. — Boa noite!

— Boa noite.

Conrad voltou para a cabine. Kamala escondera-se atrás da porta, de forma a ouvir tudo o que os dois conversavam.

Vendo-o novamente a seu lado, sem pensar no que fazia nem se lembrar de que usava apenas uma fina camisola, ela se atirou em seus braços, em busca de segurança.

Conrad abraçou-a, porém dessa vez não foi capaz de resistir e, erguendo-lhe o rosto, beijou-a impetuosamente.

Por um momento o espanto foi tamanho que Kamala não conseguiu reagir. Apenas abandonou-se ao maravilhoso êxtase de se entregar ao homem a quem amava.

Jamais imaginara que um beijo pudesse significar tamanho arrebatamento, como se o mundo inteiro se revestisse de uma nova luminosidade.

De repente Conrad a libertou. Afastou-se até o outro lado da cabine, mantendo-se de costas.

— Perdoe-me! — pediu então, com um estranho tom de voz. — Há tanto tempo não tenho uma mulher em meus braços...

No mesmo instante reconheceu que a ferira. Voltou-se e, vendo a mágoa expressa no rosto de Kamala, aproximou-se novamente, segurando-a pelos braços.

— Pelo amor de Deus, Kamala, não fique assim! Não tive a intenção de magoá-la. Por favor, me desculpe!

Unindo seus lábios aos dela outra vez, Conrad beijou-a apaixonadamente, deixando fluir um sentimento que por tanto tempo reprimira em seu peito.

Kamala, por sua vez, tinha a sensação de pisar em nuvens, como se vivesse um sonho, tamanha a dificuldade em acreditar que a realidade pudesse ser tão boa.

Conrad afastou-se para beijar-lhe os olhos, o rosto, o pescoço alvo e macio. Percebeu que ela tremia em seus braços, agora de pura felicidade.

Tomado pela emoção, ergueu-a nos braços e carregou-a até a cama, onde a depositou, sobre travesseiros e lençóis de seda.

— Oh, Conrad! — foram as únicas palavras que Kamala conseguiu pronunciar naquele momento.

Beijaram-se outra vez. Enlevada, ela passou os braços ao redor do pescoço dele e puxou-o mais para perto...

Afinal, com um esforço sobre-humano, Conrad afastou-se. Olhando para aqueles lábios quentes, aquele rosto lindo de mulher, os cabelos em desalinho espalhados pelo travesseiro, exclamou:

— Não pude me conter... você me provocou demais!

— Conrad... você me ama?

— Desde o primeiro instante em que a vi — ele respondeu.

— O mesmo aconteceu comigo — Kamala murmurou. — Apenas demorei para descobrir... ser amor o que eu sentia.

— Quando foi isso?

— Lembra-se de quando aquele marinheiro quebrou o braço? Pensei que você tivesse sofrido um acidente, e fiquei apavorada.

Suas mãos ergueram-se para abraçá-lo outra vez, mas gentilmente ele as segurou e, depois de beijá-las, deitou-as sobre a colcha da cama.

— Isso é loucura!

— Será mesmo?

— Claro — Conrad insistiu. — Não tenho nada a lhe oferecer... nada!

— Mas não estou pedindo coisa alguma — Kamala replicou, a voz muito doce.

— Já lhe contei que minha família passa por sérias dificuldades. Na verdade, estão à beira da completa miséria!

Havia uma dor muito profunda em sua voz.

— Mesmo se minha mãe morrer, o que é bastante provável — continuou —, existem empregados que dedicaram suas vidas a serviço de meu pai. Como posso dar-lhes as costas e deixar que morram de fome, agora que já têm idade e dificilmente conseguiriam outro emprego?

— E sua propriedade? — Kamala perguntou.

— Não tenho o direito de vendê-la para saldar dívidas. Há mais de quinhentos anos ela nos pertence, e está destinada ao filho que jamais serei capaz de sustentar!

Conrad ergueu os olhos, e Kamala pôde ver toda a agonia daquela situação neles expressa.

— Será que consegue entender o que estou lhe dizendo? Eu te amo, mas não vou enganá-la.

— Quer dizer... que acha errado... me amar?

— Não, minha querida — ele corrigiu. — Apenas impossível, porque não posso me casar com você.

— Mas não estou pedindo para fazê-lo. Basta que fiquemos juntos um do outro...

— Acha mesmo que é possível para mim estar ao seu lado e não torná-la minha? — Conrad perguntou, cada vez mais desconsolado. — Já tem sido tão difícil...

— Difícil?

— Meu amor, você é jovem e inocente demais, não sabe o que significa amar uma mulher como eu a amo e sequer ousar tocá-la!

— Por que tem de me evitar desse jeito? — Kamala insistiu.

— Simplesmente porque seria muito fácil feri-la, arruinar sua vida, se não controlasse meu amor.

— Não entendo... Só o que quero... é estar com você! Curvando-se para a frente, Conrad depositou um rápido beijo sobre seus lábios.

— Eu te amo — disse então —, e por esse motivo tenho de protegê-la, de mim inclusive. Esta noite eu perdi a cabeça, vendo-a irromper em minha cabine, tão desesperada... Confesso que também sinto medo de que um outro homem a roube de mim...

— Nunca haverá ninguém senão você — Kamala assegurou. — Eu te amo de todo o meu coração!

Conrad levou o dedo aos lábios dela, como se pedisse para calar-se.

— Não diga essas coisas para mim — pediu, a voz muito meiga e gentil. — Na verdade, tudo o que eu queria era fazê-la me amar cada vez mais, falar-lhe milhões de vezes do amor que sinto... Mas seria perigoso demais... para nós dois.

— Como assim? — Kamala quis saber, imaginando que ele se referia a Van Wyck.

— Perigoso porque sou apenas um homem que a ama tanto que chega quase a ser insuportável. — Sabendo que precisava ser mais claro para fazê-la entender de uma vez por todas, Conrad continuou: — Todo o meu corpo anseia por você, mas, se eu a fizer minha, poderei... engravidá-la!

Após alguns instantes de silêncio, Kamala comentou:

— Agora compreendo por que mamãe me aconselhava a jamais casar com um homem a menos que o amasse muito. E eu te amo... Seria maravilhoso ter um filho seu.

— Oh, Kamala, Kamala! — Conrad exclamou, choroso.

Mais uma vez beijaram-se, sedentos de calar qualquer novo protesto que pudesse se levantar contra aquele amor. Depois de um longo tempo, Conrad levantou-se da beirada da cama e caminhou a esmo pela cabine.

— O problema não acaba aí — disse afinal. — Embora não seja fácil, creio que poderei me controlar, principalmente porque te amo e só quero o seu bem. Mas existem outras ameaças pesando sobre nós.

A voz dele mudara e Kamala mais que depressa adivinhou o que ele iria dizer.

— Van Wyck — sussurrou.

— Exatamente.

Ele sentou-se na cama novamente e tomou-lhe as mãos entre as suas.

— Preferi poupá-la até agora, mas é preciso que você saiba de tudo o que está acontecendo. Van Wyck está louco por você.

— Ele chegou a comentar alguma coisa?

— Sim. Inclusive fez questão de deixar bem claro que, se eu quiser alguma participação nos lucros desse carregamento que vamos buscar, tornando-me efetivamente seu sócio, você terá de fazer parte do trato!

— Eu já ouvi essa mesma insinuação — Kamala confessou, nada surpresa.

— Maldição! Por que fui confiar nesse homem, escolhendo justamente

o seu veleiro? — Conrad se perguntou, com raiva. — Sabia que era inteligente e dado a grandes aventuras, mas não imaginava que fosse tão cruel, inclusive com a tripulação. Este não é um barco alegre, todos estão descontentes.

Kamala nada disse, deixando que ele continuasse:

— Por tudo o que me conta quando estamos juntos, agora sei que se trata de um mulherengo da pior espécie.

— Não me casaria com um homem desses nem que fosse o último sobre a face da Terra — — Kamala retrucou, aborrecida.

— Você não está entendendo — Conrad observou. — Van Wyck é casado. Sua esposa é uma mulher muito rica e vive em Amsterdã. Parece que não se dão muito bem.

— Uma esposa! — ela exclamou, aturdida. — Mas pensei...

— Eu disse que ele está encantado com você, mas não que pretende casar-se.

De repente Kamala se deu conta de todas as implicações do que Conrad lhe dizia. Via agora com clareza a intenção de Van Wyck ao forçar sua porta.

Amedrontada, sentou-se na cama e, abraçando Conrad, escondeu o rosto no peito do homem a quem verdadeiramente amava.

— Não deixe que ele... me toque, Conrad — implorou. — Oh, tenho tanto medo! Ele me devora com o olhar, todas as noites. Já devia ter percebido o que pretendia...

— Meu amor, não se preocupe — Conrad procurou tranquilizá-la. — Fui realmente um tolo em trazê-la para este barco. Devia saber que homens como Van Wyck haveriam de desejá-la, dispostos a qualquer coisa para conseguir seu intento.

— Como assim? — ela perguntou. — Quer dizer... que Van Wyck seria capaz... de se voltar contra você por minha causa?

— Não é difícil um homem cair por sobre a amurada e perder-se nas ondas — Conrad replicou.

Kamala mal conseguiu conter um grito de pavor.

— Não, mil vezes não! Isso não pode acontecer! Prefiro... deixar que faça comigo o que bem entender... a perdê-lo para sempre!

Emocionado, Conrad abraçou-a bem forte.

— Nada disso acontecerá — prometeu então. — Temos de agir com muita astúcia, minha querida, mas, se eu a coloquei nessa enrascada, esteja certa de que farei tudo para livrá-la.

— Mas... como? — Kamala indagou.

— Só Deus sabe a resposta a essa pergunta!

CAPÍTULO VII

— Mas é maravilhoso! Nunca imaginei que fosse assim tão belo! — Kamala exclamou.

A falta de ar lhe impedia de ser mais efusiva. A seu lado Conrad também ofegava, depois de subirem correndo a encosta gramada de uma íngreme colina, próxima ao porto.

A vista que dali se descortinava merecera aqueles elogios de Kamala. O mar era de um azul intenso, estendendo-se em direção a um horizonte indefinido e nebuloso. Próximo ao cais viam-se várias casinhas portuguesas, muito bonitas com seus telhados vermelhos e jardins atapetados de flores.

Atrás, altas montanhas erguiam-se imponentes em direção ao céu. Cobertas de flores, bosques e todo tipo de vegetação, propiciavam aos olhos um espetáculo fascinante.

— Não concorda comigo? — Kamala perguntou.

— Claro que sim, é belíssima a vista deste lugar! — Conrad respondeu, olhando para Kamala, sem se importar com a paisagem.

Ela sentou sobre a grama macia e recostou-se contra uma rocha grande que ali estava. Seus olhos pareciam mais brilhantes naquele dia, e os cabelos assumiram um tom vivo de dourado.

— Finalmente, estamos a sós — disse Conrad, acomodando-se a seu lado.

— Estava com medo de que não conseguíssemos escapulir do veleiro — ela comentou, alegre.

Mas, de repente, apreensiva, como se um fantasma terrível ainda a assombrasse, perguntou:

— Onde está Van Wyck?

— Se falava sério hoje de manhã, antes de você aparecer para o café, deve estar em um bordel — Conrad respondeu.

— O que é isso? — Kamala quis saber.

— Um lugar que eu não deveria ter mencionado — ele replicou, arrependido.

— Existem... mulheres bonitas nesse lugar?

— Com toda certeza!

- Então por que... não o acompanhou?
- Sabe muito bem a resposta.
- Não quero que se sinta... constrangido... por minha causa.

Ficaram em silêncio durante alguns minutos. Conrad deitara-se na grama e, apoiando o queixo nas mãos, observou-a detidamente.

Kamala enfeitara os cabelos com flores que encontrara pelo caminho. Também a saia de seu vestido de “renda” estava toda colorida. Mais parecia uma ninfa do bosque que um ser humano de carne e osso, que já passara por tantas adversidades na vida.

Afinal, intimidada com aquele escrutínio minucioso, ela perguntou:

- Por que me olha desse jeito?
- Tento encontrar algum defeito em você — ele brincou. — Não consigo acreditar que alguém seja assim tão perfeita.
- Por favor, não procure demais — Kamala pediu, no mesmo tom.
- Eu não a amo apenas por sua beleza — Conrad retrucou, pensativo —, mas porque você é tudo o que qualquer homem sonha encontrar em uma mulher: doce, gentil, inteligente, destemida e muito sensual.

Kamala sentiu sua pele arrepiar ante a emoção que percebia naquelas palavras apaixonadas.

— Na noite passada — Conrad prosseguia —, jurei para mim mesmo que não a beijaria outra vez, com medo de ser levado à loucura. Mas prefiro isso a ter sede dos seus lábios.

E, assim dizendo, ele se levantou e aproximou-se de Kamala, beijando-a ternamente. Ao contrário da noite anterior, em que seus beijos significavam desejos ardentes, agora experimentavam uma emoção diferente, próxima de um sentimento sagrado, divino até.

Separaram-se então, porém não conseguiam desviar os olhos um do outro. Indivisíveis, o amor os fundira em um único ser.

— Minha querida — ele murmurou, afinal. — Eu te amo. Deus, como eu te amo!

Beijaram-se de novo, até que o êxtase fosse intenso demais para suportá-lo.

Conrad deitou-se outra vez, olhando para o céu, a respiração ofegante. O coração batia-lhe desenfreado, de tanta felicidade.

— Eu te amo — repetiu —, mas esta será a última vez que vamos nos falar antes de chegarmos ao México.

— Sei disso — Kamala respondeu. — Prometo que serei bastante cuidadosa. Não quero colocar em risco suas chances de compartilhar com

Van Wyck os lucros com o carregamento de diamantes.

— Se tivesse algumas poucas libras no bolso, juro que abandonaria o *Aphrodite* agora mesmo e procuraria outra embarcação.

Um suspiro escapou-lhe dos lábios antes de continuar:

— Cheguei a percorrer o porto esta manhã, quando todos ainda estavam deitados, em busca de alguma escuna que me fosse conhecida, ou mesmo de um capitão ou marinheiro com quem tivesse trabalhado anteriormente. Mas só o que vi foram embarcações portuguesas. Além de estarem com a tripulação completa, dificilmente aceitariam uma mulher a bordo.

Depois de uma pausa, prosseguiu:

— Se ao menos não tivéssemos saído com tanta pressa de Southampton, poderia ter costurado algumas notas do dinheiro que sobrou no forro do meu casaco.

— Spider as teria encontrado — Kamala retrucou, esperando que tais palavras lhe servissem de consolo e ele parasse de se martirizar. — A notícia chegaria aos ouvidos de Van Wyck, claro, levantando suspeitas sobre nossa história. Além do mais, você precisava do dinheiro para mandar para sua casa.

— Sei disso, mas temo por você.

— Eu estarei bem — Kamala afirmou com uma confiança que estava longe de sentir na realidade. — Quando chegarmos ao México, pensaremos em uma forma rápida de fugirmos.

— Assim espero.

— Não podemos nos abater tão cedo — ela insistiu, vendo que ainda não conseguira convencê-lo totalmente. — Afinal, nada do que planejamos até agora deu errado. Antes de mais nada é preciso ter fé.

— Gostaria muito de acreditar como você — Conrad comentou.

— Não creio que um amor tão forte como o nosso possa se perder... ou desprezar — Kamala replicou, em um sussurro.

Conrad ergueu-se de forma a olhá-la bem dentro dos olhos e disse:

— Não se perderá, esteja certa disso. Nunca amarei mais ninguém como amo você.

Kamala sentia como se estivesse no topo de uma montanha mágica, que seu amor por Conrad encantara. De repente tudo o que os ameaçava transformara-se em um pesadelo remoto, distante daquele lugar perfeito, tão belo, em que se encontravam.

O tempo passou e as sombras da tarde se alongaram, avisando que

chegara a hora de voltar.

Desceram silenciosos a colina de volta ao porto, passando por belíssimos pomares onde limões e damascos pendiam das árvores e as romãs formavam um bonito contraste contra o verde de suas folhagens.

Kamala apanhou uma braçada de flores e Conrad se perguntou que artista no mundo seria capaz de fazer justiça ao encanto daquele quadro.

Quando se avizinhavam da cidadezinha, ele a fez estacar.

— Vamos nos despedir aqui, meu amor. Obrigado pelas horas mais encantadoras que já passei em minha vida.

— Para mim também foram perfeitas — Kamala respondeu. — Agora terei algo de que me lembrar com saudade, quando estiver sozinha na cabine.

— Evite olhar para mim, que eu farei o mesmo — Conrad a instruiu. — Caso contrário, certamente nossos olhares trairão esse segredo.

Kamala baixou os olhos por um momento, para em seguida erguê-los cheios de paixão e pedir:

— Procure acreditar que tudo vai dar certo! Rezarei noite e dia para que isso aconteça, e no fundo do meu coração algo me diz que Deus não nos decepcionará.

Em resposta, Conrad tomou sua mão e beijou-a, demoradamente. Em seguida retornaram ao veleiro.

Van Wyck só voltou uma hora mais tarde. Conrad encontrou-o no convés, subindo cambaleante a prancha de embarque.

— Oh, aí está o meu caro sir Conrad! — exclamou, conseguindo reconhecê-lo apesar de toda a bebida que tomara. — Pensei que fosse juntar-se a mim. Saiba que perdeu uma grande oportunidade de conhecer as mulheres mais lindas e desavergonhadas de todos os tempos. O que diabo há com você? Não tem sangue correndo nessas veias, ou será que não gosta de mulheres?

— Minha irmã pediu-me para acompanhá-la até os bosques que circundam a cidade — Conrad respondeu, sem se deixar abalar pela grosseria do holandês.

— Pois deveríamos ter trocado de lugar, isso sim! — Van Wyck exclamou, sorrindo maliciosamente.

Conrad deu-lhe as costas, fingindo examinar um cordame, para que não visse em seu rosto o desprezo que lhe tinha.

— Mas não pense que passei o dia todo entregue aos prazeres do bordel — Van Wyck continuou. — Consegui encontrar um homem para nossa tripulação.

— Pretende mesmo deixar para trás o marinheiro com o braço quebrado? — Conrad perguntou, em tom de recriminação.

— Claro que sim! Quem pensa que sou? Uma instituição de caridade? Esse homem estará inutilizado durante pelo menos mais três semanas. Depois disso, não terá dificuldade para encontrar trabalho. Além do mais, paguei tudo o que lhe devia.

Fosse ele o capitão do veleiro, Conrad jamais optaria pela mesma alternativa. Mas de nada adiantaria argumentar com Van Wyck, principalmente estando ele bêbado.

— Não é fácil conseguir um bom marujo neste lugar — comentava o holandês. — Disseram-me que havia um inglês, imediato de alguma escuna que o abandonou na parte baixa da cidade. Encontrei o homem. Bêbado, claro, por isso não entendi bem o que ele falava, mas examinei seus documentos e vi que tinha as qualificações necessárias.

— Assim sendo, você o contratou — Conrad concluiu.

— Fiz mais do que isso — Van Wyck corrigiu, rindo alto. — Segurei-lhe a cabeça debaixo de uma torneira para curá-lo da bebedeira e mandei dois dos meus homens obrigá-lo a saltitar desde o porto até o veleiro! Está lá embaixo agora, dormindo a sono solto!

— Espero que ele não o decepcione — Conrad comentou, por sobre a risada do outro.

Na manhã seguinte Kamala subiu para o café da manhã determinada a fazer tudo o que estivesse a seu alcance para tornar aquela viagem mais amena para Conrad.

Não se encontraram durante o jantar da noite anterior. Ele e Van Wyck estavam ocupados tentando evitar que os recifes raspassem o casco do veleiro, de forma que Kamala contara mais uma vez apenas com a companhia de Quintero.

O mar calmo e a baixa velocidade em que deixaram os Açores fizeram com que se recolhesse cedo ao leito, disposta a ler um pouco. Porém mais uma vez foi impossível concentrar-se, lembrando-se a toda hora da felicidade indescritível daquela tarde, certa de que, se já o amava antes, agora esse amor era infinitamente maior.

— Eu o amo! Eu o amo! — repetia para si mesma em um sussurro, até adormecer com um sorriso nos lábios, pensando em todas as palavras doces que ele lhe dissera.

A manhã já ia a meio quando Kamala juntou-se a Quintero no salão. Ele terminara seu café e, como de costume, entretinha-se com a leitura.

Vendo-a aproximar-se, deixou de lado o livro e comentou:

— Encontrei algumas passagens nesta obra sobre ervas que, com certeza, achará muito interessantes, srta. Veryan.

— Gostaria que as lesse para mim — Kamala pediu. — Tenho a impressão de que minha pronúncia tem melhorado porque tento imitá-lo.

— Sua voz é tão bela, senhorita — Quintero elogiou galante —, que qualquer coisa que disser será música aos meus ouvidos.

— O senhor me deixa embaraçada desse jeito — ela protestou, sorrindo. — Sabe muito bem que sou inglesa demais para encontrar as palavras que poderiam retribuir tamanha delicadeza.

Ambos riam quando a porta do salão se abriu e Conrad entrou. Ao ver a expressão de seu rosto, Kamala sentiu um arrepio percorrer-lhe o corpo. Nunca o vira tão sério e preocupado.

Ele cruzou o salão e sentou a seu lado na mesa, tomando-lhe a mão.

— Kamala, preciso saber se você já tomou alguma vacina na sua vida — disse então.

O tom de sua voz era quase que de pânico.

— Sim — ela respondeu. — Papai acreditava piamente no poder das vacinas desde que conheceu o dr. Jenner. Ele e mamãe se vacinaram antes de viajarem para a Itália e aproveitaram para ministrar uma dose em mim também.

Um suspiro de alívio desanuviou um pouco a fronte de Conrad. Seus dedos apertavam tanto a mão de Kamala que quase chegavam a machucá-la.

— Graças a Deus!

— Por quê, aconteceu alguma coisa? — ela quis saber. Conrad não respondeu. Em vez disso, voltou-se para o espanhol e repetiu a pergunta:

— E o senhor, alguma vez se vacinou?

— Claro que sim — Quintero respondeu. — Não me atreveria a percorrer o mundo da forma como faço sem essa mínima precaução.

— Qual o problema? — Kamala insistiu, cada vez mais nervosa.

— O homem que Van Wyck contratou ontem está com varíola — ele explicou afinal. — Os outros marinheiros dizem que ele passou mal a noite inteira e delirou muito. Assim que vi as erupções vermelhas e escuras em todo seu rosto, percebi do que se tratava.

— Como Van Wyck se deixou enganar dessa forma? — exclamou Quintero, visivelmente irritado.

— Ele me contou que o homem estava bebendo muito quando o encontrou. Como o senhor sabe, a febre que precede as erupções, além da dor

de cabeça e do vômito, podem facilmente parecer a um leigo sintomas da ingestão excessiva de álcool.

Conrad preferiu nada comentar, mas talvez o próprio Van Wyck já tivesse bebido então e não percebera o real estado em que se encontrava aquele homem. Além do quê, tamanho pesadelo podia bem ser o resultado de um castigo divino pela forma desumana como fora tratado o pobre marujo com o braço quebrado.

— Minha primeira reação foi temer por você — disse ele então, dirigindo-se a Kamala.

— Posso ajudá-lo em alguma coisa? — Kamala ofereceu.

— Em hipótese alguma permitirei que entre em contato com o doente!

— Conrad exclamou mais que depressa, em tom bastante autoritário. — Você fica aqui, e isso é uma ordem!

— Certamente os outros marinheiros também já foram vacinados — observou Quintero, procurando tranqüilizá-lo. — Trata-se de um procedimento obrigatório na maior parte dos países civilizados, hoje em dia.

— Porém não na Inglaterra — Conrad respondeu. — Tampouco na Holanda.

Essas últimas palavras caíram como uma bomba nos ouvidos de seus interlocutores.

— Está querendo dizer que Van Wyck não foi vacinado? — Quintero perguntou. — Mas não é possível!

— Diz ele que sempre evitou médicos e remédios, principalmente quando um ou outro tentava enfiar-lhe uma agulha no corpo. Por outro lado, confessa também que nunca se viu tão perto de um caso de varíola como agora.

Apertando mais uma vez a mão de Kamala, Conrad levantou-se e deixou o salão. Não voltaram a vê-lo durante algumas horas.

Quando afinal retornou, trazia uma lista de todos no barco que haviam sido vacinados. O único inglês imunizado era Spider, pois estivera trabalhando na Dinamarca no ano anterior, onde a vacina era obrigatória.

Havia cinco marinheiros dinamarqueses a bordo, e, como eles, os dois suecos também estavam imunizados. Dois bávaros que haviam sido vacinados há mais de dez anos representavam, na opinião de Conrad, um grupo de maior risco.

Mas os ingleses e os holandeses, entre eles o próprio Van Wyck, nunca tinham demonstrado interesse em tomar a vacina, embora todos os portos do mundo possuíssem postos preparados para esse fim.

— Papai falava muito no dr. Jenner — Kamala comentou —, dizendo que graças a ele um dos maiores flagelos da humanidade estava aos poucos perdendo seu terrível poder.

— Exceto no que diz respeito aos ingleses — Conrad resmungou, mal-humorado.

Não havia dúvida de que Van Wyck estava assustado, embora tentasse passar uma outra imagem para seus hóspedes, dizendo que a varíola vinha da sujeira e de outras doenças. Como vivia em um ambiente limpo e gozava de excelente saúde, a chance de contraí-la era uma em um milhão.

Mesmo assim, pela primeira vez desde que subiram a bordo, deixara de importunar Kamala com seus assédios indecorosos.

Ela já não temia encontrar atrevimento em seus olhos, nem precisava esquivar-se do toque de suas mãos ou da proximidade de seu corpo.

Van Wyck decidiu que, ao ar livre, as chances de contaminação eram ainda menores. Por isso, nos dez dias seguintes, praticamente não o viram.

No décimo primeiro dia Kamala levantou apreensiva. Sabia o quanto Conrad estava preocupado com aquela situação, sem saber quem seria a primeira vítima da terrível doença a bordo.

Ao contrário do imediato, não fingia desconsiderar o assunto como uma banalidade, nem subestimar o perigo iminente.

O homem que trouxera a varíola para o barco morrera depois de três dias, tão desfigurado que mal se podia reconhecê-lo.

Quintero fizera uma oração antes que atirassem o corpo ao mar. Em seguida, Conrad insistira para que o convés, bem como o local onde o doente estivera deitado, fosse esfregado e muito bem desinfetado.

— Como prevenção, sugiro que seja melhorado o rancho dos marinheiros — Conrad aconselhou Van Wyck.

— Temos muitas frutas e legumes a bordo, carregados em Santa Cruz, e também há carne em quantidade suficiente para todos.

Não ousava falar abertamente que se sentia aterrorizado com a forma como aqueles pobres homens eram tratados. Ainda comiam os alimentos trazidos da Inglaterra, grande parte começando a se deteriorar, alguns já cheios de larvas.

Enquanto a popa do veleiro era mobiliada com um luxo inacreditável, os alojamentos dos marujos na proa mal tinham espaço para todos, eram mal ventilados e sem conforto nenhum.

— Por Deus, sir Conrad, não vá agora mimar os homens por causa de uma bobagem! — fora a resposta de Van Wyck. — Sabe tão bem quanto eu

que, quanto mais lhes der, mais pedirão. Eles são bem pagos, de forma que, se quiserem luxo, que comprem com o próprio dinheiro!

— O que todos precisamos no momento dinheiro algum pode comprar

— Conrad dissera, secamente, afastando-se em seguida.

“Que será que nos reserva o dia de hoje?”, Kamala se perguntava.

Vestiu-se olhando pela escotilha, que lhe mostrou um mar agitado e o céu sem nuvens. O vento soprava forte, levando-os depressa em direção ao tão sonhado México.

“Nessa velocidade”, pensou, um pouco mais aliviada, “chegaremos antes do prazo previsto.”

Dirigindo-se ao salão, ali encontrou Quintero e perguntou:

— Alguma novidade?

— Até o momento não vi ninguém que desse qualquer informação — respondeu ele.

Nesse instante Spider entrou trazendo o café da manhã.

— Está tudo bem, Spider? — Kamala perguntou, em voz baixa.

— Lamento dizer que não, senhorita. Sir Conrad não pára um minuto. Há dois marinheiros que suspeita terem contraído a doença.

Kamala voltou-se para Quintero e comentou:

— Devem ser os dois que ajudaram a trazer aquele homem para o barco. Esperemos que sejam os únicos.

Conrad entrou para tomar café. Seu rosto sisudo indicava que não compartilhava daquele otimismo.

— Dois homens estão com febre — anunciou — e um terceiro começou a vomitar.

Spider serviu-o. Ele sentou-se à mesa e comeu em silêncio.

— Por favor, deixe-me ajudar! — Kamala implorou, não agüentando mais a inércia que lhe fora imposta.

— Se houvesse algo para você fazer, já lhe teria pedido — foi a resposta de Conrad. — Os homens que foram vacinados estão fazendo tudo o que podem, mas não é muito.

Ele saiu do salão assim que acabou de comer. Kamala apanhou o livro em espanhol, pronta para começar a lição, quando Spider voltou, esbaforido.

— É o patrão, senhorita — disse ele. — Não estou gostando de sua aparência. Onde está sir Conrad?

— Já saiu novamente — ela respondeu. — Mas vou acompanhá-lo e verei o que posso fazer.

Spider parecia agitado demais para protestar, limitando-se a tomar a

dianteira.

Assim que o viu, Kamala percebeu o quanto Van Wyck estava mal. Trêmulo, ardia em febre. Ela mediu seu pulso e constatou que estava muito acelerado.

— Minha cabeça! Minha cabeça! — ele murmurava apenas, sem parar.

Depois de pedir a Spider para que lhe desse algo fresco para beber, Kamala subiu ao convés, à procura de Conrad.

Ele acabava de assumir o timão, substituindo um homem prestes a desfalecer, que se afastava apoiado nos braços de dois colegas.

— Van Wyck contraiu a doença — anunciou, ao se aproximar.

— Oh, meu Deus, já chega de tantos doentes neste barco! — foi a reação de Conrad.

— Infelizmente não resta a menor dúvida de que seja varíola. A febre está muito alta e ele reclama o tempo todo da cabeça.

— Você quer fazer o favor de manter-se longe dele? — Conrad pediu mais uma vez, bravo. — Já disse que não quero vê-la envolvida em tudo isso. Fique no salão ou em sua cabine, mas não entre em contato com os doentes!

— Você não pode fazer tudo sozinho...

— Posso e o farei! — Conrad retrucou. — Insisto em que fique longe disso. Obedeça-me, Kamala!

Aquele tom imperativo de voz a perturbou um pouco. Vendo-a baixar os olhos, entristecida, Conrad suavizou a expressão do rosto e explicou:

— Só estou tentando fazer o que é melhor para todos nós. Para mim vai ser muito difícil saber que não fez como lhe pedi. Todos estão dando o melhor de si, você não tem como ajudar.

— Eu compreendo — disse ela, voltando-se rapidamente para descer ao salão.

Van Wyck morreu três dias depois. Observando seu corpo envolto em um lençol branco sendo atirado ao mar, Kamala sentiu muita pena da sorte que o destino reservara àquele homem.

No entanto, seria muito hipócrita se não reconhecesse que daquele momento em diante nada mais tinham a temer.

Outros marinheiros, incluindo o imediato, foram morrendo um a um. Não tinham recursos a bordo para trata-los de maneira adequada. Tudo o que os companheiros de infortúnio podiam fazer era contê-los durante o período mais intenso do delírio e em seguida entregá-los aos cuidados das ondas.

A tripulação foi ficando bastante desfalcada. Conrad era o capitão

agora, mas nem por isso deixava de fazer qualquer serviço necessário.

Apesar de todos os horrores dos últimos tempos, Kamala tinha a impressão de que nunca o vira tão contente e em paz consigo mesmo. Afinal voltava a comandar um barco, o que lhe proporcionava um indescritível prazer.

Assim que assumiu o comando, tratou de melhorar o rancho dos marinheiros, retirando ainda grande parte das rígidas leis que Van Wyck impusera sobre todos, por julgá-las absolutamente desnecessárias.

Kamala agora ouvia os homens cantando e assobiando enquanto trabalhavam, fazendo do *Aphrodite* um barco alegre, apesar de tudo.

Spider foi o único a lamentar a morte de Van Wyck. Mesmo assim, não demorou a transferir para Conrad sua fiel dedicação, a ponto até de aceitar sem pestanejar a ordem de que fossem atirados ao mar todos os pertences de seu patrão, inclusive colchas e lençóis de cama, além das peças de roupa que ele usara depois que deixaram os Açores.

Conrad exigiu também que aquela cabine fosse novamente esfregada e limpa com muito desinfetante, tanto que obrigou Kamala a reclamar por não mais sentir o cheiro da maresia.

Durante todo esse tempo tiveram apenas um breve momento a sós. Kamala estava sentada no salão quando ele entrou, afobado, à procura de Spider. Vendo-a porém em seu vestido branco, com um livro aberto no colo, imediatamente estacou para melhor admirá-la.

O rosto de Kamala iluminou-se com um sorriso tímido.

— Você está bem? — ele perguntou, afinal.

— Sim, claro.

— Não faz idéia do alívio que tem sido para mim saber que não preciso me preocupar com sua saúde...

Baixando os olhos, envergonhada, mesmo assim Kamala decidiu perguntar:

— Conrad... você ainda... me ama?

— Um dia saberei dizer-lhe quanto — foi a resposta que ele lhe deu, retirando-se em seguida.

— Parece que finalmente nos livramos da varíola — Conrad declarou, transcorridos cinco dias desde a última morte, sem que nenhum novo caso surgisse entre a tripulação.

— Mesmo assim — aconselhou-o Quintero —, eu não parada no porto de Havana. Podem nos colocar em quarentena, e não conheço nada mais irritante que ficar preso a um cais durante semanas, sem permissão para

descer a terra firme.

— Concordo plenamente — Conrad retrucou —, mas talvez nossas provisões não durem até chegarmos ao México. Tenho de consultar os homens antes de tomar qualquer decisão.

Esse era um hábito que Van Wyck certamente repreenderia, mas que funcionava muito bem, em especial depois de todas as adversidades que haviam atravessado juntos.

A tripulação correspondeu às expectativas de Conrad, expressando o desejo unânime de chegar ao México o quanto antes.

De qualquer forma, o vento teria decidido a questão por eles. Uma terrível tempestade os alcançou, tornando impossível o desvio do rumo para Havana ou qualquer outra ilha vizinha.

A tempestade só fazia piorar. Temendo pelo barco, Conrad permanecia no convés dia e noite, quando necessário. Todos os marinheiros o ajudavam, sem exceção, por mais cansados que estivessem.

Após três dias de intensa luta, quando o barulho do vento no cordame e o ranger do casco faziam Kamala temer a possibilidade de um naufrágio, Conrad entrou no salão a passos largos e, esboçando um sorriso débil naquele rosto exausto, anunciou:

— Chegamos ao golfo do México!

— Graças a Deus! — exclamou Quintero.

— Dentro em breve atingiremos águas mais amenas — Conrad continuou. — Mande Spider preparar um jantar especial esta noite. Creio que todos o merecemos.

“Ninguém mais que você”, Kamala pensou, porém foi incapaz de dizer qualquer palavra, tal era sua emoção.

Conrad raras vezes descera para as refeições em horários regulares, preferindo engolir alguma coisa depressa nos momentos em que sua presença não era tão necessária no convés. Tampouco parecia dormir naqueles dias, priorizando sempre a condução do veleiro em segurança, em detrimento de sua própria saúde.

Afinal a tempestade se foi, deixando como saldo três velas rasgadas e um mastro quebrado, além de uma tamanha confusão que deixou o *Aphrodite* irreconhecível.

Conrad, porém, sorria o tempo todo, e a mesma alegria se estampava no rosto de toda a tripulação.

— Os marinheiros comentam entre si que nunca serviram sob o comando de alguém tão experiente e bom quanto sir Conrad — Spider

confidenciara a Kamala, enchendo de orgulho seu coração.

— Sabe me dizer onde estamos exatamente? — Quintero perguntou a Conrad durante o primeiro jantar sobre águas tranqüilas depois que deixaram os Açores.

— Infelizmente descobri que os mapas de Van Wyck são pouco precisos — ele respondeu. — De qualquer forma, espero divisar a costa amanhã pela manhã, embora não saiba dizer se ao norte ou ao sul do país.

— Na verdade a costa do México nunca foi bem mapeada — Quintero explicou. — Os americanos fazem o possível para ajudar nesse sentido, mas os mexicanos ainda são muito desconfiados de todo e qualquer estrangeiro e negam colaboração.

— E quem pode culpá-los por isso? — Conrad observou, despreocupado. — Afinal, são donos de uma terra que emana leite e mel, ou melhor, ouro e prata!

— Concordo com você — Quintero fez questão de frisar. — A terra possui recursos inexauríveis. Mas lembre-se de que os mexicanos foram por muito tempo explorados pelos colonizadores espanhóis e são hoje um povo cansado de sofrer. Só aceitariam ajuda de pessoas que provassem total honestidade.

— O que corresponde exatamente ao perfil de Conrad — Kamala retrucou.

— Prefiro não sonhar tão alto — ele replicou.

— Depois de ter nos trazido até aqui, atravessando com maestria todas as imensas dificuldades que enfrentamos — ela insistiu —, acredito que seja capaz de fazer qualquer coisa!

Por um rápido momento seus olhares se cruzaram, até que Conrad levantou-se, dizendo:

— Tenho de voltar ao convés. Agora que ouvi tantos elogios, não posso ser o responsável por um final trágico para nossa história, deixando que um marujo inexperiente espete o veleiro em uma rocha!

Kamala riu da brincadeira. Naquela noite desceu despreocupada para a cabine, desejando apenas que Conrad descansasse um pouco mais.

O mar amanheceu calmo, a brisa quente dos trópicos apenas encrespando-lhe a superfície.

Depois do café Kamala subiu ao convés, e foi grande sua surpresa ao ver a costa do México a distância.

— Conseguimos! — exclamou então, colocando-se ao lado de Conrad e Quintero.

— Estou ansioso por lhe mostrar aquele que julgo ser o mais belo país do mundo — disse o espanhol. — Principalmente nesta época do ano.

— Como faz calor aqui! Mal posso acreditar que ainda estamos em janeiro. Por falar nisso, o Natal passou e nem o percebemos!

Mas de repente lembrou-se de que fora no dia em que lançaram o corpo de Van Wyck ao mar, enquanto metade da tripulação adoecia, vítima da terrível varíola.

Mesmo assim, gostaria de ter desejado a Conrad um feliz Natal.

— Quero ver de perto os cactos em flor — disse ela, voltando ao presente. — E também os maravilhosos pássaros tropicais. Às vezes nem acredito que existam papagaios, araras e tucanos de verdade!

— Pois espere e verá — disse Quintero, sorridente. Em geral tão reservado, até mesmo ele se empolgava com a proximidade de tantas novidades.

Mais uma vez almoçaram sozinhos. Conrad desceu apenas para avisar que naquele momento tentavam encontrar o porto.

— Os mapas não estão servindo para nada — reclamou. — Mas deve haver ao menos um atracadouro em algum lugar. Nossas provisões praticamente se esgotaram, inclusive a água está chegando ao fim.

À tarde Kamala subiu para o convés, ansiosa por ajudar a ver se encontravam uma vila ou lugarejo onde pudessem ancorar. Horas se passaram em vão. Já pensava em desistir, quando um marinheiro avistou dois barcos vindo na direção do *Aphrodite*.

Eram pequenos, porém bastante ágeis. Conrad ordenou que içassem a bandeira inglesa, de forma a indicar-lhes a procedência da embarcação.

— Quem são essas pessoas? — Kamala perguntou a Quintero.

— Não faço idéia, duvido que os barcos sejam de fabricação mexicana. Acho mais provável que tenham sido importados dos Estados Unidos.

— Parece que estão armados — Conrad anunciou, olhando pelo binóculo.

— Que estranho!

Os barcos aproximaram-se, um de cada lado do veleiro, até que um dos homens a bordo, carregando um rifle, gritou alguma coisa que só Quintero conseguiu entender.

— Estão dizendo para que sigamos em frente — ele traduziu.

— Mas, afinal, o que significa tudo isso? — Conrad indagou, desconfiado. — Estamos recebendo uma ordem, ou apenas querem nos ajudar? Diga-lhes que precisamos de água e comida para seguir viagem.

Quintero transmitiu o recado.

— Insistem em que devemos seguir em frente — repetiu, depois de ouvir a resposta.

— Então o faremos — Conrad replicou. — Espero que sejam amigáveis e estejam apenas tentando colaborar.

Novamente olhou pelo binóculo, narrando o que via para Quintero e Kamala.

— São na maioria negros e estão muito bem vestidos. Carregam armas poderosas para embarcações tão pequenas. Deve ser algum tipo de guarda costeira.

— Se isso for verdade, confesso que muito me surpreende tanta eficiência — Quintero retrucou, incrédulo.

Um dos barcos tomara a frente e descrevia agora um semicírculo em direção à entrada do que parecia ser uma pequena baía. O outro continuava a acompanhá-los do lado.

— Só espero que, além de tanta cordialidade, tenham provisões para nos oferecer — Conrad comentou.

Kamala resolveu descer até a cabine e colocar o vestido novo que Spider fizera assim que partiram dos Açores. Os últimos retoques foram dados naquela manhã, ocupado que ele estivera com a epidemia de varíola.

O vestido era de uma fina musselina branca, forrado com cetim rosa, de modo que a combinação de cores lembrasse uma pérola. Kamala ficou ainda mais bela quando o vestiu. Depois de ajeitar os cabelos na frente do espelho, retornou ao convés.

— Parece que a baía não é tão pequena como imaginei — Conrad comentava com Quintero no momento em que ela voltara para junto deles.

— Esse tipo de acidente geográfico é muito comum no México — explicou o espanhol. — São excelentes atracadouros, principalmente porque protegem as embarcações da ação do vento.

Começavam a entrar na baía. As árvores que a ladeavam cresciam bem junto à margem, proporcionando um bonito espetáculo. Havia cactos com flores amarelas, vermelhas e púrpura entre elas. Mais além erguia-se uma floresta aparentemente impenetrável.

À medida que entravam na baía, descobriram, surpresos, um grande número de escunas e barcos pesqueiros ali ancorados. Mais impressionante, no entanto, era uma enorme construção toda branca que se erguia pouco mais além.

Aproveitando desníveis naturais da região, ela se estendia, majestosa,

por uma longa faixa de terra. Logo à frente um belíssimo gramado e altos coqueiros separavam-na do cais.

Exatamente naquele local alguma coisa chamou a atenção de Kamala. Mesmo a distância era possível notar várias pessoas perfiladas sobre a plataforma de madeira, vestidas com roupas de cores berrantes. Algumas traziam no peito um pedaço de metal, talvez dragonas ou condecorações militares, que refletiam o brilho do sol.

— Parece que teremos uma recepção completa — Conrad comentou, tendo também percebido o mesmo espetáculo. — Alguém sabe me dizer o que significa tudo isso? — perguntou, começando a se irritar.

— Não faço a menor idéia — respondeu Quintero, igualmente intrigado.

O barco à frente fez sinal para que o *Aphrodite* abaixasse âncora. Conrad ordenou aos marinheiros para que obedecessem, descendo também as poucas velas enfunadas.

— Vejam, um outro barco se aproxima — Kamala avisou. — Há um homem muito elegante a bordo.

Quando pôde vê-lo mais de perto, Quintero tentou explicar:

— Há um mulato a bordo e, pelos trajes, deve ser o mordomo da casa. Provavelmente estamos na propriedade de algum rico nobre espanhol.

Parecia mais aliviado ante tal constatação, porém Conrad continuava observando atentamente o desenrolar dos acontecimentos.

— Deixem que eu os apresento — Quintero voltou a instruir. — Para impressionar bem um espanhol é preciso dominar sua língua.

Rindo baixinho, completou:

— A sorte é que vocês podem passar facilmente por nobres ingleses.

— Esperemos que pensem o mesmo — Conrad retrucou — e que isso nos garanta os víveres de que precisamos.

O barco encostou no veleiro. Pouco depois um homem de quase dois metros de altura subiu a bordo. Tirando o chapéu todo enfeitado com penas, fez uma mesura diante deles e, com exagerada polidez, anunciou:

— Senhores, madame... Estou aqui para lhes dar as boas-vindas em nome de Sua Suprema Excelência, dom Miguel Moneda.

Curvando-se também para saudá-lo, Quintero replicou:

— Somos muito gratos a Sua Suprema Excelência pela calorosa acolhida com que nos recebe. Queira informar a seu senhor que esta embarcação é de propriedade de um dos mais distintos nobres da Inglaterra, que está ansioso por conhecê-lo.

A troca de amabilidades continuou por algum tempo até que, afinal, Kamala, Conrad e Quintero foram conduzidos à praia no barco menor.

De perto a casa parecia ainda maior e grandiosa. Ao subir os degraus de mármore, Kamala sentiu-se muito impressionada.

O mordomo em seu vistoso uniforme conduziu-os para dentro.

Quintero explicara a Kamala durante uma das aulas que as casas mexicanas, grandes ou pequenas, seguiam todas o mesmo padrão arquitetônico. Aquela não era exceção. Havia no centro um grande pátio, para onde convergiam os principais cômodos da residência.

Seguiram o mordomo por uma escada que constataram, espantados, ser toda construída em prata. No piso superior entraram em um enorme salão, que mais uma vez conseguiu deixar Kamala boquiaberta.

As paredes eram trabalhadas em ouro, o piso, do mais puro mármore, e do teto pendiam magníficos lustres, provavelmente confeccionados na Espanha, em ouro e cristal.

Aliás, o ouro estava presente quase que em todas as peças da mobília. Nas cadeiras, mesas e cortinas, havia detalhes ricamente trabalhados com esse metal.

No extremo oposto da sala, porém, erguia-se sua maior atração: um trono de ouro maciço sob um dossel de veludo vermelho. Ali estava sentado Sua Suprema Excelência em pessoa.

O mordomo aproximou-se dele, curvando-se quase até tocar o chão. Quintero também o cumprimentou com uma respeitosa reverência, apresentando-os em seguida com uma descrição de tal forma rebuscada que Kamala sentiu vontade de rir.

Dom Miguel Moneda, porém, ouvia a tudo atentamente.

Tinha os traços finos como os de um aristocrata, os cabelos bem pretos e a fronte alta e oval. Tratava-se mesmo de um espanhol, como Quintero adivinhara, orgulhoso do poder que aquele trono de ouro e toda sua riqueza aparentemente lhe conferiam.

Ao contrário dos criados que empregava, vestia-se todo de preto. Um único anel incrustado com um enorme diamante lhe enfeitava os dedos afilados da mão.

Só depois de ouvir tudo o que Quintero tinha a dizer, ele dignou-se a levantar e descer os poucos degraus para cumprimentá-los.

— Desejo-lhe as mais calorosas boas-vindas ao México, sir Conrad Veryan — disse ele, estendendo a mão.

— Estamos encantados em conhecê-lo, Suprema Excelência — Conrad

respondeu em inglês.

— Lamento... mas não falo muito bem... sua língua — declarou dom Miguel, pausadamente.

— Não seja modesto, seu sotaque é perfeito — Kamala exclamou, impulsiva.

Dom Miguel voltou-se para olhá-la, surpreso por ver interrompida sua conversa com Conrad. Bastante embaraçada, Kamala lhe endereçou uma reverência. Em resposta, ele tomou-lhe a mão e levou-a aos lábios, sem tocá-la, no entanto.

— É sempre um prazer receber uma mulher tão bela. Minha casa e tudo o que nela há estão ao inteiro dispor de vocês.

— Obrigada, o senhor é muito gentil — ela agradeceu em espanhol.

— Fala minha língua?

— Um pouco — Kamala respondeu, modesta. — Quero adquirir maior fluência até o final de nossa estada no México.

— Que, aliás, espero não seja muito curta. Ela sorriu ante tal comentário.

— Mandeí que preparassem um jantar especial para vocês — dom Miguel continuou. — Por ora, gostaria de convidá-los a me acompanhar em uma taça de vinho.

— Com todo o prazer — Conrad replicou. — Não quero abusar de sua bondade, mas por outro lado é minha obrigação lhe pedir para enviar água e comida também aos meus marujos. Nossas provisões acabaram pouco antes de chegarmos à costa mexicana.

Quintero adiantou-se para traduzir, porém um aceno de dom Miguel o fez parar.

— Não falo bem o inglês, mas sou capaz de entendê-lo perfeitamente — explicou. — Quanto aos seus marinheiros, sir Conrad, fique tranqüilo. Isso que me pede já foi providenciado.

— Mais uma vez, muito obrigado, senhor.

Apesar de toda a gentileza com que os tratava, dom Miguel parecia distante, como que perdido em seus próprios pensamentos.

Tal fato não escapou aos olhos aguçados de Kamala, que no entanto deu de ombros, preferindo não lhe conferir maior importância. Fosse lá o que fosse que o incomodava, nada tinha a ver com o assunto.

Dom Miguel os conduziu a outro cômodo tão magnífico quanto aquele que Kamala resolvera batizar de “sala do trono”.

Novamente encontraram muito ouro entalhado nas paredes. A

diferença eram os quadros de pintores famosos adornando a sala, além de sofás e cadeiras mais confortáveis.

Criados ricamente paramentados surgiram com o vinho. Kamala resolveu experimentar e ficou encantada com a suavidade e o aroma deliciosos.

— As vinhas são cultivadas em minha propriedade — dom Miguel explicou. — Meu reino é bastante auto-suficiente. Tudo o que preciso é produzido aqui.

Kamala teve a impressão de que compreendera mal a palavra que traduzira por “reino”, porém dom Miguel logo esclareceu essa dúvida:

— Nas minhas terras sou o rei supremo. Aqueles que me servem obedecem ao meu comando, sem que ninguém se oponha. Meus criados são fiéis, depositam suas vidas em minhas mãos. Para muitos, sou um verdadeiro deus!

Kamala fitou-o completamente atônita. Por deficitário que fosse seu espanhol, havia compreendido o que ele dissera e sem dúvida existia uma grande dose de exagero em tudo o que Sua Suprema Excelência falava.

De repente ele se pôs em pé.

— Tenho assuntos urgentes a tratar — desculpou-se. — Os criados mostrarão os quartos reservados para vocês. Talvez queiram descansar um pouco da viagem. O jantar será servido às nove horas e vocês serão meus convidados, Até logo.

Dom Miguel se retirou sem dar tempo a que lhe respondessem.

Aproveitando que estavam sozinhos outra vez, Kamala voltou-se para Quintero, à procura de confirmação para o que acabara de ouvir.

— Não estou bem certa se o compreendi, mas dom Miguel afirma ser este o seu reino e que os criados o tomam por um deus? — perguntou.

— Foi o que ele disse — replicou Quintero, pensativo. — Se quer minha opinião sincera, não estou gostando nada disso — continuou, dirigindo-se a Conrad. — Há algo de muito estranho nesse homem.

— Foi o que também achei — Conrad concordou.

CAPÍTULO VIII

De repente um homem entrou correndo no salão, interrompendo a conversa.

— Sou o ajudante-de-ordens de Sua Suprema Excelência — ele explicou, em espanhol. — Tive de me ausentar no exato momento em que vocês chegavam. Por favor, aceitem minhas mais humildes desculpas. Estarei à disposição a qualquer hora que precisarem.

Assim dizendo, apertou as mãos de Conrad e Quintero e beijou a de Kamala, mal roçando-lhe a pele com os lábios.

Era jovem e bonito, mas tinha o mesmo ar antipático de autoridade e condescendência de dom Miguel. Tanto um quanto outro, embora se esmerassem nos cumprimentos, possuíam um olhar duro e pouco amistoso.

— Eu ficaria imensamente agradecido — Conrad resolveu aproveitar — se alguém me levasse até meu barco. Gostaria de ver como está a tripulação e avisar que a comida e a bebida que receberam provêm da generosidade de nosso anfitrião.

— Não há necessidade de preocupar-se com isso, sir Conrad — respondeu o mexicano.

— Creio que tenho a obrigação de fazê-lo, uma vez que todos naquela embarcação estão sob minha responsabilidade — Conrad insistiu.

— Se quiser ter a bondade de olhar para fora, verá que sua tripulação está sendo trazida a terra firme neste exato momento.

Sem titubear, Conrad caminhou até a sacada e constatou que realmente um barco cheio de marinheiros se afastava do *Aphrodite*.

— Parece que todos estão deixando o barco. Deveriam ficar pelo menos a bordo, caso aconteça alguma coisa... — Conrad replicou, depois de um breve instante.

— Também pensamos nessa possibilidade — retrucou o ajudante-de-ordens. — Por isso, nossos homens vigiarão seu veleiro noite e dia. Queremos que todos venham a terra para festejar e se divertir. Não é esse o costume em seu país?

Conrad preferiu não responder. Sentia-se mal vendo todas as ordens que dava alteradas a sua revelia. Por outro lado, era difícil constatar tanta

amabilidade.

— Imagino que meu valete esteja entre aqueles que ali vão — voltou a dizer, friamente, apontando para o barco. — Gostaria de tê-lo comigo, para que me sirva.

— Naturalmente.

— E, se vamos jantar com Sua Suprema Excelência — Quintero aproveitou para solicitar —, ficaríamos gratos se nossas roupas fossem trazidas também.

— Isso já está sendo providenciado — informou o mexicano.

— A hospitalidade desta casa é mesmo surpreendente — Conrad observou, fazendo questão de imprimir um tom de sarcasmo na voz.

— Não medimos esforços para que nossos hóspedes fiquem o mais à vontade possível.

Em seguida, olhando para o bonito relógio francês sobre uma mesinha de canto, o ajudante-de-ordens acrescentou:

— Queiram acompanhar-me. Vou lhes mostrar seus quartos, onde poderão descansar da viagem.

— Excelente idéia — Kamala replicou, pensando em Conrad e todas as horas que passara acordado durante a tempestade.

Seguiram o rapaz porta afora, saindo novamente para a varanda que circundava o pátio interno. O mármore daquelas paredes era muito frio, embora a casa em geral desse a impressão de abafada.

O som de água chamou a atenção de Kamala para uma linda fonte no canto do pátio que lhe passara despercebida quando ali entrara. A água jorrava da boca de um peixe, caindo sobre uma bacia de pedra ladeada por deuses e deusas esculpidos em tamanho natural.

Mas infelizmente não teve tempo de estudar melhor todos os detalhes. O ajudante-de-ordens já abria uma porta pouco mais à frente, anunciando, ao mesmo tempo que fazia sinal para que entrassem:

— Esta será a sala de estar que utilizarão quando quiserem ficar a sós. Ninguém os perturbará aqui.

Como em todos os outros cômodos da casa percorridos até o momento, ali também o teto era alto, as paredes bastante trabalhadas e a mobília luxuosa e confortável.

— Seu quarto de dormir, senhorita — continuou o mexicano —, fica à direita da sala. Os cavalheiros ocuparão os dois quartos à esquerda. Todos comunicam-se internamente com a sala de estar.

Antes de passar para seu quarto, Kamala lançou a Conrad um olhar

que esperava fosse muito significativo, convidando-o a procurá-la quando ficassem a sós.

Porém Conrad aproveitara para sussurrar alguma coisa com Quintero nesse instante, nem sequer a notando. Assim, sentindo-se mais desamparada do que nunca, ela entrou e fechou a porta atrás de si.

O quarto que lhe fora destinado era amplo e arejado. Também havia abundância de ouro na decoração, especialmente na cabeceira e nos pés da cama. Além disso, um bonito mosquitoieiro descia do dossel que a encimava, enfeitado com pombos dourados.

Duas criadas Índias esperavam para ajudá-la a despir-se. Eram moças bonitas, a pele escura e olhos amendoados, belos dentes, cabelos muito longos. No entanto, eram pouco habilidosas com as mãos e não emitiram uma palavra sequer.

Usavam saia amarela e uma comprida blusa de *cashmere* escarlate, toda bordada em ouro e prata. Dificilmente se poderia tomar tal indumentária como padrão para todas as mulheres daquele país, Kamala concluiu.

Depois de vestir a camisola de *chiffon* que Spider lhe fizera, Kamala se deitou para descansar um pouco. De repente sentiu-se exausta com todas as emoções dos últimos dias. As criadas cobriram-na com um lençol de algodão muito fino, fechando também o mosquitoieiro antes de se retirarem.

Deitada na cama, o mosquitoieiro causando-lhe a impressão de ser uma ninfa envolta em brumas, Kamala chegava à conclusão de que não sentia medo. Por mais estranho que tudo lhe parecesse naquela casa, sabia que Conrad estava por perto. Só pedia a Deus que lhes desse a oportunidade de ficarem um pouco a sós.

Adormeceu pensando nele. Talvez por isso não tenha se surpreendido quando o viu ao lado da cama, pouco depois, ao despertar. O contorno do corpo forte contra a luz da única vela que as criadas deixaram acesa no quarto era inconfundível.

Vendo-a desperta, Conrad afastou o mosquitoieiro e sentou-se na beirada da cama. Um sorriso meigo brincava em seus lábios, enquanto se entregava ao prazer de observá-la por mais alguns instantes.

De repente Kamala percebeu que, com o calor do quarto, atirara para o lado o lençol. Conrad a via quase nua, as formas perfeitas de seu corpo realçadas pela fina camisola.

Mais que depressa apanhou o lençol e cobriu-se, incapaz de evitar que lhe subisse ao rosto um bonito rubor.

— Você é tão linda! — disse Conrad afinal, ofegante até. — Mais do

que eu me lembrava do nosso último encontro a sós.

Súbitas chamas inflamaram-lhe os olhos, enquanto ele acrescentava:

— Eu te amo, Kamala!

— Precisamos conversar — disse ela, timidamente. — Esperava que você conseguisse alguma forma de ficarmos a sós.

— Não foi nada fácil! — Conrad contou, sorridente.

— Tive de escalar as varandas pelo lado de fora da casa. Kamala arregalou os olhos, surpresa.

— Mas por quê?

— Os corredores estão cheios de criados — ele explicou. — Pensei que, mesmo nos fazendo passar por irmãos, poderiam achar estranho que eu a visitasse no quarto, correndo o risco de encontrá-la... despida.

Kamala corou mais ainda.

— Você não tem o direito de entrar dessa forma, sem ao menos me avisar com antecedência — ralhou, porém sem grande convicção.

— Você está tão linda assim! — A voz rouca revelava o quanto Kamala era capaz de excitá-lo. — Nem ousa tocá-la, ou poderíamos esquecer onde estamos. Antes de mais nada, temos de manter todos os sentidos bem alertas!

— O que você quer dizer com isso? — Kamala perguntou, vendo que agora Conrad falava seriamente.

— Ainda não sei ao certo o que está se passando, mas acho estranho não poder falar com os meus marujos. É verdade que não me proibiram de fazê-lo, mas também não disseram como encontrá-los. Além do mais, não é fácil enfrentar um provável inimigo que se mostra sempre tão cortês.

— Também não consigo entender o que pretendem com tudo isso.

— Spider esteve em meu quarto há poucos minutos

— disse Conrad. — Contou que os homens de dom Miguel subiram a bordo e literalmente ordenaram que todos deixassem o veleiro, alertando ainda para que levassem seus pertences. Talvez seja apenas mais uma demonstração da hospitalidade mexicana, mas, mesmo assim, pareceu-me um pouco arbitrária demais.

— E o sr. Quintero, o que diz de tudo isso? — Kamala sentiu-se curiosa em saber.

— Está tão confuso quanto eu — Conrad respondeu. — Mas sugeri que fôssemos muito cuidadosos com o que falamos na sala de estar. Disse que espanhóis e mexicanos são apaixonados por uma boa intriga. Não seria de estranhar se pusessem espiões por toda parte.

— Como sabe que ninguém nos ouve agora?

— Não sei, e esse é o problema. Mas o sr. Quintero acha que este é o quarto mais seguro de todos. Segundo ele, os espanhóis têm as mulheres em pequena conta, já que nunca discutem assuntos importantes com esposas ou filhas.

— Fico contente em saber que você não pensa da mesma forma — Kamala brincou.

— Ao contrário, faço questão de compartilhar toda a minha vida com o meu amor. Ah, Kamala, não sabe como me é difícil tanto tempo longe de você!

Aquele tom de voz apaixonado a fez sentar-se na cama para ficarem mais perto um do outro.

— Eu te amo exatamente porque pensamos da mesma forma — declarou então. — Tudo o que eu quero é estar junto de você.

Conrad perdeu a cabeça vendo-a de perto. Deixou que seus braços a envolvessem e seus lábios procurassem os dela. Aquele beijo os fez estremecer, ansiosos em saciar uma tão grande sede de amor.

Afinal, Conrad afastou-se e gentilmente fez Kamala recostar-se contra os travesseiros.

— Agora descanse, meu amor.

Antes que tivesse tempo de dizer qualquer coisa, Kamala o viu se levantar, fechar novamente o mosquiteiro e sair para a varanda.

Por alguns minutos não ousou se mexer, dando tempo ao coração para acalmar-se, depois de ouvir tão terna declaração de amor.

Por fim se levantou e saiu para a varanda, só então percebendo, horrorizada, o perigo a que Conrad se expusera para vê-la.

As varandas eram divididas, de modo que ele fora obrigado a saltar de uma para outra. Daquele lado da casa o terreno descia íngreme até o jardim. Ele poderia ter escorregado e se machucado em alguma pedra ou árvore lá embaixo!

“Como pode ser tão imprudente apenas para me ver?”, ela se perguntou atônita e, ao mesmo tempo, encantada.

Do lugar em que se encontrava avistava o *Aphrodite* ancorado na baía, em meio a várias embarcações. Enquanto admirava aquela bonita paisagem, viu surgirem na entrada da baía as velas de um outro veleiro. Como um gigantesco cisne, ele deslizou sobre a água azul da baía.

O silêncio da noite permitiu que ouvisse quando a âncora feriu a superfície da água, perto do cais. Marinheiros subiram ao mastro para enrolar as velas, prendendo-as em seguida.

Era um veleiro maior que o *Aphodite*. Embora tal coisa lhe parecesse impossível a princípio, era também belo, e talvez mais veloz.

“Preciso confirmar com Conrad essa minha impressão”, pensou voltando para o interior do quarto.

Nesse exato momento as criadas entraram e, pela primeira vez, dirigiram-lhe a palavra anunciando que chegara a hora de vestir-se para o jantar.

Em seguida abriram uma porta que Kamala não notara até então. Descobriu que conduzia a uma sala de banhos toda enfeitada com ouro e prata.

Seu banho já havia sido preparado. A água morna e perfumada convidava a passar horas entregue àquele prazer. Porém naquela noite isso não seria possível. Assim, logo as criadas esfregavam-lhe as costas com toalhas macias, enxugando-a.

Uma delas arrumou-lhe os cabelos, enquanto a outra tirava do armário belíssimas roupas íntimas de seda que Kamala jamais vira. Quando ia indagar de quem eram, bateram à porta.

Uma das criadas abriu, deixando entrar uma senhora carregando o mais belo vestido que Kamala já vira.

Feito de cetim branco, tinha as mangas curtas e o decote pronunciado enfeitados com diamantes e pérolas, formando um bonito desenho.

— Sua Suprema Excelência lhe manda este presente, senhorita — disse a velha criada, endereçando-lhe uma cortesia.

— Para mim! — Kamala exclamou. — Mas eu não posso aceitar...

Mas de repente calou-se. Não seria um insulto recusar aquele presente? Afinal, para um homem que empregava tanto ouro na decoração da casa, certamente aquele vestido não significava muita coisa.

Além do mais, diante das circunstâncias, era preferível não contrariá-lo. Dom Miguel deixara bem claro que esperava de todos a sua volta, sem exceção, a mais completa subserviência.

— É muita gentileza dele — Kamala se corrigiu —, mas creio que não vai me servir...

— Talvez fique um pouco largo na cintura — replicou a senhora —, mas tenho aqui agulha e linha e, se a senhorita fizer a gentileza de vesti-lo, providenciarei os acertos necessários agora mesmo.

Sendo assim, não lhe restava outra alternativa senão aquiescer. As criadas ajudaram-na a vesti-lo e, olhando no espelho, foi obrigada a reconhecer mais uma vez: aquele era o traje para noite mais magnífico que já

vira.

— O vestido foi feito na Espanha, senhorita — explicou a velha senhora enquanto cerzia a cintura que, como previra, estava um pouco larga.

— E esses diamantes?

— Eu mesma os bordei — respondeu a criada, com grande orgulho.

— Pois saiba que fez um excelente trabalho — Kamala elogiou.

— Aprendi esse ofício ainda muito pequena com minha mãe, senhorita.

Pronta, afinal, Kamala tentou imaginar o que Conrad diria ao vê-la vestida daquela forma. Talvez a achasse adorável, mas também era possível que se aborrecesse por ter aceitado um presente tão caro.

“Quando formos embora, não o levarei comigo”, decidiu.

Por outro lado, se Sua Suprema Excelência fizesse questão de que o mantivesse com ela, então já teria uma pequena fortuna em mãos!

De qualquer forma, o melhor a fazer era esperar pelo veredicto de Conrad. Caberia a ele decidir.

O mais importante era tê-lo a seu lado e poder confiar em seu julgamento, sempre tão sábio.

Depois de agradecer às criadas pela ajuda, Kamala saiu para a sala de estar. Quintero lá estava, sentado em um sofá muito confortável, porém Conrad ainda não aparecera.

— Onde está meu irmão? — perguntou.

No mesmo instante percebeu a impropriedade daquela pergunta. O próprio Conrad fizera questão de adverti-la quanto à possibilidade de serem vigiados naquela sala.

— Espero que não se atrase para o jantar — ela continuou, na tentativa de reparar o erro. — Não quero causar má impressão a dom Miguel logo na primeira noite.

— Não se preocupe com isso, minha cara — replicou Quintero. — Ainda é cedo e, além do mais, sabe-se que todo espanhol chega tarde a um compromisso.

— Então só nos resta esperar — disse Kamala, acomodando-se em outra poltrona.

Imaginar porém que talvez os vigiassem por algum buraco da parede a fez sentir-se incrivelmente incomodada, a ponto de levantar-se e caminhar em direção à sacada, dizendo:

— Está quente aqui dentro.

A baía parecia ainda mais encantadora agora, com a lua refletida em

suas águas. As primeiras estrelas surgiam no céu, porém não conseguiam ofuscar o brilho dos diamantes no vestido de Kamala.

Quintero seguiu-a pouco depois.

— Onde conseguiu esse vestido?

— Dom Miguel o mandou para mim, como presente.

— É magnífico! Esses diamantes devem valer alguns milhares de libras!

— Foi o que pensei — disse ela, um tanto nervosa. — Acha que fiz mal em aceitá-lo?

— Dom Miguel é um homem rico e generoso. Alguns diamantes não lhe farão falta e é melhor evitarmos deixá-lo zangado.

Nesse momento ouviram Conrad entrando na sacada. Kamala voltou-se para vê-lo e imediatamente percebeu que algo estava errado. Seus lábios pareciam tensos e uma ruga profunda vincava-lhe a testa.

— O que acontece... — ela começou.

Mas antes que tivesse chance de terminar viu que o ajudante-de-ordens o seguia logo atrás. Tomando-lhe a mão, o rapaz beijou-a, curvando-se em seguida na direção de Quintero, só então anunciando:

— Sua Suprema Excelência os receberá no salão principal.

Um pouco sem jeito, Kamala tomou a frente e acompanhou o mexicano escada acima novamente.

Dom Miguel ainda não chegara à sala do trono, porém não demorou mais que dois minutos. Usava preto novamente, com exceção da camisa branca de renda e uma alta gravata, presa por um alfinete de diamantes.

Kamala percebeu que a observava atentamente, como que para admirar o efeito que fizera seu presente.

Após uma rápida troca de cordialidades, dom Miguel levou-os ao salão de banquetes.

Naquele cômodo, não só as paredes eram ornamentadas com valiosos quadros e ouro, mas também os candelabros sobre a mesa eram feitos do mesmo metal, além de terem diamantes incrustados na base. Tudo de um bom gosto tão grande que Kamala mais uma vez se descobriu boquiaberta.

Dom Miguel sentou-se à cabeceira da mesa, indicando para Kamala seu lado direito e, para Conrad, o esquerdo.

— Vejo que gostou dos meus candelabros — observou então, voltando-se para ela.

— Realmente, Suprema Excelência — Kamala reconhecia —, são fabulosos! Mesmo essa porcelana — acrescentou ela, indicando o prato a sua

frente. — Duvido que se possam encontrar peças mais finas em qualquer outro lugar do mundo!

— Gosto de ouvi-la dizer tais coisas — dom Miguel agradeceu, lisonjeado. — O jogo de jantar mandei trazer da Europa, mas os candelabros foram feitos por meus artesãos, a partir de um modelo que eu mesmo desenhei.

— E inacreditável! — foi a vez de Conrad exclamar. — Imaginei que fossem peças espanholas muito antigas.

— Os originais em que me baseei, sim — dom Miguel explicou. — Mas os metais e as jóias fui eu que escolhi.

— O sr. Quintero nos dizia durante a viagem como era rico este país em matéria de metais preciosos — Kamala observou. Assim dizendo, levou os dedos às pedras que ornamentavam seu vestido. Quero aproveitar para agradecer sua generosidade em ter me emprestado este magnífico vestido para esta noite — acrescentou, com medo da reação de Conrad.

— Emprestado? — repetiu dom Miguel, como se não tivesse ouvido bem. — Quero que o aceite como um presente!

— Eu não acho... — ela começou, mas viu que Conrad franzia a testa, e resolveu reformular a frase: — Não acho palavras com que agradecer um presente tão lindo!

— Não quero que me agradeça — disse dom Miguel, grandiloquente.

Em seguida voltou-se para Conrad e, mudando de assunto, disse:

— Amanhã os levarei a conhecer o *Santa Maria*, meu novo veleiro, construído especialmente para mim nos Estados Unidos.

— Eu o vi chegar agora há pouco — Kamala comentou. — Soberbo, como tudo o mais aqui!

— Realmente — dom Miguel concordou. Kamala conseguira deixá-lo todo satisfeito outra vez. — Faço questão do melhor.

Seu olhar demorou-se em Kamala por alguns segundos, até que continuou:

— Muitos dos índios que trabalham para mim aqui são clarividentes ou têm o dom da profecia. Desde meu nascimento profetizaram que eu seria rei sobre esta terra. — Uma pausa muito rápida se fez, e ele concluiu: — Recentemente, me foi dito algo mais.

— O quê? — Kamala perguntou, curiosa.

— Que estava prestes a encontrar uma rainha.

— E essa profecia já se concretizou? — ela tornou a perguntar.

— Não, mas nunca soube de um erro cometido por essa profetisa —

dom Miguel respondeu. — Ela disse que a rainha viria do mar e teria a pele branca como o leite.

Novamente falava naquele tom de voz que usara para recebê-los. Talvez o reservasse para impressionar.

— Talvez se referisse ao novo veleiro, sugerindo que deva chamá-lo *Rainha do Mar* — Conrad observou, procurando ser gentil.

Compreendera apenas em parte tudo o que dom Miguel dissera, fazendo o espanhol rir do comentário.

— Dentro de poucos dias pretendo visitar a Espanha — disse dom Miguel. — Depois dessa viagem poderei lhe dizer se seu julgamento é correto ou não.

Considerando aquele o momento adequado para tocar no assunto, Conrad explicou:

— O senhor deve ir a passeio, mas eu pretendo encontrar um bom carregamento para fazer. O *Aphrodite* tem um excelente compartimento de carga.

Dom Miguel fitou-o como se acabasse de ouvir algo que julgasse muito impertinente.

— Um carregamento? — repetiu.

— Sim, Suprema Excelência.

Calaram-se então. Dom Miguel não parecia disposto a dar sugestões quanto ao assunto que Conrad mencionara. Kamala teria preferido comentar o problema com o ajudante-de-ordens, mas no momento isso não era possível.

Vários pratos foram servidos durante o jantar, todos deliciosos. Havia codornizes cozidas em molho de cogumelos, faisão e uma grande quantidade de saladas. As grandes atrações da noite, porém, foram frutas tropicais como abacates, nêsperas, romãs e outras, enfeitando os pratos e servidas no final da refeição.

Enquanto saboreava aquelas delícias, Kamala lembrou-se dos marinheiros, na esperança de que estivessem sendo igualmente bem servidos.

Depois do jantar, caminharam um pouco pelo pátio para ajudar a digestão. A fonte ainda estava ligada, contribuindo com o frescor da noite para aumentar a sensação de bem-estar que todos experimentavam.

Por fim dirigiram-se à sala do trono, a preferida de dom Miguel. Ele chamou o ajudante-de-ordens e sussurrou-lhe alguma coisa ao ouvido. O rapaz retirou-se, voltando pouco depois trazendo um estojo revestido de ouro preto.

Dom Miguel abriu-o e mostrou seu interior para Kamala.

— Oh, mas é lindo! — ela exclamou, olhando para o mais belo colar de diamantes que já vira.

Dom Miguel retirou-o do estojo e aproximou-se de Kamala, com ar satisfeito. Espantada, ela nada fez para impedi-lo de colocar aquela jóia em seu pescoço. Quando percebeu o que acontecia, ele já prendera o fecho e se afastara para melhor observar o efeito.

— Expliquei durante o jantar que existe uma profecia dizendo que encontrarei uma rainha. E ela virá do mar e será muito bonita — ele disse então. — Pois bem. Logo que a vi entrar em minha casa, percebi que se concretizava a profecia.

Atônita, Kamala limitava-se a encará-lo, o colar de diamantes pendendo de seu pescoço.

— Acho... que não entendi bem... Suprema Excelência — conseguiu balbuciar afinal, muito nervosa, sentindo-se frágil demais naquele instante.

Conrad a tudo observava, atento, uma profunda ruga acentuando-se na testa.

— Vou tentar ser mais claro — dizia dom Miguel, em inglês. — Você vai se tornar... minha esposa e rainha!

Assustado ao ouvir aquelas palavras em sua própria língua, Conrad voltou-se para Quintero.

— Do que diabo ele está falando? — perguntou. Quintero, com o rosto pálido, respondeu:

— Ele está comunicando a sua irmã que deseja tomá-la em casamento.

— Mas isso é ridículo, é um insulto! — Conrad exclamou.

— Como? — dom Miguel perguntou, em tom de fúria mal contida.

— Pelo amor de Deus, Conrad! — Kamala interveio. — Não vamos perder a calma!

E correu para junto dele, segurando-lhe o braço como que para contê-lo. Só então, voltando-se para dom Miguel, Kamala falou em inglês, para que todos pudessem entendê-la:

— Sinto-me profundamente honrada, Suprema Excelência, ante um pedido tão lisonjeiro. Mas infelizmente não posso aceitar a posição que me oferece como sua esposa.

— Quer dizer que recusa um pedido meu?

A pergunta de dom Miguel era de incredulidade, mas também continha a promessa de uma ameaça.

— Vossa Suprema Excelência há de entender que mal nos conhecemos.

— No México, e principalmente nos meus domínios, os casamentos são decididos sem que as mulheres se julguem no direito de emitir qualquer opinião a respeito!

Dom Miguel falara novamente em espanhol. Kamala tinha a nítida sensação de que a sorte de todos estava em suas mãos.

Mesmo assim, Conrad mal podia se conter. Era preciso manter a paz a qualquer custo. Não podiam insultar dom Miguel, ou ele jamais os perdoaria.

— Por favor, Suprema Excelência — ela tentou novamente. — Creio que estamos todos cansados demais esta noite. Não podemos conversar sobre o assunto amanhã?

Como não obtivesse resposta, insistiu:

— Conrad é meu irmão mais velho, e por isso tem direitos de guardião sobre mim. Segundo as leis do meu país, jamais poderei me casar sem a permissão dele.

— Isso eu posso compreender — replicou dom Miguel afinal.

— Se nos permite, é melhor nos recolhermos agora — ela continuou a argumentar. — Amanhã teremos tempo de sobra para discutirmos o problema. Creio que um assunto tão importante precisa ser decidido com toda calma.

— Quando tomo uma decisão, não tenho mais o que pensar — dom Miguel retrucou.

Felizmente falara em espanhol, rápido demais para que Conrad pudesse entendê-lo.

— Por favor, seja paciente. Insisto em dizer que adoramos sua hospitalidade e que foi um privilégio conhecê-lo e a sua maravilhosa propriedade. Mas fizemos uma viagem difícil, estamos exaustos realmente.

Por um momento dom Miguel pareceu disposto a continuar a discussão. Por fim caminhou até junto de Kamala, levou suas mãos aos lábios e, ignorando Conrad e Quintero, saiu da sala.

— O que diabo significa tudo isso? — Conrad repetiu, exigindo uma explicação do ajudante-de-ordens, que a tudo presenciara.

— É como ele disse. Quando Sua Suprema Excelência toma uma decisão, tudo o que espera em troca é obediência — respondeu o mexicano.

— Mas será possível que ele acredita que deixaria minha irmã... — Conrad começou a dizer.

— Por favor, meu querido — Kamala o interrompeu. — Não vamos mais discutir sobre isso esta noite. Cansados como estamos, é possível que deixemos escapar alguma palavra da qual nos arrependeríamos mais tarde.

— Acho que você tem razão — disse ele afinal. Seus olhos, porém, desmentiam a tranquilidade que aquelas palavras tentavam expressar. Mesmo assim, Kamala conduziu-o até a porta do quarto, onde então se separaram.

Em seguida dirigiu-se a seu quarto. As mesmas criadas lá estavam, a postos para atendê-la.

Kamala mudou de roupa, trocando o belo vestido pela camisola, e deitou-se. Esperava ansiosamente que Conrad a visitasse outra vez, porém de nada adiantou ficar acordada até tarde da noite. Ele não apareceu.

Afinal, sentindo-se preocupada e miserável, ela adormeceu.

Kamala despertou para descobrir o sol infiltrando-se pela sacada, convidando-a a levantar-se e sair para olhar a baía.

Seria mesmo verdade o que lembrava da noite anterior, ou tudo não passara de um sonho? Fora tão fantástico, tão... absurdo!

Sabia que dom Miguel era um louco, mas isso em nada ajudava. De onde estava, envolta no lençol, via o mastro quebrado do *Aphrodite* impedindo qualquer possibilidade de fuga. Além do mais, seria suicídio lançar-se ao mar sem provisões.

Respirando fundo, concluiu que não era hora de se acovardar. Conrad certamente pensaria em alguma solução, como já acontecera tantas outras vezes. O importante era impedir que ele se exaltasse demais e entrasse em confronto direto com dom Miguel.

Nesse momento percebeu um súbito movimento na sacada vizinha, da sala de estar. Voltando-se para ver o que era, deparou-se com Conrad agachado junto à balaustrada, de forma a não ser visto do interior.

— Chegue mais perto — ele pediu, em voz baixa. Kamala obedeceu, debruçando-se sobre a amurada o máximo possível.

— Por que não veio me ver esta noite? — perguntou.

— Eu pretendia fazê-lo, mas descobri que havia sentinelas em ambos os extremos da casa, vigiando as sacadas.

— Sentinelas! — Kamala exclamou, espantada.

— Completamente armados, ainda por cima — disse Conrad. — Se me arriscasse, poderia ser tomado por assaltante e levar um tiro. O que, aliás, resolveria todos os problemas de dom Miguel.

— Não diga uma coisa dessas! — ela ralhcou. — Mas por que haveria sentinelas a postos esta noite?

— Pode ser costumeiro aqui. Afinal de contas, dom Miguel se acha uma pessoa de grande importância. Arrogante como é, deve ter feito um

número considerável de inimigos na sua vida.

— Você já pensou em alguma saída para nós? — Kamala perguntou, sentindo voltar o nervosismo da noite anterior.

— Infelizmente, não. Spider está tentando descobrir o que aconteceu com a tripulação. Com certeza, o fato de terem sido retirados do veleiro foi mais uma manobra intencional de dom Miguel. Não podemos partir sem eles.

— Quer dizer que na verdade somos prisioneiros de um lunático?

— Creio que sim — Conrad concordou. — E, o que é pior, esse lunático pretende se casar com você!

O tom de desprezo em sua voz revelava o ciúme que Conrad sentia.

— Ainda não consigo acreditar que isso esteja acontecendo — Kamala desabafou.

— Quintero disse que os espanhóis são extremamente supersticiosos, e por isso se deixaram influenciar pelas histórias de clarividência e magia que encontraram no novo continente. O que não os impede de usarem esse subterfúgio em benefício próprio, claro.

— Dom Miguel não pode estar falando sério.

— Por que fui inventar de trazê-la comigo? — Conrad se perguntou. — Devia ter adivinhado os problemas que enfrentaria tendo uma mulher a bordo!

Tais palavras calaram fundo no coração de Kamala, porém ela preferiu nada responder. Depois de um breve instante, Conrad desculpou-se:

— Eu não pretendia ser rude com você. Apenas estou desesperado com toda essa situação. Achávamos Van Wyck perigoso, mas infelizmente encontramos alguém pior! Se quiser livrar-se de mim, não há nada nem ninguém que possa detê-lo neste fim de mundo!

— Isso não vai acontecer... não pode! — Kamala exclamou.

— Não se iluda. Sabemos que essa história de profecia não passa de uma grande bobagem, mas ele acredita em tudo piamente e fará o que estiver ao seu alcance para torná-la realidade.

Kamala estremeceu.

— Prefiro morrer... a me casar com dom Miguel!

— Por isso temos de encontrar uma forma de fugir — Conrad declarou. — Por enquanto, o melhor que podemos fazer é fingir que concordamos com essa loucura. Vou procurá-lo ainda hoje para discutirmos os termos do casamento. Será uma forma de ganhar tempo.

— Promete para mim... que não terei de me casar? — Kamala pediu,

assustada.

— Só se for sobre o meu cadáver — Conrad lhe assegurou, sabendo no entanto que essa não era uma possibilidade de todo remota. Agora volte para seu quarto antes que cheguem as criadas — ele ordenou, e ela assim o fez.

Acabava de deitar-se novamente quando bateram à porta.

— Entre!

Eram duas criadas que chegavam para vesti-la e arrumar seus cabelos.

Kamala estava quase pronta quando bateram outra vez. Uma das criadas abriu a porta, deixando entrar uma mulher belíssima.

Tinha os traços delicados, os olhos enormes, cílios negros, lábios carnudos e sensuais, um corpo quase grego em sua perfeição.

Por um momento ficou parada no meio do quarto, olhando para Kamala. Por fim, ante um estalo de seus dedos, as duas criadas precipitaram-se porta afora, deixando-as a sós.

— Bom dia — Kamala cumprimentou-a, sentindo-se incomodada ante o silêncio que persistia. — Acho que ainda não nos conhecemos. Meu nome é Kamala Veryan.

— Sei disso — replicou a mulher em espanhol. — Eu sou Josefa.

O vestido caro que usava concedia-lhe um grande ar de dignidade, assim como os brincos e o colar de diamantes. Nos pulsos tilintavam grandes braceletes incrustados de pedras preciosas e uma tiara com o mesmo desenho prendia seus cabelos.

— Não deve ter ouvido falar a meu respeito — disse ela, depois de mais alguns instantes em silêncio, em um tom duro e nada amigável. — Infelizmente, impediram que eu os acompanhasse no jantar de ontem à noite.

— Mas por quê? — Kamala perguntou, consternada.

— Meu irmão e eu teríamos ficado encantados em conhecê-la.

O tom de pele daquela mulher lhe dizia que era uma mestiça. Ao constatar esse fato, Kamala lembrou-se do que dissera Quintero: “As mulheres em geral são muito bonitas”.

Percebendo que suas palavras tinham conseguido desconcertá-la, Kamala resolveu prosseguir:

— Fico contente que tenha vindo me visitar. Talvez possa elucidar algumas dúvidas que tenho com relação a tudo o que está me acontecendo.

Josefa, no entanto, respondeu com outra pergunta, transmitindo toda a raiva que sentia por intermédio da voz:

— Por que você veio para cá?

— Nós não tínhamos outra escolha — Kamala respondeu,

sinceramente. — Uma terrível tempestade nos trouxe até esta região. Não tínhamos mapas confiáveis da costa mexicana, por isso resolvemos seguir os barcos que Sua Suprema Excelência mandou para nos guiar até a baía.

— Quer dizer que não vieram de propósito?

— Não, nem sabíamos da existência deste lugar.

Suas palavras conseguiram aplacar um pouco da agressividade que Josefa transmitia até no modo como a encarava.

— É verdade que dom Miguel pediu sua mão em casamento na noite passada? — a mexicana quis saber.

A dor embutida naquela pergunta bastou para Kamala adivinhar que dom Miguel significava algo de muito especial para aquela mulher.

— Sim, mas só pode ser brincadeira — apressou-se a responder. — Não acredito que estivesse falando a sério.

— Pois saiba que, se aceitar, eu te mato!

Kamala assustou-se com a atitude desesperada de Josefa. Até que, mais que depressa, explicou melhor a situação:

— Pode ter certeza de que não tenho a menor vontade de casar-me com dom Miguel. Meu coração pertence a outro homem, a quem já estou prometida.

Tais palavras tiveram o poder de desanuviar a expressão no rosto de Josefa.

— De qualquer forma — disse a mexicana, dando de ombros —, não lhe resta outra alternativa. Nesta casa, as mulheres não têm voz ativa. Obedecem, e pronto!

— Mas eu sou uma inglesa! — Kamala exclamou, exasperada.

Toda aquela situação a fazia lembrar de seu tio, Marcus Pleyton. Nunca lhe dava a chance de tomar suas próprias decisões.

No momento, porém, o importante era convencer aquela mulher de que não tinha o menor interesse por dom Miguel.

— Isso não fará a menor diferença — Josefa estava dizendo, uma grande tristeza estampada no rosto. — Vocês vão se casar, e eu serei mandada embora.

— Por favor, não desista tão facilmente! — Kamala implorou. — Não me casarei com o homem a quem eu vejo que você ama, prometo!

De repente, teve uma idéia.

— Ajude-nos a fugir e não terá mais de se preocupar com isso!

— Ajudá-los... como?

Era óbvio que Josefa nem por um instante considerara tal hipótese.

— Não sei como, mas deve haver um jeito. Uma fatalidade do destino nos trouxe para este lugar, mas tudo o que queremos é ir embora! — Kamala explicou mais uma vez. — Porém nosso barco está avariado, e a tripulação foi trazida para terra firme. Ou seja, somos prisioneiros de dom Miguel!

Josefa aproximou-se um pouco mais, enchendo as narinas de Kamala com seu perfume exótico, mas delicioso.

— Você não está mentindo para mim? — perguntou então. — Jura, pela cruz de Jesus Cristo, que quer mesmo ir embora?

— Juro por tudo o que há de mais sagrado que tanto eu quanto meu irmão e o sr. Quintero queremos ir embora daqui, e estamos dispostos a qualquer sacrifício para consegui-lo.

Por um tempo que parecia não ter mais fim, Josefa limitou-se a examinar a expressão de seus olhos, como se dessa forma pudesse ler-lhe a alma, até declarar afinal:

— Eu acredito em você.

— Quer dizer que vai nos ajudar? — Kamala perguntou, ansiosa.

— Não. será fácil. Dom Miguel está acostumado a ter tudo o que deseja.

— Mas deve haver alguma forma de evitar que isso se repita desta vez.

— Vou pensar no assunto, e, quando tiver chegado a alguma conclusão, volto a procurá-la — disse ela. — Mas é preciso que você jure que jamais dirá a ele que me viu. Jure!

Enquanto falava, estendeu a mão e agarrou o braço de Kamala. Seus dedos afundaram na pele macia, machucando-a.

— Eu juro! — disse Kamala sem protestar. — E mais uma vez lhe imploro para que nos assista em tudo o que precisarmos, de forma que possamos fugir daqui para nunca mais voltar!

— Farei isso — Josefa prometeu.

Em seguida soltou-lhe o braço e saiu do quarto sem olhar para trás.

Parada junto ao espelho, olhando para a porta fechada, Kamala sentiu que a esperança voltava a habitar seu coração. Já conseguia divisar no horizonte a possibilidade de ser livre outra vez. E tudo graças a uma mulher: Josefa!

CAPÍTULO IX

Kamala saiu para a sala de estar, onde seria servido o café da manhã, pensando que Conrad já devia estar preocupado. Josefa a fizera atrasar-se bastante.

Para sua surpresa, porém, encontrou apenas Quintero na sala, entretido na leitura de um de seus livros. Já tomara seu café, disposto sobre uma mesa da varanda e protegido por um toldo azul-claro.

— *Buenos dias*, sr. Quintero — Kamala cumprimentou-o em espanhol.

— *Buenos dias*, senorita. Tenho aqui um livro que com certeza muito a interessará.

— Do que se trata? — Kamala perguntou.

Era estranho vê-lo ocupado com leitura, quando havia tantas outras coisas com que se preocupar.

Mesmo assim; ele passou-lhe o livro. Kamala segurou-o, ao mesmo tempo observando a sacada para certificar-se de que Conrad não estava apenas fora do alcance de sua vista.

— Este é o trecho que quero que leia — disse o sr. Quintero, persistente. — Fala do assunto sobre o qual conversávamos a noite passada.

Kamala olhou para a página indicada e percebeu que havia um pedaço de papel no meio do livro, onde se lia, em inglês:

“Cuidado. Estamos sendo vigiados. Concorde com tudo o que eu sugerir”.

O inesperado daquele bilhete conseguiu sobressaltá-la, e no mesmo instante seus lábios ficaram ressecados, sem ter idéia do que faria a seguir.

Afinal, forçou-se a comentar, emprestando a sua voz o tom mais casual possível:

— Se o senhor não se incomoda, prefiro deixar essa leitura para mais tarde. No momento estou faminta e ansiosa para tomar o meu café.

— Perdoe-me se fui indelicado — ele se desculpou. — Sempre me emociona qualquer novidade na literatura, a ponto de esquecer-me das necessidades básicas do corpo humano.

— Conrad já tomou café? — Kamala perguntou, caminhando em direção à sacada.

— Creio que não. É engraçado, mas entre nós sou o único pontual, e também o único que não é inglês!

Nesse instante a porta se abriu, mas eram apenas os criados trazendo frutas frescas para Kamala. Uma vasta refeição se seguiu. Havia pelo menos uma dúzia de pratos frios compostos de peixes, aves e carnes, acompanhados dos respectivos molhos franceses. Além do café, os homens poderiam tomar *sherry* ou vinho Bordeaux.

Porém Kamala estava sem apetite. Limitou-se a experimentar um ou outro prato, ansiosa porque desconhecia o paradeiro de Conrad.

Quando ele apareceu afinal, trazia expressa no semblante toda a preocupação que lhe ia no íntimo.

— Bom dia — cumprimentou, secamente.

Quintero o acompanhou até a sacada, sentando-se outra vez à mesa. Kamala notou uma estranha cumplicidade nos olhares que os dois trocaram. Talvez não fosse a primeira vez que se viam naquela manhã.

Com certeza fora Conrad quem instruíra o espanhol a lhe entregar o bilhete dentro do livro. Teria se ausentado para ir conversar com dom Miguel? Mas Kamala logo descartou tal possibilidade. Ainda era cedo demais para isso. Afinal, o que teria acontecido desde a última vez em que se falaram?

Ela e Conrad comeram em silêncio, enquanto Quintero, sempre segurando seu livro, fazia observações cheias de lugares-comuns sobre o calor e o tempo.

Aos poucos a tensão à roda da mesa foi se tornando insuportável para Kamala. Precisava contar-lhes sobre Josefa, mas não se sentia bastante à vontade para tocar no assunto.

Preocupava-se ainda com isso quando o ajudante-de-ordens entrou na sacada.

— Bom dia a todos — saudou, curvando-se galantemente em direção a Kamala ao mesmo tempo que lhe dirigia a palavra: — Sua Suprema Excelência lhe manda seus cumprimentos. Espera que tenha passado uma noite tranqüila e que a honre com um passeio pela propriedade, que ele terá o maior prazer em lhe mostrar pessoalmente.

— Eu adoraria — Kamala respondeu apenas.

— Ótimo! — exclamou o mexicano. — O passeio será feito a cavalo, já que uma carruagem não conseguiria chegar às regiões mais belas da mata. Mas não se preocupe, dom Miguel fez questão de escolher pessoalmente o animal mais dócil que possui para conduzi-la.

— É muita gentileza dele — Kamala replicou, sorrindo. — Infelizmente, porém, não trouxe traje de montaria.

— Isso está sendo providenciado.

— Espero poder acompanhar minha irmã — Conrad interpôs-se.

— Mas é claro — retrucou o ajudante-de-ordens, após uma significativa pausa. — Sua Suprema Excelência ficará deliciado. O sr. Quintero também não quer cavalgar?

— Se me perdoam o comodismo — ele respondeu —, estou com dor de cabeça, preferia caminhar um pouco pelo jardim e sentar-me à sombra, se Sua Suprema Excelência me permitir.

— Fique à vontade para fazer o que melhor lhe convier — disse o ajudante, educadamente.

— Quando será esse passeio? — Conrad indagou.

— Dentro de uma hora. É melhor partir antes que o sol esteja a pino.

— Muito sensato — Conrad concordou.

O ajudante-de-ordens saiu e Kamala levantou-se.

— Como é linda a vista da baía! — exclamou, aproximando-se da balaustrada. — A água é tão limpa e clara... talvez se possa ver até o fundo com facilidade.

— É verdade — concordou Quintero, acompanhando seu olhar.

— Já que temos tempo, por que não fazemos uma caminhada até lá? — Conrad sugeriu. — Seria divertido se víssemos algum peixe. O que me diz, Kamala?

— O sr. Quintero certamente saberá nos dizer o nome de todos eles — ela replicou.

— Vocês dois vão na frente — respondeu o espanhol. — Vou primeiro buscar um chapéu no meu quarto. Tenho medo de piorar esta dor de cabeça.

Kamala adivinhou que ele estava arrumando uma desculpa para deixá-los a sós. Sensibilizada, endereçou-lhe um sorriso enquanto deixavam a sala.

Ao pé da escada do pátio havia uma sentinela. Usava uniforme vermelho, porém menos ornamentado que o do mordomo encarregado de recebê-los no *Aphrodite*. Kamala tentou imaginar quantos soldados dom Miguel empregava naquele seu exército particular.

Atravessaram o pátio e começaram a descer os degraus que cortavam o gramado em direção ao cais. Ali chegando, desviaram em direção à margem da baía, onde não seriam importunados nem corriam o risco de que os escutassem.

— Quintero a avisou? — Conrad quis saber, quebrando o silêncio.

— Sim — Kamala respondeu, agachando-se para sentir a temperatura da água.

Usava o vestido branco e rosa que Spider lhe fizera. Estava encantadora, com o sol dourando-lhe ainda mais os belos cabelos.

A visão da mulher a quem tanto amava a sua frente incomodava Conrad ainda mais. Como era possível que um louco como dom Miguel ameaçasse a felicidade que só teriam nos braços um do outro? Respirando fundo, ele comentou:

— Os marinheiros foram todos levados para as minas. Cuidado, não demonstre seu espanto. Com certeza nos vigiam da casa.

Suas palavras impediram que Kamala se voltasse subitamente para encará-lo. Mesmo assim, tirou a mão da água, deixando que as gotas pingassem de volta à baía, como pedras de diamantes brilhando ao sol.

— Que minas são essas? — perguntou então.

— Minas de ouro e prata. Spider diz que dom Miguel está sempre à procura de novos trabalhadores. A tripulação de todos esses barcos aqui ancorados foi levada para lá.

— Que horror! O que podemos fazer para ajudá-los?

— Nada — Conrad respondeu, olhando para as embarcações completamente abandonadas. — Felizmente, antes de desembarcarmos providenciei para que todos recebessem o salário em dobro, como gratificação pelo excelente trabalho realizado durante aquela tempestade.

— Em que isso pode ajudar?

— Assim que acumulam algum dinheiro, os trabalhadores das minas subornam os guardas para deixá-los fugir. É por isso que dom Miguel precisa sempre de mais e mais homens.

— Mal posso acreditar que tudo isso esteja realmente acontecendo — Kamala desabafou.

— Portanto, isso encerra nossa possibilidade de fugir pelo mar — Conrad concluiu o que estava dizendo. — Mas há outra coisa que preciso lhe dizer.

Seu tom de voz a sobressaltou. Kamala levantou-se e, jogando os cabelos para trás, pôs-se a caminhar à volta da baía.

Mais à frente havia um banco de mármore. Acomodando-se ali, deliberadamente arrumou as saias do vestido, como se estivesse mais interessada na aparência que em qualquer outra coisa.

— Diga-me — pediu, afinal, ansiosa por compartilhar o sentimento de

apreensão e medo que sentia emanando dele.

— Depois que nos falamos esta manhã — disse ele, em voz muito baixa —, mandei chamar Spider para que me ajudasse com a toalete. Antes que ele chegasse, um criado entrou no quarto, carregando uma salva de prata coberta com uma tampa.

Conrad engoliu em seco, mas continuou:

— Perguntei o que havia ali dentro e ele me respondeu que eram frutas. Pedi então para que erguesse a tampa, pois estava faminto e pretendia servir-me de uma das frutas ali mesmo, no quarto.

Uma nova pausa fez Kamala sentir-se ainda mais agoniada, mas percebia o quanto era difícil para ele relembrar aquela história.

— O criado obedeceu e tirou a tampa da salva. No mesmo instante uma pequena cobra preta saltou sobre seu braço! Apavorado, ele gritou e saiu correndo. Consegui matar a serpente, que o sr. Quintero disse ser uma das mais venenosas que existe em todo o México. Mas sei que ela não estava ali por acidente... muito ao contrário!

Kamala apertou forte os dedos da mão, esforçando-se para manter o autocontrole. Tinha vontade de voltar-se para Conrad, abraçá-lo, fugir daquele lugar imediatamente. Mas não podia fazer nada disso. Assim, obrigou-se a dizer, os lábios tensos:

— Graças a Deus nada lhe aconteceu. Conrad, essa serpente estava endereçada... a você! Mas que motivo teriam para querer matá-lo?

— Dom Miguel nunca me perdoará por eu ter dito que seu pedido de casamento nos insultava. Contudo, não contei essa história toda para assustá-la, meu amor, mas para fazê-la perceber contra quem lutamos e quão perigosas são as armas que nosso inimigo está disposto a utilizar.

— E o criado... chegou a ser mordido pela cobra? — ela perguntou. — O que aconteceu com ele?

— Spider me informou que ele morreu dez minutos depois — Conrad replicou.

— É monstruoso demais! — Kamala exclamou.

— Sei disso! Por isso precisamos fugir deste lugar. Porém imagino que nossa única chance será por via terrestre.

— Em uma região completamente desconhecida para nós? — Kamala questionou. — Não iríamos muito longe. Além do mais, dom Miguel tem soldados experientes a sua disposição, facilmente nos alcançariam.

— De qualquer forma, podemos estudar essa possibilidade durante o passeio, daqui a pouco.

Mas era evidente, por seu tom de voz, que Conrad não estava nem um pouco otimista. Por isso, ela resolveu contar-lhe a mais recente novidade:

— Ainda temos uma outra chance para nos livrarmos de dom Miguel.

Então relatou tudo o que acontecera quando Josefa entrara em seu quarto, culminando com sua promessa de ajudá-los a escapar.

— Deve ser a amante de dom Miguel — Conrad comentou. — Obviamente um homem que vive cercado por tanto luxo não se privaria dos prazeres de uma mulher, por mais descartável que a considere!

— Josefa é muito bonita.

— Quando voltará a vê-la?

— Não faço a menor idéia — Kamala respondeu. — Espero que venha ao meu quarto esta tarde, quando estivermos descansando.

— Procure mostrar-lhe a urgência que temos em fugir — Conrad pediu, visivelmente angustiado. — Não temo por minha vida, Kamala, mas é insuportável imaginá-la à mercê de um louco como dom Miguel.

— Se você morrer, eu me matarei em seguida — prometeu, valente. — Mas, se só um de nós puder ser salvo, que seja você!

— Meu amor, como poderia viver sem sua presença constante ao meu lado? Eu te adoro! E por isso mesmo vivo hoje um medo que jamais senti em toda a vida, nem diante das piores tempestades, nem enfrentando os piratas que ameaçavam tomar minha embarcação. Tenho medo de que nos separem... para sempre!

— Eu rezarei — Kamala prometeu, procurando tranquilizá-lo. — Pedirei a Deus para que ajude Josefa a encontrar uma forma de nos libertar.

Um suspiro escapou-lhe dos lábios.

— E eu que pensei que fôssemos encontrar um paraíso!

— Pois, para mim, é o mais negro inferno que já encontrei — Conrad retrucou, amargo. — Maldito seja esse dom Miguel! Teria o maior prazer em torcer seu pescoço até a morte!

O ardor de suas palavras fez com que Conrad elevasse o tom de voz. No mesmo instante Kamala se pôs em pé e, olhando ansiosa na direção da casa, pediu:

— Tome cuidado. Estou com tanto medo...

Conrad se levantou e tomou-lhe a mão, num gesto que poderia ser interpretado como uma gentileza, para ajudá-la a voltar até os degraus que conduziam à casa.

Porém o contato de seus dedos fez Kamala estremecer, sentindo que o sangue corria mais veloz em suas veias, impulsionado pelo grande amor que

sentia.

Lentamente subiram os degraus. O ajudante-de-ordens os esperava no topo, sorridente como sempre.

— Estávamos procurando peixes na baía — Kamala explicou, fazendo sua voz soar alegre e jovial.

— Mas estou certo de que sir Conrad aproveitou para admirar o *Santa Maria*, o novo veleiro de Sua Suprema Excelência — observou o mexicano. — Deve admitir que é a mais elegante embarcação que já viu.

— Realmente — Conrad concordou. — Acabava de fazer esse comentário com minha irmã. Não há dúvida de que é o mais belo veleiro do mundo.

— E também o mais rápido — o ajudante acrescentou, parecendo disposto a provocar ciúme em Conrad.

— Estou preocupado com aquele mastro quebrado do *Aphrodite* — este replicou apenas, como se não tivesse ouvido o último comentário. — Espero que Sua Suprema Excelência não se incomode de mandar meus homens consertá-lo, e também às velas que precisarem de remendos.

— Sim, claro — respondeu o ajudante, como que preocupado em mudar de assunto.

Conrad, porém, o encarava com olhos duros, pensando nos marinheiros obrigados a enfrentar a escuridão das minas. Não estava disposto a esquecer tão cedo tamanho cinismo.

Kamala encontrou um traje de montaria feito de seda verde muito fina sobre a cama.

As criadas ajudaram-na a vesti-lo, prendendo em seguida sobre sua cabeça um chapéu de aba larga, enfeitado com um bonito véu que protegeria também seu rosto do sol.

Depois de pronta, dois lacaios conduziram-na até os fundos da casa, onde a esperava um magnífico cavalo encilhado com arreios e selas de couro e prata. Também o punho do chicote que lhe forneceram era de prata.

Porém o cavalo que dom Miguel usaria tinha enfeites muito mais ricos. Até o estribo que lhe sustentaria os pés era de ouro.

Quando ele apareceu, embora o odiasse, Kamala teve de reconhecer a elegância com que se vestia. Novamente de preto, seu traje era muito bem cortado. As botas brilhavam tanto que refletiam como espelhos o brilho de tanto ouro.

Durante o passeio dom Miguel se revelou um excelente cavaleiro. Kamala ia logo atrás, seguida por Conrad e o ajudante-de-ordens.

Atravessaram um bonito jardim, muito florido e bem cuidado, para logo em seguida se embrenharem por uma trilha que cortava a mata.

Se não estivesse tão assustada, Kamala teria gostado muito daquele passeio. Como Quintero descrevera, os pássaros que habitavam o México eram incrivelmente belos.

As cores vivas de araras e periquitos mantinham-na continuamente encantada. Até mesmo um tucano, com seu lindo bico colorido, passou voando a sua frente! O ajudante-de-ordens chegou a parabenizá-la pela sorte, pois era difícil ver aquele pássaro.

A mata se adensou a partir de um certo ponto. Cercados por palmeiras, ébanos, mognos, paus-rosa e cedros espanhóis, o ar que respiravam era perfumado e puro, um prazer para seus pulmões.

As copas das árvores se entrelaçavam, dando lugar a parasitas e trepadeiras coloridas, contrastando com a folhagem cinza-escuro.

Afinal saíram da mata, chegando à encosta de uma colina repleta de cactos de todos os tipos e tamanhos, alguns floridos, outros não, mas todos magníficos aos olhos de Kamala.

— Sabia que iria gostar — disse dom Miguel, com um largo sorriso nos lábios.

— Realmente, Suprema Excelência, não tenho palavras para expressar minha admiração — Kamala respondeu.

— Então concorda que minhas terras são muito belas — disse ele, pedindo para ouvir um elogio.

— Nunca sonhei que existisse um lugar assim tão adorável.

Continuaram o passeio. Passaram por plantações onde mulheres também trabalhavam, algumas com crianças pequenas presas nas costas.

Visitaram regatos de água fresca e cristalina, descendo por rochas e penhascos onde muitas vezes se equilibravam cabanas indígenas.

Chegaram a estradas esburacadas cheias de mulas, todas transportando cestos repletos de mercadorias. Eram conduzidas por homens de rostos trigueiros que se curvavam respeitosamente tão logo viam o cavalo de dom Miguel se aproximando.

Afinal atingiram o topo de uma colina de onde se descortinavam o mar, a baía e a casa, uma jóia branca em meio ao veludo azul da mata que a rodeava.

Um pensamento ruim de repente atravessou a mente de Kamala diante daquela linda paisagem: como era possível que fossem prisioneiros em uma terra tão linda, habitada por flores e pássaros?

No entanto, bastava olhar para o rosto altivo de dom Miguel e facilmente se concluía que um homem tão prepotente era capaz de tudo, inclusive de escravizar homens livres, trancafiando-os em suas minas.

Assustada com essa idéia, Kamala preferiu concentrar-se na beleza da paisagem, já que nada mais podia fazer.

— O *Santa Maria* parece ainda mais belo daqui — observou. — Meu irmão e eu comentávamos ainda esta manhã que barco maravilhoso ele é.

— Fico contente em saber que lhe agrada — replicou dom Miguel. — Estaremos viajando nele dentro de três dias.

Essa resposta pegou Kamala de surpresa. Vendo que conseguira seu intento, o poderoso tirano continuou:

— Vamos para a Espanha. Mandeí construir o *Santa Maria* com esse propósito específico. Dez anos se passaram desde que me apresentei pela última vez à corte de Madri. Sua Majestade a rainha Isabela é minha parenta. Saberá nos receber com a cordialidade que a condição que ocupo e o poder que tenho me conferem.

— Será melhor... conversar a esse respeito com meu irmão — disse Kamala, num tom que lhe soou mais audaz do que na verdade se sentia.

Ele não respondeu, obrigando-a a continuar mais que depressa:

— Meu irmão é muito importante para mim e para minha felicidade. Sei bem que Vossa Suprema Excelência não quer me ver triste e abatida, o que certamente aconteceria se não o tivesse ao meu lado.

Dom Miguel voltou-se para encará-la. Seus olhos a recriminavam por ousar dirigir-se naqueles termos a ele, que se autoproclamava deus. Porém Kamala, com muito esforço, conseguiu sustentar-lhe o olhar.

— Está na hora de voltarmos — ele declarou afinal, pondo em marcha seu cavalo.

Enquanto desciam a colina, Kamala ia imaginando se não piorara ainda mais sua situação já bastante delicada. Ao menos teria transmitido a dom Miguel a mensagem de que, se Conrad fosse eliminado, jamais concordaria em tornar-se sua esposa, mesmo que isso lhe custasse a vida?

Tal preocupação impediu-a de prestar atenção nos pássaros e pequenos animais silvestres que cruzavam à frente dos cavalos.

Dois cavaliços os aguardavam no jardim da casa. Antes de desmontar, dom Miguel virou-se para ela e anunciou:

— Vamos nos casar depois de amanhã. Discutirei os preparativos com seu irmão.

Não havia nada que Kamala pudesse lhe responder. Queria protestar,

dizer-lhe que não o desposaria nem que fosse o último homem sobre a face da Terra. Mas era preciso controlar-se e permanecer em silêncio.

Conrad desceu do cavalo e entregou a rédea para um dos cavaleiros. Em seguida, aproximou-se para ajudá-la a fazer o mesmo. Seus braços fortes envolveram-lhe a cintura por um rápido instante, até colocarem-na em segurança no chão. Kamala tentou imaginar se Conrad ouvira o que acabara de ser dito. A expressão triste de seus olhos revelava que provavelmente isso acontecera, embora dom Miguel tivesse falado em espanhol.

Sua vontade era de aproveitar o momento em que ele a segurara para gritar bem alto que o amava, que não eram irmãos, que era preferível morrerem juntos a serem obrigados a viver separados um do outro.

Mas então lembrou-se de Josefa, e mais uma vez conteve o impulso.

“Toda nossa esperança está nas mãos daquela mulher”, concluiu.

Enquanto dom Miguel subia para seus aposentos, o ajudante-de-ordens acompanhou Kamala até o quarto, certamente para impedi-la de ficar a sós com o irmão.

As criadas esperavam-na. Tinham preparado um banho perfumado, porém Kamala mal o aproveitou. Achava absurda a idéia de desperdiçar tanto tempo com futilidades, ante o perigo que corriam.

Uma voz em seu inconsciente parecia perguntar-lhe:

“E se Conrad for morto e dom Miguel exigir que o casamento se realize da mesma forma? Teria forças para se matar? Não preferiria submeter-se à dominação desse louco, tornando-se sua esposa?”

Tais pensamentos quase conseguiam sufocá-la, porém Kamala nada demonstrava, permitindo que as criadas a vestissem e penteassem seus cabelos.

De repente seus olhos foram atraídos pelo estojo contendo o colar que dom Miguel lhe dera. Deixara-o sobre o toucador na noite anterior.

Não tinha intenção de voltar a usá-lo, nem mesmo de abrir aquele estojo. Todo o ódio que sentia por dom Miguel estava ali representado, como se o colar fosse o grilhão que prendesse a ela e a Conrad àquela casa.

Quando as criadas iam saindo, depois de arrumá-la toda, Kamala resolveu perguntar a uma delas, em voz baixa:

— Onde está Josefa?

Instintivamente a moça olhou por sobre o ombro, como se temesse que estivessem sendo ouvidas.

— Ela virá visitá-la durante a *siesta*.

— Obrigada.

Um profundo alívio invadiu seu ser. Josefa não a esquecerá. Talvez até já tivesse um plano de fuga. Mas qual seria ele?, era o que se perguntava.

Vira naquela manhã vastos campos cobertos por plantações e matas extensas. Dificilmente chegariam aos limites daquela propriedade sem serem descobertos. Mesmo porque em todos os lugares que visitaram havia trabalhadores de dom Miguel. Certamente atenderiam a uma ordem do capataz e os deteriam, pelo menos até que os soldados fossem buscá-los e os levassem de volta à casa.

Por outro lado, havia barcos de todos os tipos e tamanhos ancorados na baía, porém sem homens para tripulá-los!

Mas chegara a hora do almoço e Kamala não podia demorar mais tempo no quarto. Tão logo saiu para a sala de estar, o ajudante-de-ordens apareceu para acompanhá-la.

Ele a conduziu para um cômodo até então desconhecido, com grandes janelas que se abriam para o lado norte, mais fresco àquela hora. Dali se avistava a floresta e, mais além, o contorno do que parecia ser uma enorme colina pontiaguda.

— O que é aquilo? — Kamala perguntou.

— Uma pirâmide construída pelos astecas — replicou o ajudante.

— Que interessante! — ela exclamou. — Gostaria muito de visitá-la.

— Não há nada para se ver — replicou o mexicano, desinteressado. — Todos os tesouros que continha foram desenterrados e removidos há muito tempo.

— Por Sua Suprema Excelência?

— Claro! Foram enviados à Espanha como curiosidades de nosso país. Creio que foram guardados em museus.

Quintero entrara enquanto falavam e a tudo ouvia atentamente. Aproveitando-se da pausa que o ajudante fizera, comentou:

— Gostaria muito de conversar com Sua Suprema Excelência a respeito dessas ruínas. Dom Miguel poderia fazer um legado impressionante ao mundo. Seu nome seria lembrado em todos os continentes.

— Se o fizer, verá que ele não está interessado. Sua Suprema Excelência deixará um memorial muito mais duradouro com seu reino.

Falava com inequívoca sinceridade, a ponto de provocar em Kamala uma forte vontade de rir, pensando:

“Posso até imaginar dom Miguel como um personagem de contos infantis: um rei malvado e glutton, orgulhoso das riquezas que possui, não percebe o ridículo a que se expõe criando uma lei que obriga o sol a deixar o

firmamento para não ofuscar seu próprio brilho”.

Afinal, quem mais senão Sua Suprema Excelência seria capaz de acreditar que seus sonhos megalomaníacos eram mais duradouros que as preciosidades deixadas pelos astecas? Só mesmo um louco!

Era fácil criar essa imagem mental, porém impossível enfrentar sua insensatez na realidade. Foi o que Kamala constatou quando dom Miguel entrou na sala, esperando pela subserviente reverência dos presentes antes de sentar-se à mesa.

— Acomode-se a minha direita, senhorita — ordenou, dirigindo-se a Kamala.

Ela obedeceu. Porém não se falaram durante todo o almoço, delicioso por sinal. Para alívio de Kamala, foram servidos pratos mais leves, ao contrário do jantar da noite anterior.

Por fim dom Miguel se levantou, dando por encerrada a refeição.

— Gostaria que viesse até minha sala às quatro horas, sir Conrad — disse então. — Precisamos discutir os detalhes do meu casamento.

— Pois não, Suprema Excelência — Conrad respondeu sem pestanejar.

Apenas Kamala conseguiu ver o lampejo de fúria que lhe toldou os olhos por um rápido instante enquanto falava, a voz alta, firme e respeitosa.

Novamente o ajudante-de-ordens acompanhou-a até seu quarto, deixando-a entregue aos cuidados das criadas. Pouco depois também elas se retiraram. Vestida com a camisola de *chiffon*, Kamala sentou-se na cama e esperou por Josefa.

A mexicana não se demorou, entrando sorrateiramente.

— Estava esperando você! — Kamala exclamou, assim que a viu. — Tem novidades para me contar?

Josefa aproximou-se da cama, empurrou para o lado o mosquiteiro e olhou para Kamala com belos olhos negros.

— Sente-se — Kamala pediu, batendo com a mão sobre a colcha da cama.

— A senhorita me permite?

— Claro, sente-se! — ela insistiu.

A preocupação de Kamala era tamanha que acrescentou, desesperada:

— Você tem de nos ajudar, Josefa! Não temos mais ninguém a quem recorrer. Meu irmão descobriu que os marujos do nosso veleiro foram mandados para as minas.

— Sempre são levados para lá — Josefa respondeu.

— Mas será que vão maltratá-los? — Kamala quis saber.

Josefa deu de ombros, como se não soubesse e tampouco lhe preocupasse aquele assunto. Porém disse:

— Encontrei dois homens que ajudarão a senhorita e seus amigos. São ingleses.

— Ingleses! — Kamala exclamou.

Josefa confirmou com um gesto de cabeça.

— Há dois deles aqui. São capitães de um navio.

— Mas por que não foram também enviados para as minas?

— Dom Miguel teve medo de que, sendo mais inteligentes e acostumados a lidar com marujos, descobrissem uma forma de fugir levando todos os outros com eles, de uma só vez.

— Onde estão? — Kamala perguntou.

— Trancafiados — foi a resposta de Josefa. — Mas, se tiver dinheiro, eu poderei libertá-los.

— Dois capitães ingleses — Kamala repetiu, como se falasse consigo mesma. — Mesmo assim, seriam apenas quatro homens, contando com Conrad e Spider. O sr. Quintero é velho demais para poder ajudar... — Depois de uma pequena pausa, continuou: — Podemos pegar um dos barcos menores. Talvez consigam manejá-lo em número tão pequeno.

— Nada disso! — Josefa se opôs mais que depressa. — Vocês devem partir no *Santa Maria*.

— Mas isso é impossível! — Kamala exclamou, aturdida ante o absurdo da idéia.

— Engano seu — Josefa afirmou, com convicção. — O barco é tão precioso para dom Miguel que ele deixa sempre dez homens a bordo para guardá-lo.

— Mas eles não trabalhariam sob o comando de Conrad e dos ingleses! — Kamala argumentou. — Se tentarmos nos aproximar, com toda certeza nos enfrentarão.

— Ao contrário, cuidarei para que obedeçam a todas as ordens.

— Por favor, Josefa... explique-se melhor.

— Só há uma pessoa que pode nos ajudar: Zomba.

— Quem é Zomba? — Kamala indagou.

— E a profetisa que disse a dom Miguel sobre a mulher branca que viria do mar, a quem ele tentaria transformar em sua rainha.

— Mas, sendo assim... como poderá nos ajudar? — Kamala ia ficando cada vez mais confusa. — Jamais me tornarei esposa dele, muito menos rainha!

— Zomba é minha prima — Josefa continuou, como se não tivesse sido interrompida. — No momento estamos brigadas porque eu não quis lhe dar um dos meus diamantes. Zomba afirma que precisa do poder mágico da pedra para levar adiante seus trabalhos, mas sei que na verdade ela é muito ambiciosa.

Nesse instante Kamala viu a mexicana tirar de entre os seios uma enorme pedra. Parecia dotada de luz própria, tal a intensidade do brilho que irradiava.

— Aqui está o motivo de nossa discussão. Zomba o quer desde que o ganhei como presente de dom Miguel. Por isso ela me provoca, fazendo previsões que o obrigam a me substituir.

— Quer dizer que Zomba mentiu?

— Não. Ela viu realmente uma mulher loira vindo do mar, e disse que Sua Suprema Excelência haveria de querer torná-la sua rainha. Mas não que se casariam!

— Entendo.

— A profecia de Zomba já se concretizou: dom Miguel a quer como rainha. Porém isso não os obriga a se casarem.

Kamala estava encantada com a astúcia de Josefa. Era lamentável que dom Miguel não prestasse atenção nela.

— Então você acha que Zomba nos ajudará.

— Desde que eu lhe dê meu diamante — Josefa lembrou.

— Por favor, faça isso! — Kamala implorou. — Pense bem, é sua grande chance de ter dom Miguel de volta. Com certeza isso é mais importante para você que todos os diamantes do mundo!

Josefa olhou para a enorme pedra que tinha nas mãos antes de responder:

— Acho que você tem razão. Ainda assim, não quero ir para a Espanha. Por isso exijo que levem o *Santa Maria* embora. Serão precisos pelo menos mais dois anos para que outra embarcação do mesmo porte seja construída. Até lá, espero já tê-lo feito mudar de idéia.

Kamala observou-a, sem compreender exatamente o que passava pela cabeça da mexicana.

— Na Espanha eu não seria ninguém — Josefa explicou afinal. — Sei muito bem disso. Dom Miguel não me levaria à corte, e ninguém se mostraria interessado em me conhecer porque sou apenas a amante dele, uma mulher sem a menor importância. Seus olhos brilhavam de raiva.

— Mas aqui é diferente. Quando não temos hóspedes, fazemos as

refeições juntos, passeamos a cavalo pela propriedade... Os criados têm medo de mim porque sou a protegida de Sua Suprema Excelência, além de ser prima de Zomba.

— Entendo seus sentimentos. Mas poderemos partir no *Santa Maria* sem que nos impeçam? Os barcos da patrulha nos deixariam passar? Eles carregam armas, eu as vi quando nos escoltaram até a baía.

— Estes são problemas fáceis de serem resolvidos — Josefa replicou. — A única dificuldade real será levá-los a bordo. Se as sentinelas os virem tentando fugir, sem dúvida nenhuma atirarão. Já receberam ordens de fazê-lo, caso vejam algum movimento suspeito ao redor da casa durante a noite.

Kamala pensou em Conrad subindo pela varanda até seu quarto e estremeceu.

— Mas tenho certeza de que vamos conseguir — Josefa continuou. — Existem moças muito bonitas trabalhando nesta casa. Antes de mais nada, soldados são homens! Se estiverem ocupados fazendo amor com lindas mulheres, não terão tempo para notar um pequeno movimento na água!

— Oh, Josefa, como poderei lhe agradecer? — Kamala exclamou, emocionada.

— O melhor que faz por mim é ir embora — Josefa respondeu com sinceridade. — A verdade é que tenho ciúme de você, tão bonita com sua pele branca e seus cabelos dourados!

— Mas você é linda, Josefa! — Kamala retrucou. — Desde o primeiro momento em que entrou neste quarto eu a achei a mulher mais bela do mundo!

Josefa sorria, um tanto envergonhada.

— A senhorita é muito gentil — disse afinal. — É diferente das espanholas, que torceriam seus longos narizes ao me ver! Jamais me aceitariam, porque embora eu durma na mesma cama que Sua Suprema Excelência, não uso uma aliança no dedo!

— Talvez um dia vocês possam oficializar esse relacionamento — Kamala sugeriu.

Sentia-se comovida em constatar que Josefa sofria tanto preconceito apenas por fugir aos padrões de beleza impostos pelos europeus.

Mas a mexicana balançou a cabeça ante sua sugestão.

— Dom Miguel jamais se casará comigo. Não sou importante o suficiente para ele. Mas, no dia em que me mandar embora, ao menos serei uma mulher rica. Os homens me desejarão. Não tenho ainda o bastante, por isso reluto em me separar deste diamante.

— Mas você o fará! — Kamala exclamou no mesmo instante. — Pelo amor de Deus, diga que não vai voltar atrás!

— Não se preocupe com isso, senhorita. Reconheço que é melhor para nós duas que vocês vão embora.

Josefa sorriu, como que para tranquilizá-la ainda mais.

— Tenho de ir agora — anunciou. — As criadas não dirão a dom Miguel que estive aqui, mas não confio no ajudante-de-ordens.

— Está bem. Vou encontrar uma forma de comunicar a meu irmão tudo o que acabamos de falar. Mas gostaria de saber quando será sua conversa com Zomba e quando os ingleses serão libertados.

— Procure seu irmão ainda esta noite — recomendou Josefa. — Antes de mais nada, porém, precisa conseguir algum dinheiro. Dom Miguel é capaz de me dar diamantes, vestidos finos da Espanha, mas nunca dinheiro.

— Tudo o que temos está com meu irmão, mas é impossível falarmos na sala ao lado. O sr. Quintero disse que pode haver alguém à escuta.

— É provável — Josefa concordou. — Creio que este quarto é mais seguro. Mesmo assim, seria preciso driblar os criados que percorrem a toda hora os corredores. Por um momento ela meditou, até que afinal um brilho novo iluminou-lhe o rosto.

— Venha, eu lhe mostro como falar com seu irmão! Imediatamente Kamala levantou-se da cama e, colocando o xale de lã sobre as costas, seguiu-a.

Josefa aproximou-se da parede no canto do quarto, junto à porta da sacada. Atentamente, pôs-se a apalpar os painéis decorados que a enfeitavam. Parecia procurar alguma coisa, movendo-se de um entalhe para outro. Kamala observava apenas, sem compreender o que acontecia.

Subitamente, porém, um painel inteiro girou sobre dobradiças invisíveis.

— Encontrei! — Josefa exclamou, triunfante.

Kamala aproximou-se mais para ver do que se tratava. A abertura na parede revelava uma escada estreita, suficiente apenas para uma pessoa. Com certeza lá embaixo havia uma entrada, talvez pelo jardim, que permitia a dom Miguel colocar seus escutas a postos.

“Então é assim que nos vigiam!”, Kamala pensou, espantada com a engenhosidade daquela construção.

— Neste horário não deve haver ninguém aqui — Josefa estava dizendo, em tom de satisfação.

Em seguida acendeu uma das velas do candelabro que iluminava o

quarto e enfiou-se pela abertura. Tomando Kamala pela mão, fez com que a seguisse escada abaixo. Chegaram a uma pequena plataforma, provavelmente bem embaixo da sala de estar, onde a escada mudava de direção e passava a subir.

No topo dos degraus Josefa empurrou outro painel, dessa vez para dentro do quarto de Conrad.

Ele não se despira nem estava deitado na cama, descansando, como era costume durante a *siesta*. Sentado em uma espreguiçadeira perto da porta da sacada, sem casaco nem gravata, Conrad refletia sobre tudo o que lhe acontecera desde aquela queda do cavalo. De repente, ouviu um estranho barulho no canto do quarto.

Mais que depressa se pôs de pé, observando uma mexicana fazendo sinal para que não dissesse palavra. Conrad só aquiesceu porque viu Kamala acompanhando-a.

— Esta é Josefa, sobre quem lhe falei — ela explicou, procurando tranqüilizá-lo.

Conrad tomou a mão da mexicana e levou-a aos lábios.

— Saiba que trouxe novas esperanças ao coração de minha irmã, senhorita — disse ele. — Sou-lhe muito grato por isso.

— Podemos conversar um instante? — Josefa perguntou, encantada ante mais aquele elogio.

— Por favor, fale — Conrad convidou-a, curioso.

— Temos de ser rápidos. Os criados sabem que estou visitando sua irmã e não entrarão no quarto. Mas, se o ajudante-de-ordens for procurá-la, estaremos perdidos. Sem contar que corremos o risco de alguma sentinela entrar na abertura das paredes.

— Sou todo ouvidos — Conrad replicou.

Auxiliada por Kamala, Josefa lhe expôs todo seu plano: falou dos capitães ingleses, de sua insistência em que levassem o *Santa Maria* e de Zomba, que faria os homens obedecer-lhe assim que subisse a bordo.

— E as sentinelas? — Conrad perguntou.

— Cuidarei de distraí-las, com o auxílio de algumas amigas. Mas não usem branco, e nadem bem devagar. Se por acaso alguém os vir, não pensará duas vezes antes de atirar.

Conrad voltou-se para Kamala.

— Sabe nadar? — perguntou, ansioso. Ela assentiu.

— Realmente, não há fim para suas habilidades — ele então comentou, sorrindo timidamente.

— Agora o que preciso é de dinheiro — Josefa disse por fim. — As sentinelas que vigiam os capitães ingleses terão de ser subornadas. As moças encarregadas de entreter os guardas também exigirão pagamento!

Após uma pequena pausa, Josefa explicou:

— Para esse povo, as jóias não têm o menor valor. O que eles querem é dinheiro, de forma que possam fugir para as cidades mais próximas sem levantar suspeitas. É a única forma de reconquistar a liberdade perdida.

Conrad pôs-se em pé. Atravessou o quarto, abriu o armário e dali retirou uma mala de couro.

— Spider conseguiu trazê-la consigo — explicou, vendo o espanto no rosto de Kamala. — Aqui está todo o dinheiro de que dispomos — continuou, dirigindo-se a Josefa. — Pegue tudo o que precisar.

Ela assim o fez, contando uma a uma as notas, como se já tivesse em mente a cifra que seria necessária.

— E para você? — Conrad perguntou, delicadamente. Josefa encarou-o calada por um momento. Afinal, disse:

— Não é dinheiro que quero, e sei que precisarão ter o suficiente ao menos para as despesas da viagem. Mas gostaria de lhe pedir algumas moedas inglesas. Farei com que sejam soldadas em forma de bracelete. Serei a única a possuir uma jóia assim.

— Sirva-se — Conrad ofereceu. — Nunca poderemos retribuir-lhe adequadamente o que está fazendo por nós. Guardaremos de você a mais terna lembrança.

Apesar de ser uma mulher dura, Josefa corou. Kamala percebeu que aquelas palavras conseguiram emocioná-la.

— Para mim é uma honra ajudá-los.

— Agora é melhor que voltem para o quarto — Conrad observou. — A que horas devemos estar prontos?

— Vá até o quarto de Kamala à uma hora da manhã. As sentinelas julgarão que dormem, e não haverá ninguém atrás dos painéis. Além disso, a brisa noturna será suficiente para enfunar as velas e levar o *Santa Maria* para o alto-mar rapidamente.

— Tem certeza de que os homens a bordo obedecerão a nossas ordens?

— Conrad insistiu, parecendo um tanto duvidoso.

— Zomba cuidará desse detalhe — Josefa assegurou.

— Então só me resta agradecer-lhe, do fundo do coração — ele replicou, mais uma vez erguendo a mão de Josefa e segurando-a contra os lábios.

A mexicana era tão bonita que Kamala não pôde evitar uma pontada de ciúme.

“Será que Conrad conseguirá sentir a mesma admiração por mim, agora que a conheceu?”, perguntou-se, um pouco entristecida.

Porém a maneira como ele a olhou enquanto acompanhava Josefa para dentro da abertura lhe disse que jamais precisaria temer outra mulher. Era a ela que Conrad amava!

Como seria bom poder gritar em altos brados o amor que sentiam, revelando ao mundo que se pertenciam, não como irmãos, mas sim como dois amantes apaixonados! No entanto, era preciso calar-se por mais algumas horas. Deus haveria de devolver-lhes a liberdade, que seria conquistada a duras penas, ainda naquela noite.

Logo chegaram a seu quarto. Mais que depressa Josefa tratou de fechar o painel da parede. Aparentemente, ninguém as procurara naquele curto intervalo de tempo.

— Tente acalmar-se um pouco — a mexicana aconselhou, vendo Kamala tão ansiosa novamente. — Só o que precisamos agora é da proteção dos deuses para que os levem embora em segurança.

— Pedirei a meu Deus para que faça isso — Kamala murmurou. — Você fará o mesmo com relação aos seus?

Os lábios de Josefa esboçaram um pequeno sorriso.

— Prefiro confiar em Zomba — replicou. — E no meu diamante!

CAPÍTULO X

Kamala vestiu-se cuidadosamente para o jantar. Usaria mais uma vez o vestido branco e o colar que dom Miguel lhe dera.

Enquanto se arrumava, pensava que, acima de tudo, não poderia despertar suspeitas. Qualquer mudança em seu comportamento poria dom Miguel em estado de alerta, tornando-se impossível fugir.

Não queria nem pensar em tal possibilidade. Por isso, naquela noite mostrou-se bastante exigente com relação a sua toalete e ao penteado que as criadas fizeram.

Tudo pronto, sentindo-se uma atriz que subia ao palco para representar o papel mais difícil de sua carreira, ela atravessou o corredor, dirigindo-se à sala de banquetes.

Conrad lá estava, além de Quintero e do ajudante-de-ordens. Este último, tão logo a viu entrar, apressou-se a beijar-lhe a mão e dizer:

— Sua Suprema Excelência deseja lhe falar a sós, senhorita. Por favor, me acompanhe.

Instintivamente Kamala olhou na direção de Conrad. Consternada, percebeu que também ele se surpreendera com aquela novidade.

No entanto, só lhe restava obedecer. O ajudante-de-ordens conduziu-a até o fim do corredor. Dois lacaios de libré guardando uma porta abriram-na quando se aproximaram.

Ao entrar, Kamala descobriu que estava na ante-sala do quarto de dom Miguel. Como nos demais cômodos da casa, também ali a decoração era excessivamente luxuosa.

Assim que a viu, dom Miguel levantou-se por detrás da escrivaninha e contornou-a para beijar-lhe a mão.

Mais uma vez Kamala viu-se obrigada a admirar-lhe o porte garboso e elegante dentro do traje preto. Diamantes fabulosos enfeitavam sua camisa, e inclusive o anel que agora trazia no dedo.

— Está muito bonita esta noite, senhorita — cumprimentou-a afinal.

— Obrigada.

— Não pense que minhas palavras são cordiais apenas. Ao contrário, expressam a pura verdade. Já vi muitas mulheres européias na vida, mas

nenhuma se compara a você.

Durante a pausa que se seguiu, Kamala imaginou dom Miguel enumerando mentalmente as qualidades que via na futura esposa, satisfeito com sua sorte.

Assim, baixou a cabeça e esperou, certa de que transmitia uma imagem de grata humildade ante a aprovação que seus olhos traduziam.

— Tenho um presente para você — dom Miguel anunciou. — Creio que a tornará motivo de grande inveja na corte, em Madri.

Enquanto falava, Sua Suprema Excelência apanhou uma pequena caixa de sobre a escrivaninha e abriu-a. Ali estava o maior diamante que Kamala já vira.

De repente, a imagem da pedra que Josefa lhe mostrara empalidecera em sua memória diante daquela que dom Miguel lhe apresentava.

Azulado, lapidado de forma a criar um lindo anel, o diamante resplandecia à luz abundante da sala, a ponto de incomodar a visão.

Dom Miguel tirou a jóia da caixa e colocou-a no dedo de Kamala.

— Não sei como agradecer... tamanha generosidade — ela balbuciou, sinceramente atônita.

— Existe uma infinidade de outras jóias sendo preparadas para você. Estarão prontas antes de partirmos, pois faço questão de vê-la brilhar mais que qualquer outra dama espanhola!

Kamala não sabia o que dizer, porém, certa de que dom Miguel esperava entusiasmo de sua parte, comentou:

— É o maior diamante que já vi!

— Foi encontrado há cinco anos em uma das minas que possuo. Preferi mantê-lo guardado até hoje na esperança de encontrar uma mulher digna do seu esplendor.

— O senhor me lisonjeia tanto... Chego a ficar encabulada — ela retrucou.

Sem lhe dar resposta verbal, dom Miguel pegou suas mãos e a fez aproximar-se. Era evidente o que pretendiam aqueles lábios, retorcidos em um sorriso insano.

Kamala teve de reunir todas suas forças para controlar-se e não lhe dar as costas, fugindo imediatamente dali. Apertando fundo as unhas contra a própria carne, obrigou-se a permanecer imóvel.

Lenta e deliberadamente, dom Miguel curvou-se até que seus lábios se encontraram.

Pela primeira vez ela descobria o que significava o beijo de um homem

por quem não estava apaixonada. Conrad também a tomara de assalto, porém a fizera experimentar um êxtase indescritível. No entanto, tudo o que dom Miguel lhe transmitia naquele momento era um enorme asco.

Sua boca a machucava, enquanto os braços apertavam-na com tanta força que não lhe permitiam respirar. Debaixo de todo o orgulho e prepotência que lhe demonstrara até então, havia um desejo lascivo de possuí-la.

Finalmente, quando estava prestes a desmaiar por falta de oxigênio nos pulmões, dom Miguel a libertou.

— Você me deixa louco! — exclamou, a voz rouca. — Mas posso esperar até amanhã...

O instinto fez Kamala levar a mão aos lábios machucados.

— A-amanhã... — gaguejou.

A perspectiva de que tal coisa pudesse acontecer foi demais para ela. Kamala voltou-se e saiu correndo da sala-. Uma risada malévola soou a suas costas, aumentando o pavor que sentia.

Precisava encontrar Conrad e atirar-se em seus braços o quanto antes. De repente sentia falta da sensação de segurança que ele lhe transmitira em todos os momentos mais difíceis, desde que deixara a casa de seu tio.

Enquanto corria pelos corredores da casa, porém, a razão falou mais alto que os sentimentos dentro dela e a fez lembrar-se de que estava prestes a pôr em risco a única chance de fuga que tinham.

Se Conrad a visse naquele estado, e principalmente depois de saber o que acontecera, poderia perder a cabeça e enfrentar dom Miguel abertamente. Talvez até o desafiasse a um duelo!

No mesmo instante Kamala parou e se encostou na parede, ofegante. Alguns criados que passavam olharam-na curiosos, porém isso em nada importava.

Um enorme espelho com moldura dourada mais à frente chamou sua atenção. Para lá se dirigiu, caminhando a passos lentos. Não chegara a chorar, seus olhos não tinham mais lágrimas com que expressar o desespero de todo aquele drama. Porém seus cabelos estavam desarrumados e o vestido em desalinho.

Automaticamente ergueu os braços para se recompor. Só então reparou no anel com o enorme diamante refletido no espelho.

Em vez de admirá-la, aquela jóia representava mais uma corrente a aprisioná-la, como o colar que levava à volta do delicado pescoço.

Mas não podia se demorar mais ali no corredor. Com certeza dom

Miguel se preparava para encontrá-los na sala de banquetes. Assim, Kamala para lá se dirigiu.

Naquela noite o jantar deu a impressão de levar horas para acabar. Cada minuto que passava exigia de Kamala um esforço maior para manter a conversação desinteressada e fútil com dom Miguel, ocupado mais uma vez em vangloriar-se de posses e conquistas.

Ansiosa, temia repetir a cena de horas atrás quando afinal Sua Suprema Excelência deu por encerrada aquela refeição e todos se recolheram.

Kamala permitiu que as criadas a despissem e apagassem a luz do quarto antes de saírem. Passavam alguns minutos das onze horas quando, impaciente, ela jogou o xale sobre as costas e colocou-se junto da porta da sacada.

Graças a Deus não havia luar. As poucas estrelas que espreitavam por entre as nuvens pareciam cúmplices do plano de fuga que afinal uniria os dois amantes.

Kamala estava disposta a passar as duas longas horas de espera olhando para a baía e pedindo a Deus que não os abandonasse. Mas então um ruído surdo na parede a fez voltar-se.

Os olhos acostumados à escuridão viram Conrad entrar em seu quarto. Calando na garganta um grito de alegria, Kamala atirou-se aos braços dele, que imediatamente a rodearam.

— Você está bem, minha querida? — Conrad perguntou, sentindo-a trêmula.

— S-sim... apenas sinto medo... por nós dois!

Falavam em sussurros para não serem ouvidos, caso algum criado ainda passasse pelo corredor àquela hora tardia.

— Eu precisava lhe falar — disse Conrad.

— Tem certeza de que é seguro vir até meu quarto dessa forma?

— Spider descobriu a entrada da sentinela no jardim e vigiou-a durante toda a noite. Viu quando o homem saiu, pouco depois que nos recolhemos. Além disso, ele está no meu quarto agora, deitado na cama. Se alguém entrar, vai ver uma pessoa dormindo, ressonando tranqüila.

Enquanto falava, Conrad levou Kamala até um pequeno sofá, próximo de onde estavam. Acomodaram-se ali, sentados bem perto um do outro.

Porém ele não voltou a abraçá-la, deixando Kamala apreensiva.

— Conversei com dom Miguel sobre o casamento de vocês — Conrad começou. — Ele tem planos fantásticos para a cerimônia e a festa que se seguirá. Mas isso não é o principal.

— Então o que é? — Kamala perguntou, ansiosa em ouvir de uma vez por todas o que ele tinha para lhe dizer.

Depois de uma breve pausa, Conrad prosseguiu:

— Vejo-me na obrigação de ser o mais correto possível com você, meu amor. Dom Miguel é um homem de muitas posses. Sua riqueza provém não só de minas de ouro e prata, mas também de extensões enormes de terras cultivadas e virgens. Possui ainda muitas propriedades na Espanha, e no momento estuda a possibilidade de investir nos Estados Unidos.

— Que tem isso a ver conosco? — Kamala perguntou.

— Conosco, nada... mas sim com você. Dom Miguel está lhe oferecendo uma chance única de tornar-se uma pessoa proeminente, até mesmo nas cortes européias, além de muito rica, se concordar em tornar-se sua esposa.

— Mas, Conrad... você sabe muito bem que jamais poderia me casar com ele!

— Tem certeza disso?

Pela primeira vez desde que dera início àquela conversa, ele voltou-se para encará-la. Apesar do escuro da noite, era possível ver-lhe os lábios trêmulos e o medo estampado em seus olhos.

— O que tenho a lhe oferecer? — ele então perguntou, bruscamente. — Sei que nos amamos, mas esse sentimento será capaz de sobreviver às privações que certamente terá de sofrer? E, mesmo assim, acha que é fácil para mim obrigá-la a abdicar de todo o conforto e segurança que o dinheiro pode comprar, quando tudo o que sou capaz de prometer é um futuro de dificuldades e incertezas?

— Está tentando dizer... que não me quer mais? — ela perguntou, timidamente, na tentativa de explicar para si própria o que ainda lhe parecia incompreensível.

— Por Deus, não! Só estou pensando no que é melhor para você, meu amor. — As mãos de Conrad apertaram ainda mais os dedos de Kamala. — Minha vida não tem mais o menor significado sem você. Mas é preciso que tenha plena consciência do que estará renunciando se insistir em me acompanhar nessa louca aventura que vivo, em vez de ficar aqui com dom Miguel.

— Por favor... não me deixe para trás — ela implorou, desesperada. — Eu te amo, Conrad! E, mesmo que você não me queira mais, nunca vou permitir que esse lunático me tenha apenas para satisfazer seus caprichos!

Abalada como estava, Kamala escondeu o rosto contra o ombro dele e

pôs-se a chorar. Com o movimento brusco, o xale escorregou-lhe das costas, revelando a fina camisola de *chiffon* que vestia.

— Se você me deixar aqui sozinha... juro que me mato — ela murmurou, apaixonada.

— Isso não vai acontecer, meu grande amor — Conrad respondeu. — Claro que eu a levarei comigo! Apenas senti que precisava ser justo com você.

Conrad apertou-a tanto que por um momento Kamala chegou a ficar sem fôlego. Mas que importância tinha isso, se estava nos braços do homem a quem amava?

— Muito bem então — disse ele afinal. — Se nos pegarem, morreremos juntos. Se escaparmos, enfrentaremos o futuro com a mesma coragem que nos impulsiona no presente.

Kamala ergueu o olhar, as lágrimas ainda umedecendo-lhe as faces. Porém um novo alento tomara lugar em seu rosto.

— Vai me levar?

— Esta noite e para sempre! — Conrad respondeu.

— Você é minha agora. Nunca mais deixarei que nos separem.

Conrad beijou-a mais uma vez. A sensação de arrebatamento que ambos experimentaram era absolutamente inacreditável. Removida a última pedra do caminho, estavam dispostos a enfrentar quantos gigantes se levantassem à frente, certos de que venceriam!

Depois daquele doce e demorado beijo, Conrad curvou-se para apanhar o xale caído no chão, envolvendo-a novamente com ele.

Dessa vez, porém, Kamala não corou por ter se mostrado apenas de camisola. Tinha certeza de que, a partir daquele momento, já se pertenciam para todo o sempre.

— Está chegando a hora — disse ele. — Josefa logo estará aqui.

— O sr. Quintero está pronto?

— Ele não vai conosco — Conrad respondeu, explicando logo em seguida, para não deixá-la preocupada:

— Primeiro porque não sabe nadar. Além disso, enquanto passeávamos hoje pela manhã, conseguiu persuadir um dos cavaleiros a roubar dois cavalos e lhe servir de guia até a cidade mais próxima.

— Vai fugir por terra! — Kamala exclamou.

— Disse que prefere assim, pois se considera velho demais para outra aventura pelo mar. De qualquer forma, creio que será bem-sucedido. O sr. Quintero tem amigos muito influentes no México e, com o auxílio do cavaleiro, não terá dificuldades em entrar em contato com eles.

— Será que esses amigos poderão fazer alguma coisa pelos marinheiros aprisionados nas minas?

— O sr. Quintero pretende cuidar disso tão logo se veja longe deste lugar — Conrad confirmou. — De acordo com o que me explicou, embora dom Miguel seja um homem poderoso, o governo mexicano passa por momentos delicados, às portas de uma revolução. Não negará ajuda a estrangeiros ilegalmente presos no país, ou não poderá contar com o auxílio do exterior em qualquer eventualidade.

— Sendo assim, fico mais aliviada.

— Agora tenho de ir. Spider me espera para ajudá-lo a separar algumas coisas que talvez sejam necessárias em nossa jornada. Voltarei assim que estiver pronto.

Rapidamente ele esgueirou-se pela abertura na parede. Assim que o viu desaparecer, Kamala fechou o painel.

Pouco depois a porta do quarto se abriu. Josefa entrou, seguida da mulher mais impressionante que Kamala já vira.

Tinha a pele escura como os negros, porém os traços de uma Índia. Seus olhos, grandes e inquietos, pareciam guardar segredos inimagináveis para os mais comuns dos mortais.

Usava um vestido muito colorido sob um xale vermelho-claro cheio de franjas.

Do pescoço pendiam dezenas de colares, alguns de contas baratas, outros de dentes de tubarão, outros ainda de pérolas e diamantes. Nos braços tinha várias pulseiras que tilintavam sem parar quando andava e, nos dedos, anéis de todos os tipos e tamanhos.

Ao redor da cabeça um turbante com detalhes dourados completava sua estranha figura.

— Boa noite, senhorita — Josefa cumprimentou. — Como prometi, trouxe Zomba para nos ajudar.

Kamala fez uma cortesia diante da profetisa.

— Sou-lhe imensamente grata por ter vindo, senhora.

— Josefa, minha prima, disse que você e seu irmão correm grande perigo.

Sua voz era rouca e profunda, quase tanto quanto a de um homem.

Nesse instante, foram interrompidas por Conrad, que voltava através do esconderijo na parede. Aproximando-se, assim que reconheceu Josefa, ele tomou-lhe a mão e beijou-a.

— Obrigado por ter vindo. Você é o nosso anjo da guarda.

Afastando-se em seguida da mexicana, que mais uma vez ficara lisonjeada com o elogio, adiantou-se até onde Zomba estava e disse:

— A senhora é a nossa esperança de salvação.' Kamala percebeu que também Zomba gostara do cumprimento. Tanto que seus olhos brilhavam ao responder:

— Não vai ser nada fácil, podem ter certeza disso!

— Estamos cientes das dificuldades — Conrad replicou. — Mas esperamos, com sua preciosa ajuda, conseguir o impossível.

Kamala percebeu que ele as tratava daquela forma propositalmente, e, mais uma vez, admirou-lhe a extrema inteligência. Afinal, era melhor não ferir a sensibilidade daquelas duas mulheres num momento em que estavam tão perto da liberdade.

— Os ingleses estão esperando lá embaixo — Josefa anunciou. — Zomba irá acompanhá-los, portanto ninguém os impedirá de passar. Em seguida desçam até a baía. Quando entrarem na água, estarão entregues à própria sorte. Nada mais poderemos fazer para ajudá-los.

— Minha irmã e eu estamos preparados para assumir todos os riscos — Conrad declarou.

— As garotas já se ocuparam das sentinelas — Josefa continuou. — Ficaram satisfeitas com o dinheiro que receberam. Além disso, levaram vinho para os homens.

— Você fez exatamente como eu mandei? — Zomba interrompeu.

Josefa fez que sim com a cabeça e explicou:

— Adicionamos algumas ervas ao vinho que deixarão as sentinelas sonolentas.

— Mais uma vez, muito obrigado.

— Quando chegarem ao barco, a moça deve falar com os homens primeiro, e sozinha — Zomba declarou.

— Tem certeza de que será seguro? — Conrad quis saber, um pouco confuso.

Antes de mais nada, a profetisa tirou um colar e colocou-o no pescoço de Kamala.

— Agora, sim — respondeu afinal.

— Creio que agora já não corremos tanto risco — concordou Josefa. — Vou acender uma vela para que possam vê-lo melhor.

E assim o fez, depois de fechar as cortinas.

Era um colar de couro, enfeitado com uma única pedra pintada de vermelho. Estranhos sinais decoravam-lhe o centro. Em cima e embaixo havia

duas pérolas enormes, e à volta delas foram incrustados corais, criando a impressão de pequeninos dentes.

— Todos os homens a bordo do *Santa Maria* sabem que este é o amuleto mágico de Zomba — a profetisa continuou. — Faça com que o vejam assim que puser os pés dentro daquele barco. Em seguida diga que vem em meu nome, e só então coloque o colar no pescoço do seu irmão. Isso fará com que obedeçam a suas ordens sem contestar.

Olhando para a pedra pendurada sobre os seios, Kamala teve a nítida sensação de que dela emanava um estranho poder.

— Agora podem ir — disse Zomba.

— Só mais uma coisa — Josefa interveio. — As patrulhas dificilmente abordarão o *Santa Maria*, mas, quando Sua Suprema Excelência está a bordo, o barco em que viaja sempre ostenta uma chama azulada no topo do mastro mais alto. Diga aos homens que a instalem tão logo cheguem à entrada da baía.

— Eu o farei — Conrad assegurou.

Voltando-se então para Kamala, a mexicana estendeu-lhe um pacote. Continha um traje preto, comprido e largo.

— Mande fazer-lo hoje mesmo — Josefa explicou, — Será mais difícil que a vejam assim, ao mesmo tempo que não atrapalhará para nadar. Use o capuz para esconder os cabelos, que poderão sobressair contra a água escura.

— Foi muito inteligente de sua parte pensar nesse detalhe — disse Kamala.

— É melhor vesti-lo agora — Josefa sugeriu. — Não vai querer se trocar lá embaixo, onde os homens podem tomá-la por uma das minhas meninas.

— Não, claro que não! — Kamala mais que depressa respondeu, olhando ao mesmo tempo para Conrad.

— Prometo não olhar — ele atalhou. Enquanto Kamala se refugiava no canto mais escuro do quarto com Josefa para ajudá-la, Zomba puxou Conrad mais para perto da sacada e, solenemente, disse:

— Você é um bom homem, vejo que fará grandes coisas no futuro. Várias pessoas dependem de sua capacidade, e todas terão muito que lhe agradecer. Há uma coroa sobre sua cabeça, o que é sinal de grande importância.

— Espero que a senhora esteja certa — Conrad replicou, agradecido.

— Zomba nunca falhou em uma profecia.

Em seguida viu que Kamala se aproximava, já vestida, e continuou:

— Também posso ver seu futuro, senhorita, e não é difícil resumi-lo em uma única frase: verá realizado o desejo do seu coração.

No mesmo instante Zomba voltou-se para a prima e ralhou com ela:

— Josefa, você me disse que eles eram irmãos, mas isso não é verdade!

— Como assim? — a mexicana exclamou, surpresa.

— Também temos os nossos segredos — ■ Conrad replicou, passando o braço por sobre os ombros de Kamala. — Tudo o que espero do futuro é que ele preserve o grande amor da minha vida ao meu lado.

— Não tenha medo — Zomba sorriu. — Mas vamos, não temos tempo a perder.

Nesse instante, porém, Josefa lembrou:

— Se alguém a vir vestida dessa forma pelo corredor, poderá desconfiar.

— Tenho um casaco no armário — Kamala replicou, apressada.

Conrad correu a apanhá-lo, colocando-o em seguida sobre os ombros de Kamala. Depois enfiou-se pelo painel da parede e em seguida voltava acompanhado de Spider.

O pobre valete, em sua simplicidade, pareceu surpreso ao encontrar Zomba, porém mesmo assim curvou-se educadamente na direção dela e de Josefa.

— Vamos! — Zomba ordenou afinal, abrindo a porta e tomando a dianteira corredor afora.

Caminhava como um barco com as velas desfraldadas. Aquele era um momento de grande perigo, porém as criadas e servos por que ocasionalmente passavam curvavam-se até o chão à vista da profetisa. Era notório o medo que tinham dela.

Desceram uma pequena escada em espiral que certamente evitaria o pátio interno. Os degraus irregulares sucediam-se em uma espiral sem fim.

Depois de voltas e mais voltas chegaram a um enorme depósito. As paredes estavam cobertas de prateleiras onde se viam garrafas e barris de vinho, rotulados com o ano em que haviam sido produzidos.

Ninguém apareceu para impedir-lhes o caminho. Mais alguns degraus e chegavam ao jardim, no nível da baía.

Escondidos entre as folhagens, dois homens esperavam. Cabelos loiros e olhos azuis, era fácil adivinhar-lhes a nacionalidade. Ali estavam os capitães ingleses!

— Eu não lhes disse quem são vocês — Josefa explicou para Conrad, em sussurros.

Assim sendo, ele adiantou-se e estendeu a mão.

— Meu nome é Conrad Veryan. Fui eu quem pagou o suborno dos guardas para que os deixassem sair. Essa é nossa única chance de fuga. Corremos o risco de levar um tiro enquanto nadamos em direção ao *Santa Maria*, mas, se isso não acontecer, creio que conseguiremos levá-lo ao mar. Estão dispostos a nos acompanhar?

O mais velho dos dois adiantou-se e respondeu:

— Ficaremos muito honrados em servir sob suas ordens, sir. Meu nome é Neil Macdonald, capitão do veleiro *Heron*, e este é Roger Turner, responsável pela escuna *Thanet*.

Conrad estendeu-lhe a mão também.

— O senhor é homem do mar, sir? — ele perguntou.

— Fui capitão do *Hércules* e do *Norma* — Conrad respondeu.

A expressão no rosto dos dois ingleses deixou claro que ambos já tinham ouvido falar dos grandes feitos daquelas embarcações.

— Será um enorme prazer velejar a seu lado, sir.

— Então não percamos mais tempo — Conrad replicou, voltando-se para Spider. — Trouxe o que eu pedi?

— Sim, senhor.

No mesmo instante o valete passou a cada um dos homens um embrulho escuro, que Kamala percebeu tratar-se de facas afiadas.

— Foram as únicas armas que conseguimos — Conrad explicou. — Agora, senhores, sugiro que entremos no depósito para trocar de roupa.

Os ingleses seguiram-no de volta à imensa adega de vinho. Kamala aproveitou e disse, dirigindo-se a Josefa:

— Creio que só posso repetir os mesmos agradecimentos de Conrad. Mas, além disso, gostaria de lhe dar um pequeno presente.

Tirou então o anel com o enorme diamante que dom Miguel lhe dera naquela noite e estendeu-o à mexicana. Josefa engoliu em seco, maravilhada.

— Não precisa fazer isso, senhorita...

— Ninguém o merece mais que você. De qualquer forma, dom Miguel pensará que o levei comigo. Não precisará saber que você o tem.

— Obrigada! Muito obrigada!

Josefa baixou os olhos, envergonhada. Certamente não estava acostumada a ser tratada com tanta gentileza.

Esse gesto emocionou Kamala ainda mais. Segurando a mexicana pelos braços, depositou-lhe então um suave beijo nas faces.

— A senhorita é muito boa e graciosa — Josefa agradeceu, ainda de

olhos baixos.

Em seguida Kamala voltou-se para Zomba.

— Também tenho um presente para a senhora, e espero que o aceite.

Ao deixar o quarto, apanhara de sobre o toucador o estojo de couro contendo o colar de diamantes. Escondera-o sob o casaco, e naquele momento o estendia a Zomba.

Os dedos rudes da velha mexicana abriram rápidos o fecho. Mesmo sob as sombras da noite o colar brilhava muito, deixando-a encantada.

— Acaba de saldar seu débito comigo, mocinha — disse ela. — Saiba que as dívidas que deixamos nesta vida nos perseguem nas outras, mas isso não vai acontecer com você.

— Fico contente em ouvir isso — Kamala replicou, sorrindo.

Conrad voltou para junto delas nesse instante, seguido de Spider e dos dois ingleses. Usavam trajes de banho, as facas enfiadas no cós da cintura.

Conrad despediu-se de Josefa e Zomba beijando-lhes as mãos.

— Temos de ir agora — anunciou em seguida. — Eu vou primeiro, Kamala me seguirá e o resto de vocês virá logo atrás. Procurem manter-se em linha reta, será mais difícil que nos vejam da casa. Quando chegarmos ao veleiro, ajudarei Kamala a subir e ela falará com os marinheiros.

Voltando-se para ela, perguntou:

— Verificou se ainda tem o amuleto de Zomba?

— Sim, está pendurado em meu pescoço.

Assim dizendo, Kamala preparou-se para atravessar a nado a baía, cobrindo a cabeça com o capuz. Conrad já entrara na água, e ela o seguiu.

Um último olhar para as duas amigas que deixava no México lhe disse que, fossem quais fossem seus deuses, naquele momento ouviam preces fervorosas em seu favor.

A água estava um pouco fria, porém o exercício aqueceria os nadadores. A brisa noturna pouco encrespava a superfície da baía, facilitando sua travessia.

Nadando atrás de Conrad, muito devagar para não fazer ondas nem barulho, Kamala imaginava se realmente seriam capazes de levar aquela enorme embarcação para o mar. E se o amanhecer os encontrasse presos na baía, frustrados e à mercê dos desmandos de dom Miguel?

Mas aquela não era hora de se desesperar, enfraquecendo o vigor dos braços, tão necessários. Afinal, Zomba não profetizara que veria realizado o desejo de seu coração? E qual era ele, senão o de se casar com Conrad?

O trecho que separava o *Santa Maria* da praia era mais distante do que

a princípio imaginara. Kamala a todo momento erguia a cabeça para ver o barco, como o naufrago que via surgir a sua frente uma ilha tropical, repleta de promessas de vida.

Embora não pudesse enxergá-los, sabia que os ingleses e Spider seguiam-na. Enquanto nadava, Kamala se mantinha atenta, com medo de ouvir um tiro.

Porém nada mais lhe chegou aos ouvidos além do silêncio e do suave barulho da água agitada por seus próprios braços, até chegarem ao *Santa Maria*.

Uma escada de cordas pendia do lado da popa. Conrad agarrou-a com uma das mãos, estendendo-lhe a outra. Kamala nadou até onde ele estava e por um momento abraçaram-se apenas, descansando um pouco do grande esforço dispendido.

— Coragem, minha querida — Conrad murmurou afinal. — Tudo depende de você... e de Zomba.

Kamala não respondeu. A voz morrera em sua garganta. Agora que chegara o momento, era aterrador pensar que, se não desempenhasse bem seu papel, seriam todos capturados e talvez mortos.

Conrad ajudou-a a subir, as cordas da escada ferindo-lhe as mãos e os pés delicados.

Kamala atingiu o topo da escada e, saltando silenciosamente a amurada, viu que os marinheiros dormiam no convés, enrolados em cobertores.

Muito devagar, sentindo as mãos entorpecidas pela água, jogou para trás o capuz e tirou do pescoço o estranho amuleto que Zomba lhe dera. Ainda insegura, apertando-o firme entre os dedos, avançou.

Nesse momento o marujo que fazia a ronda viu-a de longe e gritou, acordando os demais. Enquanto lutavam para se desvencilhar dos cobertores, pondo-se em pé, alguns empunhando facas, Kamala saltou à frente deles, com os braços estendidos, segurando o amuleto na altura do rosto.

Foi tudo tão rápido que por um momento ela pensou que não iria conseguir. Mas afinal reuniu todas as forças que o desespero lhe dava e gritou, em espanhol:

— Sou mensageira de Zomba, a profetisa! Trago seu amuleto para que saibam que falo a verdade.

Como que por magia, as nuvens se abriram e a lua cheia iluminou o convés, fazendo brilhar as pérolas cravadas na pedra e cercadas de corais.

— Zomba! Zomba!

Assustados, os homens repetiam esse nome sem parar, porém evitando chegar mais perto. Alguns até jogaram as facas no chão, cientes que de nada adiantariam contra o poder da magia.

Eram na maioria negros.

— Você traz mensagem de Zomba? — um deles perguntou afinal.

— Sim. Ela mandou que lhes apresentasse uma pessoa, a quem vocês devem obedecer de agora em diante, porque será a portadora do amuleto de Zomba!

Não precisava olhar para trás para saber que Conrad ali estava. Nesse momento ele se adiantou e Kamala passou o colar de couro por seu pescoço, pousando a pedra sobre o peito nu de forma que todos pudessem vê-la.

— Agora sou eu... o capitão deste veleiro — Conrad anunciou, em mau espanhol. — Vamos partir imediatamente. Levantar... âncora!

O efeito de suas palavras não teria sido maior se tivesse atirado uma bomba no meio daqueles marinheiros. Imediatamente obedeceram, arrumando em seguida as velas para colocar o *Santa Maria* em movimento.

— Vá lá para baixo e tire essa roupa molhada — Conrad pediu, dirigindo-se a Kamala. — Se tentarem nos deter, quero que esteja fora do alcance dos tiros.

Kamala obedeceu.

Ia descendo a escada para as cabines, receosa da escuridão que ali havia, quando de repente Spider surgiu a seu lado segurando uma lanterna.

— Conseguimos, senhorita! — ele exclamou, visivelmente emocionado.

— Ainda temos de sair da baía — Kamala respondeu, apreensiva. — E, depois, passar pelas patrulhas.

— Não se preocupe — o valete admoestou-a. — Sir Conrad saberá vencer todas essas etapas, pode ter certeza. Por ora, vamos ver se encontramos alguma coisa para a senhorita usar.

Assim dizendo, Spider ergueu bem alto a lanterna e abriu uma cabine qualquer. Assim que entraram ali, Kamala percebeu, extasiada, a quem devia pertencer.

A cabine era ricamente decorada. Havia uma cama de ouro, coberta por uma colcha de veludo com o brasão de dom Miguel bordado no centro. Suas paredes estavam recobertas por lindos painéis de ébano, enquanto os armários e gavetas exibiam puxadores de ouro.

— Dom Miguel estava realmente disposto a impressionar quando chegasse à Espanha! — Spider observou secamente. — Agora sir Conrad dormirá nesta cabine.

Voltavam-se para sair quando Kamala notou a existência de uma outra porta, no centro da parede. Curiosa, abriu-a e descobriu que se comunicava com a cabine vizinha, sem que dessa vez fosse preciso esgueirar-se pelo fundo de um armário.

Spider seguiu-a com a lanterna. Não havia dúvida de que aquele cômodo estava reservado para uma dama, provavelmente para Josefa.

A cama era de prata e tinha uma colcha de cetim branco com babados rosa-claro a enfeitá-la. O tapete era azul, bem como as cortinas nas escotilhas.

— Esta será a minha cabine — Kamala declarou, sorridente.

— Acho que encontrarei farto material para seus vestidos neste barco — Spider observou.

Enquanto falava, abriu a porta de um armário que se estendia por toda uma parede da cabine. Vendo-o olhar surpreso para seu interior, Kamala aproximou-se também.

Ali estavam, cuidadosamente pendurados, vestidos de todos os tipos e tecidos imagináveis. Predominavam, porém, as sedas muito coloridas, bem ao gosto mexicano.

— Josefa deve tê-los trazido para cá, mesmo contra a vontade, já que não queria ir para a Espanha — Kamala comentou, pensando alto.

— Posso consertá-los para a senhorita — ofereceu-se o valete, tirando um dos exemplares pendurados no armário. — A altura é a mesma, só terei de apertar um pouco nos quadris.

Depois de examinar melhor tudo o que havia ali dentro, Spider abaixou a lanterna e observou:

— Nesta viagem será mais fácil vesti-la, senhorita. O problema será sir Conrad. Com certeza a outra cabine está cheia de trajes masculinos, porém terei mais trabalho para reformá-los de acordo com o tamanho do nosso atual capitão.

Assim dizendo, Spider acendeu as lâmpadas de óleo fixas na parede da cabine e saiu. Kamala retirou a roupa preta, secou-se com uma toalha que encontrou junto ao lavatório e escolheu um vestido qualquer, que melhor lhe assentasse, para vestir.

Era difícil preocupar-se com outra coisa além do que acontecia no convés, onde ouvia passos rápidos passando sobre sua cabeça, mas nenhuma voz ou grito.

Com certeza, falavam-se aos sussurros para não chamar a atenção das sentinelas da casa.

A ansiedade cresceu tanto dentro de seu peito que em dado momento

não conseguiu mais suportá-la. Enfiou um casaco por cima do vestido azul que escolhera, todo enfeitado de rendas brancas sobre o amplo saiote, e subiu para o tombadilho.

Seus olhos demoraram não mais que um segundo para perceber o que acontecia. Moviam-se, afinal!

Muito lentamente, o *Santa Maria* se aproximava da entrada da baía. Olhando para trás, a imponente casa branca parecia adormecida, alheia ao que se passava no mar.

Conrad estava ao timão, o semblante tenso, disposto a conduzir a qualquer custo o *Santa Maria* até o alto-mar.

Kamala colocou-se a seu lado. Por um momento ele não disse nada, como se não a tivesse visto. Mas, então, perguntou:

— Você está bem?

— Sim. Lá embaixo não conseguia perceber que já estávamos em movimento.

— Graças a Deus, a brisa que sopra agora é suficiente para isso. Em mar aberto haverá mais vento.

— Lembrou-se de mandar acender a luz azul no alto do mastro?

— Se olhar para cima, poderá vê-la — Conrad replicou.

Kamala assim o fez. Aquela luz azul recortando-se contra o céu escuro parecia uma estrela de esperança que ali se enroscara para garantir o sucesso daquela empreitada.

— Não vai ser uma viagem fácil — Conrad observou. — Levaremos cinco ou seis dias até Havana, isso se tivermos o vento a favor. Somos apenas quatorze homens a bordo, enquanto um veleiro deste porte exige no mínimo oitenta braços fortes para manobrá-lo.

— Lamento dizer que seu cálculo não é exato, sir — urna voz soou atrás deles, com forte sotaque escocês.

Kamala voltou-se para ver que o capitão Macdonald se aproximara sem ser notado.

— Como assim? — Conrad indagou.

— Creio que podemos ser contabilizados junto com os marujos mexicanos, o que dá um número de vinte homens, contando inclusive com Spider, é claro. Porém considero interessante levar em conta nossa vontade de chegar à Europa o quanto antes. Mesmo os mexicanos ficarão contentes em se ver livres de um tirano como dom Miguel. Assim, estaremos todos dispostos a trabalhar por dois, o que nos leva aos quarenta homens exatos que o senhor disse serem necessários!

Conrad riu.

— Não pretendia dar a impressão de que não me sinto grato pelo esforço que todos estão demonstrando — disse ele. — De qualquer forma, sua brincadeira é muito bem-vinda, conseguiu aliviar um pouco a minha tensão.

Rindo também, Kamala percebeu que chegavam ao mar aberto. As horas voaram desde que se despediram de Josefa e Zomba na praia. Mas a lentidão fora necessária para não chamar a atenção dos soldados de dom Miguel.

Os primeiros raios de sol se preparavam para surgir no horizonte. Logo viria a manhã, trazendo sua mensagem de esperança.

Kamala não conseguiu gravar na memória, detalhadamente, todos os acontecimentos que se seguiram.

As patrulhas, vendo a luz azul no topo do mastro, deixaram-nos passar, seguindo viagem para Havana em mar aberto.

O vento aumentara, impulsionando-os a uma velocidade considerável. A despeito das palavras otimistas de Macdonald, porém, o *Santa Maria* exigiu demais dos poucos homens que se desdobravam para conduzi-lo da melhor forma possível.

Kamala, auxiliada por Spider sempre que ele não estava ocupado no convés, passava os dias preparando refeições que os homens consumiam num piscar de olhos, ou fazendo café que de tempos em tempos distribuía para mantê-los acordados.

Não faziam rodízio. Dormiam quando não podiam mais parar em pé. Kamala acostumou-se a vê-los acomodando-se em algum canto do convés, para se levantarem quinze minutos depois, reassumindo a função que vinham desempenhando ou tomando o lugar de um outro companheiro.

Aos poucos o medo dos marinheiros pelo amuleto de Zomba transformou-se em um profundo respeito por Conrad. Sua força de caráter, disciplina e capacidade de compreensão tornaram-no amado entre a tripulação, que tudo fazia para agradá-lo.

Nunca hesitavam diante de uma ordem. Nem mesmo o cansaço era capaz de detê-los na firme determinação de levar o *Santa Maria* a um porto seguro.

Conrad retribuía distribuindo entre todos as melhores provisões que tinham a bordo. Uma noite em que o mar estava calmo e dificilmente teriam muito trabalho, chegou a oferecer rum para a tripulação.

Não tinham muitas frutas nem vegetais, porém a água não faltaria tão cedo.

— Dos males, o menor! — Kamala o ouvia repetir sempre que a ansiedade por estar incapacitado de oferecer coisa melhor o assaltava.

Spider providenciara dois pares de calça e camisa para ele, enquanto reformava um dos elegantes casacos de dom Miguel, preocupado em aprontá-lo antes que chegassem a Havana.

Uma tarde em que subiu ao convés, Kamala encontrou Conrad ocupado em instruir o mais jovem dos capitães ingleses, Roger Turner, quanto ao que deveria comprar quando chegassem ao porto.

— Não se esqueça dos limões — dizia. — Não quero que nenhum dos homens sob minha responsabilidade apanhe escorbuto.

— Já anotei, senhor — respondeu o capitão Turner, que fazia uma longa lista de mantimentos.

Depois que ele afastou-se, Kamala disse a Conrad, em voz baixa:

— Você tem dinheiro para comprar todas essas coisas?

— Graças a Van Wyck, tenho o suficiente para nos abastecer em Havana. Mas, depois disso, teremos de pensar no que pode ser vendido nos Açores para fazer dinheiro.

— Não reparou que sua cama é feita de ouro? — Kamala observou.

Conrad riu e respondeu:

— Ainda nem a vi, como poderia saber do que é feita?

— Sei disso. Você deve estar exausto! Vou lhe trazer um pouco mais de café.

— Bem forte!

— Está bem.

Então, quando já estava prestes a deixá-lo, Kamala resolveu elucidar uma dúvida que a vinha incomodando há algum tempo:

— Conrad, dom Miguel poderá levá-lo aos tribunais, acusado de roubar-lhe o veleiro?

— Ele não teria coragem de fazê-lo. Que corpo de jurados daria ouvidos a um homem que mantém aprisionados em suas minas marinheiros de todas as embarcações que se aproximam de sua propriedade?

— Um pirata, isso que você é! — Kamala brincou.

— E por que não? Os ingleses sempre foram bons nesse jogo, especialmente nesta parte do mundo. A única coisa que me diferencia é que não saqueei ninguém, apenas lutei pela minha liberdade!

— Tem toda razão — Kamala concordou.

— Muitas mulheres acham os piratas muito atraentes — Conrad comentou, para provocá-la. — Qual a sua opinião a respeito?

Kamala sorriu, porém não se deixou vencer.

— Acho que você já é convencido o suficiente. Prefiro deixar para responder a essa pergunta em outra ocasião.

— Não pense que vou me esquecer dessa promessa — Conrad retrucou, vendo-a afastar-se com um sorriso de satisfação nos lábios.

No dia seguinte, porém, já foi mais difícil rir ou relaxar.

Conrad e os demais homens a bordo estavam no limite de suas forças. Há três dias no mar, trabalhavam praticamente sem parar.

Os dois ingleses faziam verdadeiros milagres, mas era Conrad, quase sozinho, quem dirigia a embarcação.

Kamala ainda temia que dom Miguel conseguisse alcançá-los, embora não fizesse idéia de como isso poderia acontecer, já que estavam de posse da maior e mais veloz embarcação que havia na baía. De qualquer forma, a curta convivência com aquele homem lhe dizia que ele era capaz de tudo, com seus truques e artimanhas, para conseguir o que queria.

— Não devemos demorar muito agora, senhorita — Spider tentava animá-la, quando ela voltava do convés trazendo as xícaras sujas de café.

Kamala sempre se perguntava o que teriam feito sem o inestimável auxílio do valete. Era um excelente cozinheiro e amigo. Por mais ocupado que estivesse, ou mesmo exausto depois de ajudar a descer e subir velas, sempre tinha um sorriso ou uma palavra agradável para quem quer que fosse.

“Precisamos encontrar uma forma de recompensá-lo por tudo isso”, era a conclusão a que chegava todas as vezes.

Outra preocupação sufocante era saber que em breve ficariam sem dinheiro. Mas, quanto a esse caso, ao menos tinham as camas de ouro e prata para vender.

— Terra à vista! — soou o grito de Conrad em uma madrugada.

Kamala ainda estava ocupada pelo convés e olhou para a frente. Sob a luz pálida de uma lua nova, divisou a silhueta de um castelo recortada contra a escuridão da noite. Finalmente entravam na baía de Havana.

— Conseguimos — disse ela, suavemente, e soltou um suspiro.

— Vá deitar-se agora — Conrad pediu. — Só atracaremos no porto pela manhã.

Kamala obedeceu, cansada demais para argumentar. Descendo para a cabine, despiu-se e sentou na confortável cama prateada.

Na primeira inspeção que fizera naquela cabine descobrira uma grande quantidade de roupas íntimas em uma gaveta. Havia camisolas

enfeitadas com lindos bordados, além de anáguas rendadas. Mas na época estava preocupada demais para se interessar por tais coisas.

Naquele momento, porém, resolveu experimentar uma camisola cujas bordas eram adornadas por renda feita a mão, fina como uma teia de aranha. Só então recostou a cabeça contra o travesseiro.

Esperava adormecer logo, mas, em vez disso, continuou atenta aos sons que vinham do tombadilho.

Ouviu lançarem a âncora, as instruções dadas aos gritos à tripulação, o agitar das velas que desciam para esperar o raiar da aurora.

Aos poucos todo esse burburinho amainou, até desaparecer completamente. Por fim soaram os passos pesados de Conrad descendo até a cabine.

Ouviu quando ele abriu e fechou a porta atrás de si. Um baque surdo seguiu-se, e depois o silêncio total. Estava claro que deixara cair as botas sobre o assoalho, jogando-se depois na cama, exausto.

Kamala sorriu. Apesar de tudo, tinham conseguido. Estavam sãos e salvos... e juntos, afinal!

CAPÍTULO XI

Kamala despertou no exato momento em que Spider entrava na cabine, carregando uma bonita bandeja.

— Está na hora do café da manhã?

— Já passa do meio-dia, senhorita. Kamala sentou na cama de um salto.

— Meio-dia! — exclamou.

— Aqui está seu almoço — Spider anunciou, deixando a bandeja a seu lado.

— Como fui dormir até tão tarde?

— Todos nós dormimos bastante esta noite, senhorita — respondeu o valete. — Sir Conrad pediu para lhe dizer que não precisa se apressar, mas que gostaria de levá-la para um passeio pela cidade por volta das quatro horas. Ele tem muito o que fazer até lá.

— Estou certa de que sim — disse Kamala com um suspiro de alívio, voltando a recostar-se contra os travesseiros. — Sabe se Conrad dormiu bem, Spider?

— Como um anjo, senhorita — ele respondeu, sorrindo. — Tive muito trabalho para acordá-lo. Preferia deixá-lo dormir mais um pouco, mas ele próprio insistiu em que eu o chamasse de qualquer maneira.

— Então ainda deve estar cansado.

— Talvez, mas sir Conrad está tão feliz que parece uma criança!

Kamala riu. Sabia o que significava para Conrad e todos naquele barco terem conseguido velejar do México até o porto de Havana.

Como o próprio Conrad sugerira, Kamala não teve pressa em aprontar-se e subir para o convés, depois de saborear a gostosa refeição que Spider preparara. O sol que entrava pelas escotilhas anunciava um dia quente e bonito lá fora.

Afinal levantou-se e procurou no armário o mais belo vestido que pudesse encontrar. Spider já providenciara o conserto da maioria deles, de forma que tinha muitas opções a sua escolha.

Acabou encontrando um que a agradou bastante. Era de musselina branca, enfeitado com renda e fitas azuis. Um par de luvas brancas

completava a indumentária.

Ao subir para o convés, a expressão no rosto de Conrad confirmou sua escolha. Ele a olhava fascinado, ainda surpreso de que uma mulher tão bela pudesse lhe pertencer.

Era difícil para Kamala não correr até onde Conrad estava sentado, atirar-se em seus braços e lhe dizer o quanto se sentia feliz por terem vencido, impulsionados pela força do amor.

Porém limitou-se a dirigir-lhe uma contida reverência, as saias largas do vestido roçando as tábuas recém-esfregadas do convés.

Conrad então se levantou, revelando que também se preparara para recebê-la.

Trajando o casaco de dom Miguel, que Spider reformara, sobre uma camisa branca, além da gravata alta e das botas brilhando de tão engraxadas, era a figura mais distinta e bela que Kamala já vira.

Um pequeno bote esperava para levá-los a terra firme. Só então Kamala pôde notar a beleza daquele lugar.

Nada poderia ser mais glorioso que o castelo construído sobre o penhasco, o mesmo que avistaram naquela madrugada, com suas torres altas e muralhas de pedras escuras.

Ao lado erguia-se uma magnífica fortaleza, chamada Cabana, pintada de rosa e com os bastiões brancos.

Aliás, uma grande profusão de cores espalhava-se por todo lado, das folhagens verdes das palmeiras plantadas à beira da praia até as casas com a frente pintada de vermelho ou azul mortiço, todas sem vidraças nas janelas. Mais impressionante, no entanto, era a enorme quantidade de embarcações ancoradas no porto. Havia vasos de guerra, barcos comerciais, navios mercantes, escunas e traineiras oscilando ao sabor das ondas e do vento em um gracioso bale.

— Que lugar mais lindo! — Kamala exclamou.

— Realmente encantador — Conrad concordou.

Uma engraçada carruagem os esperava junto ao molhe. Um negro dirigia o único cavalo que a puxava, montado no lombo do animal.

Depois que se acomodaram no interior do veículo e partiram pelas ruas da cidade, Conrad pegou a mão de Kamala e segurou-a entre as suas.

— Eu te amo — disse então. — Esta é a primeira oportunidade que tenho de dizer-lhe desde que chegamos a Havana.

— A Havana e... à liberdade! — Kamala completou, soltando um profundo suspiro.

— Sim, estamos finalmente a salvo. Corremos um perigo enorme e enfrentamos grandes adversidades, mas agora acabou.

— Graças a você, meu amor...

Havia uma indescritível emoção na voz de Kamala, ao mesmo tempo que uma antiga chama voltava a tremeluzir em seus olhos.

— Se tivéssemos falhado — Conrad continuou —, ao menos estaríamos juntos...

— Não creio que você possa falhar em qualquer coisa que se proponha fazer.

Naquele momento a carruagem parou em frente a uma loja. Kamala olhou para fora e percebeu tratar-se de uma joalheria.

— Dê-me sua luva — Conrad pediu. — Prometo não demorar.

Mesmo sem compreender as intenções dele, Kamala tirou a luva da mão esquerda e entregou-a. Ele então desceu e entrou na loja.

De repente adivinhou por que estavam ali e o que Conrad fora comprar na joalheria. Seu coração palpitava ante essa descoberta, pois sabia agora que Zomba estivera certa quanto ao que profetizara para seu futuro.

Minutos depois Conrad saiu da loja trazendo a luva e um pequeno estojo aveludado.

— Experimente — ele pediu, colocando os dois objetos em seu colo e acomodando-se novamente na carruagem. — Quero ter certeza de que é do tamanho correto.

Kamala abriu o estojo e encontrou ali dentro, como esperava, uma linda aliança de casamento.

Antes que tivesse tempo de pegá-la, Conrad adiantou-se e colocou a pequena jóia no dedo anular da mão esquerda de Kamala. Nem se fosse feita de encomenda teria ficado tão perfeita.

— Para a igreja anglicana — disse ele ao condutor, em espanhol.

— Existem igrejas inglesas aqui? — Kamala perguntou, surpresa.

— Sim. Havana esteve sob domínio inglês por vários anos. O pároco que nela oficia é um velho amigo meu.

Depois de alguns minutos em silêncio, Kamala timidamente perguntou:

— Nós... vamos nos casar... agora?

— Neste exato momento — Conrad retrucou. — Não posso mais correr o risco de que alguém tente tirá-la de mim, meu amor.

— Isto é tudo o que eu sempre quis — ela sussurrou, baixando os olhos.

Conrad não respondeu, preferindo apenas tomar-lhe a mão e levá-la aos lábios. Foi um simples contato, porém bastou para lhe provocar um arrepio de prazer.

Mais uma vez Kamala se perguntou por que o toque daqueles lábios lhe provocava um êxtase tão profundo, inexprimível em palavras.

Seguiram viagem em silêncio, atravessando as ruas agitadas de Havana. Um estreito caminho que saía da cidade levou-os até uma igreja baixa e cinzenta, com bonitos vitrais nas janelas. A seu lado, da casa paroquial, toda branca e avarandada, desfrutava-se a magnífica vista da baía.

Um criado adiantou-se para recebê-los e os conduziu ao pátio interno da casa, construída à moda mexicana. Subiram uma escada até a sala de visitas, ampla e arejada. Tanto o piso quanto as mesas que a enfeitavam eram de mármore. A mobília era igualmente luxuosa e os quadros na parede, bastante valiosos.

Quando o criado saiu, Kamala aproveitou que estavam a sós para comentar:

— Esta é uma casa bonita, mas extremamente luxuosa para um simples pároco, não acha?

— Meu amigo também é o mais importante membro da colônia inglesa local, onde todos nutrem grande respeito e afeição por ele.

Enquanto falava, um homem usando batina entrou na sala. Vendo quem ali estava, apressou-se a estender-lhe ambas as mãos, todo sorridente.

— Conrad, meu velho! — exclamou. — Mas que prazer revê-lo! Confesso que sua visita me surpreende bastante. Não sabia que estava em Havana.

— Na verdade, cheguei esta madrugada, e confesso que não imaginava vir até aqui até dois dias atrás! — Conrad replicou.

Decidido a ir direto ao assunto, continuou:

— Vim aqui pedir que me faça um favor muito especial.

— Pois não — respondeu o clérigo, olhando na direção de Kamala.

— Quero que conheça a srta. Kamala Lindsey — Conrad explicou —, a moça por quem estou completamente apaixonado. Gostaria que realizasse nosso casamento!

Tudo o que aconteceu depois disso pareceu a Kamala o mais delicioso dos sonhos.

O pároco inglês fizera questão de erguer um brinde à felicidade dos noivos, depois de acionar as autoridades competentes para que providenciassem os documentos necessários para o casamento.

Tudo pronto, dirigiram-se à igreja vizinha, decorada todas as semanas com lindos arranjos de flores. Kamala tinha margaridas enfeitando a cabeça e um bonito buquê nas mãos, enquanto ouvia Conrad, com voz profunda e emocionada, repetir seus votos diante do pároco.

Enquanto voltavam ao veleiro na carruagem, ainda relutava em acreditar que aquilo acontecera afinal. Tornara-se esposa de Conrad, pertenceriam um ao outro pelo resto de suas vidas, e nada nem ninguém jamais conseguiria separá-los!

Quando chegaram ao cais e a carruagem parou, antes de saltar Conrad voltou-se para encará-la e perguntar:

— Está feliz, minha querida?

Kamala ainda não conseguia dizer palavra, porém o olhar que lhe dirigiu nem milhões de frases bastariam para substituir.

Conrad ajudou-a a descer, conduzindo-a em seguida de volta ao *Santa Maria*.

Quando subiam a prancha, o capitão Macdonald aproximou-se para recebê-los, dizendo:

— Acabo de contratar mais trinta homens, sir Conrad, conforme as instruções que deixou. São bons marinheiros, e trazem toda a documentação em ordem.

— Verificou se foram vacinados contra varíola? — Conrad perguntou, disposto a evitar a todo custo os horrores por que passara.

— Estão todos imunizados — Macdonald lhe assegurou.

Por trás dele o capitão Turner esperava para comunicar a Conrad as providências que tomara com relação aos mantimentos.

Sem querer atrapalhá-los, Kamala desceu até o salão do veleiro.

— Como a senhorita está linda! — Spider exclamou assim que a viu, fugindo a seus modos sempre tão reservados.

— É a felicidade que transparece em meu rosto — Kamala respondeu. — Sir Conrad e eu... acabamos de nos casar!

— Fico contente em sabê-lo, milady! Essa resposta conseguiu surpreendê-la.

— Quer dizer... que sabia que Conrad e eu não éramos irmãos?

— Adivinhei quando paramos nos Açores, milady. Vocês voltaram ao barco parecendo que tinham acabado de estar no paraíso!

Kamala sorriu.

— Acho que foi exatamente onde estivemos — disse então, um tanto envergonhada.

Já na cabine, livrou-se das luvas e ficou admirando a aliança de ouro enfiada no dedo.

“Este pequenino pedaço de metal é para mim muito mais valioso que o imenso diamante que dom Miguel me ofereceu”, pensou. “Mais que qualquer outra jóia no mundo!”

Nada podia ser mais importante para uma mulher que o símbolo de sua união com o homem a quem amava e se entregara em casamento.

Kamala deixou-se ficar sentada na cama, sonhadora, por um longo período de tempo. Quando se deu conta, o *Santa Maria* estava em movimento outra vez.

Seu primeiro impulso foi subir ao convés, mas logo mudou de idéia. Não sabia ao certo por quê, mas ficaria intimidada em colocar-se ao lado de Conrad com tanta gente por perto.

Havia muito que ainda tinham para dizer um ao outro, porém esperaria até que ficassem a sós, o que cedo ou tarde aconteceria.

Na verdade, foi obrigada a jantar sozinha no salão.

— Sir Conrad está no timão — Spider explicou, fazendo-lhe companhia. — Não confia em ninguém para levar o veleiro por estas águas rasas, onde existem tantos recifes.

— Ele deve estar faminto! — Kamala comentou.

— Oh, não, milady. Cuidei pessoalmente de levar-lhe um prato de comida.

Como se de repente se lembrasse, Spider continuou:

— O capitão Macdonald contratou um novo cozinheiro, um chinês. Diz que é o melhor mestre-cuca que já conheceu. Ainda não provei da comida, mas tenho lá minhas dúvidas.

Kamala riu, percebendo um toque de ciúme naquelas palavras.

— Pelo menos você não terá de trabalhar tanto — disse ela. — Ainda existe uma porção de roupas, principalmente de Conrad, para serem reformadas.

— Tem toda razão, milady. É melhor voltar aos meus afazeres.

Depois do jantar, Spider retirou os pratos e voltou ao salão para dizer:

— Se me permite um conselho, milady, acho melhor se recolher. Procure dormir um pouco. Sir Conrad não se deitará tão cedo.

Kamala reconheceu que a sugestão do valete era bastante sensata. De nada adiantaria esperar por ele sozinha naquele imenso salão, por mais confortável que fosse.

A brisa que vinha do mar levava embora da cabine o calor do dia,

deixando-a gostosa mesmo com as escotilhas fechadas.

Kamala se despiu e enfiou-se sob os lençóis macios, enfeitados com rendas e bordados, que cobriam sua cama prateada. Deixara as cortinas abertas, para que pudesse contemplar as estrelas, pois o sono certamente ainda tardaria a chegar.

Depois de muito tempo ouviu Conrad descer e entrar na cabine vizinha.

A ansiedade acelerou as batidas de seu coração, mas mesmo assim Kamala continuou deitada, à espera.

Pouco depois ouviu a porta de comunicação entre as cabines se abrir. Era Conrad que entrava, vestido com um belíssimo robe de veludo preto, com filetes dourados bordados nos punhos e nos bolsos. Por baixo usava uma camisa branca, contrastando com a pele bronzeada do sol.

Estava tão bonito que, instintivamente, Kamala estendeu-lhe as mãos. Conrad aceitou o convite e, sentando-se a seu lado na cama, beijou-as.

— Eu te amo, minha querida — declarou então. — Tanto, tanto, como jamais imaginei ser capaz de amar alguém!

Sua voz estava trêmula, embargada pelo desejo. Kamala esperou, certa de que ele procuraria seus lábios para beijá-la.

Porém Conrad ficara sério outra vez, aparentemente relutando com alguma idéia que o assaltara naquele momento.

— Kamala, há algo que eu preciso lhe contar — disse ele afinal. — Deveria tê-lo feito antes, mas fui covarde demais para isso.

— O que é? Existe algo de... errado em nosso relacionamento?

— Não exatamente — Conrad replicou —, embora talvez você não seja da mesma opinião.

— O que é? — Kamala tornou a perguntar, cada vez mais ansiosa e um pouco amedrontada.

Conrad apertou-lhe os dedos antes de começar, pausadamente:

— Quando revelei a Van Wyck minha condição de sir, antes de dizer que me chamava Conrad Veryan, percebi que também a surpreendera. Você pensou que fizesse parte da história que eu inventara para que fôssemos aceitos no *Aphrodite*. Mas a verdade é que sou um baronete.

Detenho também um outro título, que ambos usaremos no futuro.

— Outro... título? — Kamala repetiu, tentando entender tudo o que lhe estava sendo revelado naquele momento.

— Eu sou o marquês de Truro.

Por um momento Kamala apenas o olhou fixo, tentando lembrar-se de

onde ouvira aquele nome antes. Até que, de repente, tirando bruscamente a mão de entre os dedos dele, exclamou:

— Marquês de Truro! Então... era você que devia se casar com Sophie?

Um segundo de silêncio pairou pesado no ar, antes que Conrad respondesse:

— Talvez seja difícil para você compreender como me sentia na época.

Enquanto falava, ele se levantou para atravessar a cabine até a escotilha, onde, por um breve instante, ficou olhando para a escuridão.

— Já lhe descrevi a situação em que estava minha casa — continuou.

— Minha mãe à beira da morte, dívidas se acumulando, empregados sob minha responsabilidade passando fome. Até que um dia recebi uma carta do meu curador.

Kamala lembrava-se de seu tio dizendo que fora o curador do marquês que cuidara de tudo.

— Acontece que ele também era advogado de Marcus Pleyton — Conrad prosseguia. — Não foi difícil descobrir que esse seu cliente queria muito um título para a filha e estava disposto a pagar cinquenta mil libras por isso.

— Cinquenta mil libras! — Kamala exclamou, incrédula.

— Apenas pelo título — Conrad explicou. — O dote da filha era de mais mil libras. Como pode ver, a oferta vinha como uma dádiva dos céus para mim.

— Tanto dinheiro assim... Como conseguiu recusar?

— Eu não pretendia fazê-lo — Conrad corrigiu —, até que inesperadamente me apaixonei, pela primeira vez na vida!

Afastou-se da janela e olhou para Kamala. Parecia tão pequenina e frágil sob os lençóis, os olhos incomumente arregalados contrastando com o rosto pálido.

— Sim, eu me apaixonei — Conrad repetiu. — E descobri que, por mais que Marcus Pleyton estivesse disposto a pagar, não poderia mais me vender.

— Então você resolveu... ir a Southampton à procura de um barco onde pudesse se engajar? — Kamala concluiu.

— Ao contrário, acabara de chegar a Southampton, vindo de Falmouth. Quando nos encontramos, estava a caminho do castelo de Bray!

O silêncio voltou a interpor-se entre eles. Kamala desviara o olhar, como se procurasse dessa forma rever o passado e afinal entender tudo o que acontecera.

— Kamala, não fique assim! — Conrad exclamou, temendo perdê-la depois de sua revelação.

Estava prestes a voltar para junto dela quando soaram batidas insistentes na porta. Conrad abriu-a, deixando entrar Spider, esbaforido.

— Sir, venha depressa! O senhor precisa ver com seus próprios olhos! Mal posso acreditar que seja verdade!

— O que aconteceu? Qual é o problema? — Conrad perguntou, assustado.

— Não existe problema algum, sir. Ao contrário, é maravilhoso! Mas o senhor precisa ver. Venha comigo, sir, eu lhe peço, venha comigo!

Spider chegava a puxá-lo pela manga do robe. Conrad olhou para Kamala, aturdido, mas afinal consentiu em segui-lo, fechando a porta da cabine atrás de si.

Kamala cobriu o rosto com as mãos. O choque ante o que acabara de ouvir era maior que sua curiosidade em saber o que poderia ter feito Spider agir daquela maneira.

Fora por sua causa que Conrad não se vendera a Marcus Pleyton, casando-se com Sophie. Homem algum do mundo, na situação em que ele se encontrava, seria capaz de dar maior demonstração de amor.

Porém ainda a incomodava saber que, apesar de tudo o que vivera depois de sair da casa de seu tio, não conseguira livrar-se do passado. Até mesmo o homem a quem tanto amava estava de alguma forma relacionado com Marcus Pleyton.

De repente Kamala caiu em si. Era preciso pôr uma pedra sobre o passado e enterrá-lo definitivamente. Não podia deixar que os ecos de acontecimentos que lhe pareciam tão remotos continuassem a importuná-la.

Resoluta, decidiu que Marcus não conseguiria estragar o dia de seu casamento, como tentara fazer com aqueles três anos em que conviveram sob o mesmo teto.

Conrad era seu, e de mais ninguém! O amor que o fizera mudar de rumo em seu caminho, que o convencera a levá-la na mais louca e emocionante aventura de suas vidas, era a maior prova de que isso era verdade.

“Eu o amo! Eu o amo! Que me importam seus títulos, seu passado, se hoje... pertencemos um ao outro!”

Kamala sorria quando Conrad voltou para a cabine. Fechando a porta atrás de si, apressou-se a apagar as duas lâmpadas até então acesas, para surpresa de Kamala. Agora, só o luar entrando pelas escotilhas os iluminava.

Em seguida ela o viu deitar-se a seu lado sobre os lençóis e, colocando as mãos atrás da cabeça, deixar-se ficar olhando para o teto.

Kamala esperou alguns segundos, porém, como Conrad nada dizia e a ansiedade crescia-lhe no peito, resolveu perguntar:

— O que aconteceu? Por que você está desse jeito?

— Spider desceu até o compartimento de carga para ver o que carregávamos.

— Como assim? Não sabia que transportávamos uma carga a bordo.

— Nem eu — Conrad respondeu. — Pensei que dom Miguel fosse fazer uma visita de cortesia à Espanha, por isso não me preocupei em mandar alguém descer para examinar se tínhamos algum carregamento. Mas Spider é dono de uma curiosidade insaciável.

Um sorriso desenhou-se nos lábios de Conrad, que no entanto não disse mais nada.

— Pelo amor de Deus, Conrad — Kamala esbravejou, afinal. — Assim você me mata de ansiedade!

Voltando-se para olhá-la, finalmente ele revelou:

— Spider abriu um dos enormes engradados que encontrou. Faz alguma idéia do que continha?

— Absolutamente nenhuma — Kamala respondeu, cada vez mais impaciente.

— Diamantes! Milhares de pedras, de todos os tamanhos e qualidade!

— Não é possível!

— Existem mais cinco caixas de diamantes, além de outras tantas cheias de barras de ouro. Dom Miguel pretendia provocar um rebuliço na corte espanhola, e certamente o teria conseguido!

— E agora... tudo isso pertence a você! — Kamala exclamou, estupefata.

— A nós — Conrad corrigiu, e voltou a olhar para o teto.

— Não me parece muito contente — Kamala observou. — Agora poderemos pagar Spider, os capitães e toda a tripulação. Haverá dinheiro para manter a casa, pagar as dívidas, contratar bons médicos para sua mãe. Nunca mais terá de se preocupar com esse tipo de problema.

— Sei disso, e prometo a você que todos que nos ajudaram serão recompensados com generosidade — Conrad respondeu. — Mas acho que ainda não me acostumei com a idéia de ser dono de uma fortuna como essa. Imagine que eu estava pensando em vender pedaços da minha cama nos Açores para conseguir chegar à Europa!

— E isso... não o deixa feliz?

Antes de responder Conrad virou na cama, apoiando-se sobre o cotovelo. Olhava para ela como naquela tarde nos Açores, sobre a colina, à sombra da rocha e com o perfume das flores que trazia no vestido.

— A conclusão que tiro é que nada disso tem a menor importância. Eu queria ganhar dinheiro, desesperadamente, e essa preocupação me acompanhou durante toda a viagem. Precisava encontrar uma forma de conseguir ao menos o suficiente para resolver meus problemas mais imediatos.

Ele suspirou.

— Mas só agora, depois de descobrir um verdadeiro tesouro no fundo do navio, percebo que já era um homem riquíssimo!

— Como assim?

— Será que não sabe mesmo a resposta? — Conrad perguntou, e havia uma doçura toda especial em sua voz. — Você mudou minha vida por completo, me fez perceber que o dinheiro não é essencial, mas que existe outra coisa infinitamente mais necessária ao homem que pretende conhecer a verdadeira felicidade.

— O que... é? — Kamala perguntou, um tanto constrangida e, ao mesmo tempo, deliciada em ouvi-lo.

— O amor, minha querida. Tão imenso e grandioso quanto aquele que você me tem e que guardo no meu coração desde o primeiro instante em que a vi.

Kamala estremeceu ao ouvir essas palavras. Mesmo assim, resolveu confirmar:

— Tem certeza... agora que é um homem rico... que ainda me quer? Não está arrependido de ter se casado... comigo?

— Por que me faz uma pergunta tão sem sentido como essa?

Devagar ele foi se curvando até que seus lábios se encontrassem. A princípio Conrad beijou-a terna e gentilmente. Porém não conseguiu conter os braços, que insistiam em rodear o corpo da mulher amada, e aquele beijo tornou-se mais apaixonado e persistente.

Kamala sentiu-se transportada para as nuvens que um dia já conhecera nos braços dele. Era como se nada mais existisse no mundo.

— Eu te amo tanto... meu amor — Conrad dizia, os lábios colados ao rosto dela. — Nada mais importa... agora que você é minha... Nunca mais vou deixá-la partir!

— Isso é tudo o que eu sempre quis, Conrad! — Kamala murmurou.

Seus olhares se cruzaram por um breve instante, e o luar revelou o fogo que ardia dentro deles. Kamala percebeu que ele estava louco de desejo, mas não sentiu medo.

— Você é a jóia mais preciosa do meu tesouro, a única que conquistou meu coração! — Conrad declarou.

Imediatamente pôs-se a beijá-la com renovado furor, como um homem que atravessara águas turbulentas e tivera medo de não sobreviver.

— Eu... te amo.

Que palavras Kamala poderia encontrar que expressassem melhor o êxtase e alegria que experimentava? Todo seu corpo estremecia, tal a intensidade desses sentimentos.

— Eu te amo! — ela sussurrou outra vez.

— Você é minha! Minha! — Conrad exclamou, a voz rouca, embargada pelo desejo.

Seus lábios uniram-se novamente, e a emoção, viva, estonteante, arrebatadora, transportou-os para um paraíso onde nada mais havia senão a gloriosa paixão que por fim se concretizava.

F I M